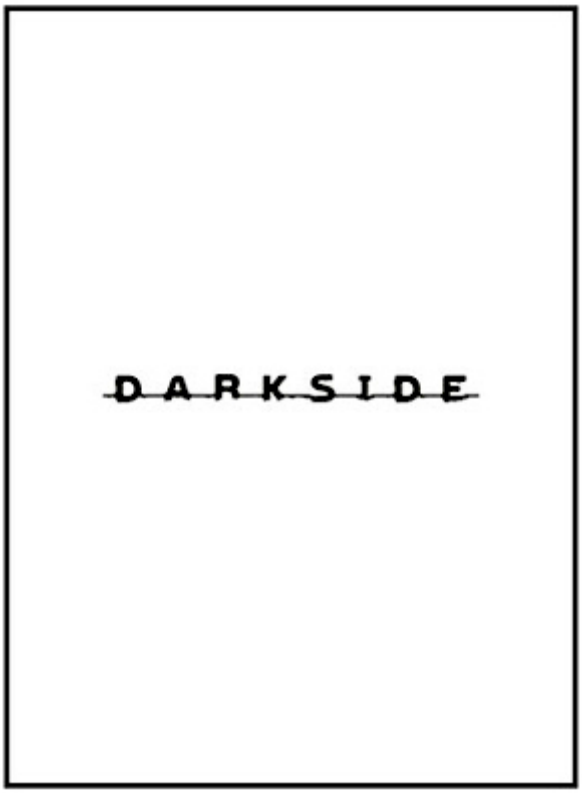
BECKY CHAMBERS

os registros estelares de uma notável odisseia espacial

DARKSIDE


DARKSIDE

#DARKSIDEBOOKS

BECKY CHAMBERS

os registros estelares de uma notável odisseia espacial

TRADUÇÃO
FLORA PINHEIRO

DARKSIDE

Sumário

Página de título
Dedicatória

Prólogo: Quatro padrões estelares
- Tessa
- Isabel
- Eyas
- Kip
- Sawyer

Parte 1 : Desde o início
- Tessa
- Isabel
- Sawyer
- Kip
- Eyas
- Isabel
- Tessa
- Sawyer
- Kip
- Eyas
- Isabel
- Tessa

Parte 2: Nós vagamos

Tessa
Isabel
Eyas
Kip
Sawyer
Tessa
Kip
Isabel
Eyas
Kip
Sawyer

Parte 3: E vagamos até hoje

Sawyer
Tessa
Isabel
Sawyer
Kip
Tessa
Eyas
Sawyer

Parte 4: Mas apesar da longa jornada

Kip
Tessa
Isabel
Kip
Eyas

Parte 5: Não estamos perdidos

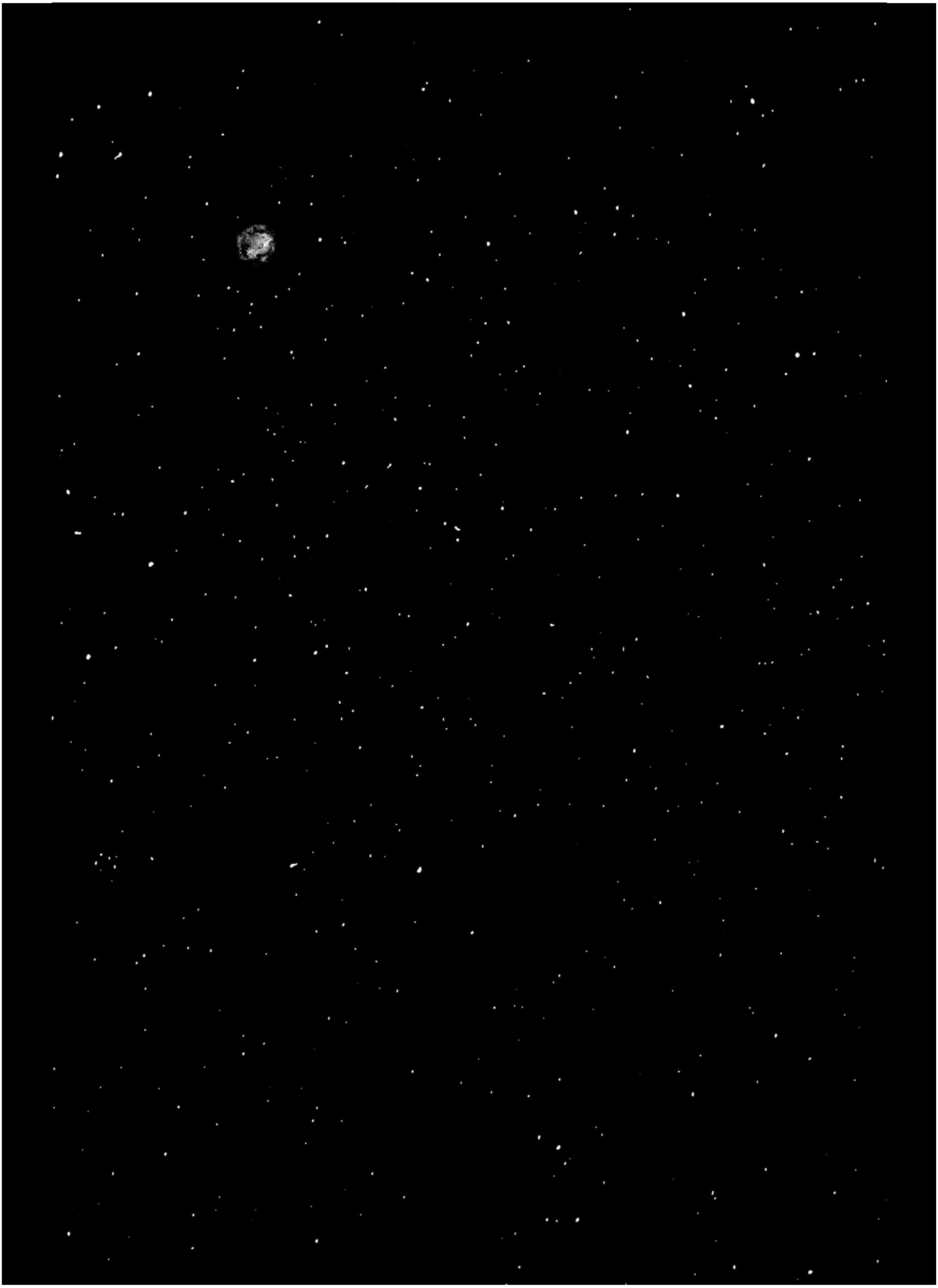
Tessa
Eyas
Kip
Isabel

Parte 6: Voamos com bravura
Eyas
Isabel
Tessa
Kip

Parte 7: E determinação sem fim
Eyas, meio padrão depois
Kip, um padrão depois
Tessa, dois padrões depois
Isabel, três padrões depois

Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos

Para Anne, que me mostrou
que eu consigo.



Com exceção do prólogo,
a linha do tempo deste livro
começa durante os
eventos finais de
A Longa Viagem a um
Pequeno Planeta Hostil.

Prólogo

QUATRO PADRÕES ESTELARES

tessa

“Mãe, posso ir olhar as estrelas?”

Tessa desviou os olhos da pequena bancada de trabalho para a filha ainda menor.

“Não posso levar você agora, meu bem.” Indicou o faxinabô que estava tentando trazer de volta à vida. “Quero terminar isso antes que seu tio Ashby ligue.”

Aya ficou parada no mesmo lugar, subindo e descendo na ponta do pé. Nunca ficava parada, nem mesmo quando dormia, nem quando ficava doente, nem enquanto crescia na barriga de Tessa.

“Não preciso de você”, retrucou Aya. “Posso ir sozinha.”

A declaração foi feita em tom corajoso, com autoconfiança suficiente para que Tessa repousasse a chave de fenda. As palavras *não preciso de você* por si só já a fizeram se encolher, mas não era esse o objetivo de uma mãe? Ajudar os filhos a precisarem cada vez menos de você? Ela se virou para Aya e pensou. Considerou a profundidade do poço do elevador até a cúpula da família, como seria fácil para uma menina inquieta de quase cinco anos escorregar do banco e cair. Tentou se lembrar de quantos anos tinha na primeira vez que havia ido sozinha, mas descobriu que não conseguia. Aya era desajeitada, como todas as pessoas que estavam aprendendo a usar o corpo, mas também era cuidadosa quando fazia um esforço. Ela sabia que deveria amarrar o cinto de segurança na catamarã, procurar um adulto se ouvisse algum assobio ou rangido, sempre verificar se a luz verde de pressurização da porta estava acesa antes de abri-la. Aya era uma criança, mas uma criança espacial, e as crianças espaciais tinham que aprender a confiar em si mesmas e em suas naves.

“Onde você se sentaria no banco?”, perguntou Tessa.

“No meio”, respondeu Aya.

“Não na beirada?”

“Não na beirada.”

“E quando você levanta?”

“Quando chegar lá embaixo.”

“Quando *parar*”, corrigiu Tessa. Não era difícil imaginar a filha pulando do banco ainda em movimento. “Você tem que esperar o banco parar *completamente* antes de levantar dele.”

“Tá bom.”

“O que você diz se cair?”

“Eu digo ‘caindo’!”

Tessa assentiu.

“Você grita bem alto, está bem? E para que isso serve?”

“Serve… serve para desligar.”

“Desligar o quê?”

Aya ficou se remexendo, pensativa.

“A gravidade.”

“Boa garota.” Tessa bagunçou o cabelo espesso da filha com aprovação. “Bem, tudo bem então. Divirta-se.”

A filha saiu correndo. A mesa de Tessa na sala de estar ficava a poucos passos do buraco no centro do cômodo, mas correr era a única velocidade que Aya conhecia. Por uma fração de segundo, Tessa se perguntou se havia acabado de arrumar uma futura viagem à clínica médica. Seus medos foram substituídos pelo carinho quando observou Aya destrancar com todo o cuidado o pequeno portão no corrimão da altura das crianças que ficava em volta do poço do elevador. Aya se sentou no chão e se arrastou até o banco — uma prancha plana e sem apoios, grande o suficiente para dois adultos sentados com as pernas encostadas. A prancha estava presa a uma polia motorizada, que, por sua vez, estava presa ao teto com parafusos pesados.

Aya se sentou em silêncio contemplativo — uma ocorrência rara. Ela se inclinou um pouco para a frente e, embora Tessa não conseguisse ver seu rosto, podia imaginar a testa franzida que ela sabia ter surgido. Aya não parecia mais tão decidida. Uma descida íngreme no escuro era uma coisa quando muito bem presa no colo da sua mãe. Era outra completamente diferente quando se estava descendo sozinha, sem ninguém para segurar você ou gritar por ajuda. Você tinha que ser capaz de se segurar sozinha. Tinha que ser capaz de usar sua voz.

Aya segurou a caixa de controle conectada à polia e apertou o botão para baixo. O banco desceu.

Não preciso de você, Aya dissera. As palavras não doíam mais. Fizeram Tessa sorrir. Ela voltou para o faxinabô e retomou seus reparos. Ela o deixaria

funcionando de novo, permitiria que a filha fosse olhar naves ou contar estrelas ou o que quer que quisesse fazer, conversaria com o irmão distante meia galáxia, jantaria, ligaria para seu parceiro a meio sistema de distância, cantaria para a filha dormir e ela própria pegaria no sono assim que seu cérebro parasse de pensar no trabalho. Um dia simples. Um dia normal. Um bom dia.

Tinha quase acabado de montar o faxinabô de volta, quando Aya começou a gritar.

isabel

Isabel não queria olhar. Não queria ver, não queria que o pesadelo lá fora ficasse registrado para sempre na memória. Mas era justamente por isso que precisava olhar. Agora, ninguém iria querer olhar a cena, mas um dia iriam, e era importante que ninguém se esquecesse. Alguém precisava olhar. Alguém precisava fazer um registro.

"Você está com as câmeras?", perguntou ela, seguindo a passos rápidos em direção à saída.

Deshi, um dos arquivistas-juniores, surgiu ao lado dela, acompanhando-a.

"Sim", disse ele, trazendo uma bolsa a tiracolo. "Peguei duas, então teremos suficiente para… merda."

Eles saíram dos Arquivos para o pânico, um caos de corpos e barulho. A praça estava tão cheia quanto em qualquer dia de festa, mas aquela não era uma celebração. Era o horror em tempo real.

Deshi ficou de queixo caído. Isabel estendeu o braço e apertou a mão jovem com seus dedos enrugados. Tinha que liderar, mesmo que seus joelhos tivessem virado gelatina e sentisse um aperto no peito.

"Pegue as câmeras", disse ela. "Comece a gravar."

Deshi fez um gesto na direção do scrib e abriu a bolsa, e as esferas das câmeras voaram para fora, brilhando azuis enquanto absorviam a imagem e o som. Isabel estendeu a mão e bateu na moldura do visor que descansava sobre seus olhos. Bateu de novo, duas batidas curtas, uma longa. O visor registrou o comando, e uma pequena luz piscante no canto do olho esquerdo indicou que o aparelho também estava gravando.

Ela limpou a garganta.

"Aqui é Isabel Itoh, arquivista-sênior, chefe dos Arquivos da *Astéria*", disse ela, torcendo para que o visor conseguisse captar sua voz, apesar do barulho.

“Estou com Deshi Arocha, arquivista-júnior, e a data é padrão CG 129/303. Acabamos de receber notícias de…” Sua atenção foi desviada por um homem desmoronando de joelhos, sem dizer uma palavra. Ela balançou a cabeça e se concentrou. “…de um acidente catastrófico a bordo da *Oxomoco*. Algum tipo de rompimento e descompressão. Acredita-se que o ocorrido envolveu um acidente com um ônibus espacial, mas ainda não temos muitas informações. Estamos indo agora para a cúpula pública, documentar o que conseguirmos.” Ela não era repórter. Não precisava enfeitar um momento com palavras irrelevantes. Sua função era preservá-lo.

Isabel e Deshi abriram caminho pela multidão, cercados por sua nuvem de câmeras. Havia muita gente, mas as pessoas viam as esferas e as vestes dos arquivistas e saíam da frente. Isabel nada mais disse. Havia mais do que suficiente para as câmeras capturarem.

“Minha irmã”, lamentava uma mulher para um patrulheiro com expressão impotente. “Por favor, acho que ela estava visitando um amigo…”

“Shh, tudo bem, estamos bem”, disse um homem a uma criança que segurava com força junto ao peito. “Já, já estaremos em casa, apenas segure firme.” A criança nada fez além de enterrar o rosto o mais fundo possível na camisa do pai.

“*Estrela por estrela, vamos juntos*”, cantou um grupo com gente de todas as idades, de pé em círculo e de mãos dadas. As vozes não soavam firmes, mas a velha melodia saía clara. “*Em cada nave, uma família forte*…”

Isabel não pôde entender muito mais do que isso. A maioria chorava, lamentava-se ou mordia o lábio em silêncio.

Alcançaram a extremidade da cúpula, e quando a cena lá fora surgiu em seu campo de visão, Isabel no mesmo instante entendeu que o clamor pelo qual haviam passado era apropriado, justo, a única reação que fazia algum sentido. Ela desceu os degraus lotados, chegando tão perto quanto possível do vidro, o mais perto que podia da cena que não queria ver.

O restante da Frota do Êxodo estava lá fora, trinta naves residenciais além da sua, orbitando em grupo. Todas estavam como deveriam… exceto uma, uma violenta massa de detritos. Ela podia identificar os pedaços — uma fenda irregular, um buraco onde antes havia paredes e lares. Chapas de metal, vigas mestras, formas estranhas espalhadas entre elas. Conseguia ver, mesmo daquela distância, que muitas daquelas formas não eram feitas de metal ou acrílico. Eram arredondadas e irregulares demais, e mudavam enquanto caíam da fenda. Eram humanos. Eram corpos.

Deshi soltou um gemido sem palavras, juntando-se ao coro ao redor deles.

“Continue gravando”, disse Isabel. Ela forçou as palavras a saírem da garganta apertada. Era como se estivessem sangrando. “É só o que podemos fazer por eles

agora.”

eyas

“Já sabem quantos?”, perguntou alguém. Ninguém tinha falado muito desde que deixaram a *Astéria*, e a interrupção abrupta do silêncio sobressaltou Eyas, fazendo-a voltar de onde quer que tivesse ido.

“Quarenta e três mil e seiscentos”, informou Costel. Ele pigarreou. “Essa é a nossa melhor estimativa até o momento, com base na contagem dos evacuados que foram escaneados. Vamos ter um número mais exato assim que… coletarmos o restante.”

Eyas nunca tinha visto seu supervisor tão desnorteado, mas suas palavras hesitantes e mãos inquietas não eram muito diferentes das dela, das de todo mundo. Nada naquilo era normal. Nada naquilo estava bem. Se alguém tivesse lhe dito um padrão antes — quando ela havia finalmente deixado para trás as listras de aprendiz — onde a profissão a levaria, será que teria concordado? Será que teria seguido em frente, sabendo como este dia se desdobraria?

Talvez. Sim. Mas algum aviso teria sido bom.

Ela estava sentada com os outros cuidadores de seu segmento, vinte no total, espalhados pelo chão de um cargueiro voluntário a caminho da *Oxomoco*. Outros cargueiros e cuidadores estavam a caminho, uma frota dentro da Frota. Aquela nave costumava carregar alimentos. Dava para sentir os aromas de especiarias e óleo pairando pesados ao redor deles, fantasmas de boas refeições há muito comidas. Não eram cheiros aos quais estivesse acostumada no trabalho. Sabonete perfumado, sim. Metal. Sangue, às vezes. Ésteres de metil-butila. Pano. Sujeira. Podridão, ritual, renovação.

Ela se remexeu dentro de seu exotraje pesado. Aquilo também estava errado, tão diferente das vestimentas fúnebres e leves habituais. Mas não era o traje que a deixava desconfortável, nem os temperos fazendo o nariz coçar. *Quarenta e três mil e seiscentos*.

“Como”, disse ela, tentando umedecer a boca, “como é que vamos sepultar tantos?” Esse pensamento vinha consumindo-a desde que olhou pela janela treze horas antes.

Costel fez um silêncio longo demais. “A guilda não… nós ainda não sabemos.” Um falatório começou, vinte perguntas feitas ao mesmo tempo. Ele ergueu as palmas das mãos. “O problema é óbvio. Não podemos acomodar tantos de uma vez só.”

“Há espaço”, disse um dos colegas de Eyas. “Temos espaço para o dobro da nossa taxa de mortalidade atual. Se cada Centro da Frota sepultar alguns, não há problema.”

“Não podemos fazer tantos de uma só vez”, disse outro. “Você iria desequilibrar a proporção de carbono para nitrogênio. Bagunçaria o sistema todo.”

“Então é só não fazer de uma vez. Um pouco de cada vez e nós… nós…”

“Viram”, disse o supervisor deles. “Essa é a questão.” Ele olhou para o grupo, esperando que alguém interviesse com a resposta.

“Armazenamento”, disse Eyas, fechando os olhos. Tinha feito alguns cálculos rápidos enquanto os outros falavam, embora odiasse reduzir algo tão importante a números. Cento e oitenta Centros na Frota, cada um com capacidade para fazer a compostagem de mil cadáveres por padrão — mas não ao mesmo tempo. Um corpo humano levava menos de quatro decanas para se decompor — ossos e tudo — e não havia espaço para enterrar mais de cem por vez. Mesmo desconsiderando a proporção de carbono para nitrogênio, era impossível mudar o tempo. Seria necessário armazenar dezenas de milhares de corpos nesse meio-tempo, algo que os necrotérios não poderiam fazer. Mais importante, você teria que dizer a dezenas de milhares de famílias que elas teriam que esperar para chorar seus mortos, esperar para realizar um funeral, esperar sua vez de dizer adeus da maneira apropriada. Como escolher quem seria sepultado primeiro? Seria aleatório? Por sorteio? Não, o trauma era grande demais sem ainda por cima haver um tratamento preferencial. Mas então… o que eles iam fazer? E como essas mesmas famílias reagiriam quando lhes dissessem que os entes queridos tirados delas não se juntariam ao ciclo de seus ancestrais — não se transformariam em alimento para os jardins, não preencheriam as vias aéreas e os estômagos daqueles que permaneceram — como sempre lhes foi prometido?

Ela enfiou o rosto nas mãos. Mais uma vez, o grupo ficou em silêncio e, dessa vez, ninguém o quebrou.

Depois de um tempo, a nave diminuiu a velocidade e parou. Eyas ficou de pé, a dor lá dentro recuando para dar espaço à tarefa imediata. Ela ouviu as instruções de Costel. Pôs o capacete. Andou até a eclusa de ar. Uma porta se fechou atrás dela; outra se abriu à sua frente.

O que estava lá fora era obsceno, de uma fealdade que a perturbaria em algum outro momento. Ela ignorou os distritos em ruínas e as janelas quebradas, concentrando-se apenas nos corpos que flutuavam entre eles. Com corpos ela podia lidar. De corpos ela entendia.

Os cuidadores se espalharam pelo vácuo, os propulsores em suas costas disparando. Voaram sozinhos, cada um deles, da mesma forma que trabalhavam. Eyas se lançou para a frente. O sol parecia um pouco apagado por trás do visor escurecido e as estrelas haviam perdido o brilho. Ela ativou os estabilizadores, parando em frente ao primeiro a ser coletado. Um homem com cabelos grisalhos e bochechudo. Um fazendeiro, a julgar pelas roupas. Sua perna balançava em um ângulo estranho — possivelmente o resultado de algum impacto durante a descompressão explosiva — e um cordão, ainda preso em volta do pescoço, balançava perto do rosto tranquilo. Sua expressão *era* tranquila, mesmo com os olhos entreabertos e um suspiro final nos lábios. Ela o puxou para si, agarrando seu torso por trás. O cabelo grisalho tocou a viseira, e ela conseguiu ver as partículas de gelo entre os fios, as espirais quebradiças esculpidas pelo frio. *Ai, estrelas, eles vão descongelar*, ela pensou. Não tinha lhe ocorrido antes. Mortes pelo espaço eram raras, e ela nunca tinha feito um funeral para um caso assim. Conhecia o procedimento padrão: corpos expostos ao vácuo eram armazenados em cápsulas pressurizadas, onde podiam retornar às condições normais sem que as coisas ficassem feias demais. Mas não havia cápsulas pressurizadas suficientes para todos na *Oxomoco*, nem mesmo na frota inteira. Não, empilhariam corpos congelados no relativo calor de um compartimento de carga. Uma solução improvisada às pressas, como tudo o mais que estavam fazendo naquele dia.

Eyas puxou o ar com força. Como poderiam lidar com aquilo? Como dariam àquelas pessoas alguma dignidade? Como poderiam algum dia corrigir aquilo?

Fechou os olhos e respirou de novo, desta vez bem fundo. “Das estrelas, veio o solo”, disse ela para o corpo. “Do solo nos erguemos. Ao solo retornamos.” Eram palavras para um funeral, não para a recuperação de corpos, e falar com cadáveres não era algo que ela jamais tivesse feito (e provavelmente nunca faria de novo). Não via sentido em falar para orelhas que não podiam ouvir. Mas era assim que se recuperariam. Não sabia para onde aquele corpo ou os outros iriam. Não sabia o que sua guilda faria em seguida. Mas sabia que eram exodonianos. Eram exodonianos, e não importava o que ameaçasse separá-los, a tradição os mantinha unidos. Ela voou de volta para a nave, transportando sua carga temporária, recitando as palavras que a Primeira Geração havia escrito. “Aqui, no Centro de nossas vidas, carregamos nossos mortos queridos. Honramos a respiração deles, que enche nossos pulmões. Honramos o sangue deles, o que enche nossos corações. Honramos seus corpos, que nutrem os nossos…”

kip

Nem em um milhão de anos Kip iria querer colo — isso era para criancinhas, não para um menino de onze anos —, mas não pôde deixar de sentir certa inveja dos pequenos babões sentados com todo o conforto no ombro dos pais. Ele era grande demais para isso, mas baixo demais para ver sobre a massa de adultos que abarrotava a doca. Ficou na ponta dos pés, balançando de um lado para o outro, tentando ver algo além de ombros e mangas de camisa. Mas não, sempre que encontrava um vão por onde espiar, via mais do mesmo à frente. Um monte de gente apinhada, com crianças nos ombros, deixando ainda mais impossível ver. Ele voltou a se apoiar nos calcanhares e bufou.

Seu pai notou e se inclinou para falar no ouvido de Kip.

"Vamos lá", disse ele. "Tive uma ideia."

Não foi fácil abrir caminho de volta para sair ali do meio, mas conseguiram — seu pai na frente, Kip seguindo a estampa listrada cinza da camisa do pai. Era uma camisa bonita, do tipo que se usa em nomeações e casamentos ou caso alguém importante aparecesse para o jantar. Kip estava usando uma camisa bonita também — amarela com pontos brancos. Tivera um pouco de dificuldade com os botões, e a mãe teve que ajudá-lo. Sentia o tecido apertando o peito toda vez que respirava, assim como podia sentir os dedos dos pés pressionando a ponta do sapato. Sua mãe tinha balançado a cabeça e falado que iria ver se Wymer, seu primo, tinha umas roupas maiores para passar adiante. Kip queria poder comprar roupas novas, como as que os mercadores de importados penduravam do lado de fora de suas barracas, todas lisinhas e sem remendos onde os cotovelos de outra pessoa tinham feito buracos. Mas na camisa do pai também havia costuras e Kip podia vê-las nas roupas da maioria das pessoas pelas quais eles passaram. Ainda eram camisas bonitas, as melhores que as pessoas tinham. Todos queriam estar bem para os aeluonianos.

Não importava se as camisas eram novas ou remendadas, havia algo em comum que todos usavam: uma faixa branca amarrada na parte de cima do braço direito. Era o que as pessoas usavam nas decanas depois de um funeral, para que os outros soubessem que você precisava de um desconto e que fossem mais gentis que o normal. Todo mundo usava as faixas agora — todo mundo na *Astéria*, todo mundo na Frota inteira. Kip não conhecia ninguém que tivesse morrido na *Oxomoco*, mas essa não era a questão, sua mãe tinha dito ao amarrar a faixa no braço dele. *Todos nós perdemos familiares*, disse ela, *conhecidos ou não*.

Kip olhou para trás assim que se afastaram da multidão.

"Para onde a gente está indo?", perguntou, a testa franzida. Não tinha conseguido ver nada de onde estavam, mas as docas vazias de naves estavam distantes agora, e aquela nave em especial chegaria a qualquer momento. Não iam perder a chegada, iam? Não podiam perder.

"Confie em mim", disse seu pai. Ele gesticulou para o filho continuar seguindo e Kip viu para onde estavam indo: um dos guindastes de carga próximo. Algumas outras pessoas já haviam tido a mesma ideia e estavam sentadas nos espaços vazios da estrutura de metal do guindaste. Seu pai pôs a mão no ombro de Kip. "Olha só, você não deve jamais repetir o que estamos prestes a fazer. Mas esta é uma ocasião especial, certo? Você acha que consegue subir comigo?"

Kip assentiu.

"Sim", disse, com o coração acelerado. Seu pai não desobedecia às regras com frequência. Nunca, na verdade. A mãe jamais teria concordado. Kip ficou secretamente feliz por ela não ter vindo.

Subiram a escada na lateral do guindaste e depois escalaram os suportes de metal. O guindaste era bem mais alto do que parecia do chão, e Kip ficou um pouco assustado — não *assustado assustado*, não era um bebê —, mas a subida não foi difícil. Era como a pista de obstáculos no parquinho, só que maior. Além disso, estava com o pai. Se o seu pai dizia que não tinha problema, então não tinha problema.

As outras pessoas que já estavam acomodadas no guindaste sorriram.

"Fiquem à vontade", gritou uma mulher.

Seu pai riu.

"Pode deixar." Ele se sentou em um lugar vago. "Venha, Kip."

Kip o seguiu de lado, passando os braços por cima de uma viga de apoio e deixando os pés balançarem por baixo de outra. O metal sob suas coxas estava frio e com certeza não tinha sido feito para servir de assento. Já sabia que sua bunda ficaria dormente.

Mas a vista… a vista era incrível. Estar longe não importava muito quando você estava no alto. Tudo parecia pequeno — as pessoas na multidão, os

patrulheiros em volta, o grupo responsável à espera na doca.

"Aquela é a Almirante?", perguntou Kip, apontando para a mulher de cabelos grisalhos em um uniforme verde do conselho.

"É ela", respondeu seu pai.

"Você já conheceu ela?"

"Não."

"Eu já, no padrão passado", disse a mulher simpática que havia gritado antes. Ela tomou um gole de algo quente em um cantil. "Ela estava na minha equipe de saneamento."

"Não diga", respondeu papai. "O que acha dela?"

A senhora fez uma cara de *é, nada mal*.

"Eu votaria nela de novo."

Kip sentiu um nó começar a se desfazer em seu estômago, algo que tinha estado dentro dele desde o acidente. Ali estava seu pai, subindo em um guindaste com ele e conversando com estranhos. Lá estava a multidão, reunida nas suas roupas mais elegantes, sem ninguém mais chorando ou gritando. Lá estava a Almirante, parecendo tranquila, oficial e poderosa. Dali a pouco, os aeluonianos também chegariam para ajudar. Eles resolveriam tudo.

As luzes da doca ficaram amarelas, indicando a aproximação de uma nave. Mesmo ali do alto, Kip conseguiu ouvir a multidão silenciar. De repente, lá estava. Chegou em silêncio — um esquife aeluoniano, suave e reluzente, com cantos arredondados e fuselagem perolada. Quase não parecia uma nave. Naves eram cheias de ângulos. Mecânicas. Algo que você aparafusava e soldava, pedaço por pedaço. Aquela nave, por outro lado, parecia ter sido feita de algo derretido, algo derramado em um molde e polido por dias. A multidão suspendeu a respiração.

"Estrelas, é impressionante", disse seu pai baixinho.

"A gente vê toda hora nas docas de carga", disse a mulher. "Nunca me canso de olhar."

Kip não disse nada. Estava ocupado demais olhando para a coisa mais linda que já tinha visto. Quase perguntou ao pai que tipo de nave era aquela, mas seu pai obviamente não tinha visto uma antes, e Kip não conhecia a mulher, então não quis perguntar a ela. Ele procuraria naves aeluonianas na Rede quando chegasse em casa. Conhecia todos os tipos de naves humanas e também gostava de aprender sobre os corpos dos alienígenas, mas nunca tinha pensado em pesquisar sobre suas naves. Na Frota, era fácil pensar que as naves humanas eram as únicas.

Uma escotilha se abriu lentamente. Como, Kip não sabia dizer, porque não havia bordas na fuselagem externa para sugerir portas ou junções de placas. A multidão começou a comemorar quando três aeluonianos saíram. Kip queria tê-los visto de perto, mas mesmo à distância fizeram seu coração disparar. Cabeças

carecas prateadas que ele sabia serem cobertas por escamas minúsculas. Manchas coloridas nas bochechas, sempre em movimento. Roupas estranhas, nas cores cinza, branca e preta que, imaginava, nunca haviam sido usadas por ninguém antes.

"Por que estão usando máscaras?", perguntou Kip. "Não conseguem respirar oxigênio?"

"É o que eles respiram", disse seu pai. "Mas os sapientes que não moram perto dos humanos tendem a nos achar, hã… pungentes."

"O que é pungente?"

"Nós somos fedorentos, garoto." A mulher riu com a boca perto do cantil.

"Ah", disse Kip. Não sabia o que sentia em relação a isso. E quanto mais tempo ficava sentado ali, menos sabia como se sentia sobre qualquer coisa. Aquele nó começou a surgir de novo enquanto observava a Almirante cumprimentar seus vizinhos de outro mundo. Seu uniforme não parecia mais tão legal, a multidão não parecia mais bem-vestida e a doca já não parecia normal, não com aquela joia flutuando no meio dela. Os aeluonianos estavam ali para resolver o que a Frota não conseguia, um problema que não teria ocorrido sem naves velhas e aparelhos desgastados. Apertaram as mãos, ao modo dos humanos, dos representantes do conselho fedorento e remendado, e sob a empolgação de Kip, sob sua admiração, uma tristeza surgiu.

Ele olhou os aeluonianos e sentiu vergonha.

sawyer

O segredo para se viver em Mushtullo era saber por qual nascer do sol esperar. Ressoden aparecia primeiro, mas apenas os mercadores espaciais e as crianças pequenas cometiam o erro de sair tão cedo. Ressoden era fraco, capaz de fornecer luz, mas não calor suficiente para espantar o frio. O nevoeiro antes do amanhecer carregava uma umidade insidiosa que penetrava até os ossos, e não se podia culpar quem decidisse esperar pelo terceiro sol — o grande e gordo Pelus —, que bania as nuvens de vez. Mas isso também era um erro de principiante. Você tinha cerca de meia hora depois do nascimento de Pelus até os pântanos começarem a evaporar, e o dia virava um forno. O segundo nascer do sol — Makarev — era o segredo. Makarev ficava no céu por uma hora e dezesseis minutos, tempo suficiente para você se levantar e pegar um bonde para onde quer que precisasse ir. Nem muito úmido, nem muito abafado, nem tão quente, nem tão frio. Você não precisava de várias camadas de roupa, nem apareceria para trabalhar com uma camiseta empapada de um suor que não secava. Era o ideal.

Sawyer pressionou a palma da mão na parede interna da cápsula e soube que Makarev tinha acabado de nascer. Sua cápsula supostamente era climatizada — e tudo bem, claro, até agora não tinha morrido congelado nem nada do tipo —, mas o isolamento era tão barato quanto o aluguel. Ficou deitado debaixo dos cobertores, esperando que a parede atingisse o calor que significava… *agora*. Ele se sentou no colchão e apertou um dos botões na parede. O lavatório escorregou para fora, um retângulo grosso com uma pia e um espelho dobrável e a caixa quase vazia de embalagens de dentibôs que ele precisava reabastecer. Lavou o rosto, bebeu água, limpou a boca, penteou o cabelo. Empurrou outro botão na parede. A pia se recolheu e uma prateleira maior surgiu, contendo um pequeno fogão e uma caixa de refeições instantâneas, às quais só precisava adicionar água. Ele sabia que tinha um longo dia de trabalho pela frente, então optou por dois pacotes de Mingau

Matinal Mágico, que ainda estavam esquentando quando ele abriu o scrib e descobriu que não tinha um trabalho para o qual ir.

Não se deu ao trabalho de terminar de ler a carta tediosa que seu (antigo) empregador havia enviado. Sabia o que dizia. Falta de financiamento, blá-blá-blá, lamentamos sinceramente o término imediato, blá-blá-blá, desejamos sorte no futuro, blá-blá-blá. Sawyer caiu de volta no travesseiro e fechou os olhos. Tinha dezenove anos, trabalhava desde os doze e já tivera dez empregos. A matemática não estava a seu favor.

"Ótimo", suspirou ele, e por um tempo considerou ficar na cama o dia todo, desperdiçando os créditos extras necessários para resfriar a cápsula enquanto Pelus estava no céu. Mas agora seus créditos eram ainda mais preciosos do que antes, e se havia sido despedido isso significava que todos os outros na fábrica também tinham sido. Todos cairiam sobre a praça de comércio, tentando conquistar a boa vontade dos comerciantes até que um deles oferecesse um emprego. Era assim que as coisas funcionavam com os harmagianos, de qualquer forma. Nada de currículos ou entrevistas. Era só chegar e torcer para que gostassem de você. Com as outras espécies, encontrar emprego era menos cansativo, mas os trabalhos com os harmagianos eram os que rendiam mais créditos. Havia empregos em seu bairro, provavelmente, mas o trabalho com humanos não levava muito longe. Era bem mais inteligente ir para a praça tentar a sorte. Ele poderia fazer isso. Já tinha feito antes.

Desanimado, sentou-se, comeu o mingau e vestiu roupas limpas (estas também estavam guardadas na parede). Arrastou-se até a ponta do colchão e saiu pela escotilha da cápsula, pondo os pés na escada do lado de fora em movimentos seguros decorrentes da prática. Agarrou o batente da porta ao começar a se abaixar e na mesma hora afastou a mão com nojo.

"Ah, qual é", suspirou ele, fazendo uma careta para a gosma cinza em seus dedos. Mofo rasteiro. Aquela coisa cinzenta e gordurosa amava o nevoeiro noturno e crescia tão rápido que você podia limpar antes de ir dormir apenas para encontrar uma nova camada pela manhã, como a que se aproximava da minúscula casa de Sawyer agora. Ele limpou a palma da mão em uma camisa velha e voltou a sair, tomando cuidado para não sujar a roupa. Tinha novos chefes para impressionar e já não era o seu dia.

Mas seria, no entanto, ele decidiu, melhorando seu humor enquanto descia. Iria até lá e encontraria um emprego. Encontraria algo ainda melhor do que o trabalho anterior.

Saiu para a segunda manhã de Mushtullo, seguindo um caminho sinuoso pela vizinhança. As ruas estreitas e pavimentadas estavam tão lotadas quanto os prédios altos ao redor, e o fluxo de pedestres ia para as estações de bonde, como sempre.

Viu algumas outras pessoas mais arrumadas do que o habitual na multidão e apertou o passo. Tinha que chegar à praça antes que as melhores oportunidades acabassem.

Pelo canto do olho, notou algo fora do comum: uma pequena multidão — pessoas idosas, em sua maioria — reunida em torno do monumento desgastado de uma nave residencial exodoniana próximo ao supermercado. Estavam depositando coroas de flores e decorando com fitas, acendendo velas em torno da base do monumento e retirando o mofo. Sawyer lembrava vagamente de que alguns dias antes no trabalho tinha escutado algo sobre uma das naves explodindo ou sofrendo uma descompressão ou algo assim. Alguma coisa horrível. Imaginou que era por isso que o grupo estava ali, e teria seguido caminho se não fosse por um rosto conhecido: Shani Brenner, uma das supervisoras da fábrica. Ela não estava indo para os bondes, estava ajudando alguma idosa — não, uma *anciã* — a acender uma vela. Ela não tinha ficado sabendo das demissões? Não olhou o scrib?

Sawyer hesitou. Não queria perder tempo, mas Shani não era má. Ela dividiu seu almoço com Sawyer uma vez, quando ele estava sem créditos. Aquele dia não tinha começado muito bem. Talvez, Sawyer pensou, ajudar alguém pusesse o universo ao seu lado de novo.

Ele mudou de rumo e foi apressado em direção à estátua. “Ei, Shani!”, gritou ele com um aceno.

Shani olhou para cima, primeiro com uma expressão confusa, depois reconhecendo-o. Ela deu alguns tapinhas reconfortantes na velha (que agora estava sentada no chão), então foi na direção de Sawyer. “Que manhã de merda, hein?”, disse ela, esfregando a nuca.

“Você ficou sabendo”, disse Sawyer.

“Fiquei. Recebi uma carta, igual à sua, aposto. Não fazia ideia. Mesquinhos malditos. Dei um presente de ‘obrigada por ser meu chefe’ a Tolged faz três dias.”

Sawyer apontou com o polegar para a rua.

“Você não está indo para a praça?”

Shani balançou a cabeça.

“Hoje não.” Ela indicou o monumento. “Aquela é a minha avó. Você ficou sabendo da Oxomoco?”

“A nave residencial…?”

“Isso. Ela nasceu lá. Veio para cá quando tinha sete anos, mas ainda assim. São suas raízes, sabe?” Shani olhou para Sawyer. “Você é exodoniano?”

“Bem…” Todo mundo era, de certa forma, não? “Há muitas gerações, acho. Não sei de qual nave nem nada assim. Nunca visitei.”

Shani deu de ombros.

“Ainda conta. Quer vir se sentar com a gente?”

Sawyer ficou sem reação.

“Obrigado, mas eu…”

“Haverá empregos amanhã”, disse Shani. “Não estou preocupada com isso e você também não deveria. Nós vamos encontrar alguma coisa. Vai dar tudo certo.”

Atrás de Shani, Sawyer podia ver outras pessoas se juntando à Vovó Brenner no chão. Algumas choravam. Outras estavam de mãos dadas ou passavam um cantil uma para a outra. Algumas falavam juntas, quase como um canto, mas ele só conseguia entender algumas palavras. Seu ensk não era grande coisa.

Shani sorriu para Sawyer.

“Você quem sabe”, disse ela, afastando-se. Ela se sentou no chão e abraçou a avó.

Sawyer não se juntou a eles, mas também não se virou de imediato. Não havia por que ficar, mas… Ele imaginou o frenesi lotado que o esperava na praça do comércio, as pessoas ansiosas e desesperadas para impressionar. Era a antítese da cena à sua frente, aquele luto tranquilo, o respeito compartilhado. A ideia de se juntar àquelas pessoas parecia estranha. Não queria se intrometer. Não era um deles, não pertencia ao grupo. Mas enquanto as via dividirem lágrimas, canções e companhia, desejou pertencer. Não fazia parte de nada assim. Mesmo na hora do luto, parecia uma coisa boa de se ter. Talvez especialmente na hora do luto.

Durante a viagem de bonde até a praça, pensou nas palavras recitadas que conseguiu entender. Elas se repetiam em sua mente, várias e várias vezes, enquanto olhava os bairros lotados passando pelas janelas cobertas de mofo.

Do solo.

Parte 1

DESDE O INÍCIO

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de notícias públicas)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 1
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Saudações, caríssimos convidados, e bem-vindos! Eu sou Ghuh'loloan Mok Chutp, e estas são minhas palavras. Espero que meus esforços comunicativos sejam suficientes para que seu tempo neste canal valha a pena. Vou me esforçar ao máximo para educar e entreter. Se fracassar em meus humildes esforços, por favor, aceitem minhas sinceras desculpas e saibam que tais fracassos são apenas meus e não refletem o meu local de trabalho, minha escolaridade ou minha linhagem.

Se não estiverem familiarizados com o meu trabalho, permitam-me uma breve introdução. Sou uma pesquisadora de etnografia no Instituto Reskit de Migração Interestelar. Trabalho no campo há vinte e dois padrões, e meu foco são as comunidades transitórias e orbitais na era moderna. Tenho muito orgulho do meu trabalho até agora, com algumas poucas exceções. Sinto que estou à altura da missão que descreverei em breve. Espero que concordem.

O que lhes vem à mente, caríssimos convidados, quando menciono a Frota Exodoniana? Talvez vocês definissem o termo literalmente: o conjunto de naves transportando o que sobrou da espécie humana para fora de seu planeta moribundo. Talvez a Frota provoque uma reação mais profunda em vocês — talvez seja um símbolo de desespero, de pobreza, de resiliência. Talvez haja seres humanos

presentes em suas comunidades. Talvez até pessoas nascidas dentro de uma dessas velhas naves. Ou será que vocês vêm de uma sociedade mais homogênea e, portanto, ficam surpresos ao descobrir que a Frota ainda é habitada? Talvez o próprio conceito da Frota em si já seja confuso. Talvez seja misterioso ou excitante. Talvez você seja humano, caríssimo convidado, e pense na Frota como o seu lar — ou, pelo contrário, talvez o lugar seja tão estranho para você quanto para o resto de nós.

Independente de qual for a sua origem, a Frota desperta a curiosidade de todos que não têm uma relação pessoal com ela. A menos que tenha um amigo humano muito próximo ou você seja um comerciante que viaja longas distâncias, é improvável que já tenha viajado para lá. Embora os seres humanos vivendo nos territórios da CG e nas colônias planetárias superem em número os exodonianos, ainda é na Frota onde se encontra a maior concentração de sua espécie fora do sistema de Sol. Embora muitos humanos jamais tenham pisado nessas naves residenciais gigantescas, a jornada da Frota é uma história que todos carregam em seu coletivo. Essa linhagem moldou cada uma das comunidades humanas modernas, independentemente de suas filosofias específicas. De um jeito ou de outro, afeta como os seres humanos pensam sobre si mesmos e como o resto de nós os vê.

Então, como é a Frota hoje? Como essas pessoas vivem? Como enxergam a CG? Por que continuam esse modo de vida? Estas são algumas questões que tentarei explorar no futuro. Eu, Ghuh'loloan, também serei uma convidada. Enquanto escrevo estas palavras, estou a caminho da Frota do Êxodo, onde passarei oito decanas. Viverei a bordo de uma nave residencial exodoniana, entrevistarei seus cidadãos e aprenderei seus costumes. Muito já foi escrito sobre as condições da Frota do Êxodo após o primeiro contato e sua aceitação na CG, mas há poucos registros desde então. A suposição geral é que a sua presença nas comunidades multiespécies significa que os seres humanos se integraram em nossas sociedades variadas e deixaram seus antigos costumes para trás. Isso não poderia estar mais longe da verdade. Atravesso a galáxia agora em busca de uma história mais verdadeira.

É minha esperança, caríssimos convidados, que vocês se juntem a mim.

tessa

Mensagem recebida
Criptografia: 0
Tradução: 0
De: Ashby Santoso (caminho: 7182-312-95)
Para: Tessa Santoso (caminho: 6222-198-00)

Oi Tess,

Não sei se você tem acompanhado os canais, mas se for esse o caso, quero avisar que estou bem. Se não estiver sabendo, algumas coisas ruins aconteceram em Hedra Ka, mas, como já falei: estou bem. A nave sofreu muitos danos, mas a situação é estável e estamos fora do perigo imediato. Estou bem ocupado com os reparos e a minha tripulação, mas nos falamos assim que possível. Vou escrever para o nosso pai também.

Logo mando mais notícias, prometo

Abrace as crianças por mim.

Ashby

Na grande tradição dos irmãos em qualquer lugar do universo, Tessa queria matar o seu.

Não de maneira permanente. Apenas lançá-lo no espaço para expressar seu ponto de vista, então uma rápida ressuscitação e uma xícara de chá quente. *É isso*, diria ela, enquanto ele estivesse sentado no chão, trêmulo, agarrado à caneca como costumava fazer quando era pequeno. *É isso que você faz a gente passar toda vez que some do mapa. A gente não respira até você voltar*.

Tessa largou o scrib na mesa e esfregou os olhos com as pontas dos dedos.

“Merda”, disse ela, furiosa e aliviada. Ela tinha visto os canais. Claro, não disseram contra qual nave civil os toremis haviam disparado, mas Tessa sabia aonde Ashby estava indo no padrão passado, o que havia sido contratado para fazer. “Seu…” Ela exalou, os olhos ardendo. “Ele está bem.” Ela respirou fundo, a voz firme. “Ele está bem.”

Ela tinha ido para o compartimento de carga no instante em que o canal de notícias terminou a transmissão, apesar de seu turno só começar duas horas depois, apesar de seu pai ter lhe pedido para ficar em casa até saberem se deveriam relaxar ou planejar um funeral. Tessa não tinha estômago para a maneira como seu pai havia decidido lidar com a situação: uma vigília em frente ao projetor de pixels, vasculhando cada canal até alguma novidade ser carregada, fumando e resmungando e criando teorias ansiosas. Ela não via sentido em ficar sentada esperando notícias, ainda mais quando você não tinha ideia de quando elas chegariam. Tessa havia lidado com o aperto no peito à sua própria maneira. Tirou Aya da cama, deu a Ky um pedaço de bolo para impedir que ele se incomodasse com a mudança de horário, deu a Aya um pedaço de bolo também para que ela não reclamasse da injustiça, e disse ao pai para avisar por vox caso alguma coisa mudasse.

Você saberia se ficasse em casa, resmungou ele, enfiando palha-vermelha no cachimbo. Mas ela não cedeu, e ele não insistiu, pelo menos uma vez. Ela deu um tapinha no ombro dele e mandou as crianças para os Park — que, como Tessa tinha imaginado, estavam dormindo, mas é para isso que servem os vizinhos de hexa.

Aya havia insistido em obter uma explicação durante cada passo até a porta. *Por que a gente acordou tão cedo? Por que não posso ficar aqui? Preciso ir para a escola? Por que vovô estava com raiva de você? Papai está bem?*

Seu pai está bem, dissera Tessa. Foi a única pergunta que respondeu diretamente. Todas as outras receberam um *porque sim* ou um *mais tarde eu explico*. Não havia uma maneira apropriada de dizer que *a nave do seu tio Ashby pode ter sido explodida por alienígenas e essa é a minha maneira de lidar com a situação* para uma criança de nove anos e não havia como uma criança de nove anos reagir a isso sem agitar a criança de dois anos também. Que as crianças tivessem uma manhã tranquila. Os adultos podiam se preocupar o suficiente por todos.

Tessa se espreguiçou, recostando-se na cadeira, estalando as costas. Virou-se para a vox na parede.

“224-246”, disse ela. A vox apitou em reconhecimento ao endereço residencial. “Pai, seu scrib está ligado?”

“Não”, gritou seu pai em resposta. Ele nunca entendeu que mesmo que a vox estivesse do outro lado da sala não era mais necessário gritar como com os

modelos antigos. “Por quê?”

Tessa revirou os olhos. *Por quê?* , perguntava o homem que não parava de olhar os canais a manhã inteira.

“Ashby deu notícias. Ele está bem.”

A vox transmitiu um longo suspiro, seguido por um “merda” dito baixinho. Ele começou a gritar de novo.

“Como está a nave dele?”

“Ele disse que está estável. Não teve tempo de escrever muito, só avisou que está bem.”

“Ele ainda está a bordo? O *estável* pode ficar instável num piscar de olhos.”

“Tenho certeza de que Ashby sabe se a nave dele está segura ou não.”

“Essas armas toremis sobre as quais estão falando podem…”

“Pai, pare de ficar olhando os canais. Certo? Eles não sabem o que está acontecendo, só estão preenchendo o tempo.”

“Só estou dizendo que…”

“Pai.” Tessa esfregou o ponto da testa entre os olhos. “Preciso trabalhar. Vá para os jardins ou algo assim, está bem? Vá à Casa da Jojo, almoce.”

“Quando você volta pra casa?”

“Não sei. Vai depender de como for o dia.”

“Ok.” Ele fez uma pausa. “Eu te amo.”

Seu pai não era distante nem nada, mas não dizia aquelas três palavras à toa. A irritação de Tessa passou.

“Também te amo.”

A vox desligou, e ela aproveitou a oportunidade para limpar os pulmões. Olhou pela janela da sala de trabalho, para o compartimento de carga. Fileiras de prateleiras imponentes estendiam-se à frente, lotadas de fios e sucata, e diante delas um monte de guindastebôs que executavam as tarefas que Tessa havia passado pelo terminal. Havia também pilhas de metal, as peças grandes demais para caberem nas prateleiras e que ninguém teve tempo de desmontar ainda. Aqueles eram os seus domínios, o seu projeto. Era trabalho seu rastrear as entradas e saídas, garantir que tudo fosse registrado, pesado e descrito, saber onde estava tudo o que os mercadores e fundições ainda não estavam prontos para receber, supervisionar as máquinas que transportavam as mercadorias. Um trabalho complicado, mas não desgastante, e ela podia contar com a maioria dos dias se desenrolando exatamente como ela tinha esperado pela manhã. Diante do constante caos familiar de sua casa, Tessa valorizava essa previsibilidade.

Quando começou a trabalhar no compartimento de carga, por volta dos seus vinte e poucos anos, o Compartimento Oito era um lugar organizado. Lembrava-se dos caixotes de matéria-prima acondicionada com todo o cuidado, dos caixotes

importados com os empolgantes rótulos impressos em vários alfabetos alienígenas. Vinte anos depois, você não conseguiria mais encontrar um desses em seu compartimento. As importações e o inventário já processado ficavam em outro lugar. O Compartimento Oito era um dos três na *Astéria* dedicados a armazenar os restos da *Oxomoco*. Todas as naves residenciais tinham a mesma estrutura: um enorme cilindro central cheio de sistemas vitais, um círculo achatado de milhares de lares em torno dele, um monte de motores pesados na parte de trás. A *Oxomoco* não tinha mais essa aparência. Metade da nave consistia nos restos da fuselagem, arrastados para longe da órbita da Frota, mas ainda no espaço, ainda dando um susto em quem a visse pela janela de algum ônibus espacial. A outra metade havia sido desmantelada e enfiada em compartimentos de carga como o dela. Então agora, em vez lidar com caixotes alienígenas, ela se ocupava de intermináveis vigas de suporte, painéis de piso, tanques de oxigênio vazios. Coisas que tinham sido vitais. Que tinham sido consideradas permanentes. Bastara um ônibus com defeito, uma trajetória infeliz, uma antepara que falhou. Uma combinação de pequenos fatores levou à morte de dezenas de milhares de pessoas e a compartimentos de carga abarrotados com o que sobrou do lugar onde viviam.

As palavras de seu pai ecoaram em sua cabeça. *O estável pode ficar instável num piscar de olhos*.

"S. Santoso, está tudo bem?"

Tessa ergueu os olhos. Kip estava na porta, o rosto preocupado. Ela suspirou e assentiu com a cabeça de leve. "Sim", respondeu. "Sim, estou bem." A expressão preocupada persistiu. As explicações que funcionavam com uma criança de nove anos não tinham chance contra um adolescente de dezesseis. Tessa deu um sorriso e acenou para que ele entrasse. "Problemas de família. Você me serviria um pouco de mek?" Ela fez uma pausa. "Pode tomar também, se quiser."

O rapaz ergueu as sobrancelhas.

"Meu turno não acabou."

Tessa abriu um sorriso irônico.

"Você tem mais dois dias aqui comigo e nós dois sabemos que você não vai virar aprendiz aqui."

Kip abriu um sorriso tímido enquanto servia duas canecas da mekeira no canto.

"Poxa, S., eu não sou tão ruim assim."

"Realmente", concordou Tessa. "Você poderia fazer um bom trabalho gerenciando o inventário, caso praticasse. Você tem o tipo de cérebro lógico necessário para classificar as coisas. Mas nós dois sabemos que isso aqui não é para você." Ela aceitou a caneca com um aceno de cabeça, tentando afastar a imagem mental persistente de si mesma chutando a canela de Ashby. "Mas é para isso que servem esses estágios, não? Você precisa encontrar algo que sirva para

você, e não tem como saber do que gosta até experimentar de tudo um pouco. Você trabalhou duro e não ficou enrolando.” *Não muito*, pensou ela.

Kip sentou-se, os braços e pernas compridos demais e uma barba rala no rosto. O rapaz seria bonito dali a um ou dois anos, mas a puberdade não ia deixá-lo chegar lá sem uma boa briga.

“Qual foi seu primeiro estágio?”, perguntou ele.

“A fazenda de peixes com meu pai”, disse Tessa. “Durei três dias lá.”

“Por quê? Você não gostou de matar os peixes?”

“Não, essa parte não foi problema. A questão era que meu pai e eu íamos acabar nos matando.” Ela tomou um gole de mek e *não pensou em Ashby*. “Você já considerou as fazendas?”

“Tentei a de insetos”, disse Kip.

“E?”

“Não gostei de matá-los.”

Isso não a surpreendeu nem um pouco.

“Mas você ainda come, não?”

“Como”, disse ele com o mesmo sorriso bobo. “Não me incomodo de deixar outra pessoa… você sabe. Cuidar dessa parte.”

“Entendi”, disse Tessa. Achava esse jeito de pensar um pouco bobo. Se você não se incomodava de comer alguma coisa, não devia ter problema em matar. Mas Kip era um garoto legal e ela não queria que ele se sentisse mal por ter um coração mole. “Alguma ideia do que quer tentar fazer em seguida?”

“Não sei. Na verdade, não.”

“Você tem tempo ainda. E, além disso, há muita coisa para você experimentar. Há sempre algo para se fazer na Frota, não é mesmo?”

Kip sorriu com a boca, mas não com os olhos.

“É”, concordou ele. “É verdade.”

Tessa observou o rosto do garoto. Ela conhecia aquela expressão — aquele olhar inquieto e decepcionado. Ela tinha visto o mesmo olhar no rosto do irmão mais novo um padrão antes de Ashby fazer as malas e prometer a todos que não sumiria de vez. Ele cumpriu sua promessa. Recebiam cartas e ligações por sib com regularidade. Ele visitava quando podia. Mandava mais créditos do que qualquer um deles sabia como agradecer. Mas havia um quarto na casa dos Santoso que era agora usado para guardar coisas. Havia muitos quartos com essa função na Frota. Quartos vazios eram um luxo antigamente, seu pai dizia muitas vezes. Hoje em dia… hoje em dia, as pessoas tinham mais espaço, tomavam banhos mais demorados, ouviam suas vozes ecoarem um pouco mais alto nas passarelas públicas. Ela olhou para Kip, bebendo seu mek, provavelmente entediado. Ela se perguntou se o quarto dele acabaria vazio também.

isabel

Isabel trabalhava nos Arquivos da *Astéria* havia quarenta e quatro anos, mas nunca se cansava de dias como este. Dias como os de hoje eram seus favoritos, e ela se preparou à altura. O auditório era mais usado para palestras, oficinas e eventos do tipo, mas hoje o espaço havia sido transformado. Ela e os outros arquivistas tinham trazido as decorações que haviam feito há muito tempo para tais ocasiões: os raios de sol feitos de sucata metálica, fitas brilhantes de tecido reaproveitado. Uma mesa comprida aguardava ao lado, pronta para receber as bebidas e comidas caseiras. Outra mesa continha novas mudas trazidas de um dos viveiros, disponíveis para quem desejasse levá-las para os jardins de seu bairro. Globoluzes flutuantes adornavam os cantos superiores do auditório, irradiando luzes amarelas, verdes e azuis. Cores da vida. Cores do crescimento. Na frente da sala, junto à grande tela que projetava a vista do espaço estrelado além da antepara, havia um pódio. Estava coberto de serpentinas e plantas crescidas e, no topo, estava o scrib de Isabel. Aquele era o elemento mais importante.

A pessoa sendo homenageada naquele dia não se lembraria de nada, mas os presentes sim, e transmitiriam a história um dia. Era para isso que a profissão de Isabel servia. Para garantir que todos fossem o elo de uma corrente. Que todos se lembrassem.

Os convidados começaram a chegar, todos em trajes festivos, carregando recipientes úmidos por conta do vapor quente exalando o cheiro de temperos, de calda doce e de massa torrada. Isabel não precisaria jantar depois. Um dos pontos altos do seu trabalho.

Um garoto implorou a um homem para deixá-lo comer só um pedacinho do que haviam trazido para a mesa comum. O homem disse ao menino para ser paciente. A falta de paciência em sua voz indicava que não era a primeira vez que aquela

conversa acontecia no dia. Isabel sorriu. Já estivera dos dois lados daquela discussão.

Dois músicos se acomodaram perto do pódio. Isabel conhecia os dois e cumprimentou-os calorosamente. Ela ainda se lembrava de quando os dois também eram crianças implorando por comida perto da mesa. Era assim com muitas das pessoas que entravam na sala, exceto aquelas com quem ela própria havia compartilhado sua infância, tanto tempo atrás. Quase todos os rostos ali eram conhecidos.

A sala se encheu e, finalmente, duas pessoas entraram, carregando uma terceira, pequenininha. Era a deixa de Isabel. Ela caminhou até o pódio, andando com cuidado em suas vestes formais. O zum-zum-zum das vozes começou a diminuir. Ela fez contato visual com um dos músicos e assentiu. Os dois assentiram de volta, depois um para o outro. *Um e dois e…* ela os viu sussurrarem. Um tambor e uma flauta começaram a tocar a melodia alegre. As últimas vozes se calaram e os presentes abriram caminho para que o trio se aproximasse de Isabel.

O jovem casal ficou diante dela, sorridente, orgulhoso, talvez um pouco tímido. A filhinha deles se contorcia nos braços da mulher, mais interessada no brilho do colar da mãe do que em qualquer outra coisa.

Isabel ergueu a cabeça para olhar os presentes quando a música terminou. Diversos rostos olharam para ela, sorridentes, esperando. Todos sabiam exatamente o que viria a seguir. Ela já dissera aquelas palavras centenas de vezes. Milhares, talvez. Todo arquivista as sabia de cor, assim como todo exodoniano. Ainda assim, elas precisavam ser ditas.

O corpo de Isabel era velho — e sempre a lembrava desse fato —, mas sua voz ainda era alta e clara.

“Nós destruímos nosso mundo”, disse ela, “e o deixamos para buscar os céus. Éramos poucos. Nossa espécie estava espalhada. Fomos os últimos a sair. Abandonamos a terra. Abandonamos os oceanos. O ar. Nós vimos todas essas coisas diminuírem atrás de nós, encolhendo até virarem um pontinho de luz. E foi então que entendemos. Nós entendemos o que éramos. Entendemos o que havíamos perdido. Nós entendemos o que precisaríamos fazer para sobreviver. Nós abandonamos mais do que o mundo de nossos ancestrais. Abandonamos o pensamento a curto prazo. Abandonamos nossa violência. Nós renascemos.” Ela abriu os braços, indicando as pessoas reunidas. Várias bocas na multidão repetiam silenciosamente suas palavras. “Nós somos a Frota do Êxodo. Nós somos aqueles que vagaram, que vagam ainda hoje. Somos as naves que abrigam nossas famílias. Somos as mineradoras e batedoras do espaço aberto. Somos as naves que se comunicam entre elas. Somos os exploradores que carregam nossos nomes. Somos

os pais que conduzem por um novo caminho. Somos os filhos que seguem.” Ela pegou o seu scrib e se dirigiu ao casal. “Qual é o nome dela?”

“Robin”, respondeu o homem.

“E qual o nome da sua família?”

“Garcia”, disse a mulher.

“Robin Garcia”, falou Isabel para o scrib. Este apitou em resposta e abriu o arquivo de registro de cidadão que ela havia criado naquela manhã. Um quadrado azul apareceu na tela. Isabel gesticulou para que a mãe desse um passo à frente. A bebê franziu a testa enquanto encostavam um de seus pés descalços na tela, pressionando a sola e os dedos minúsculos. O scrib apitou mais uma vez, indicando que um novo arquivo havia sido adicionado às poderosas torres de nodos de dados no andar de baixo. Isabel leu o registro para o auditório.

“Robin Garcia. Nascida a bordo da *Astéria*. Quarenta dias solares de idade no dia padrão da CG 158/307. Ela é agora, e sempre será, parte da nossa Frota. Por nossas leis, terá abrigo e passagem aqui. Se tivermos comida, ela comerá. Se tivermos ar, ela respirará. Se tivermos combustível, ela voará. Ela é filha de todos os adultos, irmã de todas as crianças. Nós vamos cuidar dela, protegê-la, orientá-la. Seja bem-vinda, Robin, à *Astéria* e à jornada que fazemos juntos.” Ela segurou a cabeça do bebê com a palma da mão, a pele envelhecida envolvendo a pele jovem. Ela falou as últimas palavras agora, e o auditório a acompanhou. “Do solo, nos erguemos. De nossas naves, nós vivemos. Nas estrelas, sonhamos.”

sawyer

Ele estava recostado no corrimão do lado de fora dos bioescâneres das docas ao lado de sua bagagem, respirando o ar reciclado. Era diferente do ar que conhecia, sem dúvida. Não era o que ele chamaria de um *bom* ar, não como o que você encontraria em uma floresta ou um campo. Havia uma nota metálica, e embora as passarelas fossem ladeadas por canteiros saudáveis exalando oxigênio, algo no ar *parecia* artificial. Não havia vento nem chuva. O ar circulava porque os humanos assim designaram e talvez com isso algo tivesse se perdido.

Mas Sawyer sorriu. *Diferente* era justo o que ele procurava, e tudo o que havia encontrado nos vinte minutos desde que chegara a bordo era o mais diferente possível. Ficou impressionado com a praticidade da arquitetura, a grande economia. Em Mushtullo, as pessoas embelezavam as construções. Havia molduras no topo das paredes. Telhados eram retorcidos e as cercas descreviam espirais. Até as naves eram adornadas. Aqui não. Nada naquela nave havia sido desperdiçado com sentimentalismos.

Mas embora a estrutura da nave fosse simples, as pessoas ali dentro haviam passado séculos modificando-a. As paredes de metal haviam sido disfarçadas com tintas em cores convidativas: bege em tons mais escuros, laranja suave, verdes vivos. A caminho da passarela, deparou-se com um enorme mural que o fez interromper a caminhada. Ficou ali parado por um minuto enquanto os viajantes o contornavam. O mural era vibrante, quase berrante, um monte de cores e curvas mostrando exodonianos dançando acima de um sol ardente e debaixo de um céu estrelado. Diversas profissões haviam sido representadas — havia fazendeiros, médicos, técnicos, músicos, pilotos, um professor acompanhado de crianças. Era um tema comum, mas ao mesmo tempo algo no mural — talvez a falta de um solo em si ou quem sabe algo no estilo da pintura — era inegavelmente estrangeiro. Jamais haveria um mural como aquele em Mushtullo.

Sawyer se permitiu registrar sua realidade: ele estava na Frota. Na Frota! Finalmente estava ali, em pessoa, não apenas lendo arquivos de referência ou importunando idosos para que lhe repassassem os poucos detalhes que se lembrassem do que os pais *deles* haviam contado sobre as naves que deixaram para trás. Ele conseguiu. Ele conseguiu, e agora tudo estava bem ali para ser explorado.

Não havia outras espécies na multidão e isso o deixou ao mesmo tempo maravilhado e chocado. As únicas vezes em que via vários seres humanos reunidos em um só lugar fora durante feriados ou em festas e, mesmo assim, sempre haveria outros sapientes no meio. No transporte até ali, tinha visto comerciantes de outros lugares, mas assim que chegaram a uma placa que indicava *Compartimentos de Carga* à direita e *Praça Central* à esquerda, todas as escamas e garras foram para a direita. Todos ao seu redor agora tinham duas mãos, dois pés, pele macia e cabeças cabeludas. Ele nunca tinha feito parte de um grupo tão uniforme antes, e, ao mesmo tempo, jamais se sentira tão deslocado.

Sawyer havia pensado que talvez alguma parte dele reconhecesse o lugar, que ele se sentiria voltando pelo caminho que seus tataravôs percorreram antes. Lera relatos de outros terrenos que haviam visitado a Frota. Estes escreveram sobre como se sentiram ligados a seus ancestrais, uma afinidade imediata com as pessoas de lá. Sawyer ainda não havia sentido isso, e parte dele estava um pouco decepcionada. Mas não importava. Apenas vinte minutos haviam se passado, e ele só havia trocado algumas palavras com o atendente que escaneava os implantes de pulso. Até agora, tinha mergulhado apenas um dedo na água. Era hora de se jogar.

No elevador, escolheu o andar do mercado, e se deparou com os vários corredores de lojas e centros de serviços. Não era como os outros mercados onde já estivera, nos quais as construções se estendiam e se empilhavam como se estivessem vivas. A Frota, como havia lido e já mostrara ser verdade, era um lugar de geometria e ordem. Cada canto foi examinado, medido e ponderado. A eficiência no uso do espaço era prioridade absoluta, de modo que os arquitetos originais projetaram para as futuras gerações de lojistas lotes definidos que poderiam ser distribuídos e reaproveitados conforme a necessidade. O resultado final era, na superfície, o centro comercial mais organizado que Sawyer já vira. Mas depois que olhava além das fachadas ordenadas, as atividades do lado de dentro eram desorientadoras. Havia dezenas de cartazes e de displays, centenas de clientes, e ele não fazia ideia de onde as coisas ficavam.

Olhou para os lugares que serviam comida — todos ao ar livre (se é que esse era o termo certo para se usar dentro de uma nave), com mesas comuns atrás das paredes de metal na altura da cintura que serviam para limitar cada lote. Um café alegre e limpo chamado O *Favorito* atraiu a atenção de Sawyer. O cardápio exposto do lado de fora estava escrito em klip e em ensk, e as refeições eram

comidas que ele reconhecia — espetinhos de feijão, nhotos, bolinhos de geleia. Parecia um bom lugar para uma refeição não muito aventureira. Sawyer seguiu em outra direção. Aquele era um lugar para comerciantes e visitantes. Turistas. Ele não estava ali para ser um turista. Estava em busca de algo *real*.

Viu outro restaurante do mesmo tamanho e formato. *Casa da Jojo*, dizia a placa. Ou teria dito, se os pixels do segundo *J* não estivessem quase ilegíveis. Não havia cardápio à vista. A única outra placa mostrava os horários de funcionamento, exclusivamente em numerais em ensk. (Mas no horário padrão. Ali só se usava o calendário solar para a idade, ou assim lhe disseram.) Do lado de dentro, algumas pessoas vestidas com macacões sujos de algas comiam com gosto o que quer que estivesse sendo servido no almoço. Um grupo de cinco ou seis pessoas mais velhas discutia por causa de um jogo em um tabuleiro de pixels antigo. Nenhum dos fregueses tinha malas.

Perfeito.

Ninguém cumprimentou Sawyer quando ele entrou. Poucos sequer olharam na sua direção. Havia duas pessoas atrás do balcão: um jovem magro cortando alguma coisa e uma mulher de meia-idade de ar imponente descascando baratas-da-costa-vermelha. A mulher prestava atenção em um vid alto em um projetor próximo — um drama de época marciano, ao que parecia. Ela quebrou cada segmento da casca com precisão e rapidez, sem sequer olhar para o que estava fazendo. Sawyer não tinha como saber de verdade, mas teve a certeza inabalável de que aquele era o lugar dela.

A mulher soltou uma risada curta e zombeteira.

"Essas porcarias solárias", disse ela em ensk, balançando a cabeça para o projetor. A trilha sonora do vid atingiu um crescendo melodramático quando um personagem em um exotraje ultrapassado sucumbiu a uma tempestade de areia. "Por que alguém assiste a essa merda?"

"Você assiste", apontou uma velha da mesa de jogo.

"É que nem um acidente de nave", retrucou a mulher. "Quando começo a ver, não consigo nem desviar os olhos."

A cena mudou. Um grupo de terraformadores tristes estava sentado todo encolhido em sua cúpula.

"Este planeta maldito", exclamou um ator. Não ganharia nenhum prêmio pela atuação, mas, estrelas, estava dando tudo de si. "Este planeta maldito!"

"*Este planeta maldito!*", repetiu a mulher, rindo de novo. Seus olhos se voltaram de repente para Sawyer quando finalmente percebeu sua presença. "E aí", disse ela, olhando para a mala dele. "Vai querer o quê?"

Sawyer foi até o balcão. Era mais ou menos fluente em ensk, depois de ter metido a cara em seus estudos da língua pela Rede nos últimos anos, mas a única

pessoa que tinha para praticar ao vivo era a sapateira em seu planeta, e as gírias dela estavam uns vinte anos atrasadas. Ele reuniu sua coragem e perguntou:

"Você tem um cardápio?"

Cada um dos fregueses da *Casa da Jojo* olhou para ele. Sawyer ainda demorou um instante para entender o motivo — o *sotaque*. Seu sotaque. Não tinha a cadência acelerada dos exodonianos, nem a suavidade refinada de um marciano, nem aquela mistura de alguém que viajava muito. Seu rosto dizia *humano*. Suas vogais diziam *harmagiano*.

A mulher o olhou um pouco surpresa.

"A gente não tem cardápio", disse ela. Apontou o polegar para o homem magro, ainda fatiando algo. "É o nono dia. Então hoje tem sanduíche de conserva dupla e ensopado de barata-da-costa-vermelha. Só que o ensopado acabou." O exoesqueleto da barata-da-costa-vermelha estalou entre as mãos dela. "Preciso fazer mais, deve levar coisa de uma hora."

"Tudo bem", disse Sawyer. "Eu como a outra opção."

"A conserva?"

"Isso."

"Você já comeu conserva dupla?"

Sawyer abriu um largo sorriso.

"Não."

A mulher sorriu de volta, mas não foi um bom sorriso, não foi um sorriso que correspondesse ao dele. Sua expressão era diferente, como se ela soubesse algo que ele não sabia. Sawyer sentiu seu bom humor fraquejar. Tinha certeza de que o pessoal do jogo de tabuleiro ainda olhava para ele.

"Tudo bem", disse a mulher. "Um sanduíche de conserva. Vem com chá."

Ele demorou um pouco para perceber que ela estava fazendo uma pergunta.

"Chá seria ótimo." A resposta dela foi pegar uma caneca. Sawyer decidiu se arriscar, tentando extrair mais da conversa. "É você a Jojo?"

"Não", disse a mulher, categórica. "Jojo era a minha mãe."

"E ela era muito mais legal do que essa aí", disse um velho com um cachimbo.

"*Tsc*", fez a mulher, revirando os olhos. "Você só diz isso porque ela dormiu com você uma vez."

"Ela ainda seria legal mesmo se não tivesse."

"Bem, ela sempre gostou de coisa feia."

O pessoal do jogo de tabuleiro riu — o velho mais do que todos — e a mulher sorriu, dessa vez um sorriso de verdade. Ela encheu a caneca com o chá de um grande jarro e a pôs no balcão enquanto o homem magro preparava o almoço de Sawyer em silêncio. Sawyer tentou dar uma espiada e ver quais eram os ingredientes do prato que ele tinha acabado de pedir, mas o corpo do homem

bloqueava sua visão. Algo foi picado, algo foi servido com uma concha, algumas garrafas foram sacudidas. Conserva dupla parecia… trabalhoso.

A mulher olhou para Sawyer.

"Ah", disse ele, entendendo. Ainda não tinha pagado. Afastou sua proteção de pulso. "Onde eu… hã…" Ele olhou em volta, procurando por um escâner.

A mulher torceu a boca.

"Não aceito créditos", disse ela.

Sawyer ficou exultante. Já havia ouvido falar sobre isso — comerciantes exodonianos que trabalhavam apenas com trocas. Mas havia um problema: isso era tudo o que sabia sobre a prática, não fazia ideia de qual era o protocolo. Esperou que ela sugerisse uma permuta aceitável. Ela não disse nada.

"O que seria aceitável?", perguntou ele.

Outra risadinha, igual à que a vítima da tempestade de areia no vid recebeu.

"Sei lá. Não sei o que você tem."

Sawyer pensou. Ele só havia trazido uma mala com alguns itens essenciais e não estava disposto a abrir mão da maioria, não por causa de um simples sanduíche. Praguejou por não ter se planejado trazendo um saco de circuitos ou algo do tipo.

"Você precisa de ajuda na cozinha? Eu poderia lavar pratos."

Agora *todos* riram. Sawyer não sabia qual era a graça, mas estava começando a se perguntar se o café para turistas teria sido a melhor opção.

A mulher se debruçou no balcão.

"De onde você é?"

"Mushtullo."

"Oi?"

"Mushtullo." Sem resposta. "Espaço Central."

Ela ergueu as sobrancelhas.

"Hã. Você tem família aqui?"

"Não", disse Sawyer. "Mas minha família *veio daqui*."

"Ah", fez a mulher, como se agora entendesse tudo. "Entendi. Ok. Você já tem lugar para ficar?"

"Achei que podia resolver isso quando chegasse aqui."

"Ai ai ai…", disse a mulher baixinho. O homem magro lhe entregou um prato, que ela empurrou no balcão. "Aqui está. É por conta da casa. A comida dos seus antepassados."

"Nossa, tem certeza?", perguntou Sawyer.

"Bem, agora não tenho mais."

"Desculpe, hã… obrigado." Ele pegou o prato e a caneca. "É muito gentil da sua parte."

A mulher voltou a quebrar carapaças sem outra palavra. Sawyer olhou em volta na esperança de que um dos grupos de fregueses o convidasse para se juntar a eles. Ninguém fez isso. Os algaístas empilharam os pratos vazios e os velhos retomaram o jogo de tabuleiro. Sawyer deixou sua mala em um assento vago e sentou-se na cadeira ao lado dela. Ele estudou a comida — vegetais úmidos cortados em tiras servidos entre dois pães misteriosos e com o molho que o ajudante da filha de Jojo havia posto por cima. Ele levantou o pão de cima. Estava molhado, e um líquido roxo escorreu pelo seu antebraço. Ele fez uma pausa antes de abrir a boca. O cheiro era fétido e azedo, lembrando um pouco peixe. Pensou nos outros fregueses, comendo com gosto. Ele deu uma mordida. Sua garganta se apertou, os canais respiratórios se abriram e sua coragem morreu. O gosto era idêntico ao cheiro, só que agora era inescapável, misturado a um sabor amargo e penetrante que não sabia nem se queria identificar. Não sentia o gosto do pão, mas mesmo com o líquido azedo que escorria por suas mãos, a textura era incompreensivelmente seca. Os vegetais em conserva não eram crocantes, como ele esperava. Eram moles.

Era, sem sombra de dúvida, a pior coisa que já havia comido.

Tudo bem, pensou ele. *Tudo certo. É uma aventura*. Não era o começo que esperara, mas era um começo, e isso já era algo. Obrigou-se a comer outro pedaço, fazendo o sanduíche descer com um longo gole de chá (o chá, pelo menos, era bom). De jeito nenhum ele deixaria de terminar aquela refeição. Aquilo era um teste. Os locais estavam vendo, seus ancestrais estavam vendo, todos em sua terra natal que achavam seu plano maluco estavam vendo. Ele deixaria o prato limpo e encontraria um lugar para ficar, e tudo seria ótimo.

Sawyer ouviu a mulher rir de novo. Pensou por um momento que estava rindo dele, mas não. Outro marciano terraformador havia morrido.

kip

O intervalo do almoço era a melhor parte do dia de Kip. Nada de professores, nada de estágios, nada de pais. Nada que precisasse fazer ou que corresse o risco de estragar. Ele saboreava cada instante. Era um tempo que tinha só para si, e sempre usava da mesma maneira: buscava um choko e um nhoto lá no Boia Boa, sentava-se no banco virado para o jardim de oxigênio e tentava fazer seu breve período de liberdade durar o máximo possível. Chane, que fazia aula de biologia com ele, dizia que os sianat pares eram capazes de desacelerar o tempo com seus cérebros, e Kip duvidava muito que fosse verdade, mas caso fosse, daria um braço ou uma perna para ter a habilidade. Talvez até ambos. Talvez até os olhos. Tá, não os olhos. Mas braços ou pernas, com certeza.

Alguém o atacou por trás, puxando a camisa até a nuca dele.

"*Tek tem*, seu trouxa!"

Kip ajeitou a camisa e jogou a mão para trás antes de saber onde iria acertar. Não foi um soco forte nem nada assim — nunca bateu em ninguém de verdade. Foi só um tapa que nem doeria, muito menos machucaria.

Sua mão atingiu as costelas de Ras, que a afastou com um empurrão de leve e tentou agarrar o choko de Kip.

"Me dá."

"*Dosh*", disse Kip, pondo a bebida fora de seu alcance. "Vai cagar." Com um movimento rápido, bagunçou o cabelo de Ras.

Ras se afastou, como sempre fazia.

"Ah, que isso", reclamou, tentando ajeitar o leve arrepiado com os dedos. "Que desnecessário."

Kip riu, a cara enfiada na bebida, os olhos apertados. Limpou a mão na calça, tentando se livrar da cola de cabelo. Ras sempre passava coisa demais no cabelo.

A briga terminou tão rápido quanto começou. Ele e o amigo ficaram sentados lado a lado, observando a multidão na ínfima esperança de que algo interessante acontecesse. Kip passou a garrafa para Ras, que tomou um gole da gasosa doce e a devolveu. Entravam nesse ritmo sem nem pensar. Foram muitos lanches divididos ao longo dos anos. Na verdade, fora isso que fizera com que recebessem horários de aula e estágio não coincidentes — foram bolinhos demais compartilhados em sala de aula. *Uma distração constante para os outros alunos*, S. Rebane dissera sobre eles. Paciência. Pelo menos ainda almoçavam juntos.

"Sabe Amira, da oficina de tecnologia?", perguntou Ras.

"Sei."

"Acho que ela gosta de mim."

Kip quase soltou choko pelo nariz.

"Tá bom."

"É sério", disse Ras. "Ela estava me olhando."

Kip continuou rindo.

"Tá bom."

"O quê? É verdade!"

"Amira. Da oficina de tecnologia."

"Foi o que eu disse."

"Ela tem uns vinte e cinco anos."

"E daí?"

"E daí que ela só deve ter achado seu cabelo ridículo e não conseguia parar de olhar."

"*Remmet telli toh*." Mas Ras estava sorrindo. "O seu cabelo é que é ridículo."

"É mesmo", concordou Kip. Não tinha nem o que discutir. Ele tinha se penteado esta manhã? Não conseguia lembrar.

A multidão continuou passando de um lado para o outro, de um lado para o outro. Os mesmos rostos, os mesmos padrões de todos os outros dias.

"O que você quer fazer depois do estágio?", perguntou Ras.

"Você não tem aula de história hoje à tarde?"

Ras balançou a cabeça com uma expressão que dizia que ele tinha aquela aula programada, mas de jeito nenhum iria.

"Quer ir jogar?"

"Não", respondeu Kip. Não havia nenhuma simulação nova e já tinham jogado todas as que valiam a pena. Ras nunca recusava *Feiticeiros da Batalha*, mas Kip estava meio cansado.

"Quer ir ver as novas cápsulas de transporte?"

"Nós já fizemos isso ontem."

"E daí? Elas são legais."

Kip deu de ombros. Cápsulas novas só eram legais quando você nunca as tinha visto antes.

"Tudo bem então", disse Ras. "O que você quer fazer?"

Kip deu de ombros de novo.

"Não sei."

Ras tomou posse do choko.

"Você teve um dia ruim ou algo do tipo?"

"Não, foi tudo bem. S. Santoso me deixou ficar à toa. Também me deixou tomar mek durante o meu turno."

"Legal."

"Sim", disse Kip, pegando o choko de volta. "Ela não é ruim."

"Não sei por que você está fazendo os estágios agora. As provas estão chegando."

Esse era o grande plano de Ras, que não mudara desde que tinham doze anos: prestar os exames de admissão e entrar para a universidade (o jeito mais rápido de sair da Frota — em casa só tinham cursos profissionalizantes e posições para aprendizes). Depois disso, arrumaria um bom emprego, iria para uma nave grande e ganharia muitos créditos. Para Kip, era um plano tão bom quanto qualquer outro — e melhor do que ele jamais conseguira formular —, mas não tinha tanta certeza quanto Ras de que poderia ir junto.

"Quando eu não passar, vou precisar de um emprego", disse Kip.

"Você vai passar", respondeu Ras.

"Sou péssimo com provas."

"Todo mundo é péssimo com provas."

"Você não."

Ras não respondeu, porque *ele* não era péssimo nas provas, assim como não estava fazendo um estágio porque sabia que não precisaria. Quando Ras dizia que ia fazer uma coisa, sempre dava certo. Às vezes, Kip ficava com inveja. Queria ser mais como Ras. Seu amigo sempre sabia o que dizer, o que fazer, o que estava acontecendo. Kip ficava feliz com a amizade, mas não sabia o que Ras ganhava com ela.

"Ei, S. Aksoy", chamou Ras. O vendedor da mercearia estava passando por eles, seguido por um carrinho automático trazendo…? "O que é isso?"

S. Aksoy virou a cabeça, fez um gesto para o carrinho parar e acenou para Ras.

"Venha ver."

Kip e Ras se aproximaram. Além dos caixotes reconhecíveis — pó de mek, açúcar de raiz, garrafas de coice — havia três tanques de acrílico cheios d'água, parecidos com tanques de água-viva. Mas as coisas ali dentro não era águas-vivas,

de jeito nenhum. Eram longas e finas, cobertas de espinhos finos. Tremiam ao avançar pela água.

"Encomenda especial para os Arquivos", disse S. Aksoy.

"São animais de estimação ou algo do tipo?", perguntou Ras. "Alguma coisa científica?"

"Não", respondeu S. Aksoy. "São chamados de…"

"*Pokpok*", completou Kip, dizendo a palavra antes de perceber que a sabia.

Ras virou-se para ele.

"Como você sabe disso?"

Kip não fazia ideia. Talvez algo de quando era pequeno? Talvez de alguma simulação educativa, talvez um livro na Rede, ou… não sabia dizer. Adorava saber esse tipo de coisa desde que era criança, e já fazia um bom tempo que cultivava esse interesse. Também se lembrava das origens do *pokpok*. Mas podia sentir Ras olhando para ele, então apenas deu de ombros e não disse que tinha certeza de que aquelas criaturas eram comidas pelos harmagianos. Ras era inteligente, Kip não queria parecer um idiota por dizer algo errado.

"Você está certo, são *pokpoks*", disse S. Aksoy. "S. Itoh vai receber uma convidada harmagiana hoje. Parece que essas são umas de suas comidas favoritas."

Kip observou o *pokpok* se contorcendo pelo tanque, parecendo uma meleca viva espetada. Sentiu seu nariz se enrugar de nojo.

A expressão de Ras era idêntica.

"Eles fritam ou…?"

Os olhos do comerciante se enrugaram nos cantos.

"Olha, não sei nem se eles cozinham…"

Kip gemeu de desgosto. Ras olhou para ele.

"Dou vinte créditos se você tiver coragem de comer um."

"Você não tem vinte créditos."

O comerciante riu.

"Eles custam mais do que vinte créditos, e não são para vocês, de qualquer maneira. Mas aqui." Ele meteu a mão em um dos caixotes do carrinho e tirou dois sacos de salgadinhos. "Amostra grátis, veio das colônias independentes."

Kip aceitou seu salgadinho e olhou para o rótulo. *O primeiro e único camarão apimentado*, estava escrito em klip. Havia outra linha que terminava na palavra *picante*, mas ele não sabia o que significava a palavra que vinha antes. Ele a apontou para Ras. Os dois usavam klip o tempo todo, mas Ras era muito melhor com a língua — isso com klip de verdade, aquele da sala de aula, não só algumas palavras no meio das frases em ensk, como todo mundo fazia (todo mundo que não era velho, pelo menos). Ras sem dúvida ia para a universidade.

"*Soolat*", leu Ras. "É tipo, hã… horrivelmente."

“*Devastadoramente*”, corrigiu S. Aksoy. “Essa seria uma tradução melhor. *Devastadoramente picante*. Não sei se são bons, mas se gostarem, já sabem com quem podem encontrar mais.”

“Obrigado, S.”, disse Ras.

“Sim, obrigado, S.” disse Kip.

O comerciante assentiu com a cabeça e continuou a andar. “Ei, S.”, chamou Ras. “Você disse que a harmagiana vai estar nos Arquivos?”

“Até onde sei”, gritou S. Aksoy de volta antes de desaparecer na multidão.

Ras olhou para Kip.

“Já viu uma harmagiana antes?”

Kip balançou a cabeça.

“Só em simulações.”

“Que horas você volta para o estágio?”

Kip deu de ombros. S. Santoso não tinha combinado um horário específico para sua volta, e dada a conversa daquela manhã, ele não achava que ela se importaria muito se demorasse um pouco.

“Bem, vamos lá então.” Ras seguiu em direção ao elevador do compartimento de transporte.

Kip o seguiu. Ir até os Arquivos só para ver uma alienígena parecia uma coisa idiota de se fazer, mas tudo parecia idiota, então pelo menos era uma coisa idiota que não acontecia todos os dias idiotas. Ele suspirou.

Ras reparou.

“É, eu sei, cara.” Ele balançou a cabeça enquanto atravessavam a multidão. “A Frota é um saco.”

eyas

Um robô poderia ter transportado a carga de Eyas sem dificuldades, mas algumas coisas precisavam ser carregadas pessoalmente. Não que isso fizesse diferença para a sua carga. Os robôs poderiam tê-la levado para o mesmo lugar, talvez até mais rápido. Não era essa a questão. Alguns pesos precisavam ser sentidos e mãos humanas transmitiam um respeito que robôs jamais poderiam.

Ela puxou o carrinho atrás de si, os recipientes lá dentro chocalhando de leve. As pessoas por quem passava reconheceram o som, sem dúvida. Sua carga era inconfundível. Eyas às vezes se perguntava como devia ser para os comerciantes que levavam caixotes cujo conteúdo era desconhecido para os transeuntes. Talvez fosse como um aniversário, como ter uma boa surpresa embrulhada. Os recipientes de Eyas não eram uma surpresa, mas também eram bons. Eram, sem sombra de dúvida, bons, apesar de algumas das pessoas que os olhavam precisarem de alguns instantes para se recomporem.

"Obrigada, S.", disse uma mulher ao passar por ela. A mulher tinha cabelos grisalhos, pelo menos o dobro de sua idade, e ainda assim a tratava por S. Eyas já estava acostumada.

Estava cansada e não muito bem-humorada. Havia acordado com dor de cabeça e pulado o café da manhã — arrependendo-se na primeira hora de trabalho. Sorriu e acenou para a mulher mesmo assim. Isso também fazia parte do seu trabalho. Sorrir. Ser o oposto do medo.

Continuou a descer a via expressa, dirigindo-se ao burburinho do mercado. Foi recebida pelos aromas de peixe crocante, tubérculos quentes e legumes frescos. Sua barriga roncou.

A atmosfera mudou um pouco com a sua passagem, como sempre acontecia. Ela encontrou os olhares demorados familiares, os agradecimentos murmurados,

um ou outro suspiro. Alguém apareceu no limiar de seu campo de visão — um homem mais velho, caminhando até ela.

"S. Parata", cumprimentou o homem. Ele abriu bem os braços.

Eyas não se lembrava do homem quando avançou para o abraço, mas ao ser apertada por ele uma imagem lhe veio à mente. Um rosto em uma cerimônia duas — não, três — decanas antes.

"S. Tucker", cumprimentou ela. "Por favor, me chame de Eyas." Ela se afastou, mas deixou a mão apoiada no braço do homem em um gesto amigável. "Como você está?" Era uma pergunta difícil, ela sabia, mas simplesmente dizer *eu me importo* soaria estranho.

"Ah, você sabe como é", disse S. Tucker. Estava com dificuldades para controlar sua expressão.

"Eu sei", disse Eyas. Ela sabia mesmo.

S. Tucker olhou para o carrinho. Engoliu em seco. "É Ari?"

Eyas fez algumas contas de cabeça.

"Não. Só daqui a pelo menos umas quatro decanas. Se quiser passar lá, posso preparar um recipiente só para você."

Os olhos do homem ficaram marejados. Ele apertou o braço de Eyas.

"Você gosta de bolinho de feijão?", perguntou ele, apontando para sua barraca. "Tenho doce ou salgado, acabaram de sair do forno."

Eyas não era muito fã de bolinho de feijão, mas nunca, jamais recusava um presente em circunstâncias como aquela, e seu estômago estava disposto a aceitar qualquer coisa no momento.

"Eu adoraria um doce."

S. Tucker sorriu e entrou de volta em sua barraca. Pegou um bolinho grande de uma pilha instável e enrolou uma das pontas em um pedaço fino de pano. "Tenha um bom dia, S. Eyas", disse ele, entregando a comida.

Eyas agradeceu e seguiu seu caminho. Recebeu outros presentes antes de chegar ao seu destino — um pacote de sementes de hortaliças, para as quais não tinha utilidade, mas que guardaria para fazer trocas, e uma caneca de chá forte providencial. Interrompeu a caminhada, sentando-se em um banco, e começou a comer a refeição que ganhara. O bolinho de feijão estava tão bom quanto um bolinho de feijão poderia estar, e o chá acalmou uma tensão que ela nem tinha percebido que estava sentindo. Encontrou uma estação de reciclagem e depositou a caneca e o pano em suas respectivas latas, de onde seriam coletados, lavados e reutilizados. Ela retomou a caminhada, arrastando sua própria carga reciclada atrás de si.

Estava indo para o jardim de oxigênio, o centro de qualquer bairro, um aglomerado arredondado de lugares verdes onde se podia brincar, descansar,

pensar. Ela parou o carrinho no lugar de costume, pôs o avental e as luvas e pegou um recipiente. Passou por cima de uma das barreiras de acrílico e entrou em um dos canteiros, pisando com todo o cuidado para não danificar as plantas. Não tinha como deixar de pisar na grama, mas fazia o possível para evitar os arbustos floridos ou as folhas mais largas. Ela se agachou perto de um arbusto e abriu a tampa do recipiente. O cheiro de fertilizante se espalhou no ar, um aroma que Eyas sentia com tanta frequência que ficava até admirada de ainda ser capaz de notá-lo. Ela espalhou o fertilizante perto das raízes com as mãos enluvadas, punhados e punhados dos nutrientes ricos escuros. Não teria se incomodado com o contato direto dele na pele, mas, assim como o carrinho que precisava arrastar ela mesma, era mais uma questão de respeito. Era precioso demais para ser desperdiçado lavando-o de suas mãos mais tarde. Era sempre meticulosa na hora de escovar as luvas antes de dobrá-las e guardá-las, de fazer o mesmo com o avental, de não deixar nada dentro dos recipientes. Cada porçãozinha do fertilizante precisava acabar onde prometeram que acabaria.

Eyas esvaziou um recipiente de cada vez, fertilizando as plantas com toda a atenção. Fazia questão de não andar no trecho onde tinha acabado de mexer e tomava cuidado para não tocar o rosto. Ao terminar um canteiro, sempre plantava nele uma bandeirinha verde, um aviso de que a área tinha acabado de ser adubada. Não havia nada no fertilizante que fizesse mal a seres humanos, mas a maioria das pessoas não ficaria confortável em tocá-lo por acidente. Não importava que fosse apenas fertilizante — nitrogênio, carbono, vários minerais. As pessoas às vezes ficavam mais preocupadas com o que uma coisa *tinha sido* do que com o que ela era *agora*. Era por isso que o fertilizante distribuído em locais públicos era reservado para os jardins de oxigênio e as fazendas de fibra, os únicos lugares públicos da Frota que tinham solo. Ele até poderia ser usado em aeroponia, sem dúvida, mas as fazendas de alimentos recebiam misturas de adubos diferentes, as provenientes de restos de plantas, cascas de insetos, farinha de peixe. Algumas famílias até usavam o recipiente de fertilizante recebido nas suas hortas caseiras; outras jamais cogitariam fazer isso. Eyas entendia os dois lados. Uma clara linha divisória entre certo e errado era rara em sua profissão.

Quando estava quase acabando, sentiu o peso do olhar de alguém. Eyas se virou para ver um garotinho — talvez com cinco anos — observando-a com toda a atenção. Um adulto estava com ele — talvez seu pai ou algum tio —, agachado para ficar da altura da criança, explicando algo em voz baixa. Eyas já imaginava qual era o assunto.

“Olá”, disse Eyas com um aceno amigável.

O homem acenou de volta.

“Oi”, cumprimentou ele, e se virou para o menino. “Você quer dar oi?”

O garoto não quis.

Eyas sorriu.

“Quer vir ver?” O menino mudou o peso de um pé para o outro, depois assentiu. Eyas acenou para que ele se aproximasse. Ela espalhou um pouco de fertilizante na palma da mão enluvada. “Ele explicou o que é isso?”

O menino esfregou os lábios antes de falar.

“Pessoas.”

“Hum, não mais. Nós chamamos de fertilizante. Até *já foi uma* pessoa, mas agora é outra coisa. Eu estou botando nas plantas para elas poderem crescer fortes e saudáveis.” Ela mostrou como fazia isso. “As pessoas que viraram fertilizante agora podem passar a fazer parte das plantas. As plantas nos dão ar limpo para respirar e um lugar bonito para ficarmos, o que nos mantém saudáveis. Um dia, essas plantas vão morrer e também vão virar fertilizante. E aí esse novo fertilizante é usado para cultivarmos a nossa comida, que se torna parte de nós de novo. Então, mesmo quando a gente perde alguém que ama, essa pessoa não nos abandona.” Ela trouxe a palma da mão para o peito. “Os nossos ancestrais são parte de nós. São eles que nos mantêm vivos.”

“Isso é bem legal, hein?”, disse o homem, agachando-se ao lado do garoto.

O menino não parecia ter tanta certeza.

“Posso olhar aí dentro do tubo?”, perguntou ele.

Eyas conferiu se não havia fertilizante do lado de fora do recipiente antes de entregá-lo.

“Cuidado para não derramar”, advertiu.

O menino segurou o cilindro com as duas mãos e uma expressão pensativa. “Parece terra”, declarou ele.

“É basicamente terra”, disse Eyas. “É terra com superpoderes.”

O menino girou o cilindro, observando o fertilizante.

“Quantas pessoas estão aqui?”, perguntou ele.

O homem ergueu uma sobrancelha. Eyas lançou para ele um olhar tranquilizador. Não era a pergunta mais estranha que ela já tinha ouvido.

“Essa é uma boa pergunta, mas não sei”, disse Eyas. “Depois que o fertilizante chega neste estágio, o… o material que o compõe está todo misturado.”

O menino absorveu a informação. Ele devolveu o recipiente.

Eyas enfiou a mão na bolsa do quadril e pegou uma bandeirinha.

“Você quer enfiar isso na terra? Assim as pessoas ficam sabendo que estive trabalhando aqui.”

O menino pegou a bandeira, ainda sem sorrir. Eyas entendia. Era muito para se pensar.

“Onde posso colocar?”

“Onde você quiser”, disse Eyas, gesticulando para a terra ao redor deles.

O menino pensou, então escolheu um ponto perto de um arbusto. Ele cravou a bandeira.

“Dói?”, perguntou ele.

“Dói o quê?”

O menino puxou a ponta da camisa.

“Quando a pessoa vira fertilizante.”

“Não, não, rapazinho”, disse o homem. Ele pôs a mão nas costas do menino e beijou o topo de sua cabeça. “Não, não dói nada.”

isabel

Alienígenas não deixavam Isabel desconfortável. Em sua juventude — um período de sua vida que tinha certeza de que seus netos não acreditavam ter acontecido de verdade —, ela havia passado três padrões saltando túneis, hospedando-se em albergues de estações espaciais, absorvendo cada céu estranho e cidade desconhecida até que a saudade de casa finalmente venceu. Havia sido colega de quarto de um laruano em uma perna da viagem, a companheira de bebedeira de quatro aandriskanos em outra. Foi há muito tempo, sem dúvida, mas esteve em contato com alienígenas desde então — comerciantes, em sua maioria, quando queria importar algo especial. Mas nos últimos anos, ela se viu na estranha e agradável posição de ser uma pessoa procurada por certos indivíduos do Instituto Reskit de Migração Interestelar. A Frota do Êxodo havia voltado à moda entre os acadêmicos e, como arquivista-chefe da *Astéria*, não era mistério para Isabel por que a procuravam. Cada nave residencial da Frota tinha seus próprios Arquivos e arquivistas, mas Isabel era a mais antiga em sua profissão, e mesmo entre os estrangeiros isso significava alguma coisa.

Não era imparcial, é claro, uma vez que trabalhou nos Arquivos durante a maior parte de sua vida adulta, mas, na opinião dela, os arquivos que supervisionava eram quase mágicos. Os primeiros exodonianos tinham abarrotado as prateleiras de servidores antigos com registros da Terra e de suas histórias pessoais, e cada geração desde então acrescentara seus próprios relatos. *O que você está procurando?*, ela perguntava a qualquer um que fosse até a câmara em espiral de nodos de dados (as prateleiras de servidores haviam sido removidas bem antes de sua época). Arte? Literatura? História de sua própria família? História da Terra? Vida na Terra? Qualquer que fosse o tópico, se os humanos julgassem que valia a pena se lembrar dele, os Arquivos o guardavam em segurança.

Sua vida a serviço do passado era o motivo pelo qual ela agora se encontrava realizando uma tarefa bastante fora do comum, algo diferente de ajudar alunos ou fazer a manutenção de nodos ou de realizar cerimônias de registro. Hoje, ela ia se encontrar com uma alienígena e, por mais que se correspondesse com pessoas de várias partes da galáxia, fazia muito tempo desde que estivera no mesmo cômodo que alguém de outra espécie.

Ghuh'loloan tinha vindo direto da doca para os Arquivos e, pelo que Isabel conhecia dela, duvidava muito que a harmagiana tivesse ido até suas acomodações de hóspede primeiro. Ghuh'loloan era a mais entusiasmada de seus correspondentes do Instituto Reskit, e já se falavam há anos. Mas era a primeira vez que se encontravam, e, como era de se esperar, Isabel se viu tentando reconciliar a pessoa que conhecia por escrito com a pessoa diante de si. A pessoa do tamanho de um cachorro, com a pele úmida de um amarelo rajado, acomodada em um carrinho motorizado, sem pernas, sem pés, sem ossos, sem muita forma até a guirlanda de tentáculos, alguns grandes e outros menores ao redor de uma boca sem dentes, e mais acima um par de olhos retráteis que Isabel não conseguia deixar de olhar, por mais que tentasse.

Estrelas, fazia muito tempo mesmo.

"Me desculpe por não ter ido encontrá-la na doca", disse Isabel. "A cerimônia de hoje demorou bastante." Estavam em sua sala agora, em sua mesa de reunião, longe da tecnologia e da equipe ocupada. Bem, supostamente ocupada. Isabel tinha reparado que vários de seus colegas estavam realizando tarefas de importância duvidosa que, vejam só que coincidência, exigiam que passassem diante das janelas de sua sala. Todos queriam ver a visitante.

Ghuh'loloan flexionou sua clava tentacular facial. Isabel sabia que os gestos faciais harmagianos eram importantes na comunicação, mas não sabia interpretá-los. Tinha que se ater às palavras de sua colega, que tinham um sotaque carregado e agradável.

"Imagina", disse Ghuh'loloan. "Você tem seu trabalho, eu sou uma interrupção! Não sinto nada além de alegria em estar na sua presença, pelo tempo que você puder me conceder."

Os harmagianos, como Isabel sabia, tinham uma tendência a exagerar.

"Também estou muito animada para trabalharmos juntas. Fez boa viagem?"

"Sim, sim, foi muito adequada. Já fiz melhores, mas também já fiz muitas piores." Ghuh'loloan riu, e sua risada soava como um arrulho vacilante. Seus olhos retráteis estudaram alguma coisa. "Você está com dificuldade de me entender?"

"Não, de maneira alguma."

"Mas então…" Ghuh'loloan apontou um tentáculo para o rosto de Isabel.

Isabel levou um momento para entender.

“Aaah”, fez ela, removendo o visor. Uma armação fina desapareceu de seu campo de visão, um enquadramento no qual mal reparava até ser retirado. “Sinto muito, estou tão acostumada que muitas vezes me esqueço de tirar. Até já dormi de visor algumas vezes.”

“Ah”, disse Ghuh’loloan, entendendo. “Então é para arquivar, não para traduzir?”

“Uso para tudo, na verdade”, disse Isabel, olhando para as lentes claras em uma armação bem gasta. “É muito mais rápido do que o meu scrib e assim fico com as mãos livres.”

“Não faço ideia de como é isso”, disse Ghuh’loloan em tom bem-humorado. Ela apontou para os olhos delicados e retráteis, que jamais poderiam sustentar o aparelho favorito de Isabel. “Mas parece muito útil.”

Isabel sorriu. “Bem, tenho um pouco de inveja disso”, disse ela, apontando para o carrinho de Ghuh’loloan. “Meus joelhos não são mais os mesmos.”

“Mais uma vez também não faço ideia.”

Ambas riram.

“Aceita algo para beber?”, perguntou Isabel.

“Mek, se você tiver.”

Isabel sabia que tinha, visto que os outros arquivistas não tinham se rebelado.

“Você toma frio, imagino?” Antes de sua colega chegar, ela aprendeu a preparar mek a frio, como bebiam os harmagianos.

Mas a nova habilidade de Isabel não seria testada.

“Bebo,” disse Ghuh’loloan, “mas se quisesse tomar mek frio, teria ficado em casa. Por favor, prepare como você prepararia para si mesma.” Ela fez uma pausa. “Mas talvez não quente demais.”

Isabel assentiu ao abrir a lata de pó de mek, entendendo bem. Um líquido escaldante e uma pele de molusco não seriam uma boa combinação. Ela olhou para cima e riu ao ver que Ghuh’loloan tinha aberto um compartimento de seu carrinho e pegado um scrib e uma caneta.

“Já vamos começar?”

Ghuh’loloan enrolou os tentáculos perto da boca.

“Eu já tinha muitas perguntas antes mesmo de chegar, mas depois de ver essas naves maravilhosas com os meus próprios olhos… ah, mal sei por onde começar! Tudo. Quero saber tudo. Vamos começar pelas naves. Vi tantas coisas a caminho daqui que gostaria de entender melhor.”

“É melhor me dizer o que já sabe, assim não serei redundante.”

“Não. Meu entendimento pode ser falho. Se eu partir do princípio de que já sei alguma coisa, você não terá chance de corrigir meus equívocos. Além disso, é uma oportunidade tão rara de obter informações que não são filtradas por uma tela. Me

fale das naves como se eu nada soubesse sobre elas. Explique tudo como se eu fosse uma criança.”

“Tudo bem, então.” Isabel organizou seus pensamentos enquanto a mekeira trabalhava. “Os arquitetos se basearam em três princípios fundamentais: longevidade, estabilidade e bem-estar. Eles sabiam que para a Frota ter alguma chance de sobrevivência, as naves precisavam ser capazes de suportar tanto a distância quanto o tempo, deveriam ser algo em que os espaciais residentes pudessem sempre confiar, algo que fomentasse a saúde física e mental. A mera sobrevivência não era suficiente. *Não podia* ser suficiente. Se as pessoas brigassem por comida, por recursos, por espaço…”

“Seria o fim.”

“Seria o fim. Precisávamos de um lugar onde os humanos fossem *querer* viver. No longo período entre a saída da Terra e o contato com a CG, nós ficamos completamente sozinhos. Aqueles que viveram e morreram nesse período só conheciam os planetas por meio de histórias. Isso” — ela apontou para as paredes — “era tudo. As naves precisavam ser lares, não prisões. Caso contrário, estaríamos perdidos.”

“Longevidade, estabilidade, bem-estar”, repetiu Ghuh’loloan, escrevendo em seu scrib com seu estranho alfabeto quadrado. “Por favor, continue.”

Isabel pôs o próprio scrib na mesa entre elas e abriu um programa de desenho. Pixels flutuantes seguiram sua caneta enquanto ela desenhava no ar.

“Cada nave residencial é idêntica. No centro fica o cilindro principal, que é onde fica armazenado o suporte de vida. Os tanques de água, de ar e as baterias.”

“Agora, quanto às baterias”, disse Ghuh’loloan, ainda fazendo anotações. “Elas armazenam a energia colhida cineticamente, certo?”

“No início, sim. Bem… certo, deixe-me voltar um pouco. Quando os exodonianos decolaram da Terra, queimaram combustíveis químicos só até os pisos começarem a gerar energia cinética suficiente. Eles também tinham hidrogeradores.”

“Movidos a água?”

“Isso, usando o esgoto.” A mekeira apitou e Isabel encheu duas canecas. “Ao fluir para as estações de tratamento, o esgoto passa por uma série de geradores. Esse sistema ainda está em uso. Não é nossa fonte de energia primária, mas é um bom complemento.” Ela pôs as canecas entre as duas e cogitou pegar a lata de biscoitos guardada em sua mesa. Acabou se decidindo contra. Os harmagianos eram famosos por seus estômagos delicados e ela não queria mandar sua colega para o hospital por causa de alguns biscoitos de gengibre.

Ghuh’loloan pegou a caneca mais próxima, observando as pequenas nuvens de vapor subindo dela. Com a ponta do tentáculo, deu algumas batidinhas hesitantes

na superfície do líquido — uma, duas, três vezes. Aparentemente achando a temperatura suportável, envolveu a alça da caneca com o tentáculo e a levantou.

"Viu só? É por isso que eu queria começar com o básico. Que fascinante. Podemos visitar os geradores de água?"

"Claro", disse Isabel. Não era um lugar que ela ficasse animada de visitar, mas o entusiasmo de Ghuh'loloan era contagiante.

"Maravilha. Mas estou desviando o assunto. Estou correta em afirmar que a energia cinética não é mais sua fonte primária de energia?"

"Isso mesmo. Quando a CG nos deu este sol, começamos a coletar energia solar."

"Sim, vi os satélites quando cheguei. E eles foram fornecidos por…?"

"Pelos aeluonianos." O tom de Isabel era casual, mas seu orgulho ficou um pouco ferido. Sua colega presumiu corretamente que os exodonianos não poderiam ter construído tal tecnologia por conta própria.

Sem lábios, Ghuh'loloan elevou a caneca humana acima de si, recolhendo o rosto no corpo de modo que ficou quase na horizontal, e derramou um pouco de mek em sua boca larga. Seu corpo inteiro estremeceu.

"Ah! Ah, *ah*!"

"Está quente demais?", perguntou Isabel, horrorizada.

"Não, não, só não estou acostumada. Que sensação!" Ela derramou um pouco mais na boca. "Ah! Isso… estrelas, isso é *emocionante*. Acho que nunca mais vou beber mek frio." Ela estremeceu mais uma vez, então envolveu sua caneca com dois tentáculos. "Minha nossa, onde eu estava?"

"Os satélites."

"Sim, e aeluonianos. Eles também deram gravidade artificial a vocês, sim?"

"Isso mesmo."

"Um povo generoso", disse Ghuh'loloan. "Gostaria de poder dizer o mesmo do meu." Ela riu. "Suponho que tenha sido melhor para vocês que eles tenham vencido a guerra contra nós, não é?"

Isabel riu, mas tomou isso como um sinal para voltar ao assunto em questão. A guerra mencionada era uma história muito antiga e muito desagradável. Estava claro que Ghuh'loloan não se importava com um pouco de autodepreciação, mas Isabel não queria passar dos limites e insultá-la.

"É verdade. Então, voltando ao cilindro principal."

"O cilindro principal."

"Ao contrário do anel do habitat, do qual vou falar mais tarde, o interior do cilindro nunca foi projetado para a gravidade, então você não encontrará redes de gravidade artificial lá dentro. Tudo é organizado em um círculo, em torno de um núcleo central."

Ghuh’loloan pousou sua caneca.

“Você quer dizer que quando alguém entra lá…”

“É preciso trabalhar em gravidade zero, sim.”

“Incrível! Eu não fazia ideia de que ainda havia espécies fazendo isso. Não dentro da nave, pelo menos!”

“Tamsin trabalhou lá até alguns anos atrás”, disse Isabel, sabendo que sua colega reconheceria o nome de sua esposa mesmo que ainda não tivessem se conhecido pessoalmente. “Tenho certeza de que ela vai adorar conversar com você sobre isso.”

“Ah! Sim. Sim, isso seria maravilhoso.” Ghuh’loloan fez anotações com energia. “Por favor, por favor, continue.”

“Na extremidade da popa do cilindro — se é que há uma popa no espaço — nós temos os motores. Eles… são motores.” Ela deu de ombros e riu. “Não é a minha área.”

“E não são mais usados.”

“Ainda são usados para corrigir a órbita de vez em quando, mas de fato não são usados como nos dias em que vagávamos pelo espaço. Agora, o círculo — dele eu posso passar dias falando.” Ela arrumou os pixels nas formas que percorria todos os dias. “Seis hexágonos interligados ao redor do cilindro principal.”

“E esse anel girava, antes da gravidade artificial.”

“Isso. Era uma grande centrífuga.”

“Não era desagradável?”

Isabel deu de ombros.

“Não sei. Quando nasci já havia gravidade artificial. Tenho certeza de que há relatos de como era estar em gravidade centrífuga.” Ela fez uma anotação mental para procurar algum depois.

Ghuh’loloan também fez uma anotação em seu scrib.

“Então, seis hexágonos formam o círculo.”

“Seis hexágonos. E dentro deles, há mais hexágonos. Vamos começar de baixo para cima.” Ela pensou por um momento. “Ah, tenho o arquivo perfeito.” Ela acessou uma animação destinada a crianças pequenas. Um hexágono solitário apareceu. “Ok, nós começamos com um cômodo individual. Um quarto, digamos”, disse ela, gesticulando. O hexágono encolheu e foi rodeado por outros seis, criando uma flor matemática. “Seis cômodos em torno de um sétimo. Esta é a estrutura de uma casa.” A animação se expandiu novamente. “Agora você tem seis casas, todas em volta de uma área comum. Nós chamamos isso, previsivelmente, de hexa. Você vai ouvir muito esse termo. O hexa de alguém é seu endereço principal.” Outra expansão. “Seis hexas envolvem um centro, formando um bairro.”

“E dentro de um centro, você encontra…?”

“Serviços cotidianos. Barracas vendendo alimentos, uma clínica médica, lojas de tecnologia, cafés, parquinhos, esse tipo de coisa.” Ela gesticulou de novo. “Tudo bem, aqui é onde tudo começa a ficar maior. Seis bairros formam um distrito. O espaço no meio é a praça. O que se encontra nelas varia de distrito para distrito, mas, em geral, é onde ficam as coisas importantes: escolas, centros de reciclagem, entretenimento, instalações médicas, órgãos do governo, mercados, grandes jardins.”

“Estamos em uma praça agora, não é isso?”

“Isso mesmo. E a partir daí…” A imagem chegou à última forma — seis triângulos compostos por seis distritos cada um, dispostos em torno de um gigantesco hexágono — “Então, tudo isso” — ela circulou a estrutura com as mãos — “é um andar. A parte do meio é o núcleo. É onde ficam as fazendas e as fábricas. No centro de tudo está, bem, a Central.”

“Onde vocês reciclam seus mortos.”

“Eu…” Isabel escolheu as palavras com cuidado, sabendo que não foi intenção da colega ofender. “Não sei se usaria a palavra ‘reciclar’, mas sim.”

“E acima e abaixo do andar residencial, vocês têm…?”

“Acima fica o andar de transporte, onde é possível viajar de um distrito ao outro em uma cápsula. Abaixo fica o processamento de resíduos. E abaixo dele, os mirantes.”

“Sim, estou muito animada para ver suas cúpulas de observação. Não conheço nenhuma outra nave com uma arquitetura dessas. A maioria tem janelas nas paredes, não no chão.”

“Isso remonta à necessidade de evitar disputas por espaço. Se algumas pessoas tivessem residências com vista e outras não, teríamos problemas. E se a gravidade centrífuga puxa nossos pés em direção às estrelas, então não era possível ter janelas na maioria das paredes. Só as pessoas com casas nas bordas de cada andar poderiam ter uma vista, e isso… bem, isso traria problemas.”

“Ahhhhh. Sim, compreendo. Compreendo.” Os olhos de Ghuh’loloan seguiram suas anotações. “Seis casas formam um hexa, seis hexas formam um bairro, seis bairros formam um distrito, trinta e seis distritos formam um andar, quatro andares formam um…?”

“Segmento.”

“Um segmento. E seis segmentos formam uma nave residencial.”

“É isso aí.”

A harmagiana estudou as imagens para crianças de novo.

“É bem bonito, de certa forma. Nada desperdiçado, zero frivolidades. Simples expoentes.”

Isabel sorriu.

“É como… Ah, estrelas, só conheço a palavra em ensk.” Ela mudou de frequência linguística. “*Honeycomb*.”

Ghuh’loloan agitou os tentáculos da boca.

“Não conheço essa palavra. Meu ensk é tão básico que é quase inexistente.”

Isabel gesticulou para o seu scrib e acessou outro arquivo de imagem.

“*Honeycomb*. É uma estrutura feita de hexágonos interligados. Muito forte e eficiente em termos de espaço.”

“Ahhhh. Já vi configurações semelhantes, mas não sei se há uma palavra fácil para elas em klip. Ou hanto, aliás. *Honeycomb*.” Ela esticou o rosto para a frente, em direção à imagem. “Espere, isso é… orgânico? O que é isso?”

“Uma relíquia da Terra. Uma espécie de inseto construía ninhos com as paredes nesse formato, usando… cuspe, eu acho. Não lembro bem.”

“Que estranho. Bem, estou ansiosa para ver seu próprio ninho *honeycomb*.” Seus tentáculos pareceram ficar um pouco mais flácidos. “Minha presença será inconveniente para as famílias de lá? Não estou muito familiarizada com os costumes sociais dos humanos quando se trata de seus lares.”

“Elas sabem que você está vindo, então não há problema. Na verdade, eu adoraria se você se juntasse a mim para uma refeição em minha casa hoje à noite. Tinha pensado primeiro em levá-la a um restaurante, mas…”

“Bah, restaurantes! Em algum momento, sim, gostaria de ir a um, mas no meu primeiro dia aqui preferiria ser *sua* convidada e não a de outra pessoa.”

O termo não passou despercebido — *convidada*. Ela havia pesquisado sobre o assunto antes da chegada de Ghuh’loloan, por conta de uma ligeira mudança nas cartas de sua colega. Uma vez que os planos para sua visita à Frota foram feitos, Isabel parou de ser tratada como *caríssima colega*, e passou a ser *caríssima anfitriã*, e o linguajar de Ghuh’loloan tornou-se mais respeitoso. Era uma mudança importante, Isabel havia descoberto, assim como todo o conceito de *anfitriões* e *convidados* na cultura harmagiana. Em qualquer espécie, esperava-se que os anfitriões se esforçassem para receber bem e que os convidados fossem gentis, mas esses papéis tinham um peso especial para os harmagianos. Um mau anfitrião seria evitado pela comunidade — ou, como as regras se estendiam também aos comerciantes, iria à falência — e um hóspede ruim era quase como um ladrão que cometesse pequenos crimes (o que até fazia sentido, pensava Isabel: os convidados comiam a sua comida e tomavam o seu tempo). Havia inúmeros livros de etiqueta para anfitriões e convidados, o mais famoso deles — *Regras para Convidados de Boa Linhagem* — era referência há mais de cem padrões. Isabel tinha folheado alguns parágrafos e não terminara o livro tedioso. Prevendo que seu status de alienígena lhe garantiria algumas concessões, imaginava que seu status de Boa

Anfitriã pudesse ser conquistado oferecendo uma refeição não venenosa em pratos limpos e uma companhia amigável.

Assim esperava, pelo menos.

tessa

Tessa se aproximou do parquinho, trazendo uma caixa de grilos crocantes pelando.

"Aya!", chamou ela. Nenhuma criança nos balanços se virou, ninguém parou de andar na pista de obstáculos. Ela olhou para a pilha de sucata, onde um bando de crianças erguia folhas inúteis de metal fatigado — com as bordas lixadas até ficarem lisas, claro — tentando montar… alguma coisa. Um abrigo, talvez? De qualquer forma, a filha dela também não estava lá. "Ei, Rafee", disse ela para um garoto que veio correndo em direção ao projeto de construção com um balde de tinta de pixels em mãos.

O garoto parou.

"Oi, S. Santoso", disse ele, olhando para os companheiros. Pelo visto estavam trabalhando com prazos exíguos.

"Você viu Aya por aí?"

Ele se virou e apontou.

"Lá no tanque", respondeu ele antes de fugir, carregando sua carga com as duas mãos na frente do peito.

Tessa foi até a pequena cúpula de acrílico. Do lado de dentro, cerca de dez crianças de idades variadas desfrutavam da liberdade das redes de gravidade desligadas. Em teoria, o tanque servia para as crianças poderem aprender a fazer tarefas em gravidade zero. Havia um painel na parede cheio de botões, interruptores e blocos que precisavam ser encaixados em buracos com formatos semelhantes. Uma menina pequena estava trabalhando com os blocos, muito concentrada. Um garoto um pouco maior corria a toda velocidade pelas paredes internas do tanque com um par de botas aderentes, ficando de cabeça para baixo e dando várias voltas. As demais crianças estavam envolvidas em um clássico — o que mais se fazia nos tanques: ver quem conseguia dar mais cambalhotas no ar depois de chutar a parede. O recorde de Tessa eram quatro.

Ela viu a cabeça com cabelos negros desfiados avançar, depois se curvar para dentro e girar, girar, girar. Tessa contou. *Uma. Duas. Três. Quatro*. Ela sorriu. *Cinco*.

Essa é a minha garota.

Tessa deu um passo à frente e bateu no acrílico. Aya mostrou a surpresa de todas as crianças que viam um adulto fora da situação esperada. Os professores pertenciam às escolas, os médicos, às clínicas, os pais poderiam ser encontrados no trabalho ou em casa. *O que você está fazendo aqui?* , disse a expressão de Aya. Não era uma acusação, apenas curiosidade genuína.

Tessa segurou a caixa de grilos e a sacudiu de maneira tentadora. Não podia ouvir as crianças dentro do tanque, mas a boca de Aya formou as palavras: "O quê? *Sim*!".

Com uma rapidez que Tessa mal conseguia se lembrar de ter, Aya foi para a saída do tanque, agarrando as alças de apoio macias. Ela desceu até o chão, então saiu para a eclusa de ar, perdendo o equilíbrio quando a gravidade voltou a funcionar. Tessa também sempre tropeçara nessa hora.

Aya tirou os sapatos de uma estante próxima, calçou-os e começou a amarrá-los com toda a concentração. Enquanto a filha fazia isso, Tessa viu, sem surpresa, o garoto de botas parar no meio da volta e vomitar. Os rostos das outras crianças se contorceram em risos, caretas de nojo e gritos inaudíveis. Um faxinabô se desencaixou de um canto superior, com seus gentis propulsores impulsionando-o pelo ar em direção à poça flutuante. Tessa bateu no acrílico de novo.

"Tudo bem?", gritou ela para o garoto, mexendo bem a boca.

O garoto deu um aceno fraco, segurando as laterais da cabeça.

Tessa fez um sinal de positivo para ele. Todo mundo já tinha passado por isso.

Aya veio correndo assim que terminou de amarrar os sapatos. Ela estendeu as mãos com um largo sorriso, com várias janelinhas.

"Eu quero, obrigada."

Tessa entregou a caixa a ela.

"Cuidado, está quente."

Sem hesitar, Aya enfiou um dos insetos açucarados fritos na boca. Tessa reparou no sutil estremecimento de dor quando sua filha queimou a língua. Nenhuma das duas comentou o fato.

"Vamos lá, é a nossa família que cozinha hoje", disse Tessa. Começaram a andar juntas.

"Eu sei", respondeu Aya. Ela franziu a testa. "Não estou atrasada, estou?"

"Não, não está."

"Então por que você veio me buscar?" Ela olhou para a caixa de grilos em suas mãos, percebendo que tinha ganhado um doce *antes* do jantar. "Por que você me

deu grilo crocante?”

“Por nada”, respondeu Tessa. “Acho que estou meio sentimental.”

Aya enfiou mais um punhado na boca.

“O que é sentimental?”

“É… ser envolvida pelos seus sentimentos. É como a gente se sente quando fica pensando muito nas pessoas ou nas coisas de que gosta.”

Tessa tinha desviado o olhar da filha, mas podia sentir Aya encarando-a.

“Você está estranha hoje”, disse Aya.

Tessa não queria ter aquela conversa e sabia que teria que tomar cuidado especial em algumas partes, pelo bem de Aya. Mas seu pai iria tocar no assunto assim que chegassem em casa.

“Estou, é verdade. Sinto muito. Aconteceu uma coisa. Está tudo bem. Você precisa saber disso primeiro.”

Aya ouviu com toda a atenção, ainda mastigando.

“Você lembra que o tio Ashby foi construir um novo túnel?”

“Lembro.”

“Bem, havia alguns sapientes lá que não eram muito legais” — ela não tinha certeza se Aya estava pronta para ouvir algo como *Ashby recebeu o primeiro tiro no que parece prestes a se tornar uma guerra por território* — “e eles danificaram a nave dele.”

O rosto de Aya ficou tenso.

“As anteparas estão bem?”

Tessa pôs a mão no ombro de Aya. Sabia por que a pergunta estava sendo feita. Apesar da terapia, da paciência, de todos os esforços de todas as partes e de mais cinco anos de crescimento, Aya ainda desabava ao pensar em qualquer ruptura entre o *aqui* e o *lá fora*. Ela continuava desconfortável perto de eclusas de ar, evitava as cúpulas como se estivessem pegando fogo, e as *anteparas* ocupavam seus pensamentos em um grau preocupante.

“A nave dele está estável”, disse Tessa. “Ele escreveu para mim hoje de manhã e está bem. Há muitos reparos para fazer, mas todos estão em segurança.”

Aya pensou um pouco.

“Ele vem para cá?”

“Por que ele viria para cá?”

“Para fazer os reparos.”

“Há muitas estações espaciais onde ele pode fazer isso. Mas eu queria que você soubesse, antes de chegarmos em casa, que o seu avô está muito agitado.”

“Por quê?”

“Porque Ashby é filho dele e os pais não conseguem deixar de se preocupar com os filhos.” Ela bagunçou o cabelo de Aya. “Então, seja gentil com o vovô hoje

à noite, está bem?”

“Eles usaram uma arma na nave de Ashby?”

As armas eram outro assunto que ocupava seus pensamentos — um perigo exótico e abstrato que Aya conhecia das simulações e dos canais de notícias e das conversas com as outras crianças.

“Sim”, disse Tessa.

“Que tipo?”

“Não sei.”

Aya continuou mastigando.

“Foram os aeluonianos?”

Tessa foi pega de surpresa.

“Foram os aeluonianos o quê?”

“Os alienígenas que quebraram a nave dele.”

“Não. Por que seriam os aeluonianos?”

Mais mastigação.

“Eles têm as maiores armas e entram em guerra toda hora.”

“Isso é…” Tessa se esforçou para processar essa declaração tecnicamente precisa. “Os aeluonianos têm um grande exército, é verdade. Mas são nossos amigos. Eles fizeram muitas coisas boas para nós aqui na Frota e não machucaram Ashby.”

“Você já conheceu um?”

“Um aeluoniano? Já. Trabalhei com alguns comerciantes aeluonianos há muito tempo. Eram todos muito legais. Bem, tirando um. Você não pode esquecer, querida, que os outros sapientes são pessoas como nós. Há bons, maus, e tudo o que há entre os dois extremos.”

Crunch Crunch.

“Então quem atirou no tio Ashby?”

“Uma espécie chamada toremi.”

“Como eles são?”

“Não sei, na verdade. Não sei muito sobre eles. Podemos procurar na Rede quando chegarmos em casa.”

“Você já conheceu um?”

“Não. Como eu poderia ter conhecido se não sei como eles são?”

“Por que eles estavam bravos com o tio Ashby?”

“Não sei. Não acho que estivessem bravos com *ele*, mas com a CG em geral.”

“Por quê…”

“Eu não sei, querida. Às vezes… às vezes, coisas ruins simplesmente acontecem.”

Ela havia parado de mastigar.

“Eles vão vir para cá?”

“Não”, disse Tessa com voz firme e um sorriso tranquilizador. “Eles estão muito longe. A Frota é segura. É um dos lugares mais seguros que existem.”

Aya não respondeu. Sua mãe tinha certeza de que estava pensando em anteparas e fuselagens danificadas.

sawyer

Todo mundo tinha onde morar e ninguém passava fome.

Esse foi um dos principais aspectos que atraíram Sawyer quando começou a ler sobre a Frota. Todo mundo tinha onde morar e ninguém passava fome. Havia uma necessidade prática para isso, ele sabia. Uma nave cheia de pessoas disputando comida e espaço não duraria muito. Mas também havia compaixão, um compromisso em manter uma decência básica. Muitas pessoas na Terra haviam passado fome e frio. Era um dos muitos problemas que os primeiros exodonianos haviam prometido não levar consigo.

Sawyer estava em uma residência agora — uma das vazias, liberadas por uma família que tinha ido embora morar no chão e que agora estava aberta para viajantes como ele. A grama do vizinho era sempre mais verde, ele supunha, mas não conseguia entender por que alguém faria o caminho contrário ao dele. Nas colônias havia pessoas passando fome. Sem ter onde morar. Tinha visto as duas coisas no espaço Central — sapientes recolhendo lixo ou carregando tudo o que possuíam consigo. A CG tentava, de verdade, mas os planetas eram grandes e os assentamentos eram vastos e cuidar de todo mundo era difícil. A situação era melhor em territórios soberanos, mas nas colônias neutras como Mushtullo, onde o comércio era a principal atividade e não se chegava a um consenso sobre quais regras deveriam ser seguidas… bem, era fácil para algumas pessoas ficarem sem assistência. Sawyer tinha sido assaltado duas vezes no último padrão, na primeira por uma mulher perturbada com um conector cranial mal instalado, e na segunda por alguém que nem viu. Só sentiu a pistola nas costas e a mão, que não conseguia identificar, torcendo seu braço para escanear seu implante e roubar seus créditos. O banco recuperou seus créditos, mas não era esse o ponto. Alguém estava disposto a matar por causa de… o quê? Algumas roupas novas? Algumas decanas de

mantimentos? Foi a gota d'água para Sawyer. Foi naquele momento que decidiu ir embora.

Ele deixou sua mala no chão e olhou em volta. Um cômodo de entrada para armazenar pertences, uma sala de estar, um banheiro e mais quatro quartos, todos do mesmo tamanho e formato, todos sem janelas, em torno da escotilha circular que levava à cúpula da família. A residência era organizada e mobiliada com móveis básicos, todos os indícios dos donos anteriores haviam sido apagados por faxinabôs. Havia mesas e cadeiras, alguns sofás. Armários para alimentos e pertences. Canteiros vazios que esperam plântulas e alguém para cultivá-los. Parecia um pacote de casa, algo saído de uma caixa. Não havia sinal de que outras pessoas tivessem morado lá — exceto um. Sawyer caminhou com reverência para a parede da sala, aquela que os faxinabôs sabiam que não deveriam limpar. Estava coberta de marcas de mãos, registradas em tinta de todas as cores. Grandes, pequenas, algumas pegadas infantis borradas. *Belkin*, alguém pintara por cima — o nome da primeira família que morara ali e o nome adotado por todas as outras famílias que moraram lá depois, independentemente da genética. Esse era um dos muitos costumes exodonianos que Sawyer admirava. Quando nascia, você adotava o nome de seus pais. Quando você crescia e começava sua própria família, adotava o nome da casa onde se instalava. Em muitos casos, seu nome não mudava, caso você continuasse morando com seus pais, seus avós e assim por diante. Se você se mudava para a casa de seu parceiro, adotava o nome da família dele. Se vocês decidissem morar em uma nova casa, diferente da de suas duas famílias, vocês dois adotariam o nome de quem cuidou daquela casa antes. Sawyer gostava disso.

Ele olhou para as letras grossas pintadas acima de sua cabeça. Não era um Belkin. Esse ainda não era seu costume, e aquele lugar era apenas temporário. Passou a mão ao longo de onde as outras estiveram. "Uau", sussurrou. Ele não precisou contar as marcas para saber que havia pelo menos nove gerações representadas ali, inclusive a primeira. Ele se agachou, olhando para a parede perto do chão. As marcas estavam desbotadas e cobertas com outras, mas suas formas ainda eram distintas: seis adultos, três crianças, um bebê. Tentou imaginar o que deviam ter sentido ao ver seu planeta desaparecer por uma janela no chão, ao pressionar as mãos pintadas em uma parede vazia com a esperança de que um dia essa parede estivesse cheia.

Sawyer pôs a mão sobre a pequena pegada. Aquela criança cresceu sem jamais conhecer um planeta. Aquela criança cresceu e morreu naquela nave, além de todos os seus descendentes. A enormidade disso quase o deixou tonto.

Ele se levantou e olhou ao redor do aposento. A parede estava cheia, mas a residência estava vazia. Tão vazia. Era um espaço destinado a abrigar pelo menos três gerações, onde as crianças podiam correr e os adultos podiam relaxar e todos

passariam tempo juntos. Mas naquele momento, só continha ele. Sozinho em uma sala ampla repleta de fantasmas. Havia famílias do lado de fora, nas casas com as quais os Belkin haviam dividido um hexa. Sawyer sabia que a cozinha também era para o seu uso, e o castigo digestivo após o especial do nono dia de Jojo já tinha passado há tempo suficiente para ele estar com fome de novo. Mas não tinha certeza se devia ir lá. Quando fora ao departamento de habitação, tinha esperanças de ser colocado em uma casa com outra família — um quarto extra, conforme tinha lido. Quando foi para o hexa que haviam lhe passado, estivera esperando uma grande recepção, que lhe apertassem a mão e oferecessem largos sorrisos, várias apresentações. De fato, haviam apertado sua mão e se apresentado, mas nem todos haviam sorrido, e a maioria destes havia sido acompanhada de uma expressão confusa, e todos pareciam ocupados demais para ele. Havia crianças para correr atrás, legumes para cortar. Todos o observavam, porém, com olhares e sussurros indagadores. Ele notou. Ele era um estranho, o novo vizinho, o cara que acabara de se mudar. Eles tinham seus próprios afazeres, e aos poucos quebrariam o gelo. E verdade fosse dita, Sawyer estava cansado. Fora uma longa viagem e um longo dia. Uma aventura de cada vez.

Enfiou a cabeça em cada um dos quartos, tentando determinar qual era seu favorito. Eram todos idênticos. Ele se decidiu pelo do meio à esquerda e se sentou na beira da cama. O filtro de ar zumbia baixinho. Podia ouvir um leve ruído nos canos abaixo do chão, um ou outro barulho nas paredes. Mas fora isso, nada. Nenhum idiota bêbado na rua, nenhum esquife passando, nenhum veículo de entregas roncando. Era agradável. Era estranho. Levaria um tempo para se acostumar.

Seu estômago roncou. Ele enfiou a mão na mala e tirou o bolinho de feijão que havia comprado no caminho. Estava acostumado com embalagens que amassavam e farfalhavam, mas até o tecido era silencioso. Deu uma mordida. Era só um doce barato, mas seu paladar floresceu com gratidão por ter algo açucarado na boca. Toma, sanduíche de conserva.

Sawyer ficou sentado sozinho, comendo seu lanche. Ok, não era o primeiro dia que tinha imaginado, mas não deixava de ser verdade. Todo mundo tinha onde morar e ninguém passava fome.

kip

Havia um equilíbrio delicado na hora de lavar os pratos. Se você lavasse rápido demais, um dos seus pais ou um vizinho de hexa o obrigaria a fazer tudo de novo. Se demorasse muito, no entanto… bem, então você passava seu tempo lavando pratos. Ninguém queria uma coisa dessas.

Ele pegou um prato da pilha interminável e raspou os restos de comida, jogando-os no balde de compostagem. Migalhas, restos, todo o óleo e molho que não foram absorvidos pelo pão. Meio nojento, mas poderia ser pior. Lembrou-se de uma vez ter assistido a um vid de detetive passado em Titã — *Assassinato no Mar de Prata* — no qual alguns personagens estavam em um restaurante chique tendo uma conversa muito doida e inteligente na qual tanto a investigadora quanto o informante acham que o outro é o verdadeiro assassino e eles estavam dizendo isso, mas não abertamente — e também estavam meio que dando em cima um do outro? A cena era *muito* complexa, sério — e quando a conversa acabou, os dois… largaram a comida lá. Tipo, deixaram o garçom recolher os pratos enquanto iam embora. A cena faria sentido se uma das pessoas não estivesse com fome ou estivesse com dor de estômago ou algo do tipo, mas se fosse esse o caso, a outra teria comido as sobras. Mas não. *Os dois foram embora*. Deixando a comida na mesa. Era esquisito pra dedéu. Ele nem imaginava como seria lavar os pratos em um lugar como aquele. Lidar com pratos ainda cheios de comida parecia nojento.

Depois de jogar os restos no balde, pegou o aerossol que se encontrava em qualquer cozinha e mandou ver. Ele gostava daquela parte quando era pequeno. Ele se lembrava de achar satisfatório. Mas isso tinha sido onze bilhões de pratos atrás, e soprar os pedaços de comida há muito havia perdido seu charme. Olhou para Xia, que estava ajudando-o naquela noite. Ela tinha sete anos e ainda não havia percebido que fazer tarefas adultas como lavar pratos, podar plantas e limpar o chão era um porre. Ela estava ao lado dele, atenta, esperando por cada prato que ele

lhe entregava, para então colocá-los com todo o cuidado na desinfetadora. Ele precisava admitir, era meio fofo.

Ele entregou o prato soprado para Xia, depois pegou o próximo prato sujo, raspou, soprou e entregou, recomeçando o ciclo. Do outro lado do balcão da cozinha, os outros moradores do seu hexa estavam sentados nos mesmos lugares nas mesmas mesas, como sempre faziam, tendo as mesmas conversas de sempre.

"Essas bombas de algas novas que todo mundo está usando não prestam", disse Bisa Ko. "Dá para sentir na catamarã. Sempre que a gente passa da zona lenta, começa um zumbido." A bisavó de Kip tinha sido pilota de cargueiros e achava que qualquer tecnologia inventada nos últimos trinta anos era um lixo.

"Já falei, estamos fazendo tudo errado na questão do orçamento da água", disse S. Nguyen, falando de alguma coisa a ver com política, como sempre. "Se as outras guildas se juntassem para pressionar os produtores sobre as vistorias das fazendas, os produtores teriam que ceder e o conselho não teria escolha senão financiar. Mas para isso as guildas teriam que se organizar e trabalhar juntas, e todos sabemos que isso não vai acontecer." Sério, não havia nada mais chato do que política.

"Você viu o novo canteiro que botaram lá no 612?", disse S. Marino. Kip adivinhou que a próxima frase incluiria a palavra *importações* ou *créditos*. "Foram todas mudas importadas." Bingo. "Plantaram até jorujola lá. É incrível, vocês já viram? Aquelas folhas bioluminescentes? Mas não sei de onde tiraram os créditos." Bingo de novo.

"Ouvi dizer que Sarah voltou a morar com os Zhang", contou S. Sousa em um sussurro entusiasmado para a mãe de Kip. "Não é da minha conta, claro, mas não é a primeira vez que um relacionamento dela acaba mal, e então fico me perguntando…" A mãe de Kip deu um aceno de cabeça que não significava muita coisa, e de vez em quando dizia um "aham". Kip sabia que ela não estava interessada, e nem sequer gostava muito de S. Sousa, mas fingia que sim, porque era assim que hexas funcionavam.

"Isso me lembra aquela vez em que eu e Buster soltamos um tanque inteiro de gafanhotos", disse o pai de Kip, rindo, em uma conversa com os Muller. "Eu já contei essa história antes?" Estrelas, pai. Sim, você já tinha contado essa história antes. Um milhão de vezes.

Kip pensou em restaurantes solários, onde as pessoas discutiam assassinato e sexo e deixavam pratos cheios de comida para alguém recolher. Pensou nos exames de admissão da universidade, cada dia mais próximos. Pensou em sua pontuação no último simulado. Ras tinha dito a ele para não se preocupar, que ele se sairia melhor da próxima vez. Mas Kip sabia a verdade. Ele não ia passar, e viveria no mesmo hexa para sempre, limpando os pratos e ouvindo seu pai contar as mesmas piadas várias vezes até que um deles morresse.

Estrelas, estava preso. Estava preso ali.

Kip raspou e soprou mais rápido, sabendo que tinha deixado algumas partes menos limpas, mas torcendo para que o calor do desinfetante queimasse as evidências.

“Sobrou um pouco ali”, avisou Xia, segurando o prato que havia recebido, apontando para algumas migalhas oleosas.

Kip suspirou e pegou o prato de volta.

“É verdade”, disse ele, raspando o prato de novo. Por que é que os intervalos de almoço nunca duravam tanto?

Finalmente a porra da pilha de pratos terminou. Xia pareceu satisfeita; Kip ficou aliviado. Ambos lavaram as mãos. Quando fizeram isso, algumas bolhas surgiram na grande cisterna clara perto dos canteiros de temperos. Kip lembrou-se de uma vez quando era pequeno e tinha deixado a água ligada um tempão porque gostava das bolhas. Sua mãe lhe dera uma bronca por causa disso.

Olhou para Xia, contando em voz baixa enquanto lavava as mãos, desligando a torneira rapidamente quando chegou ao *quinze*. Parecia que também tinha levado uma bronca.

Kip fez menção de ir para casa, mas sua mãe o chamou, interrompendo S. Sousa.

“Kip?”, chamou ela, inclinando-se para longe da mesa. “Você esvaziou o balde?”

Kip fechou os olhos.

“Não.”

“E aí?”

Kip suspirou de novo, caminhou de volta até a cozinha, pegou o balde com as migalhas, as cascas de insetos e caules vegetais, arrastou-o até o jardim e jogou-o na caixa quente. Podia sentir a mãe observando-o o caminho todo.

“Não entendo por que ele não vem sentar com a gente”, ouviu seu pai resmungar. Seu pai nunca resmungava tão baixo quanto pensava.

“Ele virá quando quiser”, respondeu sua mãe.

Kip não queria. Queria ir para casa, então assim o fez. A porta da frente deslizou atrás dele, fechando-se, e Kip suspirou aliviado. Tirou os sapatos e foi para o quarto, deixando a porta se fechar atrás dele também. Uma barreira dupla. Ele se jogou na cama e fechou os olhos. *Até que enfim*.

Ouviu um apito de seu scrib, abafado por… alguma coisa. Ele se sentou e olhou em volta. Nada. Rolou, pegou sua mochila do chão e começou a procurar. Nada. Rolou para o outro lado. Lá estava ele — no chão, saindo do casaco que havia usado mais cedo. Ele o pegou e viu um alerta piscando com uma mensagem de Ras.

Ras (17:20): vc tem um cabo
Kip (18:68): não…
Kip (18:68): por quê?
Ras (18:69): Tenho uma coisa muito legal pra gente fazer
Kip (18:70): o quê?
Ras (18:70): é surpresa
Kip (18:70): que tipo de surpresa
Ras (18:71): um projeto de tecnologia
Ras (18:71): vai por mim, vai ser legal
Ras (18:71): consigo tudo em algumas decanas
Ras (18:72): a não ser que vc esteja ocupado estudando

Isso era um código. Os pais de Kip não liam o seu scrib, até onde ele sabia, mas os de Ras tinham feito isso uma vez, e descobriram que ele e Rosie Lee haviam roubado duas garrafas de coice do Compartimento Doze e tomado tudo juntos. Tinha sido um desastre. Um completo desastre. Então, agora, se havia algo que Ras queria falar, mas não queria escrever, ele dizia “a não ser que vc esteja ocupado estudando”, em vez de “é segredo, conto pessoalmente”. Estudar era o código perfeito para qualquer coisa. Afinal, era muito responsável. Que pai leria isso e ficaria preocupado?

Bem, talvez os pais de Ras. Ele nunca estudava.

eyas

O trajeto entre as naves residenciais era lindo. Ela já havia pegado a catamarã tantas vezes que perdera a conta, mas ainda ficava na expectativa pelos vinte minutos ou mais em trânsito. Podia olhar o espaço sempre que quisesse de uma das cúpulas, mas era fácil esquecer que a realidade não terminava com uma antepara, que as estrelas no fundo escuro lá fora não eram apenas uma foto bonita emoldurada sob seus pés. Era ao ir para fora da fuselagem, ao viajar pelo espaço entre as naves residenciais, que ela era lembrada da verdadeira magnitude das coisas. O trecho visível da janela ao lado do seu banco era movimentado (a janela *ao lado* dela, isso era importante — a confirmação de que o espaço existia não apenas abaixo, mas *acima* e *ao lado*). Ela podia ver catamarãs públicas, ônibus espaciais de famílias, cargueiros, drones de correio, indicadores de navegação, satélites coletores. Havia algumas pessoas em trajes espaciais, fazendo reparos ou apenas se divertindo, separadas do trânsito por fileiras de flutuadores autônomos. Atrás de tudo isso estava o seu sol adotivo, Risheth — uma esfera branca do tamanho de um melão, brilhando de leve através das janelas filtradas da catamarã, derramando luz sobre as rochas flutuantes que a gravidade juntava com o tempo. Não havia planetas, no entanto. Risheth não tinha nenhum corpo orbital grande o suficiente para terraformar (por isso os aandriskanos não se incomodaram de abrir mão do sistema). Eyas tinha visitado o chão duas vezes na vida, durante férias curtas, e foram experiências maravilhosas, mas nada que precisasse repetir. Os planetas eram imponentes. Impressionantes. Intimidantes. Eyas preferia o espaço aberto. Era mais simples. Embora fosse perigoso. Embora ela tivesse visto seu pior. Mas não precisava pensar nisso agora. Não havia por que estragar a vista.

A catamarã atracou na *Ratri* e Eyas se juntou ao fluxo de passageiros saindo. A maioria das pessoas tinha ido fazer comércio ou uma visita social, transportando mercadorias ou bagagem. Eyas não estava lá por nenhum dos dois motivos, então

não levava nenhuma das duas coisas. Tinha apenas uma bolsa e as roupas que usava — das quais não precisaria em breve.

Eyas não fazia sexo em sua própria nave desde o seu aniversário de trinta anos, dois padrões antes. Fazia ainda mais tempo desde que tivera relações com alguém que não fosse um profissional. A combinação dessas duas decisões foi a melhor coisa que já fizera por si mesma (bem, talvez só não fosse melhor do que ter saído da casa da sua mãe e ido morar com amigos). As pessoas não sabiam se comportar com naturalidade com os cuidadores. Era parte do trabalho e ela já estava acostumada. Mas isso atrapalhava os relacionamentos, especialmente aqueles em que as roupas eram opcionais. Sempre que contava a um parceiro em potencial o que fazia, a reação era de extrema deferência — o que levava ao trabalho exaustivo de convencê-lo de que ela era só uma pessoa comum que queria uma noite descomplicada com outra pessoa — ou desconforto, o que era um balde de água fria. Suas escolhas eram, então, ou seus colegas de trabalho — e a profissão de cuidador era bem incestuosa nesse sentido, mas ela não tinha nenhum colega de trabalho por quem se interessasse assim — ou os clubes de prazer. Ela aprendeu que a segunda opção funcionava melhor com um pouco de distância. A última vez que visitou um dos clubes de prazer em sua própria nave, o anfitrião para o qual tinha sido mandada era um dos membros da família presente em um enterramento conduzido por ela uma decana antes. Ele percebeu quem ela era antes de terem ido muito longe, e ela passou as duas horas seguintes ouvindo-o desabafar sobre a morte de seu tio. Não se incomodava em fazer isso, mas não era o que tinha ido procurar ali. Desde então, visitava os clubes fora de sua própria nave, onde ninguém conhecia seu rosto ou sua profissão, onde ninguém começava a chorar assim que ela tirava a roupa (ela sabia que o choro não fora uma resposta à sua falta de roupas, mas mesmo assim…).

Ela pegou a rampa de saída até a doca, foi da doca para o andar de transporte e do andar de transporte para a praça, que finalmente a levou até o clube. Todos os clubes tinham nomes extravagantes — Devaneios, Da Cabeça aos Pés, Saída de Emergência. O estabelecimento onde entrou agora se chamava A Porta Branca; era sua primeira vez ali (ficou satisfeita ao reparar que a porta combinava com o nome). Saiu da luz artificial da praça para uma iluminação bem diferente: sim, era mais escuro ali, mas proporcionava uma atmosfera acolhedora, não uma simples ausência de luz. A decoração era elegante e simples, como a de outros clubes. Ela havia notado estabelecimentos supostamente semelhantes em sua viagem a Marte quando adolescente, mas não conseguira aceitar o visual: lugares sem janelas nas proximidades de bares e docas, pintados de vermelho brilhoso e decorados com closes de bocas e músculos. Não conseguia imaginar como alguém poderia achar tal lugar atraente, que dirá *gastar créditos* ali. Os créditos não tinham lugar nos

clubes, nem a permuta. Ofereciam um serviço, não bens, e os anfitriões pertenciam à mesma categoria vocacional que ela: *Saúde e Bem-estar*. Os clubes de prazer eram uma velha tradição, faziam parte da Frota praticamente desde o início, uma das muitas maneiras de manter todos saudáveis durante uma viagem que durava a vida inteira. Os anfitriões levavam essa tradição a sério, tanto quanto Eyas levava a sua. Além disso, estavam entre as pessoas mais gentis que ela já conhecera. Não era preciso dizer que, para trabalhar em um clube, você precisava gostar *muito* de gente.

O corredor levava a um grande salão, cheio de trepadeiras floridas, globoluzes flutuantes e móveis confortáveis. Na entrada havia uma recepcionista, uma mulher de aparência simpática, com cabelo azul preso em uma trança intrincada. Eyas se aproximou da mesa, sentindo um levíssimo choque ao passar pelo escudo de privacidade que bloqueava os sons de sua conversa com a recepcionista. Era um dos muitos toques que Eyas apreciava.

"Bem-vinda", cumprimentou a mulher com um sorriso gentil. "Acho que nunca vi você por aqui antes, não é?"

"Não", disse Eyas. "Eu sou da *Astéria*."

"Ah, então seja duplamente bem-vinda, vizinha!" Ela gesticulou para o projetor de pixels protegido de maneira discreta na sua frente. "Você está registrada no sistema de sua nave, então?" A mulher acenou com a cabeça em direção ao escâner de implantes preso na borda de sua mesa. "É só passar o seu implante e eu transfiro as suas informações. Estava querendo uma mudança de ares?"

Eyas posicionou o pulso para a leitura do escâner.

"Isso mesmo."

"Sei como é", disse a mulher enquanto analisava os novos pixels carregados pelo implante de Eyas. Algumas das informações Eyas havia preenchido ela mesma — do que gostava, do que não gostava, esse tipo de coisa —, mas imaginava que devia haver mais informações em seu arquivo. Sobre a sua saúde, provavelmente. Talvez algum tipo de anotação de que ela sempre seguia as regras. "Tudo bem. Você está querendo tentar a sorte ou prefere algo mais certo?" Essa opção era sempre dada na entrada. Você estava interessado em conhecer outros visitantes e ver o que a noite tinha a oferecer ou…

"A segunda opção", disse Eyas. Não que fosse *certo*. O anfitrião podia se recusar a atender, por qualquer motivo, e ela poderia sair a qualquer momento. Nenhuma das partes era pressionada a fazer nada e o conforto mútuo era essencial. Mas ser apresentada a outro visitante estaria fora de propósito, considerando o motivo de ela ter ido até ali.

Um aceno de cabeça educado, alguns gestos.

"Você está interessada em um único parceiro ou em mais de um?"

“Apenas um.”

“Alguma mudança em suas preferências?”

“Não.”

“E quanto tempo você gostaria de passar aqui? A noite toda, algumas horas…?”

“Metade da noite.” Tempo suficiente para aproveitar a viagem, mas com tempo de sobra para voltar para casa e dormir em sua própria cama. E era por isso, além de todos os outros motivos, que a coisa mais *certa* era de longe a melhor opção. Ela via tantas semelhanças entre o seu trabalho e aquele, ainda que opostos no espectro de experiências de vida. Ela também tinha corpos de desconhecidos sob seus cuidados. Eles não podiam falar, mas haviam lhes garantido, durante a vida inteira, que quando chegasse a hora, seriam tratados com gentileza e respeito. Ninguém os acharia estranhos ou feios. Ninguém faria nada indelicado. Seriam cuidados por alguém que entendia o que era um corpo, quão importante, quão singular ele era. Eyas despia esses corpos. Lavava-os. Via suas imperfeições, suas dobras, as partes que mantinham escondidas. Pelo pouco tempo que passavam juntos, ela lhes dedicava toda a sua formação, doava-se completamente. Era uma atividade íntima, preparar um corpo. Uma intimidade que se igualava a apenas uma outra. Então, quando botava seu próprio corpo nas mãos de outra pessoa, queria o mesmo respeito. Você não tinha tal garantia com um estranho em um bar. Não era possível saber só por uma conversa durante algumas bebidas se eles compreendiam de coração que o corpo de outra pessoa sempre deveria ser deixado melhor do que você o encontrou. Com um profissional, você podia contar com isso. E também saberia que seus imunobôs estavam atualizados, que não havia risco de uma gravidez indesejada, que não haveria qualquer indefinição sobre passarem ou não a noite juntos ou se vocês se encontrariam de novo ou se aquilo significava alguma coisa. Claro que sempre significava alguma coisa. Mas não havia como saber se significava a mesma coisa para ambos. Na opinião de Eyas, ir a um clube era a maneira mais segura de fazer sexo, tanto física como emocionalmente. A outra opção era um campo minado.

Os pixels atrás do balcão foram filtrados quando a mulher de cabelos azuis registrou as respostas de Eyas.

“Tudo certo”, disse ela. “Hoje tenho oito homens livres que são compatíveis com os seus parâmetros. Você gostaria de olhar a lista, ou…”

Eyas percebeu, naquele momento, que não queria tomar mais decisões. Não tinha pensado nisso ao ir para a *Ratri*, mas estava *cansada*, um cansaço que se tornara cotidiano por motivos que não sabia dizer. A decana não tinha sido ruim, mas tinha sido longa, e ela estava cansada de tomar decisões.

“Surpreenda-me”, pediu ela. Então fez uma pausa, pensando melhor. “Pode ser o que você achar mais legal.”

“Ah! Você vai me arrumar problemas.” A mulher bateu nos lábios, pensativa, então gesticulou decidida para os pixels. “Tudo bem, o seu quarto é o catorze. Seu anfitrião chegará em cerca de vinte minutos. Fique à vontade para esperar lá, ou se preferir pode relaxar no salão. Se quiser tomar um banho, há chuveiros à direita do bar. Também pode ir lá com seu anfitrião. Se não for direto para o quarto, chamaremos você quando chegar a hora.” Ela deu a Eyas um sorriso divertido. “E *não* conte para ele que eu o escolhi ou nunca mais terei paz.”

Eyas agradeceu e seguiu em frente. O salão era convidativo, e o bar mencionado tinha várias garrafas coloridas de coice, um cardápio de petiscos e algumas jarras transparentes exibindo diversos tipos de palha-vermelha e estouro. Normalmente, teria comprado algum aperitivo picante ou uma bebida doce. Teria conversado com o atendente do bar, observado a clientela (que, como sempre, era muito variada), talvez jogado uma partida de flash com outra pessoa esperando sua vez. Mas Eyas olhou para a multidão e só quis estar atrás de uma porta.

Ela foi até o quarto catorze, passou o pulso na fechadura e entrou. Só olhar o quarto foi como tomar um gole d’água depois de várias horas de sede. Tudo parecia macio — a cama, o sofá, até a mesa, de alguma maneira. Havia uma caixa de som, uma caixa fria para bebidas, um compartimento cheio de outros acessórios que o anfitrião poderia utilizar, se assim desejado. Tudo limpo, convidativo. Tudo para ela.

Ela se sentou no sofá, fechou os olhos e esperou os vinte minutos. Mal sentiu o tempo passar.

A porta apitou baixinho antes de abrir. Um homem entrou, carregando uma garrafa de alguma bebida âmbar. Ele era alto, mas não alto demais. Estava em forma, sem ser sarado demais. Seus cabelos eram grossos e seus olhos eram gentis.

“Ei”, disse ele. “Eu sou Sunny.”

Claro, pensou Eyas. *Solar*.

“Eu sou Eyas.”

“Eyas”, repetiu ele, a porta se fechando atrás dele. “Nunca ouvi esse nome antes.”

Seus lábios se apertaram enquanto ela se preparava para dar uma explicação que já dera um milhão de vezes. “É uma palavra antiga que significa falcão.”

Sunny encostou-se no estrado da cama. “O que é um falcão?”

“Um pássaro da Terra. Uma ave de rapina, aparentemente. Muito impressionante, muito rápido. Minha mãe” — ela tentou encontrar uma maneira diplomática de explicar a pessoa mais incongruente de sua vida — “é uma romântica.”

“Dá pra perceber. É um nome poético.”

“Sim. Bem, ela não pesquisou a fundo o suficiente nos arquivos de idioma para descobrir a tempo que eyas era um falcão *bebê*, não um falcão adulto. Então, eu sou um passarinho arrepiado que ainda não aprendeu a voar. Não é o melhor sentimento para se carregar quando adulto.”

Sunny riu. “Você não é a única com um nome assim. Eu conheço um cara chamado Leirão.”

“Não sei o que é isso.”

“Você sabe o que é um leão?”

Eyas se lembrou das excursões escolares aos Arquivos.

“É um… Ah, eu conheço.” Ela franziu a testa, vasculhando neurônios que não eram usados há algum tempo. “Algum tipo de carnívoro, certo? Ou estou enganada?”

“Não, você está certa. É tipo um gato selvagem gigante. Belo, poderoso, imponente. Era o que os pais dele queriam. Só que eles se confundiram e não verificaram antes, então acabaram botando Leirão.”

“E o que é um leirão?”

Sunny levantou um dedo e tirou seu scrib do cinto. Gesticulou para a tela, depois a virou na direção dela. Os Arquivos exibiram o homônimo de seu amigo — um roedor pequeno e inofensivo de rabo peludo.

Eyas riu. “Ok, estamos no mesmo barco.”

O anfitrião riu enquanto colocava seu scrib na mesa. “Ei, não sei se serve de consolo, também não gosto do meu nome.”

“Quer dizer que seu nome não é Sunny?”, disse Eyas com um sorriso.

O anfitrião deu uma piscadela.

“Então, fiquei sabendo que você teve um longo dia.”

Eyas ergueu as sobrancelhas.

“É mesmo?”

“Foi esse o palpite de lana, pelo menos. Ela entendeu errado?”

Presumindo que lana fosse a mulher de cabelos azuis, Eyas a parabenizou mentalmente pela perspicácia.

“Não. Foi mesmo um longo dia.”

Sunny levantou a garrafa.

“Você gosta de sintalin?”

“Nunca experimentei.” Ela pensou no nome. “É aeluoniano?”

“Laruano. É… bem, é o que tomo depois de um longo dia.” Ele pegou dois copos, fazendo uma pergunta silenciosa. Ela assentiu. Ele serviu.

Eyas examinou o copo em sua mão. O líquido tinha um tom de caramelo quente, e a cor ia ficando mais escura no fundo do copo. O cheiro era diferente de

qualquer coisa que ela já havia provado. Era um cheiro bom, pelo menos. Um cheiro condimentado. Ela tomou um gole e fechou os olhos.

"Uau."

"É bom, não é?" Sunny sentou-se ao seu lado no sofá — perto, mas não demais. Como bons amigos se sentariam, e com a mesma naturalidade. Ele tomou um gole do seu próprio copo.

"É incrível." Ela riu.

"Tenho uma amiga que trabalha com cargas, ela faz muitas paradas no espaço laruano. Ela sempre me traz uma caixa quando volta."

"Isso não veio do bar?"

"Não, veio da minha reserva."

Outro ponto para lana. Era possível que Sunny dissesse a mesma coisa para todo mundo que vinha ao quarto catorze, mas mesmo que fosse mentira, ainda era muito agradável.

Sunny a olhou com uma expressão séria.

"Eyas, estou aqui para lhe dar uma boa noite e isso pode ser qualquer coisa que você precisar. Se preferir conversar, beber um pouco, relaxar — tudo bem. Por mim não é problema."

Eyas tinha certeza de que ele dissera aquelas palavras antes, mas também tinha a impressão de que estava sendo sincero. Ela estudou o rosto dele. Seus lábios pareciam macios. Sua barba era perfeita, quase irritantemente.

"Não", respondeu ela. Pôs a mão no peito dele. Deixou o copo na mesa, então correu a palma da mão pelo pescoço e pelo cabelo de Sunny. Estrelas, como era macio. "Se você concordar", disse ela, enquanto a mão dele subia por sua coxa, "prefiro não conversar."

isabel

O jantar tinha sido um caos, como de costume, e em outra época da vida de Isabel, isso a teria incomodado. Ela teria desejado causar uma boa impressão em uma convidada acadêmica, ainda mais uma alienígena. Mas Isabel amava o frenesi do jantar e, a essa altura, não teria desejado nada diferente. Não fizeram nada de especial, nem mesmo trocaram o dia de quem iria cozinhar. O nono dia era a vez da família de sua prima, e assim foi feito (embora atendendo aos pedidos de Isabel, que lhes enviara uma lista de ingredientes comuns que os harmagianos não conseguiam digerir — sal pesado era o mais difícil de evitar). Havia crianças correndo por todo o lado, um pequeno mal-entendido sobre como o molho deveria ser consumido (não era uma bebida), um prato quebrado, alguns erros de tradução, um bombardeio de perguntas de ambas as partes e três dezenas de pessoas ansiosas por impressionar uma visitante chique. Foi real. Foi honesto. Foi muito exodoniano.

Seu hexa estava quieto agora. Ghuh'loloan partira para seus aposentos de hóspedes — não para dormir, já que sua espécie não tinha essa necessidade, mas para ficar confortável em um espaço projetado para comerciantes e diplomatas harmagianos, em vez de para a fisiologia humana, nem sempre compatível. As crianças, por sua vez, estavam dormindo (em sua maioria) e os adultos se recolheram em suas casas. Sempre era um grande contraste, a diferença entre o dia e a noite. Não que a vista do lado de fora tivesse mudado. Mas as luzes mudavam, assim como os relógios, e, por mais que Isabel aproveitasse a energia das horas movimentadas, sempre apreciara a escuridão tranquila.

Caminhou pelo pátio, uma caneca de chá em cada mão enquanto passava por seu espaço muito bem gasto. Estruturalmente, todos os hexas eram idênticos, mas além da configuração padrão de cozinha, jardim e cisterna, o hexa podia ser o que quer que você fizesse dele. Isabel e seus vizinhos gostavam de plantas e de

crianças, então seu espaço compartilhado era um paraíso para ambos. Tinham um jardim de temperos onde os pais de sua esposa e os vizinhos deles haviam antes cultivado legumes. A geração mais velha atual não se importava de deixar a agricultura para os agricultores, embora tivessem feijões cultivados com todo o empenho por seu sobrinho-neto, Ollie, de seis anos. Ele ficava muito mais à vontade cuidando de sua pequena plantação e sussurrando histórias para seus brinquedos do que juntando-se ao grupo barulhento e risonho de crianças. Sempre que a colheita ficava pronta, ele ia de casa em casa entregar punhados amarrados com barbante — em geral não eram mais que dez favas. Isabel sempre tratava a ocasião com a mesma solenidade que ele. Ela desembrulhava cada punhado, botava um grão entre os dentes, mastigava bastante e, após um momento de contemplação, dizia a Ollie que aquele era, sem dúvida, seu melhor produto até então. Isso nem sempre era verdade, mas que tipo de monstro diria o contrário?

Tirando os temperos e a pequena plantação de Ollie, as outras plantas no hexa eram decorativas, desde a hera cobrindo as passarelas até os vasos de flores organizados próximos às portas. Isabel nunca teve tempo para jardinagem, mas o irmão de Tamsin fazia o suficiente para todos. Essa era a melhor parte de se ter vizinhos de hexa. Todos tinham tarefas em que eram bons e outras em que não eram, tarefas que não se incomodavam de fazer e tarefas que detestavam. Na maioria das vezes, o trabalho era distribuído de maneira equilibrada. Todo mundo colaborava, deixando tempo suficiente para descansar e se distrair. Os seres humanos eram, afinal de contas, uma espécie social — até os mais quietos, como Ollie, ou as pessoas mais pensativas e tímidas que eram atraídas pelo trabalho nos Arquivos. Havia uma diferença entre ser tímido e ficar isolado. Raramente na história as coisas acabavam bem para as pessoas que escolhiam viver sozinhas.

Atrás do jardim ficava a oficina — um espaço delimitado dos três lados por bancadas de trabalho e cheio de ferramentas maiores que eram compartilhadas. Isabel sabia sem precisar perguntar a ninguém que encontraria Tamsin lá. Sua esposa estava sentada no canto dos fundos, muito confortável na poltrona grande e macia que os vizinhos de hexa haviam se juntado para comprar em seu aniversário. Os anos haviam deixado sua marca no corpo de Tamsin, e as bancadas de trabalho não combinavam mais com ela como antigamente. Tinha trabalhado como técnica mecânica em gravidade zero — na manutenção do suporte de vida, para ser mais específica —, e como tantos em sua profissão, as várias décadas passadas em outro reino da física tinham afetado seu esqueleto. Ela andava com uma bengala e deixara sua carreira para ossos mais jovens. Seus dias agora eram passados oferecendo uma oficina no bairro, na qual ensinava reparos básicos nos sistemas comuns, ou em casa, onde fazia sua arte com metal ou consertava brinquedos quebrados — qualquer coisa que mantivesse suas mãos ocupadas. Assim como

Isabel, ela ficava mais feliz ocupada. Fora por isso que as duas se deram tão bem, mais de cinquenta anos antes.

"O que você tem aí?", perguntou Isabel, entrando no santuário da esposa.

Tamsin tinha uma caixa de tecido a seus pés e um kit de costura na prateleira mais próxima. Ela levantou um par de calças pequeno.

"Os joelhos da calça de Sasha estão gastos."

"De novo?"

"De novo." Tamsin pegou sua agulha e voltou a remendar. "Ela é uma criança ativa."

Não havia como discutir — de seus cinco netos, Sasha era a que dava mais trabalho, sempre se machucando ou sangrando ou presa em um armário em algum lugar. *Peste* não era bem a palavra certa. A menina era simpática demais para isso. Travessa. Essa era uma descrição melhor. Sasha era muito travessa, e apesar de Tamsin dar a todos os netos e crianças do hexa a mesma quantidades de doces e provocações, Isabel sabia que ela tinha um apego especial pela pequena exploradora de armários. Tamsin nunca verbalizara o sentimento, mas não precisava. Isabel sabia.

Ela deixou a caneca de chá de Tamsin ao seu alcance, puxou um banco para si mesma e sentou-se.

"Você deveria ter pedido a Benjy. Ele começou a costurar, seria bom ter um pouco de prática."

"Sim, mas aí ela acabaria andando por aí com remendos de quem ainda precisa praticar." Tamsin falava, como sempre, de maneira seca e direta, o tipo de voz que escondia o constante bom humor de sua dona sob um disfarce mordaz. "Os meus remendos são bem mais estilosos."

Isabel riu, tomando o seu chá.

"Correu tudo bem esta noite."

"É."

Tamsin disse as palavras em um tom neutro, mas um leve franzir entre seus olhos fez Isabel perguntar:

"Mas…?"

"Nada de *mas*. A noite correu bem."

"*Mas*?"

Tamsin revirou os olhos.

"Por que você está insistindo?"

"Porque eu estou vendo."

"Vendo o quê?"

Isabel cutucou o ponto da testa de Tamsin.

"Você está com aquele franzido."

“Ai, estrelas, você e esse seu franzido mágico. Não tem franzido nenhum.”

“Tem, sim. Não é você que olha para o seu rosto todos os dias.”

Tamsin olhou para Isabel enquanto dava nó em um fio.

“E o que o franzido mágico está dizendo?”

“Que você quer me dizer alguma coisa.”

“Se eu quisesse, já teria dito isso.”

“Algo que você *não* está dizendo, então.”

“Você é muito chata”, disse Tamsin, suspirando. “É só… eu senti… Não sei. Não sei o que dizer. Correu tudo bem, você tem razão.”

Isabel tomou um gole de chá, olhando, esperando.

Tamsin baixou o remendo.

“Ela é condescendente.”

“Você acha?” Isso foi dito com surpresa genuína.

“Você não achou?”

“Não, eu…” Isabel repassou os eventos da noite o mais rápido possível. Ghuh’loloan ficou encantada em conhecer o hexa. Trouxera presentes e histórias e muita paciência. Isabel achara um tremendo sucesso de ambas as partes, até o momento. “Eu me diverti bastante. Pareceu que tínhamos começado bem.”

“Viu, e é por isso que eu não queria dizer nada. Este é o seu trabalho, a sua amiga. Não a conheço como você conhece, não quero estragar tudo para você.”

“Você não está estragando nada. Esta é a sua casa — a nossa casa — e se algo a incomoda, você tem que dizer.”

“Então posso dizer aos nossos vizinhos para pararem com suas experiências na hora de fazer mek? Aquele troço com gosto de combustível que eles prepararam da última vez estava *horrível*.”

“Tamsin.”

Tamsin pegou o chá.

“É só que ela me pareceu… tão elogiosa. Tudo era *maravilhoso* e *fascinante* e *incrível*.”

“É assim que os harmagianos são. Usam muitas hipérboles.”

“Sim, mas é difícil confiar neles, sabe? Se *tudo* é maravilhoso e fascinante… quer dizer, nem tudo pode ser tudo isso o tempo todo.”

“Mas para ela é. Essa é… sua paixão. Ela está curiosa. Quer aprender sobre a gente.”

“Eu entendo, de verdade. Não quero criar caso. É só… Eu senti como se eu fosse uma exposição que ela estava visitando.” Ela balançou a cabeça. “Não sei. Provavelmente estou sendo injusta.” Ela fez uma pausa. “Sei que isso não é uma coisa legal de se admitir”, acrescentou ela, devagar, “mas é difícil tê-la aqui

dizendo essas coisas tão elogiosas, cutucando nossa tecnologia, nossas crianças, sem me lembrar de como foi."

Isabel não precisou pedir esclarecimentos. Ela se lembrava. Lembrava-se de não ser muito mais velha do que Sasha e de ouvir os adultos em seu hexa conversarem sobre o esforço crescente para que os humanos se juntassem à CG. Ela se lembrava dos canais de notícias, dos fóruns públicos, dos cartazes em pixel com suas frases de efeito. Lembrava-se do período poucos anos depois, quando a Frota e o governo marciano tentavam pôr panos quentes nas tensões entre as duas comunidades para poderem fazer uma petição como uma espécie unificada, e tudo parecia prestes a explodir. Ela se lembrava de assistir às audiências parlamentares na adolescência, ouvir o debate mais caloroso da galáxia para decidir se sua espécie merecia passar de refugiados tolerados a cidadãos. Lembrava-se das esperanças que todos depositavam naquela decisão — vovô Teyo, com sua clínica médica tão carente de novas tecnologias e vacinas adequadas, tia Su, com sua tripulação tão necessitada de novas rotas comerciais. Todos os que já estiveram em uma estação espacial e sentiram como se fossem uma subespécie, uma fila separada, o outro. E ela se lembrava da delegação de harmagianos naquelas audiências, totalmente dividida sobre se os humanos valiam a pena, incapazes de chegar a um consenso. A deles não tinha sido a única espécie a levantar objeções, mas não era essa a questão. Cada voz que falava contra a humanidade doía como se as palavras estivessem sendo ditas pela primeira vez.

Isabel pôs a mão no joelho da esposa.

"Isso foi há muito tempo", disse ela. "Tanta coisa mudou."

"Eu sei."

"Ghuh'loloan não presenciou nada disso. Ela nem tinha nascido ainda."

"Eu sei." Tamsin pensou um pouco. "Eles nascem debaixo d'água, não é?"

"Sim." Isabel sorriu. "Tenho certeza de que ela ficaria feliz em responder suas perguntas sobre isso. Já que você está curiosa sobre sua espécie."

Tamsin mostrou a língua.

"Não é que eu não entenda a curiosidade. É só… como você falou. Ela nem tinha nascido ainda. Ela perdeu todo esse horror, e ainda assim somos *exóticas* para ela, é a sensação. Sim, aconteceu há muito tempo, mas aqueles harmagianos que disseram aquelas coisas ainda estão vivos, certo? Eles tiveram filhos e esses filhos devem ter aprendido…"

"Eles não criam seus filhos como a gente."

"Bem, *alguém* os cria, não? Alguém os ensina as coisas, alguém explica como a galáxia funciona. Então, o que sua amiga Ghuh aprendeu sobre nós? O que dizem a nosso respeito quando não estamos por perto? Em certo sentido, eles estavam certos. Nós *não* temos muito a oferecer. Nós construímos a partir de sua tecnologia,

ficamos com os planetas que eles decidiram que são ruins para se viver. E os *nossos* filhos veem isso. Todos querem ir ao espaço Central, modificar seus corpos e ficar ricos. Você ouviu o que Terra disse no jantar hoje à noite?"

"Você vai ter que ser mais específica."

"Ela estava contando sobre o passeio de catamarã que fez na decana passada, e falou: 'a gente passou por um grande *yelekam*'. Perguntei a ela como se dizia *yelekam* em ensk. Ela não sabia. Ela não sabia a palavra para *cometa*."

Isabel ficou sem reação. Ela sabia que a nova geração andava misturando klip e ensk de maneiras que a dela nunca tinha feito, e também tendia a conversar muito na linguagem galáctica quando falava entre si. Mas Terra tinha cinco anos. Ela mal teria começado a aprender klip na escola. Claramente, ela estava aprendendo em outro lugar.

"Os idiomas se adaptam." Isabel exalou. "É assim mesmo."

"Estrelas, você é a pior pessoa para reclamar que as mudanças são assustadoras", disse Tamsin com um sorriso. Ela deixou as costuras e a caneca de lado e se inclinou para perto de Isabel, enlaçando os dedos com a mão em seu joelho. "Não estou dizendo que odiei esta noite ou que não a quero aqui. Só estou dizendo que me senti como se estivesse em uma exposição e foi estranho. Já esperava por isso em outros lugares. Não aqui. Só isso."

Isabel segurou o rosto de Tamsin com a mão livre e se inclinou para beijá-la.

"Sinto muito que você tenha se sentido assim", disse ela depois que seus lábios se separaram. "Não é justo com você."

Tamsin descansou a testa contra a de Isabel por um longo momento, o tipo de momento que fazia todo o resto desaparecer. Então ela se afastou quase imperceptivelmente.

"Já que meu psicológico ficou tão abalado em minha própria casa…"

"Ai, estrelas." Isabel se endireitou na cadeira, revirando os olhos.

"Você pode tirar o sorvete que sobrou da estase?" Ela piscou sedutoramente, o que não era de seu feitio.

Isabel deu um suspiro de concordância.

"Você não tomou no jantar?"

Sua esposa a olhou com uma expressão séria.

"Eu tenho setenta e nove anos. Se quiser ter sobremesa duas vezes… vou ter sobremesa duas vezes."

tessa

Era um cabo de guerra, e Tessa ia vencer. Ela tinha certeza, do fundo de seu coração, embora a cena diante de si fosse de gelar o sangue.

"Ky", disse ela. "Está na hora de deitar."

Seu filho pequeno estava em pé em cima de seu catre no quarto dela, barrigudo e com os cachos que desafiavam a gravidade. Ele era a coisa mais fofa do universo, e ela teria dado qualquer coisa para que ele fosse filho de outra pessoa no momento.

"Não", disse Ky com simples convicção. "Acordado."

"Não é hora de ficar acordado", disse Tessa. "É hora de dormir."

"Não."

"Sim."

"*Não*." Seus joelhos fraquejaram, mas não cederam. Ky apresentou seu argumento: "Mamãe acordada. Aya acordada". Ele levantou a voz. "Ky acordado! Prontinho!"

"Sua irmã também está deitada. Ela está dormindo."

"Não!"

Tessa olhou por cima do ombro, em direção à porta de Aya. Estava fechada, mas… *mas*. Uma nova incerteza se agitou dentro dela. Tessa se perguntou o que ouvidos mais jovens seriam capazes de ouvir que os dela não conseguiam. Tessa passou a mão pelo cabelo e soltou um leve suspiro. Olhou Ky nos olhos enquanto começava a sair do quarto.

"Quando eu voltar, você precisa estar deitado."

"Não!"

Tessa atravessou a sala de estar, trocando uma batalha por outra. Abriu a porta de Aya e — bem, ela teve que dar crédito à menina. Sua filha estava coberta por

uma manta que teria escondido a luz de seu scrib se não fosse por um buraco traiçoeiro criado por seu pé para fora da coberta.

"Ei", disse Tessa em tom severo.

Sua filha congelou, uma rigidez de *ai, merda* que teria sido engraçada se Tessa não estivesse tão cansada.

"Eu só estava…", começou Aya.

"Cama", disse Tessa. Teria parado por aí, não fosse por uma suspeita crescente. Puxou a manta. Aya tentou fechar o scrib, mas foi lenta demais. Uma imagem de explosões exageradas permaneceu no ar vazio por um instante.

Tessa franziu a testa.

"O que você estava assistindo?"

Sua filha fez beicinho em direção à cama.

"Aya."

"…*Cruzada Cósmica*."

"Você tem permissão para ver *Cruzada Cósmica*?"

"Não", disse Aya, murmurando tão baixo que seus lábios mal se moviam.

"Não", repetiu Tessa. Estrelas, estava farta de lutar para manter aquela porcaria marciana longe da filha. Ela pegou o scrib.

O protesto foi imediato e indignado.

"Mãe! Isso não é justo!"

"É justo, sim."

"Quando eu vou ter meu scrib de volta?"

"Você não está numa posição muito boa para negociar, garota."

"Quando?"

"Quando eu quiser." Ela apontou. "*Cama*."

Ela ouviu a filha soltar um longo suspiro sofrido quando a porta se fechou. Uma criança já fora. Tessa seguiu em frente, de volta ao seu quarto. Atravessou a porta aberta e… ficou sem reação.

"Ky, cadê seu pijama?"

O filho nu bateu no peito com as palmas de ambas as mãos.

"Prontinho!"

Ele adorava falar *prontinho!* nos últimos tempos, e ela não sabia onde ele tinha aprendido isso, assim como não tinha a mais pálida ideia de onde havia ido parar o pijama dele. Tessa olhou de um lado da cama, do outro, embaixo, debaixo dos cobertores, debaixo dos travesseiros, sentindo-se ridícula por ser enganada por uma criança de dois anos que a observava placidamente com um dedo enfiado no nariz. Era um quarto. Quantos esconderijos poderiam existir…? Ela fez uma pausa. Não era um quarto, tecnicamente. Caminhou a curta distância até o banheiro anexo e abriu a porta. A luz se acendeu. Tessa fechou os olhos.

“Venha aqui por favor.”

Silêncio.

“Ky, *venha aqui*.”

Ky veio. Olhou para ela com os lábios comprimidos, balançando-se um pouco. Era uma expressão que teria sido idêntica em qualquer pessoa de qualquer idade — o pavor de alguém que sabia que estava ferrado, mas que queria ver como a situação se desenrolaria.

Tessa pôs as mãos nos quadris.

“Por que o seu pijama está na privada?”, perguntou ela.

“Não sei.”

“Você não sabe? Quem colocou lá?”

“Papai.”

Tessa reprimiu uma risada.

“Seu pai não está aqui.”

“Ele botou. E tchau. Tchau, Ky, tchau, Aya, tchau, mamãe.” Ele cobriu a boca com a mão e fez sons de beijos. “Pijama não.”

“Acho que não”, disse Tessa, puxando o pijama descartado para fora do vaso, onde o vácuo tentava puxá-lo para o esgoto. “Acho que foi você.”

“Acho que não”, repetiu ele enquanto ria. “Foi a mamãe.”

Tessa imaginou, enquanto vestia outro pijama no filho, agora chorando e se debatendo, a mesma situação ocorrendo naquele mesmo quarto consigo mesma e seus pais. Aquele tinha sido o quarto deles antes, e o dos pais deles antes disso, e também dos pais deles antes disso, e assim por diante. Geração após geração de crianças se debatendo e adultos cansados. Lembrava-se de acordar no que agora era o quarto de Aya e ouvir Ashby, pequeno e rechonchudo, rindo no outro quarto. Era justo, ela supôs, aquele ciclo de irritação. Uma vingança pelos dias em que era você quem jogava seu pijama no vaso.

Depois de mais duas tentativas frustradas, de cantar “Cinco Peixinhos” três vezes e passar dez minutos segurando a mão do filho e afagando seus cabelos, o garoto foi vencido. Tessa saiu do quarto na ponta dos pés, prendendo a respiração. Só respirou depois que a porta se fechou atrás dela e esperou tempo suficiente para confirmar que esse barulho não fora ouvido. *Ufa*.

Normalmente, não botava as crianças na cama sozinha. Mas seu pai tinha saído naquela noite — um jogo de aquabol com os amigos, como ele sempre fazia a cada duas decanas. Voltaria para casa em algumas horas, um pouco bêbado e mal-humorado e sem condições de oferecer qualquer ajuda. Tessa poderia ter pedido ajuda aos Park. Não tinham filhos e muitas vezes ajudavam os vizinhos de hexa a dar banho nas crianças e pô-las pra dormir com uma história, mas tanto Paola quanto Jules estavam passando por aquele mal-estar que todos enfrentavam depois

das atualizar os imunobôs, e Neil tivera um dia difícil no trabalho — outro cano mestre de água estava prestes a rebentar, ele contara no jantar —, então Tessa não queria incomodar. Não, melhor pôr as crianças para dormir sozinha e saborear a recompensa de alguns momentos de solidão.

Examinou a sala de estar. Estava uma zona, como sempre, cheia de brinquedos, roupas sujas e móveis manchados, um caos tão grande que nem os faxinabôs davam conta. Considerou a garrafa de coice na prateleira, quase cheia, um presente de seus colegas de trabalho no padrão anterior. Alguns goles antes de dormir soavam tentadores, mas… melhor não. Se Ky acordasse, queria estar sóbria e, ultimamente, mesmo uma dose era suficiente para fazê-la começar o dia seguinte com uma dor de cabeça.

Em algum lugar em seu íntimo, sua eu adolescente estava gritando horrorizada.

Serviu-se de um copo d'água e se sentou no sofá, deixando o corpo desabar como um robô que perdeu o sinal. Feliz, deixou a cabeça afundar no tecido gasto. Ela fechou os olhos. Ficou ouvindo. Silêncio. Maravilhoso, doce silêncio. Ninguém chorando, ninguém reclamando, ninguém precisando dela para nada. Só os filtros de ar suspirando acima e o barulho distante da tubulação abaixo. Iria para a cama dali a pouco, mas por enquanto iria apenas ficar sentada. Ficaria sentada fazendo na…

Seu scrib tocou. Alguém estava fazendo uma ligação via sib. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, teria arremessado seu scrib do outro lado da sala, mas quando viu o nome, cedeu. Com um suspiro, ela se endireitou, sentou-se na mesa do ansible e atendeu.

"Eles acabaram de ir dormir", disse ela.

Na tela, George suspirou.

"Sim, eu imaginei. Droga." Não pareceu surpreso, mas ainda assim ficou decepcionado. Tessa não pôde deixar de sorrir. Sua carranca era igualzinha à de Ky.

Se alguém tivesse dito à Tessa de dezoito anos que ela teria filhos com George um dia, ela teria pensado que a pessoa estava maluca. George tinha sido o cara legal e discreto com quem você trocaria algumas palavras em uma festa antes de se afastarem, cada um com seus respectivos amigos. George não era nada como o belo Ely, com um corpo saído de uma simulação e a inteligência emocional de uma ova de peixe, nem como o carismático Skeet, cujos sonhos ambiciosos eram cativantes até que você percebia que ele não possuía a ética de trabalho para realizá-los. Foi só quando ela e George estavam ambos na casa dos trinta que algo aconteceu. Ele estava de licença de sua mais recente excursão de mineração, Tessa estava trabalhando no compartimento de carga e notou algumas discrepâncias em seus formulários. Não foi a mais romântica das reuniões, mas levou a uma saída

para tomar uma bebida, o que levou a uma noite juntos, o que por sua vez levou a mais dias assim, que levaram a uma despedida afetuosa e descompromissada, o que levou a dois idiotas em pânico durante uma ligação via sib — "Peraí, você não tomou sua dose?" "Eu achei que você tinha tomado!" — o que levou, por sua vez, a Aya.

No começo, George tinha cogitado sair de seu emprego e procurar algo que lhe permitisse morar na Frota, mas a mineração de asteroides era um trabalho valioso, e Tessa não via por que mudar ainda mais as coisas do que um filho já faria. George esteve presente durante a metade do primeiro padrão da vida de Aya, depois partiu mais uma vez para os orbitais rochosos, deixando o bebê nas mãos de Tessa e ambos sob os cuidados do hexa. As excursões de mineração eram viagens de longa duração, então Tessa e George viviam como queriam durante esses intervalos, cada um com seus próprios horários, tendo uma ou outra aventura (os altos e baixos destas eram sempre contados ao outro). Eram pessoas independentes com suas próprias vidas. Mas toda vez que a nave de George voltava para casa com um pedaço de gelo e metal, ele ficava na casa dos Santoso, brincando de luta com Aya, conversando com os vizinhos, dividindo a cama de Tessa. Sempre tomavam suas doses agora, exceto quando, três anos antes, decidiram que o primeiro acidente fora algo digno de ser repetido. Também decidiram, sem muito alarde, que já que todo o arranjo funcionava tão bem para os dois, poderiam muito bem se casar — nada extravagante, não houve uma grande festa ou qualquer coisa assim. Foram apenas dez minutos com um arquivista e um jantar especial no hexa. Nada disso correspondia aos ideais de amor que o seu eu mais jovem imaginara. Era muito melhor. Não havia nada de frenético ou arrebatador em sua relação com George. Eram racionais, sensatos, confortáveis. O que mais uma pessoa poderia querer?

A imagem de George na tela falhou devido à distância.

"Bem, se eles estão dormindo, isso significa mais tempo para nós", disse ele. "Embora você pareça muito cansada."

"Estou bem cansada. Mas sempre tenho tempo para você."

"Ooooh", derreteu-se ele.

"Ooooh", repetiu ela, fazendo uma careta. "E aí? Como estão as coisas aí às margens?" Essa era sempre sua primeira pergunta.

George deu de ombros, olhando em volta dentro da cabine.

"Você sabe. Rochas. Escuridão. O de sempre. Vamos agora para uma grande massa de minério. Deve levar duas decanas para chegar lá. Acho que vai dar uma boa carga."

"Teracítio?"

“Parece ser ferro, principalmente. Por quê? Você vai virar técnica de computação?”

“Eu não. Mas o resto do mundo, sim, ao que parece. Já perdi a conta de quantos pedidos de teracítio recebemos.” Ela apoiou o queixo na palma da mão. “Como está a nave?” Essa era sempre sua segunda pergunta, uma que os espaciais sempre faziam uns aos outros.

“Tudo bem, tudo bem”, disse ele. Seus olhos se desviaram da tela. “Firme e forte.”

Tessa estreitou os olhos.

“Não minta, George.”

“Não foi nada, não precisa se preocupar.”

“Você sabe que essa frase é uma ótima maneira de fazer a pessoa se preocupar, certo?”

“Tivemos um pequeno — pequeno, Tess — contratempo com o suporte de vida hoje. O ar não estava sendo filtrado direito, o CO_2 ficou um pouco alto por algumas horas.”

Era de fato algo pequeno, naquele contexto. Mas a *Caça-pedras* era uma nave velha, mesmo para os padrões exodonianos, e não era a primeira vez que ocorria um “contratempo” no seu suporte de vida remendado. “Garren conseguiu consertar?” Era o técnico mecânico deles.

George apontou para a porta.

“Você gostaria que eu o chamasse aqui?”, perguntou o marido com um olhar irônico. “Para ele explicar o processo?”

Tessa olhou séria para a tela.

“Só estou dizendo que a Lela” — a capitã — “deveria falar com a guilda de mineração para substituir tudo.”

“Você sabe que tem uma lista do tamanho da minha perna de naves precisando de melhorias, e nós não somos prioridade, isso eu garanto.” Ele sorriu de um jeito que deveria ser tranquilizador. “Na pior das hipóteses, se a gente começar a tossir, volta para casa.” Seu sorriso se tornou melancólico, e Tessa podia adivinhar seus pensamentos. Uma viagem inesperada para casa significava que ele poderia abraçar os filhos mais cedo, o que significava que não teriam crescido tanto assim desde a última vez em que ele os vira. “Como estão as crianças?”, perguntou ele.

“*Seu* filho…”

“Iiih…”

“…enfiou o pijama no vaso sanitário e disse que foi você.”

George deu uma gargalhada.

“Não! Eu sou inocente, juro!”

“Não se preocupe. Você tem um bom álibi.”

“Ainda bem. Meu próprio filho, me apunhalando no exotraje assim.”

Tessa balançou a cabeça.

“Parece até que família não significa nada para ele.” Ela fez uma pausa. “Aliás, ele está com mania de dizer *prontinho!* para tudo. Faz ideia de onde ele tirou isso?”

George alisou a barba grossa.

“Não sei.” Ele olhou para o teto. “Será que não é coisa da Tripulação Traquinas?”

Tessa nunca gostara muito de *Tripulação Traquinas* quando criança, e não tinha jogado nenhuma das novas simulações com a filha.

“É?”

“Talvez eu esteja lembrando errado, mas juro que sim. Sempre que algo na nave quebra e você conserta, tem tipo… uma música e confete, e as crianças gritam: ‘Prontinho!’.”

“Mas ele não…” Tessa parou. Ky ainda não tinha idade para jogar simulações, não estava nem perto. Qualquer um que só tivesse aprendido a usar os joelhos um padrão atrás ainda não tinha as faculdades mentais para distinguir entre a realidade virtual e a realidade *real*. Ela sabia disso. Aya sabia disso. Aya havia sido avisada. E, no entanto, Aya também tinha sido considerada responsável o suficiente para cuidar do irmão por algumas horas sem supervisão. Em algumas daquelas tardes, Tessa tinha chegado em casa e encontrado Ky elétrico como nunca tinha visto antes. Atribuíra isso à generosidade de sua irmã com a caixa de biscoitos ou apenas à animação por passar tempo com a pessoa mais legal de seu pequeno mundo. Mas Tessa se pôs no lugar de irmã mais velha que também tinha ocupado na infância. Ela se lembrava das vezes em que os pais a deixaram sozinha com Ashby. Ela se lembrava de quão irritante ele tinha sido certos dias, como estava impossível agradá-lo. Ela se lembrava de tentar encontrar alguma atividade, qualquer coisa que pudesse mantê-lo ocupado por mais de dez minutos. Ela se perguntou se, caso tivessem lentes de simulação em casa, na época, ela as teria posto nele, largando-o no sofá e deixando as simulações preencherem seu cérebro enquanto ela fazia o que bem entendesse. Assistir a vids marcianos proibidos, talvez.

“Iiih…”, disse George outra vez.

“O quê?”

“Sua cara.” Ele fez um movimento circular ao redor do próprio rosto. “Ficou bem assustadora.”

Ela olhou para ele.

“Eu não tenho uma cara assustadora.”

“Às vezes tem. Bem assustadora.”

“Se eu estiver com uma cara assustadora, é porque a *sua* filha…”

“Iiih, lá vem…”

"…está encrencada." E estrelas, como estava. Tessa até sentiu vontade de acordá-la naquele momento. E assim teria feito, se botá-la para dormir de novo não fosse ser uma odisseia.

"Parece que todo mundo está encrencado. Eu também estou? Eu juro, Tess, não tive nada a ver com a história do vaso."

Ela esfregou uma de suas têmporas e soltou uma risada curta.

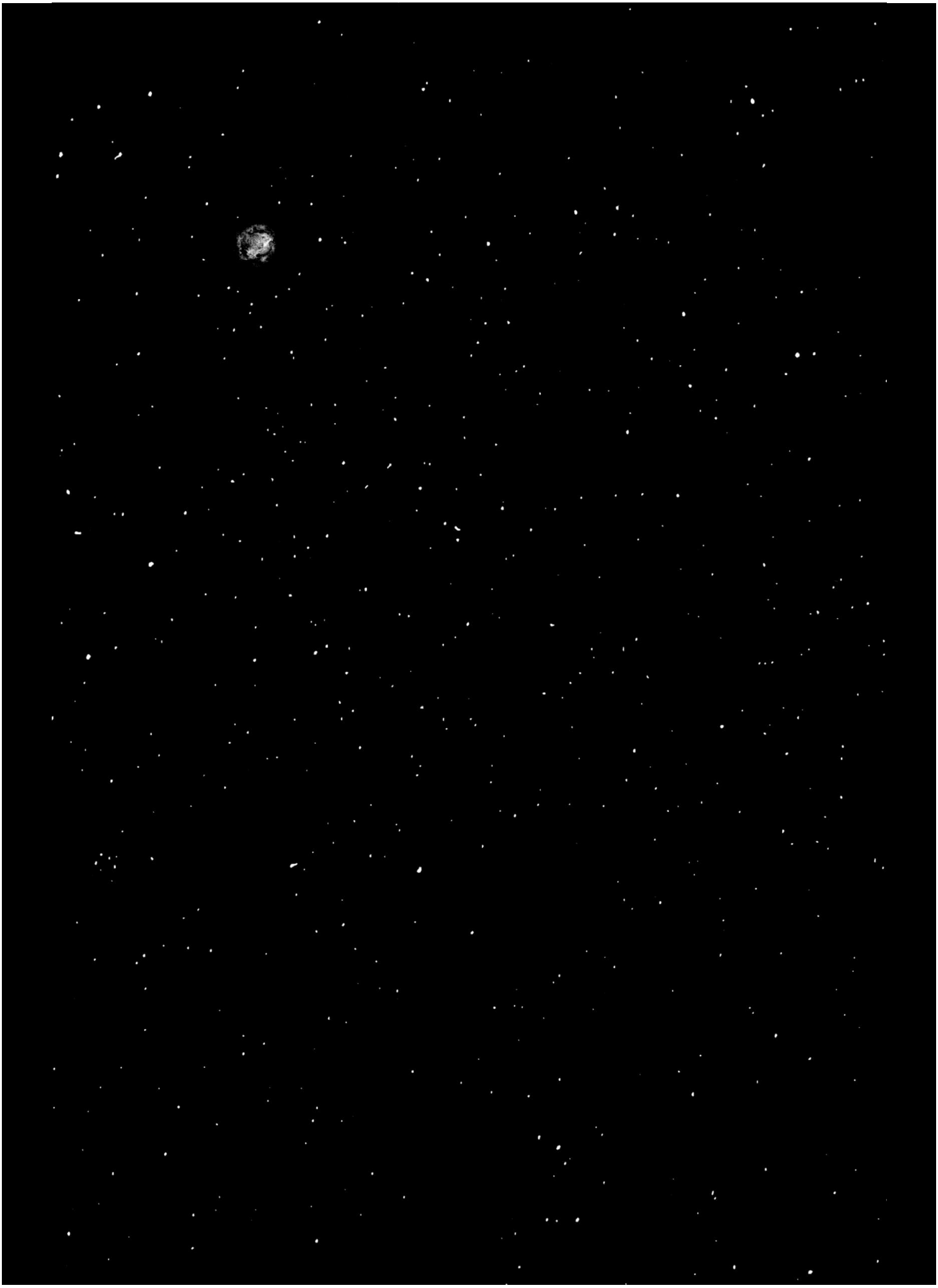
"Ainda tenho que analisar as provas. Você não está fora de suspeita ainda."

"Merda", disse George, balançando a cabeça com pesar. "Talvez seja melhor eu *não* voltar para casa mais cedo, então."

Tessa olhou para ele — seu peito largo, a barba grande, os olhos sempre sonolentos. Ele estava mais grisalho do que fora um dia e mais cheinho também. Era um homem de aparência gentil. Um homem de aparência normal. George não era o tipo de cara com quem ela sonhara. George era apenas George e nunca mudava.

Ela sabia que isso não era verdade. Nada era para sempre, ainda mais no espaço aberto. Mas quando estava com o marido, mesmo que apenas em uma ligação sib, era bom fingir, apenas por alguns momentos, que aquilo nunca terminaria. Não importava que não fosse perfeito ou que nem sempre fosse empolgante. Era dela. Havia uma coisa no universo que era completa e verdadeiramente *dela*, e sempre seria.

Era a mentira mais cômoda que conhecia e não via razão para parar de contá-la a si mesma.



Parte 2

NÓS VAGAMOS

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 4
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

No coração de cada distrito há um complexo cilíndrico de quatro andares que se estende pelos deques sobrepostos como um pino enfiado em um disco. O complexo é feito de metal, como todo o resto, e não tem janelas. O exterior é decorado com murais envelhecidos de idades variadas, os detalhes muitas vezes cobertos pelas trepadeiras que crescem dos canteiros que circundam a base do edifício. Há dois acessos — uma porta discreta usada pelas pessoas que nele trabalham e uma passagem em arco maior usada por aqueles que passam por alguns dos dias mais difíceis de suas vidas.

O complexo é uma instalação onde é feita a compostagem de cadáveres. Mas os exodonianos não o chamam assim. Eles o chamam simplesmente de Centro.

Admito que senti certo temor ao passar pelo arco de entrada. Aquela era uma área dos costumes exodonianos em que eu era ignorante, e não sabia o que iria encontrar. Estava me preparando para a visão de carne podre e o cheiro de putrefação. Não encontrei nenhum dos dois. O Centro não parece um lugar de morte. As luzes são suaves. Há canteiros por toda a parte, mas são controlados, assim como todo o processo dentro do lugar. O ar foi o que mais me surpreendeu: um leve indício de umidade, assim com um calor agradabilíssimo (na verdade, foi

o ambiente mais confortável que visitei desde que cheguei à Frota). Há algo de estranho, sim, mas é inofensivo, lembrando uma floresta depois da chuva. Eu me perguntava se os humanos — conhecidos por seu olfato deficiente — eram capazes de detectar o aroma.

Os profissionais responsáveis pelo local são conhecidos como cuidadores, e um deles, chamado Maxwell, me encontrou perto da entrada. Eu sabia que suas vestes eram cerimoniais, mas vocês nunca adivinhariam, caríssimos convidados, se não tivessem sido avisados com antecedência. Ele não usava qualquer ornamentação, nada que comunicasse pompa ou importância. Apenas peças folgadas feitas de tecido não tingido, justas nos antebraços e nos tornozelos para evitar que arrastassem na terra. A roupa foi um lembrete de que a minha visita naquele dia seguia um horário rígido. Maxwell estava para conduzir um sepultamento — um "enterramento", como eles chamam — e, embora eu fosse bem-vinda para ver os preparativos, não teria permissão para participar da cerimônia em si. Era um "assunto de família", informou ele, e minha observação não seria bem-recebida. Os exodonianos tendem a expressar suas emoções fortes com bastante liberdade — beirando a impetuosidade —, mas tenho observado uma aversão geral (embora não universal) a fazer isso diante de estranhos. Tenho dificuldades para entender esse comportamento, mas respeito-o mesmo assim.

"Então", disse meu anfitrião, apontando para a câmara diante de nós. "Aqui é onde ocorre o evento principal."

O espaço que ocupávamos era tão alto quanto o exterior sugerira. Assomando-se diante de nós estava um enorme cilindro que não foi modificado desde sua construção pelos terráqueos. Uma rampa em espiral subia pelo cilindro, levando até o topo, e era larga o suficiente para vários humanos caminharem lado a lado. Na base havia diversas escotilhas bem fechadas, das quais o produto final poderia ser recuperado. Uma cuidadora estava envolvida nessa mesma atividade, enchendo recipientes de metal com o que poderia facilmente ser confundido com uma simples terra escura. Na mesma hora, ocorreram-me inúmeras perguntas, mas Maxwell tinha outros planos.

"Vamos voltar a isso depois", disse ele. "É melhor seguirmos a ordem." Ele fez uma pausa, me estudando. "Você fica à vontade vendo cadáveres?"

Eu respondi com sinceridade.

"Não sei. Nunca vi um."

Ele apenas piscou — uma resposta que indica surpresa.

"Nunca? Nem da sua própria espécie?"

Eu gesticulei uma negativa antes de me dar conta de que ele não entenderia.

"Não", falei. "Não estou em uma profissão médica e tenho a sorte de jamais ter testemunhado uma violência séria. Perdi parentes e passei pelo luto com outras

pessoas em um sentido cerimonial. Mas não fazemos isso com um cadáver presente. Nós não vemos o corpo que permanece como a pessoa que perdemos."

Maxwell pareceu fascinado, como seria de se esperar de alguém com a sua profissão.

"O que vocês fazem com eles, então?"

"São descartados. Alguns ainda praticam o antigo costume de deixá-los um pouco além da costa, onde as ondas não podem alcançá-los. No entanto, a maioria dos cadáveres é dissolvida e eliminada."

"Junto… com o esgoto?"

"Isso."

A dificuldade de Maxwell em aceitar a ideia foi visível.

"Certo. Isso soa… eficiente." Ele gesticulou para eu segui-lo. "Bem, se você se sentir desconfortável, basta me avisar e nós sairemos."

Eu o segui por uma porta para funcionários e pelo corredor até chegarmos à sua sala de preparação. A diferença entre o novo lugar e a câmara principal não poderia ter sido maior. Meus tentáculos se contraíram com o frio e o ar desconfortavelmente seco.

É difícil para mim condensar tudo o que senti quando entramos naquela sala. Se eu descrevesse o momento com pura objetividade, eu estava parada diante de uma mesa, olhando para uma alienígena morta. Era velha, o corpo murcho. Não me vi em sua anatomia, nua como estava. Percebi que minha declaração a Maxwell de que nunca vira um cadáver antes não era verdadeira. Já vi animais mortos. Já os comi. Passei por eles nas feiras de alimentos. Retirei larvas mortas do meu amado tanque de natação em casa. De certa forma, olhar aquele cadáver humano sobre a mesa não foi muito diferente disso. Por favor, entenda, caríssimo convidado, que com isso não estou dizendo que os humanos são equivalentes às espécies inferiores. O que quero dizer é que o que estava diante de mim era uma espécie diferente da minha, e, portanto, qualquer relação com minha própria mortalidade, meu próprio destino final, a princípio estava a uma distância segura.

Mas então comecei a pensar nos animais mortos que já vi, descartei e consumi, as vidas interrompidas pelas quais não sofri porque não as compreendia por completo. Eu não me via neles e, portanto, não me importava. Olhei para aquela antiga humana — aquela sapiente, com uma família, com amores e medos. Isso eu podia entender, mesmo que não pudesse compreender o corpo. Nada na sala estava se movendo, nada estava *acontecendo*, e, no entanto, em meu íntimo, senti uma mudança profunda. Sofri pela alienígena, aquela pessoa que nunca conheci. Sofri por minhas larvas de estimação. Sofri por mim mesma. No entanto, foi uma tristeza silenciosa, uma dor cotidiana, um peso e uma leveza de uma só vez. Senti-me

esmagada por essas emoções, e ao mesmo tempo não havia como expressá-las a não ser com o silêncio.

Sinto que não estou explicando bem a experiência, caríssimo convidado, mas talvez isso seja apropriado. Talvez nenhum de nós possa realmente explicar a morte. Talvez nenhum de nós deva.

tessa

Tessa estava parada na porta que levava à sua sala de trabalho, a merendeira em uma das mãos, a outra caída ao lado do corpo. Ela teve um mau pressentimento desde o momento em que a porta usada pelos trabalhadores se abriu para ela mesmo com a fechadura desligada. Na sala de trabalho, o pobre Sahil estava deitado com a cabeça na mesa, roncando e babando como se não houvesse amanhã. Ela olhou para as prateleiras intermináveis. Nada parecia diferente de quando ela foi embora no dia anterior. Mas sabia que não era verdade. Em algum lugar, algo estava faltando. Provavelmente muitas coisas.

Ela não precisava disso hoje. Não mesmo.

Ela se agachou ao lado do colega.

"Sahil?", disse ela, sacudindo o ombro dele. "Sahil? Droga." Ela o examinou de novo, dessa vez com mais atenção, só para ter certeza de que nada parecia ensanguentado ou quebrado, depois virou-se para a vox. "Ajuda", pediu ela.

A conexão foi instantânea. "Envio de patrulha", atendeu alguém. "É uma emergência?"

Tessa tinha certeza de que conhecia a voz. "Lili?", disse ela. "É Tessa, no Compartimento de Carga Oito."

"Putz." Com certeza era Lili. "De novo?"

Tessa não sabia se ria ou suspirava, então fez as duas coisas.

"De novo."

"Algum ferido?"

"Não, mas parece que mexeram nos imunobôs do meu colega de trabalho." Era uma exploração cruel, mas fácil, se a pessoa tivesse descolado um escâner médico. Era só acionar o protocolo de supressão dos imunobôs, como um médico faria antes de uma pequena cirurgia, e boa noite. "Acho que ele só está dormindo, mas…"

“Sim, eu entendo. Estamos enviando dois patrulheiros e um médico. Dez minutos, no máximo.”

“Obrigada, Lili.”

“Imagina. Se vier até a Casa da Jojo hoje à noite, pago uma bebida.”

Tessa riu secamente.

“Olha que eu posso aceitar…”

A vox foi desligada. Tessa se sentou na mesa. Deixou o almoço de lado e estudou Sahil, as mãos cruzadas entre as pernas. Ele roncava. Pensou em limpar a baba do colega, mas não. Já fazia isso bastante em casa.

Olhou para a marca do relógio na parede. Dez minutos, no máximo, Lili dissera. Isso significava então que era de seu interesse esperar cinco minutos antes de chamar Eloy, que levaria doze no percurso de casa para o trabalho. Em teoria, ela deveria ligar para o supervisor imediatamente quando algo assim acontecia, mas Tessa achou a ideia de retardar a inevitável dor de cabeça até ter patrulheiros presentes muito mais tentadora. Eloy era mais fácil de lidar com outra figura de autoridade para contê-lo.

Um minuto se passou. Tessa abriu sua merendeira e tirou o bolo que havia trazido para mais tarde. Era apenas a oitava hora. Mas sentia-se no direito.

Quatro minutos se passaram. O bolo estava bem gostoso. Não estava fresco, mas também, havia sido feito há dois dias. Limpou as migalhas do joelho. Sahil roncou.

Cinco minutos se passaram. Ela respirou fundo.

“225-662”, disse ela à vox.

Um segundo se passou. Dois. Três.

“Oi”, disse a voz sonolenta de Eloy. Ótimo. Que maravilha. Era assim que o dia dele ia começar.

“Eloy, aqui é Tessa”, disse ela. “Tivemos uma invasão.”

“Ah, merda”, retrucou ele. Ela praticamente podia ouvi-lo esfregando as mãos sobre o rosto. “Essa porra de novo?”

Sahil se mexeu no sono, os lábios esmagados contra a mesa.

“Essa porra de novo”, disse Tessa.

isabel

Ao lidar com outros sapientes, as questões de compatibilidade eram difíceis de prever. O exemplo que Isabel sempre usava para explicar a questão era o primeiro encontro entre exodonianos e aeluonianos. Os exodonianos, felicíssimos pelo que enxergaram como um resgate, empolgados com a descoberta de que sua espécie não estava sozinha, reuniram-se em seus trajes mais festivos, como era de se esperar, e decoraram a doca espacial com serpentinas, estandartes e bandeiras. Havia registros da cena nos Arquivos — enfeites de todas as cores que suas tintas podiam produzir, pendurados como confetes congelados no tempo. Aos olhos de um exodoniano, era algo alegre, efusivo, uma celebração como nenhuma outra (para não falar no uso extravagante de tecido). Para os aeluonianos, que se comunicavam com cores, foi o equivalente a abrir uma porta comum e dar de cara com milhares de pessoas gritando do outro lado. Os aeluonianos, já familiarizados com os hábitos mais coloridos das outras espécies, lidaram com a situação da forma mais delicada possível, mas assim que algumas imprecisões das traduções de klip para ensk foram resolvidas, pediram com toda a educação para, por favor, *por favor*, guardarem as bandeiras.

Tais adversidades eram imprevisíveis e não eram culpa de ninguém. Nada que pudesse ter sido previsto. Nada que pudesse ter sido evitado. Isabel dizia isso a si mesma enquanto ficava parada na plataforma de transporte, impotente, ao mesmo tempo em que *alguma coisa* por perto não parava de desligar o carrinho de Ghuh'loloan. Ela não tivera problemas no elevador, nem quando cruzaram a plataforma. Assim que se aproximou da cápsula de transporte, porém, o carrinho parou, como se alguém tivesse acionado um interruptor. Isabel puxou-a para trás e o carrinho voltou à vida. Mas assim que Ghuh'loloan atravessava uma linha invisível, as rodas paravam e o motor desligava audivelmente. Nenhum dos botões que seus colegas, cada vez mais agitados, haviam apertado surtiu qualquer efeito.

“Que esquisito”, disse o atendente de transporte em um klip de sala de aula. Ele coçou a cabeça. “Tem que ser… não sei.” Ele mudou para ensk e deu de ombros, olhando para Isabel. “*A cápsula está causando alguma interferência no sinal. Me desculpe, S., não sei nem por onde começar*.”

Isabel olhou ao redor enquanto buscava desesperadamente uma solução. Uma pequena multidão havia se reunido em volta, claro. Mantinham certa distância — tanto por respeito quanto por cautela, sem dúvida —, mas a observação era escancarada. Quantas vezes você chegava em casa e podia contar durante o jantar que vira uma alienígena presa no andar de transporte? Isabel estava ciente de que também estava sendo observada, a parte obviamente responsável, a que pensaria em algo inteligente.

Não era o caso.

“Não o culpo”, disse Ghuh’loloan ao atendente. “Nem você, caríssima anfitriã. Essas coisas acontecem!” Seu tom era alegre, mas seus tentáculos ainda acionavam interruptores com uma esperança cada vez menor. Ela recolheu os tentáculos e seus olhos se fecharam por um momento. “S. Atendente de Transporte”, disse ela, erguendo-se de novo. Ainda não tinha entendido bem o uso de honoríficos, e o resultado exagerado era sempre encantador. “Acha que é capaz de carregar meu carrinho? Pesa cerca de dezesseis kems.”

O atendente de transporte — claramente achando graça em ser chamado de “S.” por uma visitante estrangeira — assentiu.

“Sim, eu consigo. Mas…” Ele fez uma pausa, procurando as palavras. “Não sei se posso carregar você e ele iguais. Juntos?”

“Juntos”, confirmou Isabel.

Ele assentiu.

“Ele e você juntos.”

“Ah, não precisa se preocupar com isso”, disse Ghuh’loloan. “Isabel, poderia…?” Ela gesticulou para o carrinho, e Isabel entendeu. Ela agarrou a borda e arrastou Ghuh’loloan um pouco para trás. Na mesma hora, o carrinho zumbiu, voltando à vida. Ghuh’loloan pressionou alguns controles e uma rampa compacta se estendeu devagar, saindo da lateral.

Entendendo a intenção de sua colega, Isabel olhou para o chão. Era de metal liso e seco, como todo o resto. Limpo, mas era difícil dizer o que ainda havia nele ou *o que* havia sido usado para limpá-lo. Um pouco de resíduo do produto, uma pegada com traços de fertilizante ou até mesmo um pouco de sal seriam suficientes para deixar uma harmagiana com coceira pelo resto do dia. Isabel franziu a testa, preocupada.

“Tenho certeza de que um de nós poderia carregar você.”

“Não”, disse Ghuh’loloan. “Vocês não poderiam.” Ela inclinou os olhos retráteis para os antebraços nus de Isabel. *É mesmo*, pensou Isabel. Sabonete. Oleosidade da pele. Hidratante. Sem falar nas roupas, ainda com restos de detergente. Estrelas, como os humanos se sujavam para ficar limpos.

Isabel olhou para a multidão.

“*Alguém aí tem água*?”, gritou ela em ensk. “*Talvez um cantil ou*…?”

Os rostos no meio da multidão pareceram surpresos ao serem abordados, como se tivessem acabado de descobrir que estavam jogando uma simulação em vez de estarem assistindo a um vid. Mas atenderam ao chamado, abrindo bolsas e vasculhando mochilas. Garrafas, bolsas e cantis foram erguidos.

“*Lamento ter que pedir isso*”, disse Isabel. “*Mas precisamos enxaguar um caminho para ela*.”

Ghuh’loloan abanou os tentáculos faciais.

“O que você está dizendo?”

“Estou pedindo para limparem o chão para você.”

“Ah, caríssima anfitriã, isso não é necessário…”

“Não seja boba”, disse Isabel, e virou-se de novo para a multidão. “*Alguém pode ajudar? Apenas água pura, por favor, nada de chá ou qualquer outra bebida com sabor*.”

Isabel não esperava outra coisa, mas ficou satisfeita ao ver todos com água se aproximarem. Sabia que boa parte da motivação era egoísta — não só estavam vendo uma alienígena passando por um aperto na plataforma como também *poderiam ajudar*. Ainda assim, a disposição inabalável a contribuir para uma solução a deixou orgulhosa. Os espectadores esvaziaram seus recipientes, jogando a água pela plataforma à frente.

Uma pequena menina levantou seu copo também pequeno e jogou sua água. Não ajudou muito — a maior parte acabou caindo nos sapatos da garota —, mas ela entendeu. Cada gota contava.

Depois de um minuto, um caminho brilhoso partia do carrinho harmagiano até a cápsula exodoniana. “*Obrigada, amigos*”, disse Isabel. “*E obrigada também a suas famílias*.” Aquela água veio de muitos, afinal.

“Sim, sim”, disse Ghuh’loloan, ao entender uma palavra familiar. Sua clava tentacular se desdobrou como folhas acordadas. Se tivesse prosseguido em klip, provavelmente teria feito uma declaração de gratidão muito harmagiana, mas em vez disso arriscou uma das poucas frases de ensk que conhecia: “*Uito obrigada*”.

A multidão ficou encantada.

Os olhos de Ghuh’loloan se voltaram para a rampa.

“Agora, se puder me perdoar ainda mais, isso vai demorar um pouco.”

E com isso, Ghuh’loloan começou a se arrastar.

Houve alguns sons abafados da multidão — um suspiro sufocado, uma risada nervosa. Isabel respondeu com um olhar severo, o mesmo que seus netos recebiam se tentassem pegar algo proibido. Mas, na verdade, compartilhava os sentimentos da multidão, sufocando seu próprio arfar de surpresa instintivo. Nunca tinha visto um harmagiano fora de seu carrinho. Sabia, racionalmente, que veículo e motorista eram duas entidades separadas, mas a confirmação visual ainda era chocante. Ela tinha imaginado, dada a falta de pernas dos harmagianos, que Ghuh'loloan deslizaria, como as gravações que tinha visto de lesmas ou talvez de cobras. Em vez disso, porém, a barriga lisa de Ghuh'loloan começou… estrelas, qual era a palavra para isso? A agarrar. Puxar. Era como se a barriga de Ghuh'loloan estivesse coberta por uma camada grossa de tecido — talvez várias camadas — e atrás do tecido havia mãos, e as mãos se moviam por baixo dos lençóis, enrolando, agarrando, arrastando o resto do corpo para frente. *Uma massa*, pensou Isabel. *Uma geleca*. Não havia simetria, nenhum padrão facilmente discernível para uma mente bípede. E o resultado era demorado, como Ghuh'loloan havia avisado. Isabel imaginou tentar andar ao lado dela daquele jeito. Precisaria dar dois passos curtos, depois esperar dois segundos, depois dar dois passinhos, depois esperar, assim por diante. Era por isso que os harmagianos haviam passado tanto da sua história evolutiva aproveitando o mar antes de se adaptarem às riquezas da terra. Era por isso que haviam inventado os carrinhos. Era por isso que a tecnologia deles era tão incrível. Era por isso que se tornaram tão bons em se defender — e em tirar o que era dos outros.

Ghuh'loloan se arrastou para a frente, uma massa avançando lentamente pelo piso molhado do chão já limpo que havia sido enxaguado com água pura por conta de uma pele frágil e sensível. Isabel ficou olhando, maravilhada.

Os antigos conquistadores da galáxia.

eyas

“Precisa de uma mãozinha?”

Eyas parou de espalhar adubo e virou a cabeça. Um homem estava ali parado — mais jovem do que ela, mas também não era uma criança. Ela o olhou, confusa com a pergunta.

“Desculpe, o quê?”

“Você precisa de uma mãozinha?”, perguntou ele de novo, um sotaque que ela não conseguia identificar. Era bastante carregado. Ele gesticulou para o carrinho dela. “Parece que você tem muito o que fazer. Não tenho lá muita experiência com jardinagem, mas tenho certeza de que sou capaz de jogar terra por aí.”

Eyas limpou as luvas sem pressa e se levantou.

“Eu…” Ela tentou pôr as ideias em ordem. “Você sabe que isso é adubo, certo?”

“Sei”, disse ele.

Ficaram olhando um para o outro.

“Você sabe o que é adubo, certo?”

“Claro.” Seu rosto sugeria que ele estava começando a duvidar disso.

“Você por acaso é um comerciante?”

O homem riu.

“Não. É por causa do sotaque, né?”

“É”, disse ela. *Isso e muito mais*. Ela se ajoelhou perto do adubo que estava distribuindo, esperando que ele fosse embora.

Ele não foi.

“Você vende?”

“Eu *o quê*?”

“Você vende adubo? Ou você faz em casa mesmo?”

Eyas tampou seu recipiente, caminhou até a borda do canteiro e olhou para o homem com uma expressão séria. “Estes são restos humanos”, disse ela em voz baixa. “Nós fazemos compostagem com os nossos mortos.”

O homem ficou mortificado.

“Ah. Nossa… putz, desculpa.”

Ele olhou para o carrinho cheio de recipientes.

“Isso… são pessoas? Mas uma pessoa para cada um ou… caramba, eles estão todos misturados?”

“Se tiver dúvidas, tenho certeza de que alguém no Centro ficaria feliz em mostrar tudo para você.”

“O Centro. É onde você…” Ele gesticulou para os recipientes.

“Isso mesmo.”

“E esse é… seu trabalho.”

“Sim.” Ela lançou um olhar significativo para as plantas. “Que não estou fazendo.”

O homem levantou as palmas das mãos.

“Certo. Desculpa. Sinto muito mesmo.” Ele se virou para sair.

Eyas voltou-se para a planta e começou a se agachar. Por razões desconhecidas, ela se virou.

“De onde você é?”

O homem parou.

“Mushtullo.”

“E não é comerciante.”

“Não.”

Ela estreitou os olhos.

“Você tem família aqui?”

“Ha, todo mundo pergunta isso. Não, só estou tentando algo novo.”

Ah, estrelas, ele era um daqueles. Ela já tinha ouvido outras pessoas reclamando sobre isso, mas nunca tinha acontecido com ela. Jovens terrenos tinham começado a aparecer na Frota — esperando encontrar parentes ou alguma outra ligação, e falhando nessa tarefa, conseguindo apenas tratar a casa de todos como um zoológico antes de aprenderem que não havia muita graça nisso e voltarem para suas vidinhas confortáveis em que todos os problemas poderiam ser resolvidos com créditos.

Só que ali estava um deles, de pé com as mãos enfiadas nos bolsos e um sorriso irritantemente amistoso. Ela deveria tê-lo deixado ir embora, mas… ele pediu para ajudar. Ele se ofereceu.

“Você tem trabalho?”, perguntou ela.

“Ainda não”, disse o homem. “Fui ao departamento de trabalho e tudo, mas disseram que as únicas vagas abertas eram em saneamento. E não quero ser exigente, mas…”

“Mas você foi exigente.”

O homem deu de ombros, culpado.

“Eu só tinha esperanças de que algo mais fosse aparecer. Eu sou bom com código, sou bom com clientes, eu poderia…”

Eyas retirou as luvas, dobrou-as, colocando-as no cinto, e sentou-se na borda do canteiro, as mãos nuas cruzadas entre as pernas. “Você entende por que eles tentaram oferecer um trabalho no setor de saneamento?”

“Eles disseram…”

“Eu sei o que eles disseram. Havia outras vagas, vai por mim.” Muitas, ela sabia. “Essa não é a questão. Você entende por que eles tentaram oferecer esse emprego específico?”

Os últimos traços de seu sorriso fácil desapareceram.

“Ah.”

Eyas suspirou e passou a mão pelos cabelos. Ele estava pensando que era uma questão de preconceito.

“Não, você ainda não entendeu. Eles tentaram oferecer um trabalho no setor de saneamento porque *todo mundo* tem que passar por ele. Todo mundo. Eu, os comerciantes, os professores, os médicos, os integrantes do conselho, os almirantes — todo exodoniano saudável com mais de catorze anos tem sua identidade registrada em um computador que seleciona aleatoriamente nomes e forma equipes de trabalho temporárias, obrigatórias, para ordenar a reciclagem e os panos gordurosos e desentupir as tubulações de esgoto. Todos os trabalhos horríveis que ninguém quer fazer. Assim, nada nem ninguém é esquecido. Nada é delegado às *pessoas inferiores* porque isso não existe aqui. Então você chegando aqui com — quantos anos você tem?”

“Vinte e quatro.”

“Certo. Você tem dez anos de possíveis turnos no saneamento para compensar. Você está aqui comendo a comida que cultivamos, dormindo dentro de uma casa que alguém trabalhou duro para manter, bebendo água que é racionada com todo o cuidado. As pessoas no departamento de trabalho sabem disso. Elas queriam ver se você estava mesmo disposto a viver como nós. Se você era mais do que um turista. Queriam saber se você estava falando sério.”

O homem se endireitou.

“Eu estou.”

“Bem, então, vá cuidar do esgoto que nem o resto de nós. Se fizer isso eles talvez deixem que você use seus conhecimentos com código.” O que eles com

certeza fariam. Havia demanda por qualificações desse tipo, sem sombra de dúvida. Só que tinha que vir de alguém com os princípios corretos.

"Tudo bem", disse o homem. "Sim, entendi. Obrigado. Obrigado mesmo." O sorriso voltou. "Eu sou Sawyer, aliás."

Ela lhe deu um aceno educado.

"Eu sou Eyas."

"Eyas. Combina com você."

"Não." Ela se levantou e calçou as luvas de novo. "Não combina."

kip

“Pode confiar”, disse Ras. “É totalmente seguro.”

Kip não tinha tanta certeza. Seu amigo estava com seu sorriso de sempre, mas ele tinha um bando de coisas estranhas espalhadas no chão entre eles — um escâner de implantes, alguns cabos complicados, um chip de informações rotulado “ANIVERSÁRIO”. Tudo parecia ter sido picaretado, e Ras jamais dera qualquer indicação de que sabia usar aquele tipo de coisa.

“Onde você conseguiu esses troços?”, perguntou Kip.

“Entrega por drone. Tinha alguns créditos guardados.”

“Sim, mas de *onde*?”

“Você se lembra daquele trabalho que fiz para S. Aho…”

“Não os créditos. Essas… coisas de picareta.”

Ras baixou a voz, apesar de estarem seguros em seu quarto. Sua mãe tinha uma audição incrível.

“Você já ouviu falar de um canal chamado Piquenique?”

“Não.”

“É tipo… coisa do mercado negro *mesmo*. Implantes, código, até mesmo naves. Todo tipo de coisa. O que você quiser, alguém tem ou sabe onde conseguir. E é totalmente secreto. Você não encontra o Piquenique pelas pesquisas públicas.”

Kip não estava gostando muito dessa história, mas não queria parecer um covarde.

“Então como você encontrou?”

“Toby me contou. É onde a irmã dele consegue tudo o que precisa para fazer estouro.”

“Peraí, Una? Ela faz estouro?”

“Você não sabia? Achei que todo mundo soubesse. Como você acha que ela comprou um esquife? De qualquer forma, i fornecedir que encontrei lá me disse…”

“Quem?”

“O quê?”

“Quem é essa pessoa?”

“É… Bem, é anônimo, todo mundo tem codinomes e…”

Kip se inclinou para frente.

“Quem?”

Ras pigarreou.

“Ili se chama BoloFofo.”

“BoloFofo.”

“Ili sabe o que está fazendo, cara, eu juro.”

“Você comprou um kit de picaretagem de alguém chamado *BoloFofo*.”

Ras revirou os olhos e puxou para trás seu protetor de pulso, expondo o implante abaixo. “Olha, já fiz em mim.” Ele pegou o escâner — definitivamente picaretado, havia revestimentos de duas cores fundidos em um — e passou-o pelo pulso. Ele virou a tela do escâner na direção de Kip para que ele pudesse ler os dados de identificação ali exibidos.

“Viu?”

Kip leu, piscou, surpreso, e ergueu as sobrancelhas.

“Nossa.”

“*Nossa* mesmo.”

“E… tudo certo?” Kip se lembrou do padrão anterior, quando a *Newet* ficou em quarentena porque alguém voltou de um mercado neutro com um vírus — Marabunta, como ficou conhecido. O vírus sequestrava seus imunobôs e causava convulsões, infectando qualquer pessoa cujo implante se aproximasse do seu, fosse em um abraço, um aperto de mão ou em um transporte lotado. Kip se lembrava de ver fotos das vítimas nos canais de notícias — pessoas amarradas às camas de hospital, bocas fechadas pelos médicos para que não quebrassem os dentes. Todo mundo ficou muito assustado. Na escola, tiveram uma longa e tediosa palestra sobre como você jamais deveria ter imunobôs sem licença e jamais deveria ir a uma clínica ilegal. Pôde ouvir aquela palestra ecoando vagamente em sua cabeça, mas a realidade de seu amigo sentado na sua frente era muito mais alta. “Você está se sentindo bem?”, perguntou Kip.

“Estrelas, eu consigo uma coisa incrível para a gente e você vira a minha mãe. Sim, estou bem. Fiz ontem em mim mesmo antes de falar com você. O quê? Você achou que eu ia querer testar em você primeiro? Não sou tão babaca assim.”

Kip conseguia ouvir sua própria pulsação. Se Ras tinha testado e estava bem, e a picaretagem não havia afetado seus imunobôs nem nada assim, então… tudo bem, certo? Ficou olhando por um segundo, então afastou seu próprio protetor de

pulso — azul e verde com estampa de triângulos, desgastado nas pontas. O que seu pai lhe dera no último Dia da Recordação.

"Então tá", disse ele.

Ras sorriu.

"Só leva um segundo." Ele conectou uma extremidade do cabo ao implante de Kip e a outra ao seu scrib. Conectou o chip em uma entrada livre e apontou para a tela.

"Você quer manter seu aniversário, certo? É mais fácil de lembrar assim."

"Quero", concordou Kip. Ele mudou seu peso de perna enquanto Ras trabalhava. "E se alguém conhecido vir a gente?"

"Bem, se a gente não for idiota, isso não vai acontecer. A gente pode ir a um dos outros distritos e vai ficar tudo bem." Ele acenou com a mão e o scrib tocou. "Pronto, vamos dar uma olhada."

"É só isso?", perguntou Kip.

"É só isso", disse Ras, pegando o escâner. "Eu falei, BoloFofo sabe das coisas." Ele passou o escâner pelo pulso de Kip, assentiu com a cabeça, então entregou-o para Kip ler.

Kip o pegou e olhou para a tela.

> **REGISTRO DE CIDADANIA DA CG:**
> Identidade N°: 9836-745-112
> Nome na CG: Kristofer Madaki
> Contatos de emergência: Serafina Madaki, Alton Madaki
> Parentes: Serafina Madaki, Alton Madaki
> Nome local (se aplicável): Kristofer (Kip) Madaki
> Informação necessária local:
> Nave: *Astéria*, Frota do Êxodo
> Endereço: 224-324
> Data de nascimento padrão: 23/292
> Idade: 20

"É isso aí!", disse Ras. "Porra, *até que enfim* você parece estar se divertindo."

Kip não pôde deixar de sorrir. Ele poderia ter tantos problemas por isso, mas… mas sentiu que furara fila, como se tivesse recebido um alívio da agonizante espera entre os aniversários.

"Mas eu pareço ter vinte anos?"

Ras franziu os lábios e assentiu.

"Claro." Ele inclinou a cabeça. "Mas talvez seja melhor não fazer a barba."

Kip ainda não tinha muito a raspar, a não ser o bigode e alguns fiapos no queixo, mas não sentiu vontade de compartilhar essa informação.

“Então, e agora?”, disse ele. Agora que a parte assustadora estava acabada, a falta de plano era meio decepcionante. “A gente pode comprar coice ou… palha-vermelha? Você quer um pouco de palha-vermelha?” Kip já havia experimentado uma vez e não gostara, mas agora podia comprar, e era isso que importava.

Mas Ras balançou a cabeça.

“Tenho uma ideia muito melhor.”

sawyer

Comparado ao ambiente iluminado e movimentado da praça, o departamento de trabalho era um lugar bastante humilde. Ainda assim, era acolhedor à sua maneira. Havia bancos do lado de fora, onde as pessoas podiam vasculhar a listagem de oportunidades em seus scribs, plantas tranquilizadoras em vasos organizados e cartazes de pixels encorajadores. *Precisa de uma mudança? Podemos ajudar!*, anunciava um deles, as letras brilhando acima de um homem aliviado que largava uma cesta de coleta de vegetais e pegava uma pilha de tecidos. Outro pôster mostrava uma adolescente de pé em algo que parecia o corredor de um hexa, examinando portas marcadas por diversos símbolos — um peixe saltando, um imunobô ampliado, um instrumento musical, um ônibus espacial em curso. *Nunca se sabe onde um estágio pode levar você*, os pixels diziam.

Sawyer se sentou no banco ao lado da garota com as quatro possibilidades de vida à sua frente. Havia acabado de sair do departamento e feito o que a mulher com o adubo havia sugerido. Entrar ali motivado pelo conselho o havia deixado animado. Sair, porém… não sabia bem o que sentia. Não tinha falado com o mesmo guarda-livros de antes, então não pôde sentir a satisfação de voltar e dizer *arrá, olha só, passei no seu teste!* Descobrir a expectativa de uma ordem específica na iniciação vocacional pareceu significativo para Sawyer. O guarda-livros não tinha transmitido essa informação, mas por que deveria? O que havia de significativo em preencher o mesmo formulário que provavelmente preenchia dezenas de vezes por dia? O que Sawyer tinha esperado? Um aceno de reconhecimento? Um sorriso de aprovação?

Era exatamente isso o que queria, ele sabia, e se sentia um idiota. Porém, mais uma vez, não lhe disseram qual seria o próximo passo, não lhe disseram nada além de "obrigado, entraremos em contato quando uma oportunidade surgir". Quando isso aconteceria? Amanhã? Dali a uma decana? Levaria mais tempo? Em princípio,

Sawyer não se importava em passar algum tempo ocioso, ainda mais quando não precisava se preocupar com comida ou com ter um lugar para morar, mas a ideia de ficar vagando naquela casa grande vazia até algum ponto incerto no futuro não caía bem.

Ele firmou o queixo. Ficar triste por causa de tudo que ainda não sabia não ajudaria em nada. Talvez pudesse tentar conhecer melhor seus vizinhos de hexa. Talvez fossem mais do que distantes e educados se soubessem que ele iria limpar a mesma sujeira que todo mundo. Talvez ele aparecesse para jantar hoje, em vez de ir a um café ou se esconder no quarto, inseguro. Nunca havia cozinhado antes, mas podia cortar legumes, pelo menos. Poderia ajudar. Poderia…

"Está tentando reunir coragem?", perguntou uma voz amigável.

Sawyer olhou para quem estava falando: um homem robusto com um sorriso contagiante e um braço mecânico. Tais implantes eram comuns entre os seres humanos em casa, mas Sawyer não tinha visto muitos na Frota.

"Acabei de sair", disse ele.

"Está precisando de algum conforto, então, a julgar pela sua cara." O homem levantou um cantil, sinalizando a intenção de compartilhar a bebida. "Aceita um pouco em forma líquida?"

Sawyer sorriu e levantou as mãos.

"É melhor não", disse ele. "Sou meio fraco para bebida."

"Então você não tem nada a temer aqui", disse o homem. Ele balançou o cantil. "É só chá. Com açúcar para dar aquele ânimo, só isso."

O sorriso de Sawyer cresceu e ele assentiu.

"Tudo bem", disse ele, indo se sentar perto do homem. "É muita gentileza sua."

"Já passei por isso", disse o homem. Ele encheu a tampa do cantil e entregou-a. "Não é muito agradável ficar à toa, não é mesmo?"

"Não", disse Sawyer, acenando em agradecimento enquanto tomava um gole de chá. Estrelas, ele falara sério sobre o açúcar. Já podia senti-lo se agarrando aos seus dentes.

O homem estendeu a mão.

"Eu sou Oates", apresentou-se ele.

Sawyer apertou sua mão, uma descarga de adrenalina feliz percorrendo seu corpo.

"Sawyer", disse ele.

"E de onde você é, Sawyer?" Ele apontou para a boca de Sawyer. "Nós não cultivamos *R*s como os seus aqui na Frota."

Sawyer riu. "Mushtullo."

"Bem longe de casa." Oates pegou um cachimbo de palha-vermelha e um saquinho no bolso do casaco. Sawyer sabia qual seria a próxima pergunta: "Você

tem família aqui?”.

“Não.” Ele já tinha decorado uma resposta. “Só estou tentando algo novo.”

Oates assentiu enquanto enchia seu cachimbo — a palha-vermelha na mão com a qual nasceu, o cachimbo na que escolheu.

“Bom para você!” Ele bateu em seu faiscador e deu uma, duas, três baforadas. A fumaça subiu firme. “Você já está aqui há muito tempo?”

“Duas decanas.”

“Como tem sido até agora?”

“Ótimo”, respondeu Sawyer, um pouco rápido demais, um pouco alto demais. “Sim, tem sido… ótimo.”

Oates olhou para ele por trás da fumaça do cachimbo.

“É um pouco diferente de casa, não é mesmo?”

Sawyer tomou outro gole do chá doce demais.

“Ainda estou me orientando. Mas isso é normal, certo?”

“Eu diria que sim”, disse Oates. Ele ofereceu seu cachimbo; Sawyer recusou. “Então, que tipo de trabalho eles arrumaram para você?”

“Eu me inscrevi no saneamento.” Sawyer tentou responder com naturalidade, mas estava ansioso para ver como essa resposta seria recebida.

Oates não o decepcionou.

“Saneamento”, disse ele com um olhar de aprovação. “Um trabalho antigo e respeitável.” Ele deu uma longa tragada e deixou a fumaça sair lentamente pelo nariz. “Que bom. Mas seja sincero, agora que somos companheiros de chá e tudo mais — não é exatamente isso que você *quer* fazer, certo?”

“Bem…” Sawyer riu. “Alguém quer?”

Oates riu. “Não. É por isso que a boa e velha loteria existe em primeiro lugar. Com que tipo de coisa você trabalhava em Mushtullo?”

“Muitas coisas — hã, vamos ver… Trabalhei em um café, um depósito de combustível, uma fábrica de estase…”

“Então, você consegue levantar coisas pesadas, seguir instruções e ser simpático com as pessoas. Muito bom. O que mais?”

“Sei escrever código.”

“Mentira!” Oates pareceu interessado. “Que tipo de código?”

“Não sou técnico de computação nem nada do tipo. Não estudei para isso. Mas sei siksek e tinker e…”

“Tinker, é?” Oates rolou o cachimbo entre os dedos de metal. “Que nível?”

“Quatro.”

Oates estudou Sawyer. “Ouça, sei que a gente se conhece há três minutos, mas dá pra ver que você é um cara legal. Se quiser mesmo começar com os esgotos, não vou incomodá-lo mais. Mas se estiver interessado em algo mais… *dinâmico*, estou

em uma equipe de catadores, e a gente está atrás de outras pessoas pra ajudar. Mais especificamente, alguém que saiba tinker. Parei algumas outras pessoas hoje e você é o primeiro com quem conversei que tem essa habilidade."

Sawyer estava prestes a tomar outro gole de chá, mas o cantil parou no meio do caminho.

"Levantar coisas pesadas e seguir instruções é a parte principal do trabalho", prosseguiu Oates. "Mas nós usamos tinker com alguma frequência. Você sabe como é com equipamentos com defeito — às vezes você não consegue fazer um painel funcionar ou abrir uma porta e é mais rápido quando se tem gente capaz de forçar entrada com código. Acha que conseguiria fazer algo assim?"

"Sim, com certeza", disse Sawyer, alto e rápido de novo. "Nunca fiz nada assim antes, mas…"

"Se você é nível quatro, vai ser moleza." Oates comprimiu os lábios e assentiu. "Certo, bem, se estiver interessado, venha me encontrar hoje à noite na doca doze, depois das vinte e meia. Vou levá-lo para conhecer minha chefe."

O coração de Sawyer quase subiu pela garganta. Pronto. Um amigo. Uma *equipe*. Caramba, a mulher do adubo estava certa! Cinco minutos depois de sair do departamento de trabalho, só de ter posto seu nome na lista, as coisas já estavam mudando.

"Quer dizer", gaguejou Sawyer, "seria incrível. Posso ir buscar a listagem, se for mais fácil, não quero fazer você perder tempo…"

"Imagina", disse Oates. "Além disso, minha chefe não usa a listagem. Só aceita recomendações. Ela é uma pessoa que gosta de tratar as coisas cara a cara." A fumaça escapou por entre seu sorriso. "É boa em saber em quem pode confiar."

tessa

Houve um tempo em que Eloy não era um mau chefe. Ou talvez sempre tivesse sido, apenas não houvesse tido a oportunidade de mostrar essa qualidade. De qualquer forma, Tessa havia votado nele para supervisor do Compartimento Oito no último padrão, quando Faye partira para as colônias independentes. Tessa sentia falta de Faye. Ela dava conta do recado, mas você também podia ir tomar uma bebida com ela em seu hexa nas horas de folga e esquecer que era ela quem mandava. Tessa nunca tinha sido amiga de Eloy, mas ele era um trabalhador com quem se podia contar e muitíssimo organizado. Tinha aquele jeito direto e razoável necessário para ir falar em nome de todos nas reuniões das guildas de carga. Mas assim que conseguiu sua posição, ele se transformou em uma daquelas pessoas que acham que *estar no comando* e *estar estressado* eram a mesma coisa. Não havia descumprido as regras ou atrapalhado o fluxo de trabalho o suficiente para justificar que os trabalhadores votassem por sua saída, mas esse dia estava chegando. Tessa sabia que quando isso acontecesse, ia ser feio, mas… bem. As coisas eram assim.

Eloy estava andando de um lado para o outro da sala, os dedos batendo nos bolsos.

"E vocês ainda não têm ideia de quem é responsável", disse ele, dirigindo-se à patrulheira sem olhar para ela.

A patrulheira — Ruby Boothe, da vizinhança dos Santoso — estava se mantendo calma, mas sua paciência estava visivelmente se esgotando.

"É por isso…"

"Porque esta é a quarta vez", interrompeu Eloy. "O quarto roubo desde que aceitei esta posição. O sexto em um padrão. E vocês não pegaram ninguém. Ninguém."

“É por isso que estamos fazendo perguntas”, disse Ruby, apertando seu scrib cada vez com mais força. “E por isso que estamos examinando a cena.” Ela apontou com sua caneta para as prateleiras de armazenamento, onde seu voluntário estava caminhando com Sahil, agora acordado — e são e salvo —, tentando descobrir o que havia sido roubado.

“Perguntas.” Eloy balançou a cabeça. “Era de se imaginar que com todas essas perguntas, vocês teriam algumas respostas a essa altura.”

“Eloy, qual é”, disse Tessa. Sabia que ele não gostaria que ela tomasse o partido da patrulheira — e o olhar tenso dirigido a ela confirmou isso —, mas aquilo não estava ajudando. “Quantas pessoas você conhece que gostariam de um pouco de sucata extra para derreter?” Ela acenou para a patrulheira. “Ela tem uma lista bem longa de suspeitos.”

A patrulheira olhou-a agradecida.

“Exatamente”, disse ela. “E não há como dizer se os culpados são os mesmos a cada vez. Nada que tenhamos descoberto até agora determina se é um grupo organizado, algum imitador ou alguém novo. Alguém interferiu nos imunobôs do seu trabalhador e fugiu com alguma sucata. Isso não nos dá muitas informações, mas estamos fazendo o melhor possível aqui.”

“Sim, mas enquanto você está aí fazendo o seu melhor, nós somos prejudicados. *Eu* tenho que ir aos *meus* supervisores e me explicar por que vocês não conseguem encontrar uma maneira de impedir que isso se repita.” Eloy apontou para Tessa. “Ela não vai poder fazer nenhuma das coisas que precisava fazer hoje por causa disso.”

Tessa ficou irritada por Eloy usá-la para repreender a patrulheira, mas havia um fundo de verdade e ela não podia discutir. O crime em questão trazia em si uma ironia: alguém tinha ficado tão impaciente com a demora no processamento do compartimento de carga que recorrera ao roubo, aumentando o tempo de processamento para todos os demais. Essa era a parte que deixava Tessa com raiva, mais do que ficar atrasada em seu trabalho, mais do que encontrar Sahil apagado, mais do que ter que passar o que deveria ter sido uma manhã tranquila ouvindo Eloy descontar sua raiva em pessoas que não a mereciam. O roubo beneficiava o ladrão e talvez seus amigos ou familiares, mas só. Tiraram coisas de pessoas que também precisavam delas, que seguiram as regras e estavam esperando a sua vez.

Sahil e o patrulheiro voluntário voltaram. Eloy olhou na direção deles.

“O que eles levaram?”, perguntou ele.

Tessa estreitou os olhos.

“Você está se sentindo bem?”, perguntou ela.

Sahil ainda parecia um pouco afetado pela invasão de seus imunobôs — estava com olheiras e mais pálido nas bochechas. Mas assentiu.

“Só estou um pouco grogue”, disse ele, dando um leve sorriso. “A médica disse que eu me sentiria assim por algumas horas.” Ele voltou sua atenção para o chefe. “Então, levaram principalmente teracítio. Parece que também pegaram alguns seis pontas, mas não muitos. Só o que dava para enfiar nos bolsos, eu acho.”

“Quanto de teracítio?”, disse Eloy.

“Uma boa quantidade”, disse Sahil. “Eu diria… cerca de cem kems, mais ou menos.”

“Puta merda!”, explodiu Eloy. Tessa não disse nada, mas compartilhava o sentimento. Muitas coisas boas poderiam ter sido feitas com essa quantidade. Equipamento médico. Computadores para a escola. Melhorias nos ônibus espaciais. Mas, em vez disso, alguém iria derreter tudo para uso doméstico — os fundidores pessoais eram fáceis de encontrar hoje em dia — ou vender por créditos. Ela esperava que fosse a primeira opção. A ideia de alguém usando as coisas roubadas para consertar seu hexa era mais suportável. A segunda opção significava luxos não necessários, e isso… bom, isso justificava algumas reclamações à la Eloy.

“Eles precisariam de um carrinho automático para transportar algo tão grande”, disse Ruby, batendo no queixo com a caneta. Ela olhou para o voluntário. “O que isso lhe diz?”

“Um comerciante”, disse ele. Tessa não tinha ouvido seu nome, mas era mais velho e parecia alguém feliz por ter sido sorteado para esse emprego. Ela não o culpava. Seguir os patrulheiros profissionais para garantir sua honestidade era mil vezes melhor que trabalhar no esgoto. “Ou então alguém com acesso ao transporte entre os compartimentos.”

“Isso aí”, disse Ruby.

Eloy franziu a testa. “Isso não é muita coisa.”

“Não”, disse a patrulheira, pegando sua bolsa de equipamentos. “Mas é melhor que nada, e mais do que tínhamos quando chegamos.” Ela pegou a caneca de chá vazia que estivera apoiada na mesa ao seu lado. “Onde eu posso…?”

“Pode deixar aí”, disse Tessa. “Eu cuido disso.” Ela sorriu — o tipo de sorriso que você dava a alguém quando as circunstâncias eram ruins, mas você apreciava sua presença. “Obrigada pela ajuda.”

Os patrulheiros se despediram e foram embora. Um silêncio desconfortável passou a reinar na sala.

“Eu sinto muito, Eloy”, disse Sahil. “Se eu…”

Eloy levantou a mão.

“Acontece”, disse ele.

Tessa franziu a testa.

“Não foi sua culpa”, disse ela, falando as palavras que *alguém* deveria ter dito. “Tem certeza de que você está bem?”

“Estou. Mesmo.”

“Vou visitar você em casa mais tarde.”

“Tudo bem,” Sahil riu. “Eloy, você precisa de mais alguma coisa de mim?” Eloy estava distraído. Ele respondeu à pergunta de Sahil com um balançar de cabeça desanimado. Mal parecia ter registrado a pergunta.

“O que houve?”, perguntou Tessa.

Eloy soltou um suspiro exausto.

“Eu ia deixar para tocar no assunto só na próxima reunião, mas vocês podem ficar sabendo de uma vez. O conselho está falando sobre IAs.”

Sahil pareceu confuso.

“IAs para o quê?”

“Para a gente”, disse Eloy. “IAs em vez da gente.”

“Peraí, o quê?”, disse Tessa.

“Eles acham que isso acabaria com o trabalho atrasado por causa da *Oxomoco*. Classificaria tudo o que estamos tentando classificar, reciclaria tudo o que há para ser reciclado com muito mais rapidez, e evitaria que isso se repetisse.”

Tessa riu.

“Não temos infraestrutura para isso. Você tem alguma ideia do… do nível do equipamento que você precisa para operar uma IA?” O irmão dela tinha uma em sua nave, e era uma de suas maiores despesas. Ele teve que contratar um técnico só para cuidar disso. As IAs eram para viagens de longa distância, para quem tinha muitos créditos. Havia IAs na Frota, claro, mas não eram do tipo que conseguia pensar. Não passavam de sistemas de segurança pública, do tipo que identificava incêndios ou desligava a gravidade caso você caísse de um lugar alto. Não eram do tipo que tomava conta de tudo e era programado para parecer uma pessoa. Não do tipo capaz de fazer o trabalho de um humano.

Eloy enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

“Bem, aparentemente a superintendência do trabalho tem enchido o saco por causa da nossa demora no processamento, e a ideia é que o custo de construir um… Não sei nem a terminologia — construir toda aquela merda que você precisa para suportar um monte de IAs — é melhor do que fazer as coisas como a gente faz agora. Pelo menos é o que eles dizem.”

“Isso é…” Tessa balançou a cabeça. Era um insulto, para dizer o mínimo. “Eles não estão falando sério, estão?”

“Não sei”, disse Eloy. As palavras eram neutras, mas a expressão em seu rosto dizia que ele andava preocupado com isso.

“Eles não podem fazer isso”, disse Sahil. “Há tantos projetos de prioridade mais alta. Nunca encontrariam os recursos para isso.”

Tessa olhou para o compartimento de carga. Lembrou-se de quando, na adolescência, S. Lok, o vizinho, tinha saído uma manhã para testar o oxigênio e voltara para casa à tarde com a notícia de que, graças aos novos sistemas de monitoramento que seus supervisores iam instalar, ele não precisaria mais fazer isso. O departamento de trabalho lhe ofereceu treinamento e uma nova profissão, é claro, mas foi uma mudança difícil para um homem de quarenta e cinco anos, e ainda mais difícil porque ele não gostou tanto de sua nova carreira em aeroponia quanto da antiga. Ele ainda trabalhava no novo ramo. Ela se perguntou se ele ainda pensava em seu trabalho recolhendo amostras de ar do suporte de vida.

“Sahil, vá para casa”, disse Tessa. “Descanse um pouco.”

“Já descansei mais que o suficiente por hoje”, disse Sahil com um sorriso sombrio.

Ela riu.

“Descanse de verdade.” Ela olhou para Eloy. “E se não se incomoda, chefe”, disse ela, olhando para as prateleiras cheias de coisas que as pessoas precisavam, os guindastebôs adormecidos aguardando seu comando, “eu preciso voltar ao trabalho.”

kip

Kip ainda sabia falar, mas demorou um tempo até conseguir formular uma frase.

"Não sei…", disse ele devagar.

Ras pôs a mão em seu ombro.

"Ah, qual é", disse ele. "Não fique nervoso."

Na frente deles estava uma porta como qualquer outra. Um painel. Um caixilho. Plantas e globoluzes ao redor. Mas o aviso na porta… fazia toda a diferença.

A ESTRELA NOVA

Exclusivo para maiores de 20 anos

Kip engoliu em seco. Suas palmas começaram a ficar suadas. Aquele era o grande plano de Ras, o motivo de ele ter juntado os créditos, de ter encontrado algum modificador aleatório para ajudá-lo a picaretar seu implante. Ras queria entrar em um clube de prazer. E, sendo um cara legal, levou seu melhor amigo junto. Kip deveria se sentir grato. Deveria se sentir empolgado — e talvez até estivesse? Mas não era a empolgação de encontrar um prato de bolinhos de geleia na cozinha ou trocar suas roupas velhas por algumas novas em folha. Era uma empolgação diferente. Parecida com a de quando a gravidade artificial falhava. De quando uma nave menor sacolejava. O tipo de empolgação que você sentia quando havia uma grande chance de tudo ficar bem, mas você ainda iria prender a respiração até ter certeza.

"Não sei", disse Kip de novo. "Eu… eu não tomei banho, eu…"

"Eles têm lugares onde você pode se lavar", disse Ras.

"Como você sabe disso?"

"Omar me disse. Ele vai naquele no nosso distrito quase todo dia."

Kip olhou para o amigo, todo confiante e sorridente (e de camisa limpa também). Seu cabelo ainda tinha gosma demais, mas pelo menos ele parecia à vontade naquele lugar. Ras já tinha feito sexo antes — uma vez com Britta, com quem ele não podia nem ficar no mesmo ambiente agora, e muitas outras com Zi, antes de sua família se mudar para Coriol e Ras passar um tempão deprimido. Kip tinha… bem, Alex o havia beijado naquela festa uma vez, e ele… hã…

Ele não tinha.

Ras lhe deu um tapa amigável no peito.

"Vai por mim", disse ele. "Você vai se divertir." Ele passou pela porta, as mãos nos bolsos, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes.

Kip ficou paralisado.

"Merda", sussurrou ele, e então entrou.

O corredor além da porta era bonito — muito bonito. Luzes discretas, flores grandes e um cheiro incrível. Ele tinha visto lugares como aquele em vids e simulações e outras coisas, mas aquele era real, e… e estrelas, ele se sentia um peixe fora d'água. Podia sentir cada fio de cabelo no queixo, cada espinha no rosto. Sabia que os clubes eram um serviço público e tudo mais, mas será que alguém iria *querer* fazer sexo com ele? Pensou no cara que tinha visto olhando-o de volta no espelho do banheiro naquela manhã. O torso magro. A barba rala. Ninguém iria querer fazer sexo com aquilo.

Ras já estava na recepção, conversando com o recepcionista. "Duas horas cada para mim e meu amigo", disse ele. "Não juntos, quero dizer. Nós não estamos juntos."

O recepcionista olhou de um para outro, estreitou os olhos, depois indicou o escâner de implantes com a cabeça, sem desviar os olhos.

Era a hora da verdade. Ras passou o pulso.

O escâner apitou e os pixels na frente do recepcionista se rearranjaram. Seus olhos se moviam enquanto lia as informações, mas sua expressão não mudou.

"E você?", disse ele, voltando-se para Kip.

Kip sentiu que estava prestes a vomitar. Poderia arrumar tantos problemas, e nem tinha certeza se queria entrar, mas… mas…

Ras tinha feito aquilo por ele, e gastado um montão de créditos, e se Kip ficasse parado sem fazer nada, então *com certeza* estariam em apuros. Ele passou o pulso pelo escâner, que apitou. O recepcionista leu, fez uma pausa e sorriu.

"Tudo bem, senhores", disse ele. "Tenho boas notícias. Como é a sua primeira visita, temos um pacote de boas-vindas especial. Se quiserem me seguir, serviremos algumas bebidas gratuitas no salão e enviaremos alguns de nossos anfitriões mais procurados para cuidar de vocês esta noite."

"Ah! Legal!", disse Ras, sorrindo para Kip.

Kip conseguiu um sorriso fraco. Aquilo estava mesmo acontecendo? Era mesmo a sua vida?

"A gente não tem que preencher um formulário ou algo assim, para você saber quem enviar?", perguntou Ras ao recepcionista. "Eu gosto de mulheres e ele…" Ele se virou para Kip. "Qual sua preferência hoje?"

"Vamos cuidar do questionário de preferências no salão", garantiu o recepcionista. Ele se levantou e apontou para uma porta. "Podem me seguir por aqui?"

Ras seguiu o recepcionista. Kip seguiu Ras.

O salão era, sem dúvida, o lugar mais legal onde Kip já estivera. Virou-se de um lado para o outro enquanto andava, registrando tudo. O teto estava pintado como um pôr do sol — ou, pelo menos, ele tinha quase certeza de que era um pôr do sol. Havia bebidas elaboradas recheadas com frutas, folhas e flores, e globoluzes flutuantes brilhando no ambiente mais escuro. Havia todo tipo de gente ali — pessoas sozinhas, pessoas acompanhadas, pessoas à espera, pessoas indo para outro lugar. Também havia gente mais velha, o que ele não tinha imaginado e achou meio estranho, mas beleza. No bar, viu um cara muito sarado com uma camisa justa e calças de caimento perfeito murmurando algo para uma mulher usando o macacão de mangas curtas típico das fazendas. O cara tocou o cabelo dela, então pressionou a palma nas suas costas. A mulher riu e passou a mão pelo peito dele, então por seu estômago, então — puta merda. Ela o apertou, e Kip tropeçou, esbarrando em uma mesa que não tinha visto, sacudindo as bebidas floridas em cima dela e assustando o casal que estava se beijando do outro lado.

"Desculpe", disse ele. "Hã — desculpe."

Ras olhou para trás. *O que você está fazendo, porra?* Sua expressão dizia.

Kip apertou o passo. Ótimo. Ele já estava agindo como um idiota.

"Bem aqui, por favor", disse o recepcionista. Ele estendeu a mão graciosa em direção a uma mesa ao lado de um chafariz com três globoluzes dançando devagar acima dela.

"Muito obrigado", disse Ras em tom alegre, como se estivesse em lugares como aquele o tempo todo. Ele se sentou. Kip se juntou a ele. O recepcionista saiu em direção ao bar. Ras virou-se para Kip, o triunfo claro no rosto. "Valeu. Cada. Crédito." Ele olhou em volta e ficou boquiaberto. "Caramba", disse ele, olhando para duas mulheres no bar. "Estrelas, como elas são gostosas." Ele deu uma cotovelada em Kip. "Está vendo alguém interessante?"

Kip não sabia como responder. Estava vendo muitas pessoas que sim, tinham uma aparência de que ele gostava, mas a ideia de fazer sexo com qualquer uma delas estava deixando sua boca seca.

O recepcionista voltou com uma bandeja de bebidas.

“Ah, que legal!”, disse Ras, e Kip teve que concordar. As bebidas eram… o que era aquilo?

“Dois tropicais doze”, anunciou o recepcionista, colocando um copo alto e fino na frente de cada um deles. Kip inspecionou o conteúdo — eram camadas de líquidos verdes e amarelos, cubos de gelo redondos *que brilhavam*, uma borda de açúcar e uma pluma azul e florida coroando tudo.

Ras levantou seu copo.

“Saúde, amigo.”

Eles brindaram e beberam.

“Uau”, disse Kip. O que quer que tivessem colocado no tropical doze era incrível. Coice em geral tinha um gosto péssimo, mas não havia nada de amargo nesta bebida. Era apenas doce e gelada. Se não tivesse vindo de um bar, Kip teria jurado que era apenas suco.

Ras deu um tapa no braço de Kip. “*Até que enfim* parece que você está se divertindo.” Ele tomou outro gole. “Porra, isso é bom pra cacete. Sério, é a melhor bebida que eu já tomei.”

O recepcionista abriu um largo sorriso.

“Fico feliz. A espera está um pouco longa hoje. Tivemos um público um pouco maior que o esperado. Mas vamos providenciar alguns aperitivos. Se quiserem mais bebidas, podem pedir. Basta acenar para a atendente.” Ele se virou e acenou para a mulher atrás do bar, que retribuiu o aceno. Ela estava rindo de alguma coisa. Uma conversa que não conseguiam ouvir, Kip imaginou.

“Muito obrigado”, disse Ras. “E não se preocupe, nós dois temos dias livres amanhã.”

Isso estava bem longe da verdade. Ras tinha outra aula prática de direção de ônibus espacial e Kip tinha aula de matemática. *Merda*, pensou Kip. Será que ele tinha algum exercício para resolver? Se tinha, não o fez. Merda.

Mas olhou para Ras, recostado em sua cadeira, tão tranquilo. Olhou para o recepcionista, inclinando a cabeça para os dois como se só estivesse ali para facilitar suas vidas. Olhou para a bebida chique, a sala chique. Olhou para as pessoas sofisticadas que circulavam por ali, saindo do salão em pares ou, de vez em quando, em trios, de mãos dadas ou abraçadas enquanto se dirigiam a corredores misteriosos. Kip firmou a mandíbula. Ok. Ele podia fazer isso. Podia ser Kip Madaki, de 20 anos, bebedor de tropicais doze e especialista em sexo. Ele poderia fazer sexo. Ele ia. Sim. Sim. Ele passou a mão pelo cabelo, tentando arrumá-lo… de alguma maneira.

“Eu estou bem?”, perguntou ele.

Ras fez um sinal de positivo e um aceno de cabeça.

“Você está ótimo.”

“Tem certeza?”

“Cem por cento.”

Beberam suas bebidas, comeram uma tigela de ervilhas fritas picantes, beberam mais e… esperaram. Esperaram e esperaram e esperaram.

“Será que a gente devia perguntar o que houve?”, perguntou Kip.

“Relaxe”, disse Ras. “Ele disse que estavam meio ocupados hoje.”

Mais tempo passou. Mais bebidas foram consumidas e mais aperitivos também. A novidade passou, e as preocupações de Kip deram lugar ao tédio. Mesmo Ras não parecia mais tão impressionado. Duas mulheres se aproximaram da mesa. Kip e Ras se endireitaram. As mulheres passaram direto por eles e foram até a mesa ao lado, e os dois desabaram de volta, bebericando suas bebidas. Um homem começou a caminhar na direção deles. Eles se endireitaram. Ele foi para outro lugar. Os ombros deles caíram de novo. O padrão se repetiu, de novo e de novo. Endireitavam-se, desabavam, bebiam. Endireitavam, desabavam, bebiam.

O elevador do outro lado do salão se abriu e Kip viu a mulher de macacão sair. Seu cabelo estava diferente. Ela estava sozinha. Estava sorrindo.

“Quanto mais tempo você acha que vai levar?”, perguntou Kip.

Ras deu de ombros. Kip poderia dizer que ele estava tentando parecer despreocupado.

Kip mexeu o copo. O gelo tinha derretido e as camadas se misturaram e ficaram meio pálidas. Não estava mais tão gostoso.

“Você está se sentindo bêbado?”, perguntou ele. Não se sentia bêbado.

Ras deu de ombros de novo.

“Eu tenho uma tolerância alta.”

“Você acha que eles se esqueceram da gente?”

“Eles nos trouxeram bebidas.”

“Sim, mas como…”

Kip sentiu uma mão em seu ombro. Viu o mesmo acontecer com Ras. Eles se viraram e… ah, não. *Ah, não*.

“Merda”, disse Ras.

“Então!” explodiu o pai de Ras, alto o suficiente para que metade do salão se virasse para olhar. “Vocês vieram aqui transar, é?”

O pai de Ras não estava sozinho. Com ele chegaram a mãe de Ras, a mãe de Kip e o fim da vida de Kip como ele conhecia.

isabel

“Ô de casa”, disse Tamsin, enfiando a cabeça pela porta aberta.

Isabel desviou os olhos da cacofonia de projeções de pixels e tabelas de dados que ocupavam o espaço acima de sua mesa.

“O que você está fazendo aqui?”

“O que *você* está fazendo aqui?” Tamsin entrou com uma bengala na mão e uma bolsa de pano na outra. “Você esqueceu que tem outra casa?”

Que horas eram? Isabel tocou na barra de controle na lateral de suas lentes, fazendo um relógio surgir. Piscou, surpresa. Já eram vinte e meia? Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. “Me desculpe, eu…” Ela gesticulou para a mesa.

“Eu imaginei”, disse Tamsin. Ela largou a sacola na mesa e se deixou cair em uma cadeira. “É por isso que trouxe o jantar.”

Isabel espiou a bolsa. Dois pequenos recipientes e um garfo a aguardavam.

“Que amor”, disse ela.

“Peixe crocante, salada de feijão e uma fatia de melão de sobremesa. Não é dos melhores.” Tamsin se recostou na cadeira e cruzou os braços. “Os Thompson cozinharam hoje. Você sabe como Dek é com os temperos.”

“Você quer dizer, como ele sempre esquece que existem?”

Tamsin deu uma piscadela.

“Mas, você sabe. É comida.” Ela olhou para os pixels. “Achei que seus lacaios estavam cuidando de tudo enquanto você está ocupada com a S. Tentáculos.”

“Não a chame assim.”

“Por quê? Ela está aqui?”

“Não é essa a questão.”

“Você está ignorando a minha pergunta.”

Isabel suspirou.

“Os outros *estão* cuidando das coisas, mas surgiu uma questão de recategorização.”

“Ai, estrelas”, disse Tamsin, entendendo. “Ai ai ai…”

Se você pedisse a outros profissionais para adivinharem quais eram os maiores problemas enfrentados pelos arquivistas, seu palpite talvez envolvesse a restauração de arquivos corrompidos antigos ou quem sabe os sistemas com as cópias de segurança. Mas não. Não, nada ocupava mais a mente de um arquivista do que a *categorização*, e parecia que uma vez por padrão surgia um debate acalorado em torno de algum arquivo por este pertencer a categorias demais ou de menos, ou por algum visitante que não encontrou o que estava procurando porque os filtros de pesquisa não eram eficientes ou completos o suficiente, e ninguém podia fazer nada até que a questão fosse resolvida e *tudo estivesse em seu devido lugar*. Isabel abriu a boca, prestes a detalhar o problema — a última polêmica tinha a ver com as eras históricas da Terra, que sempre foram difíceis de detalhar —, mas ao examinar o rosto de Tamsin, mudou de ideia. A expressão de sua esposa parecia dizer a si mesma *demonstre interesse a qualquer custo*, como se estivesse se preparando para uma explosão de pormenores a respeito de arquivos.

“Vou poupá-la dos detalhes”, disse Isabel.

Tamsin sorriu.

“É um grande projeto”, disse ela.

“Um grande projeto”, confirmou Isabel.

“O tipo de coisa que você consegue terminar em uma noite?”

As tabelas de dados projetadas pareciam encarar Isabel, impetuosas.

“Não”, admitiu ela com um suspiro, prendendo uma mecha solta atrás da orelha. “Não, acho que não.”

Tamsin inclinou a cabeça.

“Estou com saudades.”

“Me desculpe”, disse Isabel. “Ela só vai passar mais algumas decanas aqui, e então…”

“Não, não.” Tamsin ergueu a mão. “O que você está fazendo com a S… com Ghuh’loloan é algo bom, eu entendo você estar animada. Sei que esse tipo de coisa” — ela apontou para a mesa — “é o que você faz, é relevante. Eu me importo. Não tem problema. Você está fazendo coisas legais. Mas também estou com saudade.”

Por debaixo da mesa, Isabel encostou o próprio pé no de Tamsin.

“Também estou com saudade.”

Tamsin fez um biquinho tão alto que seus lábios quase tocaram o nariz.

“E aí, quer ir à Beira-Sol?”

A pergunta veio do nada e era a última coisa que Isabel esperava ouvir naquela noite. Não pôde deixar de rir.

“Vamos lá”, disse Tamsin com um sorriso. “Estou falando sério. Nós podemos chegar a tempo do voo noturno se sairmos agora.”

“Não fazemos isso há um bom tempo.”

“E?”

“E ainda estou trabalhando.”

“E?”

“E você acabou de me trazer o jantar.”

“Pff”, fez Tamsin, estreitando os olhos. “Guarde na estase, você pode comer no almoço. Consigo um recheado para você no caminho.” Ela deu um tapinha na lateral da jaqueta. “Tenho um bolso cheinho de coisas para trocar, e tudo o que você tem são desculpas furadas.” O sorriso dela se alargou ainda mais. Cada linha do rosto dela participou dele.

Isabel estava chocada, mas também encantada. A segunda emoção ganhou.

“Tudo bem”, disse ela, levantando as mãos. “Tudo bem, vamos lá.”

“Ahá!”, disse Tamsin, batendo palmas e pegando a bengala. “Achei que você fosse amarelar.” Ela estendeu a mão depois de ficar de pé. Isabel a segurou sem nem pensar. Um hábito dos melhores.

“Deshi”, chamou Isabel quando saíram do escritório. O arquivista-júnior ergueu os olhos de sua mesa. “Por favor, avise todo mundo que estou deixando o projeto da pré-era espacial para amanhã. Eu estou…”

“Ela está sendo sequestrada”, disse Tamsin, caminhando em direção à saída. “Melhor chamar uma patrulha.”

Deshi riu e assentiu. “Sei não, S.”, disse ele. “Eu vi quem a sequestrou e acho melhor não mexer com ela.”

Tamsin deu uma risada curta e rouca.

“Esperto”, disse ela. Ela lhe lançou um olhar ameaçador digno de qualquer ator do festival. “Dedo-duro tem vida curta.”

Isabel revirou os olhos.

“Boa noite”, disse ela.

Elas foram até a doca enquanto os globoluzes começavam a escurecer. Fizeram uma breve parada no mercado mais próximo, onde Tamsin cumpriu sua promessa e trocou uma fita listrada por dois recheados — bem tostadinhos por fora, com recheio picante de baratas-da-costa-vermelha e cebola doce. A barriga de Isabel roncou ao levar o recheado à boca. Não era uma refeição balanceada, e se tivesse visto qualquer um dos netos querendo ter o mesmo no jantar, ela os teria obrigado a comer alguns legumes primeiro. Mas, estrelas, eram uma delícia. A massa era

crocante na primeira mordida, depois se desfazia na boca e você sentia o recheio apimentado. Perfeito.

Olhou para Tamsin, que deu uma mordida no próprio recheado enquanto caminhavam.

"Você já não jantou?", perguntou Isabel.

Tamsin engoliu a mordida.

"Claro que já", disse ela. "Mas por que você deveria ser a única a se beneficiar da minha excelente ideia?" Ela deu uma mordida generosa, saboreando a comida.

As duas seguiram caminho, conversando sobre os acontecimentos do dia e comendo até chegarem ao destino. A doca se estendia diante delas, menos movimentada do que nas horas anteriores. Perto da entrada, uma equipe de voluntários do saneamento varria o chão, recebendo saudações, agradecimentos e até alguns aplausos dos poucos transeuntes.

"Olá!" Um atendente se aproximou — um jovem, provavelmente novo na função. Era baixo e de aparência bem-cuidada, e sua atenção educada deixou claro que levava sua função a sério. "Posso ajudá-las a encontrar alguma nave em particular?"

"Nós perdemos a Beira-Sol?", perguntou Tamsin.

O garoto pareceu surpreso, mas se recuperou rápido.

"Deixe-me verificar, S." Seus olhos piscaram e começaram a se mover enquanto ele acessava a informação em suas lentes. "Ainda dá tempo. Ela parte em dez minutos." Ele olhou entre as duas velhas mulheres diante de si e seu tom ficou ligeiramente ansioso. "Já estiveram na Beira-Sol antes?"

Tamsin estalou a língua em desaprovação.

"Garoto, fui ao primeiro passeio da Beira-Sol." Ela abriu um sorriso malicioso. "E isso foi antes de colocarem os cintos de segurança."

Esse último detalhe não era nada verdadeiro, mas Isabel não se atreveu a contradizê-la. A expressão do garoto foi engraçada demais. Tamsin se inclinou.

"Ainda fica atracada na doca trinta e sete?"

O atendente assentiu.

"Doca trinta e sete, isso mesmo, S." Ele apontou o caminho com um aceno profissional. Isabel podia senti-lo observando-as se afastarem com um ar levemente perplexo. Ela não pôde deixar de sorrir. Tamsin sempre gostara de chocar os estranhos.

A doca trinta e sete estava vazia, a não ser pelo esquife aguardando a partida e uma jovem encostada no corrimão de segurança do lado de fora, distraída com algum jogo de pixels em seu scrib. Ela era a piloto, como indicavam os vários emblemas costurados em seu casaco, e o uniforme era típico de sua profissão, desde as calças de fibra de bambu práticas até as botas pesadas cheias de recursos e

provavelmente de segunda mão. Mas havia outros detalhes que teriam parecido estranhos em uma pilota quando Isabel tinha a idade dela. As tatuagens deslizando hipnoticamente para cima e para baixo em seus antebraços, por exemplo. Os grossos redemoinhos ao estilo aandriskano pintados em suas unhas. As pequenas e brilhantes portas conectoras instaladas perto de suas têmporas, cujo propósito Isabel só podia imaginar. Ela era uma pilota exodoniana, sim. Mas também… era mais.

A piloto olhou para elas quando Isabel e Tamsin se aproximaram.

"Olá, S. Itoh e S. Itoh!", disse ela. "Como vão as coisas?"

Isabel não conhecia bem a moça, mas sabia seu nome, que ela morava no bairro cinco e que às vezes ia aos Arquivos para consultar os registros da arquitetura da Terra antiga. Isabel fizera a cerimônia de nomeação de sua sobrinha no início do padrão.

"Olá, Kiku", cumprimentou ela calorosamente. "Você é nossa pilota esta noite?"

Kiku ficou encantada.

"Vocês duas vieram passear na Beira-Sol?"

"Parece que sim", disse Isabel, lançando um olhar na direção de Tamsin.

Tamsin olhou em volta para a passarela vazia.

"Vamos ser só nós duas?", perguntou ela, gostando da ideia.

Kiku desligou o jogo e os pixels se dispersaram.

"Não é muito comum as pessoas virem para um voo noturno em uma noite de trabalho", disse ela, guardando o scrib e dando um passo em direção à porta da nave. "Em geral só os jovens em algum encontro." Ela piscou para as duas e apontou para a porta com um gesto educado. "Entrem."

O esquife tinha seis pares de assentos de passageiros em uma fileira e um teto transparente e abobadado que descia até o nível do assento. Ao entrar pela porta, dava para ver que era tão grosso e resistente quanto qualquer antepara, mas sentado ali dentro, jamais se imaginaria.

"Podem se sentar onde quiserem", disse Kiku.

"Que tal ali?" Tamsin apontou para o assento da pilota, uma expressão séria.

Kiku continuou a brincadeira.

"Esse não vai dar", disse ela sem esboçar um sorriso.

"Tem certeza?"

"Absoluta."

"*Tsc*", fez Tamsin, sacudindo a cabeça. "Que decepção." Ela fez menção de sair pela porta, depois riu, franziu o nariz para Kiku e se sentou na segunda fila. Longe o suficiente para não ficar em cima da pilota, mas perto o suficiente para poder brincar com ela.

Kiku começou os preparativos e Isabel se sentou ao lado da esposa. Tamsin se inclinou, falando em um sussurro baixo.

"Sabe, se ela está acostumada a jovens em encontros, aposto que não vai se incomodar se a gente der uns amassos."

Isabel sufocou uma risada e deu uma palmada na perna de Tamsin.

"Nós íamos deixar a pobre garota traumatizada."

"O quê? Não. Nós somos lindas." Seu rosto ficou pensativo. "A gente já não fez isso uma vez na Beira-Sol, não?"

Uma memória muito antiga surgiu: duas mulheres, mais jovens do que a pilota era agora, bêbadas de coice e sem conseguir tirar os olhos uma da outra, sentadas no último assento de um ônibus como se ninguém mais estivesse lá. "Isso foi no catamarã, não na Beira-Sol", disse Isabel.

"Tem certeza?"

"Tenho."

"Tá bem. Você é a arquivista."

Isabel se inclinou um pouco mais.

"Como alguém conseguiria ficar se beijando na Beira-Sol, de qualquer maneira? Você iria acabar sem dentes."

Sua esposa bufou.

"Mas se continuasse inteira, a pessoa se tornaria uma lenda. Estou surpresa que isso não seja moda."

"O quê? Passar o máximo de tempo possível se agarrando sem precisar de cuidados médicos?"

"Isso." Tamsin riu com vontade. "O desafio Beira-Sol."

Os sons de alegria conspiratória fizeram Kiku olhar para trás.

"Vocês duas vão se comportar?"

Tamsin endireitou-se e cruzou as mãos sobre o colo.

"Claro, S.", disse ela, como uma garota de escola pega em flagrante com códigos para colar na prova. "Vamos nos comportar direitinho."

"Sei", disse a pilota, retornando aos interruptores e botões.

Isabel estendeu a mão e segurou a de Tamsin.

"Pelo menos eu vou", disse ela.

"Traidora", disse Tamsin. Ela deu um aperto afetuoso em sua mão.

Kiku pôs as lentes de navegação.

"Ah", fez Isabel. Ela levou as mãos até o rosto, lembrando que ainda estava usando suas lentes. Ela as tirou e lançou a Tamsin um falso olhar de reprovação enquanto colocava o aparelho no bolso. "Quanto tempo você ia me deixar andando por aí com isso?"

Tamsin deu de ombros.

“Até agora, eu acho.”

Os motores do lado de fora zumbiram, os jatos de íons começaram a brilhar.

“Tudo bem”, disse a pilota. “Todas prontas?” Ela fez uma pausa. “Acho que vocês duas não precisam ouvir as instruções de segurança, certo?”

Em resposta, Tamsin deu um pequeno puxão no cinto de segurança.

“Mantenham-se sentadas, com os cintos afivelados, e aguentem firme.”

“E deixe a pilota fazer seu trabalho”, acrescentou Isabel.

Kiku apontou um dedo para Isabel quando começou a sair da doca.

“Gostei”, disse ela. “Vou passar a incluir essa última parte.” Ela acionou interruptores e fez alguns ajustes finais. “Vocês duas querem gravidade ou não precisa?”

Isabel ergueu as sobrancelhas.

“Você tem permissão para desligar?”

Kiku deu de ombros, travessa.

“Não oficialmente.”

“Vamos ficar com a gravidade”, disse Tamsin. “Gosto de sentir que estou de cabeça para baixo.”

“Pode deixar”, disse Kiku. Ela se inclinou para a vox. “Beira-Sol Um, solicitando posição na fila.”

“Concedido, Beira-Sol Um”, respondeu o controlador de tráfego. “Divirta-se.”

O esquife se dirigiu para a saída mais próxima. Uma fila de ônibus particulares e transportes de longa distância esperava sua vez.

“Deve levar cerca de meia hora até chegarmos ao curso”, disse Kiku, entrando na fila. “Então apenas relaxem e aproveitem.” Ela tirou uma das mãos dos controles e começou a vasculhar uma caixa de armazenamento amarrada ao lado de seu assento. “Alguma de vocês gosta de caramelo salgado?”

Tamsin e Isabel responderam ao mesmo tempo:

“*Sim*.”

Kiku sorriu, pegou uma lata e gesticulou para os controles. Um faxinabô se desdobrou de sua pequena doca no canto da nave, os minúsculos jatos estabilizadores disparando em um verde simpático. Zumbindo, foi até Kiku, que equilibrou a lata em cima dele.

“Segunda fila”, comandou ela, e ele obedeceu, indiferente à carga extra.

“Isso sim é um uso criativo para um faxinabô,” observou Tamsin, pegando a lata da máquina lenta.

“Funciona, não é?”, disse Kiku.

“Funciona.” Tamsin olhou para Isabel enquanto ela abria a lata. “Nunca mais me levanto para buscar algo para você.”

A fila avançou sem muita demora, e o esquife entrou na eclusa de ar. Um portão se fechou atrás dele e outro se abriu à frente. O metal deu lugar ao espaço e à luz das estrelas. Tamsin segurou a mão dela um pouco mais firme, e Isabel não precisou olhar para sua esposa para saber que ela estava sorrindo. Ela compartilhava o sentimento. O espaço aberto sempre era lindo.

E assim seguiram para o velho clássico: O Passeio da Beira-Sol. Uma viagem de velocidade e adrenalina à luz do sol, percorrendo o espaço entre as rochas próximas de onde quer que a Frota estivesse orbitando no momento. Uma extravagância cujo único objetivo era a diversão, a tradição foi estabelecida após a entrada na CG expandir as rotas comerciais e passou a ser mantida por doações particulares depois que ficou óbvio que os recursos não estavam surgindo com a abundância esperada. Os trajetos eram seguros, claro. Haviam sido mapeados com bastante antecedência e todas as rochas haviam recebido alarmes de proximidade, alarmes de proximidade reserva e estabilizadores que as impediam de desviar para a pista. Os pilotos eram treinados à exaustão, e o controle de tráfego em casa observava cada movimento pelo mapa de rastreamento. Mas nada disso mudava a sensação de estar dentro de uma pequena nave dando voltas e saltos, a parede transparente em volta dando a impressão de que não havia nada entre você e o espaço aberto. Algumas pessoas odiavam, tendo experimentado uma vez e decidido que preferiam manter o almoço na barriga.

Algumas pessoas não eram nada divertidas.

“Que caminho a gente vai fazer hoje?”, perguntou Isabel.

“A Fúria do Furacão”, disse Kiku.

Tamsin olhou para Isabel.

“Não me lembro desse.”

“É novo”, disse Kiku. “Substituiu o Mergulho Macabro.”

“Ah, sério? Esse era ótimo.”

A piloto assentiu.

“Sim, mas eles descobriram tungstênio no caminho.”

“É, assim não tem nem o que discutir”, disse Tamsin.

“Não se preocupe”, disse Kiku. Ela calçou luvas de piloto, do tipo usado apenas para controle manual. O coração de Isabel começou a bater mais forte com a expectativa. “A Fúria do Furacão é de arrepiar os cabelos. Vocês não vão se decepcionar.”

O esquife chegou a um asteroide cheio de luzes e marcadores. Um grande círculo de flutuadores sinalizava a entrada, piscando em diversas cores. Kiku ativou suas lentes. Os motores queimaram, altos e quentes.

“Cintos afivelados?”

Isabel testou o cinto e sua esposa fez o mesmo. Tamsin tinha ficado com medo da primeira vez, Isabel se lembrava. Não se esquecera das marcas dolorosas de suas unhas na palma da mão, quando Tamsin a apertara, aterrorizada. Também se lembrava de esfregar as costas da então namorada enquanto ela vomitava na doca assim que saíram do esquife. E se lembrava do dia seguinte, quando acordou para encontrar Tamsin de olhos abertos no travesseiro ao lado dela, um sorriso despreocupado na voz quando perguntou a Isabel se queria ir de novo.

Isabel aceitou. Daquele dia em diante, se Tamsin estivesse lá, ela estaria bem ao seu lado.

Os motores rugiram e o esquife avançou.

"Aaaahhhh!", gritou Tamsin, as vogais se transformando em um grito de medo. Isabel gritou também, um misto de risada e berro enquanto o esquife desviava, deslizava e se agitava.

"Mais rápido!", gritou Tamsin.

"Mais rápido!", ecoou Isabel.

De trás da pilota, Isabel podia ver Kiku abrir um enorme sorriso.

"Pode deixar", disse ela, e foram mais rápido, mais alto, de cabeça para baixo e fazendo curvas bruscas. As rochas gigantescas flutuavam além das paredes com janelas, aparecendo e ficando para trás em um piscar de olhos. As estrelas passavam em um borrão. Tamsin ria tanto que lágrimas saíam dos seus olhos, e era impossível não rir junto. Isabel não conseguia sentir nada além do movimento, da alegria, do martelar de seu coração. Foi tão bom quanto a primeira vez, tão bom quanto sempre era. Ela fechou os olhos e comemorou.

eyas

Um cânion assomava-se ao seu redor, com arcos em ruínas e pedras manchadas de vermelho. O céu estava distante, uma faixa azul longínqua atrás das montanhas verdes. Mais abaixo, os pássaros se aninhavam nas fendas ou reentrâncias que conseguiam encontrar. Voavam pelo espaço sombreado com uma velocidade de tirar o fôlego, dando guinadas bruscas para agarrar os insetos que enchiam o ar quente.

Que ela presumia estar quente, melhor dizendo. O cinema não gerava estímulos sensoriais além dos visuais e sonoros. Não era uma simulação. O cinema era anterior a essa tecnologia — ou, para ser mais exato, era anterior ao contato com as espécies dispostas a compartilharem essa tecnologia. Todo distrito exodoniano tinha um cinema, e eles ainda usavam a mesma tecnologia antiquada já reparada milhares de vezes, e exibiam as mesmas gravações, que começaram a ser feitas pelos ancestrais dos antepassados de Eyas quando ficou claro que o colapso era inevitável. Era uma tradição antiga, assistir aos últimos fragmentos de uma Terra viva. Houve uma época em que ir ao cinema era algo que você fazia toda decana — toda *semana*, na época — ou mais. Todos os dias, em alguns casos. Vizinhos de hexa vestiam roupas confortáveis, levavam algumas almofadas, sentavam-se no chão junto com outras famílias, sob a cúpula do projetor, e eram cercados por imagens de um cânion, de uma praia, de uma floresta. Era um momento de refletir, de recordar. As pessoas riam, às vezes, ou choravam, cantavam baixinho ou conversavam aos sussurros. Fazer mais do que isso recebia alguns olhares de reprovação. O cinema era um lugar sagrado. Um lugar silencioso, mesmo quando vivia completamente lotado.

Eyas nunca tinha visto o cinema lotado. A necessidade de se familiarizar com o passado de um planeta parecia ter diminuído a cada geração depois que o planeta em si foi encontrado. Ela nunca tinha visto mais de dez pessoas ao mesmo tempo

em um cinema, e nem todos continuavam ativos. Não eram um sistema vital e não eram prioridade na hora de distribuir recursos, a menos que o distrito que os cercava votasse por sua manutenção. O dela sempre votara por isso. Eyas compreendia as pessoas que queriam que seu espaço tivesse usos mais práticos, mas ficava feliz que a maioria de seus vizinhos compartilhasse sua visão de que a praticidade se tornava algo sombrio se não fosse bem equilibrada.

Sua principal razão para amar o cinema era egoísta e ela sabia disso. Ela poderia alegar tradição e cultura como seus motivos — e ninguém a teria questionado, visto que seu trabalho representava o mesmo —, mas não, Eyas gostava de ter um cinema por perto porque era um dos poucos lugares onde conseguia *pensar*. Seu trabalho poderia parecer quieto para alguns, mas sempre havia famílias com quem lidar e reuniões com supervisores, como em todas as outras profissões. E mesmo nos dias em que sua única companhia era uma pessoa morta, ela se concentrava no trabalho. Sua residência, por sua vez, era um lugar de descanso, claro, mas principalmente de distração. Tarefas domésticas a serem feitas, amigos com quem conversar, o som de conversas atravessando portas fechadas. Não havia muitos lugares para se estar sozinha na Frota. Embora gostasse muito de estar perto dos vivos, às vezes seus próprios pensamentos já eram caóticos o suficiente. O cinema não era particular. Era o mais público possível. Mas era um público de outra natureza, o tipo de lugar onde você podia ficar sozinho na presença de outras pessoas.

Ela se deitou no chão, apoiando a cabeça na almofada que levara de casa. Uma brisa agitou as plantas do cânion, e ela imaginou que podia senti-la em sua pele. Não tinha fortes anseios por vento ou pelo céu, mas era divertido pensar neles mesmo assim. Imagine só: a intensa vulnerabilidade de um espaço não protegido. O caos selvagem da atmosfera. Tais pensamentos a acalmavam e emocionavam ao mesmo tempo.

Eyas cruzou as mãos sobre a barriga, e elas subiam e desciam a cada respiração. Ela deixou a mente vagar. Pensou na roupa que precisava lavar em casa. Pensou em sua mãe, e em como deveria reunir forças para visitá-la em breve. Pensou em Sunny, e um lugar escondido dentro dela se agitou com a lembrança. Pensou no jantar e seu estômago vazio roncou. Pensou no trabalho do dia seguinte e sentiu… Ela sentiu… não sabia bem.

Ela ajeitou o corpo, o chão agora menos confortável do que alguns instantes antes. Lá estava de novo — aquele cansaço, aquele cansaço sem nome. Não era falta de sono ou excesso de trabalho ou que algo estivesse errado. Não havia nada errado. Ela era saudável. Tinha um bom lar com bons amigos e comida, quando se lembrava de comer. Tinha a profissão com a qual sonhava desde criança, e era um trabalho valioso, significativo, algo em que ela acreditava de todo o coração. Ela

trabalhou duro por aquilo. Eyas tinha a vida que sempre quis, a vida que decidira construir.

Talvez… talvez fosse esse o problema. Tantos anos de treinamento e estudo, de esforço, de perseguir objetivos. Agora ela os havia atingido. Tinha tudo o que sempre quis. E agora? O que vinha depois? Manter as coisas como estavam? Sair-se bem, ser consistente, continuar pelo tempo que desse?

Ela pressionou as costas no chão de metal e sentiu o fraco ronronar dos sistemas mecânicos trabalhando abaixo. Pensou na *Astéria*, orbitando infinitamente com suas irmãs ao redor de um sol alienígena, girando e girando e girando. Aguentando firme. Sem mais procurar. Quanto tempo a Frota ficaria assim? Até a última nave finalmente falhar? Até o último exodoniano partir para um planeta? Até aquele sol explodir? Haveria algum futuro para a Frota que não envolvesse manter aquele mesmo padrão, a mesma órbita, dia após dia, até que algo desse errado? Haveria algum dia para ela que não envolvesse os mesmos horários, os mesmos rostos, as mesmas tarefas? O que era melhor — uma segurança constante, sem crescimento ou mudança, ou uma vida tentando, construindo, esforçando-se, mesmo sabendo que você nunca estaria completamente satisfeita?

Um estrondo quebrou a quietude, assustando todos os presentes. O cânion tremeu, congelou e ficou escuro. O público prendeu a respiração. Alguém ligou uma lanterna e veio correndo pelo canto do cinema.

“Desculpa, pessoal”, gritou o atendente do cinema, e em resposta ergueu-se um coro de desapontamento (mas também de alívio). “Parece que um projetor quebrou. Vou chamar os técnicos agora.”

Eyas se levantou e pegou sua almofada, sabendo que a manutenção tinha mil coisas mais importantes para consertar. Além disso, seu estômago estava roncando mais alto. Ela nunca resolveria nada com fome.

kip

Era, sem sombra de dúvida, a pior noite da vida de Kip.

Estava sentado na sala de estar, em frente aos pais, na mesa baixa. Bisa Ko estava fazendo alguma coisa ao fundo. Cuidando das plantas, sei lá. Ele não ligava.

"Não estamos com raiva, Kip", disse seu pai.

"Eu estou com raiva", disse a mãe. Ela mexeu o chá fumegante em sua xícara.

"Ok, sua mãe está com raiva. Acho que seria uma boa ideia…"

"Não, espera, ele precisa entender por que está encrencado." Ela largou a colher. "Não é porque você foi a um clube de prazer. É muito importante que você entenda isso."

"É verdade." Seu pai fez aquela coisa idiota de apontar com o dedo indicador como sempre fazia quando achava que estava dizendo alguma coisa inteligente. "Não estamos com raiva porque você queria fazer sexo."

Kip teria dado qualquer coisa naquele momento — qualquer coisa — por um vazamento de oxigênio, um satélite perdido, um buraco de minhoca perfurado no lugar errado. Qualquer coisa que o engolisse e pusesse um fim misericordioso àquela conversa.

Em vez disso, sua mãe *continuou falando*.

"Essa parte tudo bem. Isso é normal."

"Com certeza", disse o pai. "Eu lembro como era ter todos esses hormônios circulando, todos esses impulsos — eu não saía dos clubes quando fiz vinte anos."

"Nem eu", disse a mãe. "Ia duas vezes por dia, às vezes."

Kip afundou o rosto nas mãos.

"Será que… a gente pode… talvez… não?"

Bisa Ko desviou a atenção de suas plantas e riu.

"Não é como se você e seus amigos tivessem inventado sexo, garoto", disse sua bisa. Ela apontou para seus pais e para ele com seus aparadores de jardinagem.

“Você não estaria aqui.”

Talvez um cometa repentino. Uma nave de batalha rosk. Uma praga alienígena que derretesse o rosto das pessoas. *Qualquer coisa*.

“O motivo de você estar encrencado”, seu pai disse, “é você ter mentido e desobedecido às regras.”

“Ele quebrou a *lei*, Alton”, completou sua mãe. “Não só a lei da Frota. Da CG.” Ela olhou para Kip com aquele olhar que significava que a próxima decana seria péssima. Ele já podia imaginar a longa lista de tarefas que apareceria em seu scrib mais tarde. “Você só está aqui conversando com a gente e não com um patrulheiro porque o anfitrião no clube decidiu dar uma chance para você e Ras. Adulterar seu implante é coisa séria, Kip.”

“Eu sei”, resmungou Kip. Quanto mais rápido concordasse com eles, mais rápido aquilo acabaria.

“Essa picaretagem de vocês poderia ter posto qualquer coisa nele. Poderia ter sido um vírus que atacasse seus imunobôs. Você lembra o que aconteceu com aquelas pessoas na Newet, não lembra?”

“Eu lembro, mãe.”

“Uma pessoa foi a um vendedor de modificações ilegal e bastou isso para…”

“O meu implante está bem”, disse Kip. “Você me fez escanear cinco vezes.”

“Não é essa a questão. A questão é que você fez algo ilegal e perigoso. Você teve sorte. Você até se deu bem.”

“Não da maneira que ele esperava”, disse Bisa Ko com uma risada.

“Vovó”, disse sua mãe. “Por favor.”

Bisa Ko levantou as mãos em sinal de rendição e continuou trabalhando.

“*Tika lu*, tá?”, disse Kip.

A expressão no rosto da sua mãe ficou ainda mais gélida.

“Em ensk.”

Ai, estrelas, ela realmente ia implicar com isso agora? Bem. Tudo bem, ele faria o que fosse preciso para aquilo acabar.

“Me desculpa. Está bem? Não sei quantas vezes você quer que peça desculpas.”

“Nós sabemos que você já pediu desculpas”, disse seu pai, “e sabemos que você quer sair daqui. Mas você precisa entender a gravidade da situação, filho.”

“Eu entendo.” Kip suspirou. “Eu entendo, tá? Já entendi.”

Sua mãe bateu os dedos contra a xícara.

“Quando você começa seu próximo estágio?”

Ah, merda, pensou Kip. Ele murmurou a resposta em voz baixa.

“O quê? Não ouvi.”

“Ainda não me inscrevi no próximo.”

A expressão no rosto de sua mãe ficou ainda pior. Kip pôde ver mais três itens sendo adicionados à sua lista de tarefas.

"Você deveria ter se inscrito em outro antes do fim do último", disse ela.

"Eu esqueci."

"Kip, a gente já conversou sobre isso", disse o pai.

"Ok, então a primeira coisa que você precisa fazer amanhã é se inscrever em um estágio", disse sua mãe. "E até isso começar, você vem direto para casa depois da escola para ajudar no hexa. Nada de simulações, de ir a cafés, de sair para onde quer que você tenha ido. Há vários projetos no hexa que precisam de uma mãozinha."

Kip ficou tonto.

"Mas eu só devo começar o próximo daqui a uma decana."

"Isso mesmo", disse sua mãe.

Ah, não. *Ah, não*.

"Isso não é justo!"

"Você está em casa em vez de detido. Não vem reclamar de justiça."

Seu pai apoiou as mãos na mesa.

"A gente só está pedindo para você clarear as ideias e se concentrar", disse ele, sua voz irritantemente tranquila. Era muito comum ele fazer isso, falar como se estivesse sendo super-razoável e calmo, quando na verdade estava concordando com a mãe de Kip. O que o deixava maluco.

Kip tentou negociar.

"Ras e eu temos aquele jogo de aquabol no segundo dia. Nós temos planos."

A boca da sua mãe se contraiu.

"Nós achamos que um tempo longe de Ras pode ser uma boa ideia também."

Foi a gota d'água. Kip explodiu.

"Não foi culpa dele!", disse ele. Claro que tinha sido culpa de Ras, mas esse não era o ponto. "Estrelas, vocês adoram odiar ele."

"Eu não odeio o Ras", disse a mãe. "Só não sei se ele…" Ela olhou para o teto, pensando. "Seria bom se vocês tirassem um tempo para refletir sobre as escolhas que vocês vêm fazendo."

"Mas que babaquice", murmurou Kip.

"Opa", disse seu pai.

"É, sim", disse Kip, falando mais alto. "É uma babaquice. Olha, desculpa, eu sei que errei hoje, mas o único motivo de eu ter ido junto, o único motivo de a gente ter ido lá, é porque *não tem nada para fazer*. Aqui é um tédio. Sério, era para eu estar fazendo o quê? Indo à escola, fazendo minhas tarefas, aprendendo a fazer um trabalho que basicamente são outras tarefas?"

"Kip…"

“E agora vocês não querem nem que eu tenha *amigos*.”

“Ah, qual é, Kip.” Sua mãe revirou os olhos.

“Claro que a gente quer que você tenha amigos”, disse seu pai. “Mas nós queremos que você tenha amigos que despertem o melhor em você.”

“Vocês não entendem”, disse Kip. “Vocês não entendem mesmo.” Ele se afastou da mesa e começou a sair.

“Ei, a conversa não acabou”, disse sua mãe.

“Acabou *pra mim*”, disse Kip. Ele entrou no quarto e apertou o botão da porta atrás de si.

“Kip”, seu pai chamou do outro lado da parede de metal.

Kip o ignorou. Estrelas, aquele lugar era uma merda. As regras imbecis, os trabalhos idiotas, ter dezesseis anos — tudo era uma merda. Ele ia embora daquela bosta. No dia — não, *no segundo*, no segundo em que a hora virasse e fosse seu aniversário, ele entraria em um transporte e iria embora, para a universidade ou não. Encontraria um emprego em algum lugar. Não importava onde ou o quê. Qualquer coisa era melhor que aquela porra. Qualquer coisa era melhor que as listinhas da sua mãe e a voz idiota do seu pai. Qualquer coisa era melhor que aquele lugar infernal.

Do outro lado da porta, podia ouvi-los conversando. Kip sabia que ouvir só o deixaria com mais raiva, mas aproximou a orelha mesmo assim.

“Talvez eu devesse ir falar com ele”, disse o pai. “Sabe, só eu e ele.”

“Ele não quer falar com nenhum de nós dois”, disse a mãe. “Ou você não estava aqui durante essa conversa?”

“Mas…”

“Deixem o garoto em paz”, disse Bisa Ko.

Sua mãe suspirou.

“Ele anda impossível.”

“Bem”, disse Bisa Ko. “Você também era uma merdinha nessa idade.”

Kip bufou.

“Também te amo, bisa”, resmungou ele. Ele se jogou na cama e enterrou o rosto no travesseiro, desejando poder apagar aquele dia. *Droga, Ras*, pensou ele, mas não estava bravo com ele. Bem… mais ou menos. Mas não era uma raiva permanente. Sabia que não fora intenção de Ras que as coisas dessem errado.

Ele virou para o lado e gemeu. Sério. Na hora zero do dia 23, padrão 310. Assim que virasse o dia, ele ia embora.

sawyer

“Está nervoso?”, perguntou Oates, enquanto seguiam pela passarela.

Sawyer deu um sorriso tímido.

“É uma entrevista de emprego. Você alguma vez conseguiu *não* ficar nervoso em uma?”

Oates riu e deu um tapinha no ombro de Sawyer com a mão mecânica.

“Não se preocupe. A chefe vai adorar você. Quer dizer, a menos que ela o odeie.” Ele deu uma piscadela. “Se ela odiar, vai falar na hora.”

Continuaram andando. Naves de tamanho variado passavam devagar. A doca consistia em uma seção complicada de camadas e níveis, todos construídos mais de um século antes, quando os exodonianos passaram a ter *outros lugares para ir*. Sawyer sentiu como se estivesse em pé no meio do mar, observando animais aquáticos passarem — alguns, anõezinhos agitados; outros, criaturas comuns; e havia os monstros morosos para os quais todo o resto abria passagem. Ele se lembrou do tempo em que a mãe o levava para as docas no chão em Mushtullo e ficavam inventando histórias sobre o destino e a origem de cada nave. A lembrança veio com uma pontada familiar, mas era uma dor que ele tinha aprendido a deixar de lado.

Oates o levou para uma doca destinada a naves de médio porte — naves de comerciantes e para transportar pequenas cargas, principalmente. Passaram por anteparas grossas, asas atmosféricas finas e melhorias tecnológicas picaretadas, cada nave diferente da outra. Sawyer se divertiu lendo os nomes. *Ao Aberto. Tente-a-sorte. Boa Amiga. Rápido e Fácil. O Lado Bom de Valor*.

“Aqui estamos.” Oates gesticulou para Sawyer ir na frente. “Lar, doce lar.”

Sawyer olhou para um cargueiro comum — cobertura cinza, motor grande, um pouco usado. Não era tão espalhafatoso nem havia recebido tantos adicionais. Não chamava atenção. Para Sawyer, isso era positivo. A tecnologia de ponta teria sido

intimidadora, e uma tendência excessiva à modificação o teria preocupado. A nave parecia sólida, prática e bem-cuidada. Tudo o que você queria que uma espaçonave fosse, na verdade.

Ele viu as informações do registro da nave, impressas perto da escotilha de entrada aberta.

BOA PARTE
Registro N° 33-1246
Astéria, Frota do Êxodo

"Você mora na nave?", perguntou Sawyer.

"Praticamente", disse Oates. Ele entrou pela escotilha; Sawyer o seguiu. "Visito minha família quando estamos ancorados, mas é mais fácil ter as suas coisas em um lugar só, sabe? Mas Nyx, nossa pilota, passa metade do tempo aqui e metade em uma residência mesmo. O hexa do ex dela. Eles se odeiam, mas têm um filho juntos, então… sabe como é. Você não tem filhos, certo?"

"Hã, não", disse Sawyer. Ele se abaixou para evitar as bandeirinhas festivas penduradas na frente de uma porta. A estrutura interna da *Boa Parte* era tão padrão quanto o lado de fora, mas o espaço estava atulhado de caixas, engradados e barris, tudo selado e carimbado com as mesmas autorizações de exportação em várias línguas que você encontraria em qualquer mercadoria que tivesse que atravessar alguns territórios. Além disso, estava claro que a nave era um lar, com direito à decoração e bugigangas que acompanhavam essa condição. Havia pôsteres de pixel de músicos dos quais Sawyer nunca ouvira falar, fios de globoluzes passando em volta de portas, ervas plantadas em latas de lanche reaproveitadas, crescendo em direção a uma lâmpada de cultivo. Não estava bagunçado, exatamente, mas era muita coisa.

"O que vocês negociam?"

"Oh, um pouco de tudo. Nós não somos exigentes. Se for render créditos, nós transportamos." Ele virou um corredor e deu de cara com a mulher mais alta e corpulenta que Sawyer já tinha visto.

Uau, pensou Sawyer. Essa era a chefe? Era essa pessoa que ele teria que impressionar?

"Opa!", disse Oates, rindo. "Foi mal, Dory."

Dory estreitou o olho orgânico sem responder. A lente no outro clicou audivelmente, entrando em foco. A cabeça dela ficava a apenas um palmo do teto, e seus braços largos pareciam sufocados pela pouca manga que tiveram que se espremer para passar. Sawyer esperou que ela sorrisse, que oferecesse seu próprio pedido de desculpas, que esboçasse qualquer comportamento humano amigável.

Mas não, em vez disso, ela moveu o olho — e apenas o olho — na direção de Sawyer. O estreitar de olho evoluiu para uma expressão carrancuda.

"Este é Sawyer", disse Oates. "Ele está aqui por causa da nossa vaga. Sawyer, esta é a Dory. Ela é assustadora."

Dory soltou… Não era bem uma risada, estava mais para uma baforada curta. E foi isso. Ela passou por eles e seguiu seu caminho.

"Muito feliz e contente, a Dory", disse Oates. "Vamos lá, vamos encontrar uma companhia melhor." Ele continuou andando pela nave, e eles chegaram a uma cozinha. Três pessoas estavam lá dentro, duas conversando à mesa. Um homem sem barba estava apoiado no armário, comendo um grande bolo de geleia. Ele também era corpulento e musculoso, mas algo na sua estatura — ou talvez por causa do doce que ele tinha em mãos — o fazia parecer muito mais acessível do que sua companheira de tripulação de um olho só. Ele assentiu para Oates com simpatia, depois continuou a observar a conversa das outras duas.

"Você disse novecentos da última vez", disse uma delas em tom irritado. Devia ter mais ou menos a idade de Sawyer — vinte, no máximo, ele adivinhou.

A outra tinha pelo menos o dobro e foi gélida em sua resposta.

"Da última vez, você me trouxe uma mercadoria melhor. Novecentos é o que você ganha por algo de qualidade. Não por isso." Ela gesticulou com desdém para uma caixa aberta na mesa entre elas.

Sawyer não queria mais saber quem estava no comando por ali.

"Isso não é *justo*", disse a garota. "A gente fez um *acordo*."

"Sim, e foi você que não cumpriu a sua parte, Una, não eu. Você pode aceitar trezentos por cada ou voltar com algo melhor. Ou encontrar outro comprador, se achar mesmo que não é uma troca justa." Seus olhos se voltaram para Sawyer e Oates. "Está na hora da minha próxima reunião, então vou deixar você tratar disso com Len." Ela gesticulou para o homem que estava comendo o bolo. "Ele me avisará sobre sua decisão."

O homem — Len, ao que parecia — enfiou o último pedaço de bolo na boca, esfregou as mãos para limpar as migalhas e deu um passo à frente para escoltar a jovem para outro lugar. A mulher fez cara feia, mas pegou sua caixa de… do que quer que fosse e o seguiu.

A chefe pôs as mãos nos quadris e suspirou para Sawyer com um sorriso que teria esperado caso já se conhecessem.

"Negócios", disse ela. Ela acenou para que se aproximasse. "Você deve ser Sawyer."

Sawyer se aproximou da mesa.

"E você deve ser a chefe."

Ela riu — um som alegre, sincero.

“Muriel”, disse ela. A chefe olhou para Oates. “Já gostei desse aqui.” Ela fez um pequeno gesto em direção à boca como se pedindo alguma coisa. Oates foi buscar algumas canecas. “Tenho que dizer, é muito doido ouvir esse sotaque deste lado da galáxia. Oates disse que você veio do espaço Central, é isso?”

“Isso mesmo.” Sawyer se sentou. “Mushtullo.”

“Nunca fui, mas tenho um amigo que fez negócios lá. Meio barra-pesada, pelo que ouvi dizer.”

A afirmação pareceu uma pergunta.

“Um pouco”, respondeu Sawyer.

Muriel se recostou na cadeira.

“Então. Você está aqui para substituir Livia.”

Sawyer ficou confuso.

“Desculpe, eu não…”

Oates, que estava derramando água de uma chaleira perto da bancada, inclinou-se de volta para a conversa.

“Acho que não mencionei Livia.”

“Ah”, disse Muriel. “Livia era — deixe-me voltar um pouco. Quanto Oates já contou sobre o trabalho?”

“Sei que trabalham como catadores”, disse Sawyer. “Para reaproveitar sucata, esse tipo de coisa.”

Muriel deu um aceno pensativo. Apesar de seu jeito amigável, Sawyer não pôde deixar de sentir que cada palavra que saía de sua boca estava sendo pesada, medida e escolhida.

“Isso mesmo”, disse ela. “E a questão com naves acidentadas é que, às vezes, tanto elas quanto sua carga apresentam desafios que exigem um pouco de código.” Ela virou a palma da mão para Sawyer, o que significava: *e é por isso que você está aqui*.

Oates entregou a ela e a Sawyer canecas fumegantes com algo cheiroso dentro.

“Obrigado”, disse Sawyer, colocando-a na mesa antes que seus dedos se queimassem. “Que tipo de desafios?”

“Digamos…” Muriel pensou um pouco. “Digamos que a gente esteja lidando com um cargueiro. Que levasse suprimentos médicos. Agora, qualquer comerciante decente teria tudo muito bem trancado, e não entregaria a senha até receber seus créditos. Mas digamos que um asteroide tenha atingido o cargueiro, toda a tripulação esteja morta e agora ninguém sabe a senha.”

“Ah.” Sawyer entendeu. “Você precisa de alguém capaz de abrir as portas para o resto de vocês poder fazer o seu trabalho.”

“Isso aí. Porque, caso contrário, ninguém pode levar esses produtos para onde eles estavam indo.”

“Entendi.” Parecia um trabalho legal, agora que Sawyer tinha parado para pensar. Abrir portas, recuperar mercadorias, ter certeza de que nada estava sendo desperdiçado. Nada era desperdiçado na Frota.

“Então. Livia.” Muriel revirou os olhos. “Ela fez uma idiotice durante a nossa última parada em um planeta.” Ela acenou com a mão. “Não vale a pena entrar em detalhes. Coice e péssimas decisões. De qualquer forma, ela agora está em uma prisão aandriskana, e eu estou aqui sem um técnico de computação.” Ela suspirou para Oates.

“Ouvi dizer que as cadeias aandriskanas são legais”, disse Oates com a boca perto de sua caneca. “Sabe, considerando que é uma cadeia.”

“Ela não merece”, disse Muriel secamente.

Um lampejo de preocupação cruzou a mente de Sawyer.

“Só para estarmos entendidos”, disse ele, “não sou um técnico de computação. Não tenho diploma nem nada, também não tenho muita experiência. Só tenho conhecimento médio de Tinker.”

“Foi o que Oates me disse”, respondeu Muriel. “Embora eu aprecie sua honestidade. Não ligo para diplomas. O que me interessa é habilidade e a disposição para aprender. Você tem um scrib em você?”

Sawyer pegou seu coldre.

“Tenho.”

Muriel pegou um cofre.

“Você acha que consegue abrir isso?” Ela deslizou o cofre sobre a mesa.

Sawyer o pegou e umedeceu os lábios.

“Nunca fiz cofres antes.”

“O que você já fez?”

“Painéis, relés gestuais, esse tipo de coisa.”

Muriel não pareceu muito impressionada, mas deu de ombros e jogou um cabo.

“Ligue, dê uma olhada. Pode levar o tempo que quiser.” Ela soprou o seu chá. “Não estou com pressa.”

Você consegue, pensou Sawyer. Ele conectou seu scrib ao cabo e o cabo ao cofre. Gesticulou para o scrib e uma enxurrada de código apareceu. *Tudo bem*, pensou ele. Ele falava aquela língua. Entendia o quebra-cabeças. *Se, então*. Leu o código, o tempo passando. Cada segundo parecia pesar sobre seus ombros. Podia sentir Muriel observando-o enquanto tomava seu chá cada vez mais frio. Ele se perguntou se isso também fazia parte do teste, se ele estava demorando demais, se o pouco de suor se formando em sua testa a estava fazendo reconsiderar a oferta. Mas ele só podia fazer o seu melhor. Ele tinha sido honesto com ela. Tinha que esperar o mesmo. Ela dissera que ele tinha o tempo que quisesse para pensar, e assim ele fez. Era, de certo modo, parecido com suas viagens à praça de comércio

de sua terra natal, quando demonstrava suas habilidades para harmagianos críticos, impressionando com ações em vez de escrever as palavras certas. Só que isso era muito melhor. Aqueles ali não eram harmagianos críticos olhando enquanto Sawyer trabalhava. Era uma mulher descolada e um cara legal, ambos tão humanos quanto ele, e que não viam isso como algo negativo. Eram pessoas que queriam que ele tivesse sucesso. Seu nervosismo passou quando se deu conta disso, e finalmente o código passou a fazer sentido.

Sawyer formulou uma lógica. Fez algumas alterações.

O cofre continuou fechado.

Ele olhou para cima. Muriel estava quase terminando a caneca de chá. *Merda*.

Ele cerrou os dentes e escreveu, leu e escreveu mais um pouco, e — houve um som — um clique surdo. Não fez muito barulho, mas para Sawyer foi uma doce vitória. Ele abriu a tampa do cofre e o girou para Muriel.

A chefe assentiu com um sorriso discreto.

"Você o encontrou do lado de fora do departamento de trabalho?", disse ela para Oates.

Oates deu de ombros, feliz.

"Tenho talento, o que posso dizer?"

"Eu não te pago o suficiente."

"Eu sei."

Muriel estudou Sawyer.

"Eu gostaria que você fosse mais rápido. Mas agora que você já conseguiu uma vez, tem mais ideia do que fazer da próxima vez, certo?"

"Isso. Posso praticar antes do trabalho, sem problema. Quer dizer… se eu consegui o emprego."

Muriel sorriu.

"Vamos falar sobre o trabalho. Estamos indo para a *Oxomoco*."

"Uau", disse Sawyer. "Nossa. Caramba."

Muriel se inclinou para a frente e apoiou o queixo nos dedos entrelaçados.

"Você soube do que aconteceu?"

"Bem… nossa, todo mundo soube. O que aconteceu com ela, quero dizer. Foi enorme. E horrível. Horrível mesmo." Ele processou a nova informação. "Deve ter bastante sucata que precisa ser classificada, não?"

A capitã o analisou em silêncio. Algo a satisfez, e ela se endireitou.

"É um teste, você entende? Por enquanto, tudo o que eu e você temos é um trabalho juntos. Se qualquer um de nós dois ficar insatisfeito, cada um segue seu caminho, sem ressentimentos e sem mais obrigações. Mas se tudo correr bem…" Ela fez um movimento de *vamos ver*, as palmas abertas para cima. "Tenho algumas acomodações livres para a pessoa certa."

Sawyer achava que nunca havia se sentido tão determinado. Ele era a pessoa certa, ele sabia. Ia arrasar naquele trabalho. Ia dar tudo de si.

Uma parte dele, no entanto, estava hesitante. Não era o que ele tinha imaginado. Ele havia imaginado um hexa, um endereço na Frota. Mas… Um pensamento caloroso superou a cautela. Aquilo também era a Frota. Ele lera a litania que recitavam em cerimônias. *Somos as naves que abrigam nossas famílias*, sim, mas também: *Somos as naves que se comunicam entre elas*. Bem, aqui estava ele, em uma nave, pronto para participar de uma reciclagem com outros espaciais. Isso soava bem exodoniano.

Do outro lado da mesa, Muriel ofereceu a mão.

"Nós temos um acordo?"

Sawyer pegou a mão dela e apertou-a com firmeza.

"Temos um acordo."

Parte 3

E VAGAMOS ATÉ HOJE

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 6
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Sem dúvida, os exodonianos tiveram muitos benefícios com a influência da CG. Imunobôs, gravidade artificial, combustível feito com algas, o acesso a túneis — e, é claro, mek, que os exodonianos bebem tanto quanto o restante da galáxia. Mas a troca cultural nunca está isenta de certas turbulências, e embora a geração exodoniana mais velha não veja com bons olhos a inclinação dos jovens a falar klip e seu gosto pelo tecnomax harmagiano (por que este gênero musical em particular, não sei), afirmo que há uma introdução mais polêmica do que qualquer outra: os Créditos Comerciais da Comunidade Galáctica.

Para entender as complicações trazidas por nossos humildes créditos, é preciso primeiro entender como os exodonianos administram força de trabalho e recursos — e, de fato, como o têm feito há séculos. Para começar, o básico: se você está fisicamente presente na Frota do Êxodo, recebe alojamentos, comida, ar e água. Tem acesso a todos os serviços públicos e recebe os mesmos direitos que qualquer outro sapiente. Sem exceções, sem perguntas. Há limites para o quanto um indivíduo pode receber, é claro — lojas finitas dentro de um sistema fechado têm seu limite. Mas a capacidade do suporte à vida dos exodonianos foi bastante ampliada pelos aprimoramentos feitos ao longo de muitos padrões (mais uma vez,

graças à tecnologia da CG), e eles registram com todo o cuidado cada pessoa que entra nas docas das majestosas naves residenciais. Caso os serviços ou suprimentos da frota fossem pagos, todos, exceto os cidadãos, seriam sistematicamente deportados. Esse problema ainda não ocorreu. Pelo contrário, a queda na população exodoniana desde a sua entrada na CG permite que a Frota receba mais pessoas.

Você pode estar se perguntando, caríssimo convidado, como também me perguntei, como o trabalho é pago se as suas necessidades básicas já estão satisfeitas. Esta é a parte mais difícil de entender para muitos — incluindo os humanos não exodonianos. A resposta: não é. Além disso, nenhuma profissão recebe mais recursos do que outras, moradias mais suntuosas ou quaisquer outros benefícios tangíveis. Você se torna um médico porque quer ajudar as pessoas. Torna-se um piloto porque quer voar. Torna-se fazendeiro porque quer trabalhar no cultivo ou porque quer alimentar outras pessoas. Para um exodoniano, a questão da escolha de uma profissão não passa por *do que eu preciso?*, mas *em que eu sou bom? Que bem posso fazer?*

Claro, algumas profissões são mais glamorosas do que outras — um piloto, é seguro dizer, tem dias mais dinâmicos do que um guarda-livros —, mas no fim é uma questão de preferência pessoal. Nem todo mundo *quer* uma profissão agitada e empolgante que requer muitas horas de trabalho e treinamento especializado. Muitos se contentam em fazer algo simples que satisfaça o desejo de ser útil, mas também lhes permita passar tempo com suas famílias e se dedicar a seus outros interesses. É por isso que as profissões que de fato exigem um estudo rigoroso — ou que apresentam riscos inerentes, tanto física quanto emocionalmente — são tão respeitadas na sociedade exodoniana. Sou testemunha disso na companhia de minha caríssima anfitriã, Isabel, que recebe presentes e deferência aonde quer que vá (talvez você esteja se perguntando como os *presentes* funcionam em uma sociedade sem moeda nativa; voltarei a isso). Vi esse comportamento também com cuidadores, mineiros e membros do conselho. Isso não quer dizer que outras profissões sejam desvalorizadas — longe disso. Nenhum trabalho na Frota é pequeno. Tudo tem um propósito, um benefício reconhecível. Se você tem comida no prato, agradece a um fazendeiro. Se você tem roupas, agradece aos que trabalham na fábrica têxtil. Se você tem murais para alegrar o seu dia, agradece a um artista. Até mesmo a mais simples das tarefas beneficia alguém, beneficia a *todos*.

Talvez seja a própria falta de escala planetária que possibilite esse tipo de pensamento inclusivo. Engenharias sociais e estabilidade ambiental não são conceitos abstratos para os exodonianos. São sua realidade profunda e imediata. É por isso que é tão raro que adultos sejam capazes de abster-se completamente de uma profissão (embora isso aconteça, para desprezo considerável de seus pares), e

é por isso que os jovens sofrem grande cobrança dos mais velhos a respeito de qual carreira escolherão seguir. É uma questão de realização pessoal, sim, mas também — e talvez principalmente — de realização social. Quando um exodoniano pergunta "o que você faz?", a verdadeira pergunta é: "O que você faz *por nós*?".

A sociedade não é totalmente comunitária, no entanto. O conceito de pertences pessoais (e de um espaço pessoal) ainda existe e é bastante importante. Uma lata de feijões, por exemplo, é um recurso público, até que seja alocada a uma família específica. A família não troca nada por tal item, pois o acesso a ele é seu direito como cidadãos. Mas no instante em que a lata passar do depósito para sua residência, ela pertence à família em questão, e se outra família a tomasse, isso seria um roubo, algo punível (para não mencionar desnecessário, já que os ladrões teriam seus próprios feijões, para início de conversa). Imaginemos agora que um membro desta família decide adotar a profissão de padeiro. Ui pega os feijões dados à família, transforma-os em massa e cria bolinhos deliciosos (ou foi o que me disseram; como é o caso com tantos alimentos humanos, não posso experimentar os bolinhos de feijão). A menos que tal pessoa seja extremamente generosa, não distribuirá esses bens de graça, já que tal alimento agora está ausente da despensa de sua família. Ui, em vez disso, vai participar de uma das maiores tradições exodonianas: a barganha. Se eu fosse uma exodoniana com vontade de comer esse bolinho, poderia oferecer alguns legumes da minha horta, alguns parafusos extras ou qualquer outra coisa que tanto i padeiri quanto eu considerássemos uma troca justa e aceitável.

Se i padeiri for bem-sucedidi em trocar seus produtos, terá um excedente de itens permutados que podem então ser negociados com as lojas de comida públicas em troca de novas latas de feijão, de modo que os legumes, os parafusos e outros voltam a ser recursos públicos e ficam disponíveis para a população em geral. Ou i padeiri pode simplesmente manter seus itens permutados em vez de ter um armário cheio em casa, se a família decidir que prefere parafusos a feijões. Assim, embora todos os recursos sejam rigidamente controlados e distribuídos a nível público, cada família é livre para decidir o que fazer com a sua parte.

A esta altura da explicação, talvez já esteja óbvio como esse delicado equilíbrio foi interrompido no momento em que os exodonianos do passado cruzaram o caminho de uma sonda de pesquisa aeluoniana. Os exodonianos não são pobres (uma ideia equivocada que encontro muito em casa). São saudáveis, têm abrigo e não sofrem qualquer estresse extraordinário. Mas é verdade que se você pegasse uma casa exodoniana e a pusesse no meio de, digamos, Sohep Frie ou nos bairros residenciais da Reskit, essa casa pareceria bastante simples. Não é que os exodonianos passem necessidade; é que os privilegiados entre nós têm muito mais. Uma lata de feijões é adequada, mas não é tão rica em nutrientes quanto jeskoo,

nem tão saborosa para o paladar humano quanto uma fruta-crocante, nem tão empolgante quanto *algo novo*. Sim, um exodoniano poderia dizer, os motores dos ônibus espaciais construídos nas fábricas da Frota são perfeitamente adequados, mas você já viu o que os aandriskanos estão fazendo hoje em dia? Já viu as lentes de simulação que acabaram de ser lançadas, os últimos implantes, os novos híbridos de palha-vermelha? Já viu o que nossos amigos alienígenas têm?

Devo lembrar, caso você esteja com a ideia errada, que os exodonianos têm feito inovações e invenções constantes ao longo de sua história. A Frota é uma enorme oficina, e a distribuição igualitária de bens significa que qualquer pessoa com uma nova ideia — mecânica, científica, artística, o que for — tem os recursos para pô-la em prática. O único limite para o que um exodoniano ou exodoniana pode criar são os materiais que eles têm em mãos. O fato de a humanidade ter implementado a tecnologia da CG (modificando-a de maneiras engenhosas, com especializações locais) não significa que a Frota esteja com sua tecnologia estagnada desde que deixou a Terra, nem significa que seu sistema de gerenciamento de mão de obra seja insuficiente para dirigir mentes criativas para fazerem aprimoramentos. Caríssimos convidados, não posso enfatizar o suficiente o quão importante é que entendamos a atual situação exodoniana. Não é que os exodonianos estejam estagnados. É que o resto de nós estava muito à frente.

O que nos traz àqueles que guardam os tesouros aos quais o exodoniano médio não pode resistir: os mercadores da CG. Espécies não humanas nas áreas residenciais são tão raras que seus números são desprezíveis, mas as transportadoras voltadas para o comércio são áreas relativamente diversas. Ser bilíngue é um pré-requisito para os inspetores de importação de hoje, assim como o treinamento para ser sensível aos costumes de outras espécies. Mas embora os exodonianos que trabalham nas docas tenham feito o possível para se adaptarem aos costumes estrangeiros, os mercadores que tão ansiosamente acolhem não se adaptaram em um aspecto crucial: o pagamento. Isso não é surpreendente, nem mesmo injusto. Um comerciante da CG não tem o que fazer com latas de feijões ou parafusos. Quer créditos, simples assim. Se os exodonianos querem suas importações (e como querem), então precisam pagar.

Em uma escala galáctica, uma moeda unificada faz sentido. A alternativa seria o caos. Mas em uma sociedade tão pequena quanto a da Frota do Êxodo, a mistura de créditos e escambo ainda não chegou a um equilíbrio. A Frota do Êxodo quase não produz bens comerciais de interesse externo, o que significa que os créditos só podem vir de outros lugares. Há gerações, mais e mais exodonianos têm partido para trabalhar em outros sistemas, em busca de riqueza, aventura ou simplesmente uma gama mais ampla de carreiras. Esses indivíduos ainda são, no entanto, exodonianos, e fazem o que qualquer cidadão da comunidade faria: mandam

créditos para casa. Quem faria diferente? Quem não gostaria que suas famílias se alimentassem melhor, vivessem com mais conforto, tivessem mais conveniências e prazeres? Como esse ato de compartilhar poderia nascer de algo que não a bondade?

Imagine agora que nossi padeiri recebeu alguns créditos. Agora, ili não precisa mais esperar por sua lata de feijões nem economizar até ter o número necessário de parafusos. Em vez disso, ili pode fazer uma encomenda de raiz-de-suddet — não são iguais ao feijão, mas podem ser usadas para fazer bolinhos, sendo mais valorizadas por serem exóticas. Os créditos então deixam a Frota, nada entra de novo nas lojas públicas — nem feijões, nem parafusos ou outra coisa — e outros padeiros que já comercializaram bolinhos de feijão em bairros vizinhos agora são abandonados por seus clientes, que fazem caminhadas mais longas até outros lugares com a novidade alienígena. Uma harmonia perfeita mantida por séculos agora saiu de tom, e ainda não se sabe como a música terminará.

Este não é um problema inédito. A Frota tem resistido aos créditos desde os dias do primeiro contato. A princípio, a entrada na economia galáctica foi percebida como uma adoção nociva dos valores estrangeiros — não alienígenas, curiosamente, mas *marcianos*. O contato com a CG permitiu que a Frota fizesse contato com o sistema de Sol pela primeira vez desde que os exodonianos partiram, e a reunião não foi cordial. Muito já foi escrito sobre esse assunto em outros lugares e, portanto, em nome da brevidade, mencionarei apenas que nos primórdios da Frota pós-contato, qualquer coisa vista como marciana — dinheiro, guerra, individualismo extremo — era considerada perigosamente incompatível com a moralidade exodoniana. Esse sentimento ainda persiste (em especial nos assuntos militares), mas em questões de economia tem havido uma mudança gradual. Há mercadores exodonianos que, até hoje, recusam-se a aceitar créditos por orgulho cultural, e observei um certo sentimento de retidão social em indivíduos que, por sua vez, optam por negociar apenas com tais estabelecimentos. Mas essas pessoas de princípios vivem ao lado de outras que têm os mais novos implantes e as comidas mais modernas. Embora os nossos praticantes de escambo acreditem não ser tentados pela moda e pelo novo, e possam se contentar em viver com amenidades que são *adequadas* e *boas o bastante* e *suficientes*… seus filhos ainda não se decidiram.

sawyer

Mensagem enviada
Criptografia: 0
Tradução: 0
De: Sawyer (caminho: 7466-314-23)
Para: Eyas (caminho: 6635-448-80)

Oi Eyas,

Espero que não se incomode por eu enviar uma mensagem. Encontrei o caminho de seu scrib no diretório da nave (você é a única com seu nome!). Enfim, só queria agradecer mais uma vez por seu conselho no outro dia. Eu tinha acabado de me inscrever para o trabalho no saneamento quando conheci alguém fora do departamento de trabalho que estava procurando gente para um projeto de recuperação de sucata. É apenas um bico por enquanto, mas pode se tornar mais. Além disso, as pessoas dessa tripulação foram os únicos além de você a se oferecerem para me mostrar como as coisas funcionam por aqui. Parecem ser pessoas legais. Então, estou na nave com eles por enquanto, mas não se preocupe! Meu nome ainda está na loteria de saneamento. Levei o que você disse a sério e vou ajudar quando chegar a minha vez. Obrigado por me botar no caminho certo.

Sawyer

Ele deveria estar dormindo. Era a coisa mais inteligente a fazer, a mais responsável. Não queria estragar tudo naquele dia e sabia que, se fosse inteligente, ainda estaria na cama, porque descansar bem o ajudaria a atingir seu objetivo. Em vez disso, no entanto, estava acordado durante o amanhecer artificial, de pé em seu quarto na residência vazia, virando-se de um lado para o outro na frente do

espelho, experimentando as cinco camisas que possuía sem gostar de nenhuma. Não eram iguais às que os exodonianos usavam. Eram muito coloridas, muito imaculadas. Não tinham o desgaste sincero e inofensivo que os trajes exodonianos sempre tinham, um lembrete de que novos tecidos só apareciam de vez em quando. Suas roupas, por mais baratas que fossem, por mais simples que as tivesse achado, eram bem-feitas demais. Ele não sabia disso quando fez as malas em Mushtullo, mas sabia disso agora, assim como sabia que seu sotaque deixava as pessoas desconfortáveis, e que embora ele compartilhasse o mesmo DNA que todos ali, eles o viam como diferente.

Eu devia ter comprado roupas novas, pensou ele, irritado, enquanto tirava a camisa com um suspiro. Ele pretendera comprar, mas ficara tão ocupado praticando Tinker que acabou não dando tempo. Foi até a beira da cama e se sentou, segurando a camisa nas mãos. Fios vermelhos e marrons, entrelaçados em um tecido respirável, perfeitos para os dias quentes de sua terra natal. Ele havia comprado a camisa na Strut, uma de suas lojas favoritas em Pequena Florença. Tinha ido acompanhado de amigos no dia — Cari, Shiro e Lael, torrando os créditos e se embebedando em comemoração a mais um dia de pagamento da fábrica de estase.

De todas as coisas que previu ao deixar Mushtullo, a saudade de casa não fora uma delas. Ele não a sentia como uma pontada, mas como um latejar — uma dor surda do tipo que você conseguia ignorar no começo, mas que ficava menos suportável a cada dia. Havia muito em sua terra natal de que ele não sentia falta. As multidões. A sujeira. A luz de três sóis que fazia com que camisas como a dele fossem um bem de extrema necessidade. Mas ele sentia falta das pessoas. Sentia falta de Lael, apesar dos trocadilhos dela. Sentia falta de Cari, que sempre sabia as últimas fofocas. Sentia falta até de Shiro, com seu mau humor e péssimo gosto musical.

Ele havia ido embora por um bom motivo, Sawyer disse a si mesmo. Pelos motivos certos. O que havia para ele em Mushtullo, além de empregos com os quais não se importava para gastar seus créditos em bebidas e camisetas das quais nem gostaria depois? O que havia lá além de uma moradia sem graça em uma residência sem graça, em um bairro onde as pessoas enfiavam armas nas suas costas e levavam seus créditos? Qual o sentido? O que havia de bom?

Mesmo assim, sentia saudade dos amigos. Estrelas, sentia falta de ter amigos.

Ele se perguntou, cautelosamente, se teria cometido um erro. Se ainda estava cometendo um. Talvez Eyas estivesse certa. Talvez o pessoal do departamento de trabalho estivesse tentando lhe dizer que ele não tinha o que era preciso para se tornar parte da Frota. Ele sabia onde ficava a doca de transporte. Só tinha cinco camisas. Não levaria muito tempo para fazer as malas.

Sawyer balançou a cabeça. Qual era o problema dele? Ele estava começando um trabalho hoje! Um trabalho! Com pessoas! Com Oates, que gostava dele! Muriel parecia gostar dele também, e Len parecia legal, e… Ok, Dory era assustadora, mas talvez ela não fosse tão ruim assim no fundo. Talvez ele fosse o que a tripulação estava procurando. Talvez eles o aceitassem.

Sawyer percebeu que era isso o que o estava assustando. Ele estava com medo de criar esperanças, de ter expectativas demais sobre essa oportunidade. Ele havia aprendido, nas últimas decanas, que decidir antecipadamente como uma coisa iria acontecer era estar fadado à decepção.

Então, tudo bem, ele não sabia como seria… mas sabia o que queria deles. Uma equipe. Uma tripulação. Uma tripulação de verdade, como as que via em vids e simulações. Pessoas que cuidavam umas das outras. Que tinham seus problemas, mas podiam trabalhar juntas quando as coisas ficavam difíceis. Pessoas que riam de suas piadas e lhe davam um apelido, que talvez batessem à sua porta tarde da noite porque sabiam que poderiam ir até ele com seus problemas. Pessoas que sempre teriam um lugar à mesa para ele. Pessoas que se importassem com ele.

Era muita expectativa para se colocar em uma oferta de trabalho, ele sabia disso. Mas quando olhou para si mesmo no espelho, sentiu parte de sua confiança voltar. Se as opções eram criar esperanças ou se afundar no desespero até voltar para casa — bem, então escolhia as esperanças. Ele respirou fundo e vestiu a camisa. Suas roupas eram boas. Iam servir. A tripulação da *Boa Parte* ia gostar dele. Ele faria um bom trabalho. Usaria o resto de seus créditos para pagar uma bebida para todos depois. Ele seria legal e engraçado, e eles iriam querer que ele voltasse.

Sawyer se levantou e se olhou no espelho. *Vermelho fica bem em você*, ele pôde ouvir Cari dizer, o coice do dia de pagamento fazendo-a falar mais alto. *Você com certeza deveria levar*.

Ele assentiu. Sorriu. Ia se sair muito bem.

tessa

“Você não deveria estar no trabalho?”, resmungou seu pai, sentado curvado e de pernas abertas na sala de espera da clínica. Eram os únicos ali, felizmente. A última coisa que aquele espetáculo ridículo precisava era de uma plateia.

“Não, vou ficar por aqui”, disse Tessa, passando os olhos por um canal de notícias em seu scrib. Estrelas, será que algum dia trazia boas notícias?

“Você não tem um turno agora?”

“Troquei a tarde com Sahil.”

Pelo rabo do olho, Tessa viu seu pai cruzar os braços e franzir a boca.

“Eu teria vindo”, disse seu pai.

“Você não faz seus exames há seis decanas. Deveria fazer a cada três.”

“Estou *ótimo*.”

Os olhos de Tessa se voltaram para a parede em frente a eles.

“Você consegue ler aquele aviso?”

“Que aviso?”

Ela indicou com a cabeça o aviso amarelo na parede, informando as pessoas sobre os novos modelos de imunobôs disponíveis.

“Aquele ali.”

“Ah, então *você* é a minha médica agora?”

“Pai…”

“Desculpe, mas apenas um médico pode me fazer esse tipo de pergunta.” Ele a olhou de cima a baixo. “E não estou vendo seu crachá.”

Tessa sentiu uma pontada na têmpora esquerda. Ele estava agindo como uma criança, mas ela também tinha certeza de que ele *não* conseguia ler o aviso, e isso significava que ela precisava aguentar firme.

A porta do consultório se abriu, felizmente, e o dr. Koraltan surgiu com um largo sorriso.

“S. Santoso, até que enfim!”, disse ele em um tom que sugeria que sabia exatamente quanto tempo fazia. “Eu estava começando a achar que você não gostava da gente.”

Seu pai ficou de pé; Tessa fez o mesmo.

“Você não vai entrar comigo”, resmungou ele.

“Ah, eu vou, sim.” Ela guardou o scrib no coldre e apontou para a porta. “Pode ir na frente.”

O sorriso do dr. Koraltan ficou ainda mais largo.

“É bom ver você também, Tessa. Como estão as suas costas?”

“Estão se comportando”, disse ela, seguindo o pai derrotado até a sala de exames. “Incrível como não dar mau jeito na coluna ao levantar meu filho tem ajudado.”

O médico riu, acenando para fechar a porta do consultório.

“Pode subir na mesa, S., por favor. Tessa, fique à vontade.” Ele gesticulou para o scrib. “Tudo bem, S., parece que faz… Uau, quase nove decanas desde a sua última visita.”

Tessa se virou para o pai bruscamente.

“Nove, hein.”

Seu pai fez cara feia, olhando para o chão. Ele parecia Aya quando a menina fazia algo que não devia. Teria sido engraçado se não fosse tão embaraçoso.

O dr. Koraltan pigarreou. “Eu recomendo muito vir a cada trinta dias, S. Sei que não é divertido, mas…”

“Não vou fazer outra cirurgia”, disse seu pai. “Estou bem.”

O médico e Tessa se entreolharam.

“Você acha que precisa de uma?”, perguntou ele.

O silêncio de seu pai durou um segundo a mais.

“Como é que eu vou saber?”, disse ele.

O latejar nas têmporas de Tessa começou a se espalhar até os olhos.

“Bem, vamos ver se consigo tirar essa dúvida”, disse o médico. Ele empurrou as rodinhas de um escâner de imunobôs; seu pai aproximou o pulso com familiaridade. Depois de todos aqueles protestos, agora estava cooperando enquanto o médico realizava o exame. Tessa tinha visto aquela cena se desenrolar muitas vezes, mas sempre havia um quê inquietante, algo triste em ver seu pai se submeter aos testes. Na infância, ele tinha sido incrível, invencível, o homem que poderia pegar você no colo e girá-la até seus medos se dissiparem. Dois super-humanos, ele e a mãe. Já fazia uma eternidade ou até mais desde que Tessa tinha pensado no pai daquela maneira, mas ele ainda era, afinal de contas, seu pai. E embora a morte prematura da mãe tivesse sido uma confirmação brutal da mortalidade, ela foi bastante rápida. Ver alguém sucumbir a uma doença inesperada

ao longo de algumas decanas não era o mesmo que testemunhar décadas de declínio. Seu pai não estava doente nem nada. Aborreceria todo mundo por um bom tempo ainda. Mas ela o olhou, com suas rugas e manchas e ombros curvados, ali no médico por causa de problemas que sempre voltavam. Ela pensou em suas costas, que estavam mesmo melhores, mas ainda a faziam acordar no meio da noite de vez em quando. Seu rosto tinha rugas de expressão que não estavam ficando mais rasas. Mechas grisalhas estavam surgindo em seus cachos negros. Tessa olhou para o pai, a entropia encarnada, e se perguntou se o presente dele seria o seu futuro. Ela se perguntou qual de seus filhos iria se sentar na cadeira extra no consultório e sentir saudade dos dias em que ela tinha sido incrível.

O dr. Koraltan estudou os dados transmitidos em tempo real pelos imunobôs dentro do olho do seu pai e se sentou de volta com uma expressão indecifrável. Tessa prendeu a respiração. O médico era um sujeito afável, só não era transparente quando tinha notícias ruins.

"Lamento muito ter que dizer isso, S.", disse ele. "Mas a massa em volta de sua córnea voltou."

Seu pai não pareceu muito surpreso, mas torceu a boca. Não disse nada.

"Esse é o problema com a síndrome de Kopko", disse o médico. "Podemos remover o tecido, podemos fazer os seus imunobôs limparem o que sobrar, mas a questão são os seus genes. Você não recebeu os pré-natais que seus filhos tiveram, e fazer terapia gênica em alguém da sua idade é um choque grande demais para o corpo. Não compensa os riscos."

"Nós trocamos as luzes de casa", disse seu pai. "Botamos as boas."

O médico pareceu compadecido.

"Os globoluzes modernos diminuem o risco de a síndrome retornar. Mas é uma diminuição, não uma garantia. Você — e vejo isso em muitos pacientes da sua idade — passou décadas testando a sorte com as lâmpadas de cultivo antigas das fazendas. Depois que começa, é difícil reverter o processo. Nós podemos tentar, mas…" Ele suspirou. "Eu sinto muito, S. A síndrome de Kopko é uma droga."

"Então ele precisa de outra cirurgia", disse Tessa.

"Infelizmente, não", disse o dr. Koraltan. "E tenho certeza que você está feliz em ouvir isso, S., mas…" Seus lábios se contraíram.

Ai, *não*, pensou Tessa. Isso não era bom mesmo.

"Toda vez que a gente vai lá limpar as coisas, causamos alguns danos. Cicatrizes no tecido. As coisas se desgastam. Não há como evitar. Chegamos ao ponto em que seus olhos não aguentam muito mais."

Tessa franziu a testa.

"Quais são as nossas opções, então?"

O médico ergueu as mãos, as palmas viradas para cima.

“Ou não fazemos nada e ele perde a visão no olho afetado ou fazemos outra cirurgia, e aí há uma boa chance de ele perder a visão mesmo assim. Para ser sincero, não acho que a pequena chance de melhora compense o risco da cirurgia.” Ele acenou para seu pai. “Mas a decisão é sua.”

“E que tal um implante óptico?”, disse Tessa.

O médico a olhou com interesse.

“É uma possibilidade?”

Seu pai a ficou encarando.

“A gente não tem dinheiro para isso.”

Tessa se preparou mentalmente, já sabendo que o que estava prestes a dizer não seria bem recebido.

“Ashby me mandou créditos especificamente para a gente poder encomendar um implante para você.”

Seu pai fez cara feia quando percebeu que tinha sido emboscado.

“Se ele mandou créditos, você deveria gastar com as crianças.”

“As crianças não são nossa única família, pai.”

“S. Santoso”, disse o dr. Koraltan com seriedade. “Entendo que isso não seja o que quer ouvir. Também não posso obrigar o senhor a receber tratamento. Mas substituir seu olho por um implante óptico resolveria o problema. Nada de novas cirurgias. Caso precisemos fazer algum reparo, podemos desconectar a parte principal sem qualquer dor. Sei que os implantes da sua época não eram confiáveis, mas a biotecnologia moderna nos trouxe Conforto e facilidade. Sua visão seria a mesma de antes. Até melhor.”

“Eu ficaria que nem esses modificadores esquisitos”, disse seu pai. “Não, muito obrigado.”

O médico escolheu as palavras com cuidado.

“Acostumar-se com a aparência de um novo implante poderia levar algum tempo, sim”, disse ele. “Ainda mais um no rosto. Mas o senhor se acostumaria.”

Seu pai olhou para o chão. Ficou quieto por um momento.

“Não quero perder um olho.”

A pena abafou a frustração de Tessa — não o suficiente para apagá-la por completo, mas ela se importava com o pai. Também não iria querer perder um olho.

A voz do dr. Koraltan foi gentil, mas direta.

“S. Santoso, se algo não mudar, você vai perder o olho de um jeito ou de outro. Ainda vai estar na sua cabeça, mas não vai funcionar. Lamento muito. Fizemos tudo o que podíamos com o que temos aqui.” Ele gesticulou para o seu scrib. O scrib do pai de Tessa apitou em resposta. “Enviei alguns arquivos de referência sobre implantes. São bons, S. Se tem condições, realmente recomendo um.” Ele se

levantou e apontou para a porta. “Vá para casa, tire um tempo para pensar no assunto. Depois me avise sobre sua decisão.”

Seu pai saiu sem outra palavra.

Tessa suspirou e se levantou. Estrelas e fogo, ele era uma criança.

“Obrigada”, disse ela a caminho da porta. O médico assentiu com um aceno de cabeça compreensivo.

O pai dela era velho, mas ainda era rápido, e já estava no pátio quando saiu da clínica.

“Ei”, chamou Tessa. Ela apertou o passo até alcançá-lo. “Aonde você vai?”

“Vou para a Casa da Jojo”, disse ele. Seu rosto estava sombrio, mas ele avançou com passos seguros. “É o segundo dia, então vai ter rolinho de peixe. Se eu chegar lá antes das onze, ainda vão estar quentes.”

“Pai.”

“Além disso, Micah me deve. Nós apostamos um almoço na decana passada no flash e ele ainda não pagou.”

“*Pai*.” Ela segurou o braço dele.

Seu pai se desvencilhou e continuou andando.

“Você tem dois filhos em casa”, disse ele. “Eu não sou um deles.”

Tessa parou de andar, uma onda de raiva crescendo no peito. Ela tinha trocado o turno para estar ali. Tinha replanejado *o dia todo* para isso, e… e… Aquele idiota teimoso. Bem. Que seja, ele que fosse para a Casa da Jojo jogar seus jogos idiotas e deixar seu olho morrer. Era a vida dele. Tessa só tinha que viver com ele.

Ela se virou e saiu a passos furiosos em direção ao andar de transporte, onde poderia pegar uma cápsula para o Compartimento de Carga Oito. *Alguém* tinha que ser um adulto naquele dia.

isabel

“Então é verdade”, Ghuh’loloan disse com desgosto deliciado. “Vocês expelem órgãos durante o nascimento.”

Isabel riu enquanto elas desciam a rampa para a plataforma de observação.

“Nós expulsamos *um* órgão, sim. Mas é descartável. No resto do tempo a gente nem tem, só precisamos dele durante a gravidez.”

Os tentáculos da harmagiana ondularam.

“Perdoe-me, caríssima anfitriã, mas para mim, a ideia é…”

“Horrível?”

“*Sim*.”

“Você não é a única a pensar assim. Quando explicamos como tudo funciona para as crianças elas também ficam de olhos arregalados.”

“Olhos arregalados… ah, sim, sim. Não dói?”

“…O parto, não arregalar os olhos, certo?”

Ghuh’loloan riu.

“Correto.”

“Dói. Mas não o… o descarte do órgão. Essa parte não é tão ruim assim, pelo que ouvi dizer. Mas todo o resto é.” Ela abriu os braços quando chegaram ao fim da rampa. “Aqui estamos.”

Elas haviam chegado a uma ampla plataforma, pontilhada de bancos e mesas de piquenique, cercada por um corrimão que batia na cintura. Abaixo da plataforma ficava uma fazenda de fibras, repleta de moitas de bambu em fileiras ordenadas sob um teto pintado de azul-celeste. As plantas altas tinham espaço suficiente para crescer, erguendo-se até o alto, quando finalmente se curvavam sob o próprio peso. Os fazendeiros estavam ocupados nos caminhos entre as plantas, alguns colhendo, outros testando o solo, outros plantando novas mudas. Uma cuidadora também trabalhava, puxando seu carrinho pesado atrás de si.

Isabel ainda esperava pelo dia em que algo *não* encantaria sua colega, mas esse dia ainda não havia chegado.

“Ah, que maravilha!”, exclamou Ghuh’loloan. “Estrelas, olhe só! Que árvores curiosas!”

“São gramíneas, na verdade”, disse Isabel.

“Não pode ser!”

“É verdade. Isso é que torna o bambu uma opção tão boa para nós. Atinge a altura máxima bem rápido.”

A clava tentacular de Ghuh’loloan ondulou em um gesto que, Isabel agora sabia, significava *apreciação*.

“Uma floresta de grama”, disse ela. “Ah, posso sentir o cheiro do oxigênio novo. Maravilhoso.”

Isabel sentou-se em um banco próximo e considerou a escolha de palavras da harmagiana.

“Sua espécie tem um olfato?” Ela poderia jurar que tinha ouvido dizer que não.

Ghuh’loloan parou seu carrinho ao lado dela, para que ambas ficassem de frente para a fazenda.

“Muito bem observado, caríssima anfitriã”, disse ela. “Nós não temos, não da mesma maneira que a sua espécie. Você sabe que nós não respiramos, certo?”

Isabel refletiu sobre a declaração. Nunca tinha pensado no assunto antes, mas… mas sim, tirando as bocas, os harmagianos não tinham orifícios respiratórios visíveis.

“Então… como…” Ela escolheu bem as palavras. “Você está *falando*.”

Se não tivesse passado várias decanas em companhia alienígena, o que aconteceu a seguir poderia ter feito Isabel sair correndo — e, mesmo assim, ela ainda precisou de certo autocontrole. Dizer que Ghuh’loloan abriu bem a boca era um eufemismo. Não havia uma palavra que Isabel conhecesse capaz de descrever adequadamente o que viu. Não foi um abrir ou um bocejar, mas como um desdobramento, uma expansão, uma extensão horrível de espaço vazio. Ghuh’loloan apontou um dos tentáculos para sua garganta e, contendo um calafrio, Isabel entendeu a mensagem. Ghuh’loloan queria que ela olhasse dentro de sua boca. E assim Isabel fez, com toda a educação que conseguiu reunir, inclinando-se para a frente — não para dentro de sua boca, é claro, havia limites — e avistando uma estrutura desconhecida lá no fundo. Um saco grande e carnudo, desconectado do que imaginava ser o esôfago (ou equivalente) de Ghuh-loloan, tão amarelo quanto o exterior.

Ghuh’loloan enfim fechou a boca e Isabel se endireitou.

“Agora observe com atenção”, disse Ghuh’loloan, apontando para sua boca de novo. Ela formou cada palavra a seguir com precisão exagerada, como uma

professora falando com uma criança. “Observe — bem — a — minha — garganta.”

Isabel conseguia ver, embora não tivesse tanta certeza de que queria fazer isso. O esôfago não se movia, mas o saco sim, expandindo para formar as palavras, se contraindo para empurrá-las para fora.

“Então você não… você não usa isso para respirar.”

“Não”, disse Ghuh’loloan, voltando a falar de maneira natural. “É o meu *kurrakibat*, um órgão totalmente autossuficiente. Um saco de ar, em essência. Puxa o ar e forma sons. Só isso.”

Isabel tentou imaginar como iria contar essa parte do seu dia para Tamsin quando chegasse em casa e não conseguiu.

“Então, como você respira?”

“Pela minha pele. Inteira. E assim também sou capaz de detectar substâncias químicas no ar ao meu redor, o que produz… é difícil de explicar. Em hanto, a palavra é *kur’hon*.” Ela pensou um pouco. “ ‘Toque do ar’ seria uma tradução literal, mas não transmite o significado completo.”

“Compreendo.”

Ghuh’loloan enrolou os tentáculos da frente.

“É uma sensação no corpo inteiro, e assim como o cheiro — ou, pelo que entendo de cheiro — pode ser prazerosa ou desagradável. É mais fácil, então, para nós harmagianos, usar palavras como *cheiro* ou *aroma* em klip, já que o efeito final é o mesmo.”

“Entendi.” Uma questão surgiu na mente de Isabel, uma dúvida infantil para a qual não tinha certeza se queria a resposta. “Eu… ouvi dizer que as outras espécies muitas vezes…” Ela sugou o ar entre os dentes com um sorriso envergonhado. “Ouvi dizer que as outras espécies às vezes acham o cheiro dos humanos… desagradável.”

Todo o corpo de Ghuh’loloan foi sacudido por uma gargalhada poderosa.

“Ah, caríssima anfitriã, não me pergunte tal coisa!”

Isabel também riu.

“Peço perdão.”

“Não precisa”, disse Ghuh’loloan, ainda tremendo com a risada. “E, por favor, não se ofenda.”

“Não me ofenderei.”

“Se serve de consolo, parei de notar algumas horas depois de minha chegada.”

Isabel gemeu. Pobre Ghuh’loloan.

“Você se acostumou com o cheiro, é?”

“Bem…” Ghuh’loloan deu uma risada mais baixa. “Estrelas, isso é uma coisa horrível para uma convidada dizer. Mas, em nome da troca cultural, lá vai: o

kur' hon humano nas naves é tão forte que não só me acostumei com ele, como não consigo sentir outros 'cheiros'."

"Minha nossa." Isabel pôs a palma da mão na bochecha. "Em nome da minha espécie, peço desculpas." Ela fez uma pausa. "Mas você podia sentir o cheiro — você consegue sentir o…" Ela tentou fazer os lábios formarem a palavra desconhecida. "*Kor-hom*."

"Isso, quase. *Kur*. Nossa palavra para ar e vapor. *Kurrrrr' hon*." A harmagiana vibrou o *R* de maneira exagerada.

Isabel não conseguia repetir o som, mas deu tudo de si. "*Kor' hon*." Teria que bastar. "Você consegue… detectar o oxigênio aqui."

"Sim, é muito forte aqui, o que é maravilhoso. Eu poderia passar o dia todo neste lugar."

Isabel não se opunha à ideia. As fazendas de fibras eram lugares tranquilos, e ficar sentada em um banco discutindo diferenças biológicas lhe parecia uma maneira maravilhosa de passar a tarde — desde que Ghuh'loloan não a convidasse a inspecionar sua boca de novo. A inquietação de Isabel com a experiência ainda não havia passado, e ela sentia um desejo travesso de dar o troco.

"Você estava me perguntando sobre o nascimento humano."

"Isso."

"Você sabia", disse Isabel com um sorriso, "que mais para o fim da gravidez, às vezes você consegue ver o bebê empurrando a barriga da mãe?"

Os olhos retráteis da harmagiana se contraíram para baixo de leve.

"…não o rosto."

"Ah, o rosto também."

Ghuh'loloan fez um som de repulsa bem-humorada.

"Minha cara Isabel, sua espécie deveria tentar se reproduzir como pessoas normais. É muito menos perturbador."

sawyer

A vox foi ligada com um chiado alto, acordando Sawyer com a mesma cortesia de ser jogado em um lago. “Falta uma hora”, anunciou Oates. “Tá na hora de levantar, pessoal.”

Sawyer processou a mensagem, o ambiente ao seu redor e o fato de que se sentia um lixo.

“Argh, estrelas”, gemeu ele, esfregando o rosto com a palma das mãos. Estava de ressaca — e que ressaca. Len havia apresentado duas garrafas de Duna Branca depois do jantar na noite anterior, e todas as lembranças que Sawyer tinha de depois desse momento eram, na melhor das hipóteses, nebulosas. Uma barriga cheia de coice corrosivo deveria ter sido o suficiente para fazê-lo dormir a noite toda, mas descobriu que Oates, que dormia no quarto ao lado do dele, roncava com vigor e volume capazes de deixar até o sujeito mais bêbado em um limbo meio acordado por horas.

No entanto, nos intervalos entre o latejar pesado em suas têmporas, ele conseguiu se lembrar de outras coisas. De quando todos na mesa caíram na gargalhada ao ouvirem sua péssima imitação de um sotaque marciano. De Len batucando seu tambor e comemorando alto enquanto Sawyer provava que sabia cantar “Até logo, logo” — a música pop exodoniana do padrão — inteirinha. Ele se lembrou de Dory chorar de rir ao bater nas costas de Sawyer depois que ele engasgou com o coice e a bebida acabar saindo pelo nariz. Ele se lembrou de Muriel saudando-o, seu próprio copo erguido.

Eles gostam de mim, pensou ele enquanto vomitava na pia. Cuspiu, sorriu e riu consigo mesmo. Que ótimo visual para o seu primeiro dia. Um dia, riria disso, de seu primeiro trabalho na *Boa Parte*, quando Len deixou todo mundo bêbado na véspera. Sim, era o tipo de história que você contaria com prazer depois de alguns dias.

Ele se lavou e encontrou sua última camisa limpa. Fazia quatro dias desde que tinham saído da doca em direção ao espaço aberto. Conseguia distinguir a frota ao longe, quase indistinta — um aglomerado de luzes brilhantes diferente das estrelas. Mas ainda não estava vendo a *Oxomoco*. Não sabia muito sobre navegação espacial, verdade, mas estava meio confuso com a direção em que estavam indo. Achava ter ouvido dizer que os destroços haviam sido posicionados na órbita de maneira que eles e a Frota estivessem sempre em lados opostos do sol, assim ninguém teria que olhar para eles. Se Sawyer ainda conseguia ver a Frota, então… então talvez tivesse entendido errado. Não seria a primeira vez.

Sawyer foi para a cozinha. Não havia ninguém lá, mas algum santo havia deixado na bancada uma grande panela quente com purê de feijões doces, uma tigela de fruta e — o melhor de tudo — uma caixa aberta de SóbrioJá. Ele pegou um pouco de tudo, além de uma caneca gigantesca de água.

"E aí, terreno", cumprimentou Nyx entrando na cozinha. A pilota disse isso com um sorriso amigável, então viu os itens na bancada. "Porra, que maravilha", disse ela, pegando a caixa de SóbrioJá. Rapidamente abriu um pacote e mastigou seu conteúdo. Nyx fez uma careta. "Nossa, como odeio esse troço."

"Eu também", disse Sawyer.

Ela virou o pacote e leu o rótulo.

"Sabor fruta-crocante meu ovo. Está mais para… fantasma de fruta-crocante. Um fantasma muito triste."

Sawyer riu, a boca cheia de purê. A combinação mágica de carboidratos e remédios já estava funcionando, e suas têmporas agora latejavam com menos força.

Nyx serviu seu café da manhã.

"Pronto para o salto?"

Sawyer não sabia do que ela estava falando. Um salto por um túnel? Não fazia sentido. Ele tinha certeza de que não estavam nem perto do túnel de Risheth, e não poderiam ter chegado lá em apenas quatro dias, para início de conversa. Além disso, eles não estavam deixando o sistema para fazer aquele trabalho, então — hum. Paciência. Ele escolheu continuar ignorante a parecer estúpido, respondendo: "Estou, claro".

"Que bom", disse ela, pegando uma colher e indo para a porta. "Você pode passar onde quiser. Mas a cama é o melhor lugar, se você não estiver pilotando. Não demora muito, mas a maioria das pessoas prefere ficar deitada."

"Ok, beleza", disse Sawyer, tendo ainda menos ideia do que estava acontecendo. "Tem…" Não fazia ideia do que ela estava falando, muito menos do que perguntar. "Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?"

“Não, valeu”, disse Nyx, pegando uma colher. “Muriel ou Oates vão avisar quando for a sua hora de brilhar. Pode ir descansar.” Ela piscou. “Deixe os fantasmas da fruta-crocante fazerem o seu trabalho.”

Sawyer riu e assentiu, sentindo-se completamente perdido enquanto ela saía da cozinha. Bem, era o seu primeiro dia. Era normal se sentir perdido, certo?

Ele voltou para o quarto e foi se deitar, conforme a recomendação dela. Seu corpo afundou na cama com gratidão. SóbrioJá era maravilhoso e tudo mais, porém Sawyer ainda sentia como se estivesse equilibrando seu cérebro em pernas de pau. Um pouco de descanso e ele ficaria novinho em folha.

Passou o tempo de maneira tranquila, olhando os canais e deixando o remédio fazer efeito. Quase tinha se esquecido de todas as suas perguntas até que outra surgiu em sua mente: *que barulho é esse?*

Era um som conhecido, mas que ele não conseguia identificar. Um som mecânico. Um som do motor. Algo foi ativado. Alguma coisa… diferente. Ele começou a se sentar, mas a vox o deteve. “Hora do salto, pessoal”, disse Oates. “Todos sentados ou deitados.”

Sawyer abaixou o corpo de novo. Seu coração começou a bater mais forte. Sua cabeça foi a mil. E então — *puta merda*.

O espaço desapareceu. O tempo desapareceu. Por qual duração ou distância era impossível saber, porque nenhuma dessas coisas significava mais nada. Tudo duplicou, triplicou, dobrou-se sobre si mesmo. Sawyer tentou olhar pela janela, mas sentiu tontura e sua cabeça implorou para que ficasse quieto, *fique quieto, tudo está errado*.

Então, de repente, tudo ficou bem de novo.

Sawyer se sentou, agarrando a borda do colchão. Náusea — uma náusea de outro nível — desceu sobre ele. Ele conhecia aquela sensação. Não muito bem, mas conhecia. Tinha se sentido assim uma vez em uma viagem para Hagarem, quando ainda não tinha dado tempo para os sedativos fazerem efeito e a cápsula de subcamada começou a funcionar. Isso tinha acontecido. Era aquele o som.

Eles perfuraram a subcamada. A *Boa Parte* tinha um drive de agulha.

Sawyer sabia, como qualquer garoto que tivesse feito aulas para tirar uma carteira de ônibus espacial, que os drives de agulha eram perigosos, que fazer pequenos buracos instáveis no espaço entre os espaços era arriscado e fazer isso fora das pistas de transporte designadas era ilegal na CG. Ele franziu a testa. Bem, era ilegal no espaço Central, de qualquer maneira. Será que também era na Frota? Ele não sabia.

Não havia motivo para se preocupar, ele disse a si mesmo. Aquelas pessoas eram profissionais. Tinham uma nave limpa, um número de registro, filhos e famílias em casa. Além disso, ele não sabia nada sobre catar sucata. Não sabia…

Algo chamou sua atenção. Ele olhou para cima. Ficou imóvel. Devagar, Sawyer se levantou e se aproximou da janela.

“Estrelas”, sussurrou ele. Ali adiante, na escuridão, estavam os restos da *Oxomoco*. Uma casca. Um cadáver. Uma ruína apertada no meio dos destroços. Ele tinha visto fotos. Sabia aonde Muriel e sua equipe o estavam levando naquele dia. Nada o havia preparado para a cena. Nada o havia preparado para a presença tangível daquela nave residencial outrora poderosa, despedaçada por algo aparentemente tão simples quanto um momento de encontro com o vácuo. Sawyer ficou parado na janela, impressionado e abalado.

O que ele estava fazendo aqui?

O som da vox sendo ativada o sobressaltou.

“Tudo bem, pessoal”, disse Oates. “Vocês sabem o que fazer. Sawyer, nos encontre na eclusa de ar. Hora de se vestir.”

Sawyer não desperdiçou um instante. Seguiu pela passarela, a cabeça mais erguida a cada passo. Tudo aquilo era novo e ele estava apenas nervoso. Hora de deixar isso de lado. Ele tinha uma chefe para impressionar. Uma tripulação à qual pertencer, talvez. Haveria oportunidade para as perguntas depois. Por enquanto, tinha um trabalho a fazer — e ia fazê-lo bem.

kip

Kip sabia, racionalmente, que as coisas nem sempre seriam daquele jeito. Sabia que não teria dezesseis anos para sempre, que as provas um dia se tornariam uma lembrança distante, que se outras pessoas moravam longe dos pais, ele poderia fazer o mesmo. Ele iria.

Mas, no momento… Porra, parecia que sua vida nunca ia mudar.

Tédio não era nem mais a palavra certa. Havia algo mordendo dentro dele, algo gritando, pesando no fundo do peito, apertando mais forte a cada respiração. Ele queria… nem sequer sabia o quê, mas sempre estava ansiando, esperando, e não saber como mudar isso estava deixando Kip maluco. Pensou nos vids que assistia, nos quais todo mundo era legal e inteligente e sabia como se vestir. Pensou nas simulações que jogava, nas quais saltar significava voar e os socos eram explosivos. Pensou nos espaciais que via às vezes nas docas, voltando para casa com os braços cheios de coisas caras para seus amigos e familiares, entregando as armas para os patrulheiros antes de cruzarem aquela linha invisível entre *lá fora* e *aqui dentro*. Era isso que ele queria, uma combinação de tudo isso. Queria que aliens o cumprimentassem quando ele andasse por estações espaciais. Queria olhar no espelho pela manhã e pensar algo diferente de *bem, é o que tem pra hoje*. Ele queria. Ele *queria*.

No entanto, ele sabia, enquanto se dirigia ao banco de sempre depois de fazer a troca por seu almoço de sempre, que estava de saco cheio. Ainda estava com ódio dos seus pais depois de toda aquela história do implante — que, é claro, havia circulado na escola, fazendo *maravilhas* por sua vida social —, mas, lá no fundo, uma parte traidora de si mesmo tinha… argh… tinha ficado aliviada. Aliviada que os pais dele tivessem aparecido na Estrela Nova. Que ele tivesse recebido uma saída. E esse era o seu problema, na verdade, mais do que os pais ou os estágios ou a demora eterna entre os aniversários. O problema era que Kip queria, mais do que

tudo, fazer sexo ou brigar com alguém, e sabia — agora por experiência própria — que, se tivesse a oportunidade, ficaria com medo demais para fazer qualquer uma das duas coisas.

Ótimo. Que ótimo.

Alguns colegas da escola passaram ali perto, a caminho da Boia Boa, indo buscar seus próprios nhotos. Ele não olhou para nenhum deles, mas conseguia ouvir sussurros, risadas, um grupo passando por ele.

Estrelas, ele era um merda. Tudo era uma merda.

Viu pelo canto do olho Ras se aproximar. Andava com energia, uma expressão que dizia *eu tenho uma ideia*. Kip tomou um longo gole do seu choko e suspirou. Ainda estava meio chateado com Ras, mas, ao mesmo tempo, nenhuma outra pessoa vinha se sentar com ele.

"*Tek tem*, cara." Ras se sentou ao lado dele no banco e pegou a bebida de Kip. "Você está com uma cara péssima."

Kip largou a garrafa sem resistir.

"Sim, bem, passei a noite embalando toda a bosta da compostagem do hexa inteiro, então…" Ele deu de ombros em vez de terminar a frase.

Ras estremeceu.

"Eles estão botando você de castigo mesmo, hein?"

"Os seus não?"

Ras balançou a cabeça enquanto bebia.

"Eles continuam falando no meu ouvido, mas não estou com problemas de verdade." Ele entregou a garrafa de volta. "*Tika lu*, cara. Eu me sinto meio responsável."

Kip olhou para o amigo e sentiu parte da irritação desaparecer. Ras se importava com ele e isso… isso era bom.

"Não", disse Kip. "Tudo bem. *Semsem*."

O sorriso voltou ao rosto de Ras.

"Mesmo assim, quero acertar as coisas com você. Será que eles vão demorar a deixar você sair?"

Kip pensou. Já fazia uma decana desde que tudo tinha acontecido, e sua mãe estava começando a ser mais razoável.

"Talvez. Consegui outro estágio…"

"Onde?"

"Na alfaiataria. Você sabe, costurando meias, essas coisas."

Ras balançou a cabeça, tentando parecer otimista, mas claramente não impressionado.

"Legal."

Kip deu uma risada curta.

“Nem um pouco.” Ele tomou outro gole.

“Bem, aqui”, disse Ras, entregando sua mochila. “Você vai gostar ainda mais disso aqui, então.”

Kip olhou para a bolsa e para Ras.

“Abre logo, idiota.” Ras se virou quando outro grupo da escola se aproximou.

“Ei, Mago!”, gritou ele em tom alegre. “*Porsho sem*! Gostei da tatuagem!”

“Não fode”, veio a resposta. Mago tinha feito uma tatuagem barata com nanobôs nas férias e tinha ficado ridícula. Tipo, as linhas nem se moviam ao mesmo tempo.

Kip abriu a mochila de Ras enquanto a discussão continuava. Era só material escolar, ao que parecia. Scrib, caneta, algumas canetas de pixel, um saco de doces, uma lancheira, um chip de informações, uma… peraí. Ele voltou ao saco de doces. Não tinha certeza de que eram mesmo doces.

“Cara”, disse Kip, começando a tirar o saco da mochila. “Isso…”

Ras empurrou a mão de Kip para dentro da mochila sem olhar. “Superelegante, cara”, gritou ele para as costas de Mago. Ras se virou para Kip. “Porra”, sussurrou ele, mais divertido do que irritado. “Não deixa ninguém ver.”

Não restava dúvida. Não eram doces. Kip baixou a voz para o mesmo tom de Ras, o coração martelando.

“Onde você conseguiu isso?”

“Com a irmã de Toby, lembra? Eu já te falei.”

Kip olhou para a embalagem clara, cheia de doces de aparência inocente, cada um envolto em um pedaço colorido de tecido. Nunca havia fumado estouro antes, mas conhecia a aparência. Ele jogava simulações. Estouro não era ilegal nem nada — não na Frota, pelo menos —, mas você só encontrava nos cafés especiais com seguranças na porta e patrulheiros rondando do lado de fora, e só podia ser usado lá dentro. Estouro era mais uma das coisas trancadas por trás do *Quando você tiver vinte anos, e* ele não conhecia nenhum adulto que gostasse. Sua mãe com certeza não usava. Ela dizia que era “uma perda de tempo, de permuta e de respeito próprio”.

“Não se preocupe.” Ras lhe lançou um olhar reconfortante. “O efeito só dura algumas horas, e não é como se a gente fosse ficar sentado na sua cozinha. Vamos para um jardim depois que as luzes forem apagadas, vai ser legal. Além disso, Una só faz coisa boa.”

“Você já experimentou?”

“Bem… não, mas é o que todo mundo diz. Você deveria ter ouvido a explicação dela enquanto embrulhava tudo. É uma ciência séria. Olha, se não quiser, não tem problema…”

“Não”, disse Kip. Ele fechou a bolsa, decidido. “Eu tô dentro.”

Ras piscou, surpreso, então riu.

“Isso aí, cara!” Ele deu um tapinha no ombro de Kip. “Não achei que você fosse aceitar assim tão fácil.”

Kip engoliu o resto de seu choko, o coração ainda acelerado, mas com a mente tão firme quanto possível. Ele deu de ombros de novo, como se fizesse isso todos os dias. “É algo para fazer, não?”

tessa

Em algum canto de sua mente, Tessa estava ciente de que havia saído do compartimento de carga, encontrado alguém para substituí-la, pegado uma cápsula de transporte, andado (e corrido, em alguns trechos) pela praça lotada até as portas da escola primária. Mal tinha registrado tudo isso. Tudo não passava de um borrão entre o momento em que fora contatada pela vox no trabalho e o instante em que irrompera na secretaria, onde Aya estava chorando no sofá, o chá e os biscoitos na mesa à sua frente intocados, acompanhada por dois adultos preocupados, um de cada lado.

"Tessa, eu sinto muito", disse S. Ulven, levantando-se para abrir espaço para ela. O professor de Aya. "Não sei como saíram de perto do grupo, aconteceu tão rápido…"

Na mesma parte distante de seu cérebro que estivera ciente do trajeto até ali, Tessa sabia que o professor não era o culpado, que os passeios eram frenéticos e as crianças eram imprevisíveis, que sua filha ficaria bem. Mas essa parte foi obscurecida por uma fúria animal crua, algo que queria rugir contra todos que tinham deixado aquilo acontecer.

Ela tomou seu lugar ao lado de Aya e a puxou para um abraço. Aya tremeu, o rosto vermelho e quente, o nariz escorrendo. Apertado em seu punho cerrado, havia um lenço, ainda limpo. Alguma parte da mente dela estava distante também.

Tessa olhou feio para as pessoas que deveriam manter sua filha em segurança.

"Deem um momento pra gente", disse ela entre dentes.

S. Ulven fez menção de dizer alguma coisa, mas a professora-chefe pôs a mão em seu braço. Ele assentiu, uma expressão culpada — *era bom mesmo* — e ambos saíram da secretaria. Aya agarrou a camiseta de Tessa quando a porta se fechou, soluçando ainda mais alto.

“Está tudo bem, querida”, disse Tessa, abraçando-a e balançando o corpo de leve. A menina em seus braços era tão grande e ao mesmo tempo tão pequena. “Aqui, assoe o nariz.” Um pedaço considerável da camisa de Tessa já estava úmida. Não importava. Ky tinha feito o mesmo naquela manhã. Sua definição de limpo não era a mesma desde o momento em que um médico do turno da noite havia posto um recém-nascido coberto de sangue em seus braços.

Tessa tirou o lenço da mão de Aya e o pressionou no rosto da garota.

“Assoe.”

Aya obedeceu e continuou a soluçar.

“Eu fiquei com tanto medo.”

“Eu também teria ficado.” Tessa esfregou as costas da filha com a palma da mão por alguns minutos, esperando que Aya se acalmasse um pouco. O choro diminuiu de intensidade, mas ela ainda soluçava de vez em quando. “S. Ulven me contou o que aconteceu, mas quero ouvir isso de você. Diga-me o que houve.”

Aya fungou.

“Estou de castigo?”

“Não.” Sob circunstâncias diferentes, teria ficado, mas seria demais no momento.

Aya engoliu em seco e começou a falar. “Hoje, todos os alunos de nove anos foram para um passeio na estação de tratamento de água.”

“Uhum”, fez Tessa, entregando-lhe o lenço úmido. Ela não precisava ouvir essa parte de novo, mas tudo bem.

“E Jaime, ele… ele disse… não foi ideia minha, mãe…”

“Vocês se afastaram do grupo”, disse Tessa. Quatro ou cinco crianças, era o que ela tinha entendido pela vox.

“Isso.”

“Isso”, ecoou Tessa. Tinha certeza de que sua filha havia adorado uma oportunidade de trocar um passeio sem graça pelo que seria quase uma pista de obstáculos. Mas era uma conversa para outro dia. “E então?”

O lábio inferior de Aya estremeceu. Ela limpou o nariz com as costas da mão.

“Use o lenço, por favor.”

Aya passou o lenço no nariz, sem vontade.

“Não sei por que eles… por que eles… eu *odeio* Opala. Odeio!” Suas palavras saíram entrecortadas. Furiosas.

Tessa ergueu as sobrancelhas.

“Opala também estava lá?” Nem tentou esconder a raiva em sua voz.

Aya assentiu com vontade. “E Palmer. Também odeio ele.”

Os maiores companheiros de brincadeiras de Aya — ou tinham sido, antes disso. Seus pais teriam o inferno encarnado em suas portas antes do fim do dia,

mas por enquanto Tessa passou o braço em volta dos ombros da filha e a apertou.

"Conte-me o que eles fizeram", disse ela.

"Opala contou para todo mundo que eu tenho medo de… que eu tenho medo do lado de fora. Etty disse que isso era idiota, e Palmer me chamou de bebê, e… e eles continuaram sendo malvados. Eu falei para eles pararem, mas eles não me ouviram, e então…" O choro recomeçou.

Tessa abraçou Aya e a deixou chorar. Sabia o que tinha acontecido depois. Os merdinhas a tinham empurrado em um compartimento para drones de carga, fechado a porta e começado a fingir que iam abrir a escotilha. Eles não tinham os códigos de autenticação necessários para tal, mas Aya não sabia disso. Seus gritos chamaram a atenção de um dos técnicos mecânicos próximos.

"Eu odeio todos eles", disse Aya de novo. "Não quero mais ir para a escola."

Isso… não era uma possibilidade, mas Tessa não achava que era o melhor momento para discutir.

"Eles foram horríveis com você, querida", disse ela. "Eu sinto muito, de verdade."

"*Por que* eles fizeram isso?" Era uma pergunta genuína, seu tom de voz ferido.

"Não sei. Às vezes… às vezes as crianças acham engraçado ser malvadas umas com as outras." Tessa lembrou-se dos tempos em que implicavam com ela e ela com outros, fosse em resposta ou sem motivo algum. "Não sei por quê."

"Não foi engraçado."

"Não, com certeza não foi."

"E eu odeio morar em uma nave."

Tessa apenas piscou, surpresa. Aquele desdobramento não era totalmente inesperado, mas surpreendeu-a mesmo assim.

"Eu sei que você tem medo do lado de fora, mas nossa casa é tão boa. Não? Estamos seguras aqui. Você está segura comigo, com seu avô, com nossos vizinhos de hexa e nossos amigos."

"Eu *odeio* aqui."

"Você sabe que as crianças não teriam conseguido abrir a escotilha, certo? Existem códigos que…"

"Não quero mais morar em uma nave. Quero viver em um planeta."

Tessa suspirou.

"Os planetas também têm seus perigos."

Aya limpou o nariz na manga. Ela se aproximou da mãe, afastando-se das paredes, do vazio lá fora.

"Não que nem aqui."

Tessa procurou a resposta certa, o conforto certo, um pouco daquele instinto materno que deveria ser nato. Não encontrou nada.

Aya fungou bem alto e disse:

"Posso falar um palavrão?"

Tessa lembrou do dia duas decanas antes quando derrubou uma caneca de mek na bancada enquanto consertava um faxinabô. Uma torrente de palavrões havia jorrado de sua boca antes que ela percebesse que as crianças haviam entrado na sala. *Não falem palavrão*, Tessa dissera a eles na ocasião. *Eu só falei porque estava com muita raiva*. Ela passou vários dias depois tentando fazer Ky parar de cantar alegremente "filho da *puta*" — e tinha vencido aquela batalha em particular —, mas não percebera que Aya também havia tirado uma lição do acontecimento.

"Pode", disse Tessa. "Este é um momento em que um palavrão é completamente apropriado."

Aya respirou fundo.

"Eu odeio eles, pra cacete", disse ela. "Queria quebrar a cara daqueles merdinhas."

Tessa conteve o riso. Assentiu com uma expressão séria.

"Você falou dois palavrões."

"É que estou muito brava."

"E você sabe que a violência não resolve nada, certo?"

"Argh, mãe." Aya revirou os olhos vermelhos. "Eu não quis dizer assim. Só quis dizer… quis dizer que…"

"Eu entendo." Tessa pôs o braço em volta da filha e beijou o topo de sua cabeça. "Também quero quebrar a cara daqueles merdinhas."

eyas

Sunny se tornou um hábito, e Eyas não sabia o que pensar disso. Não era um romance, ela sabia. Romance não era a sua praia. Ela o observou enquanto ele saía da cama e caminhava até onde suas calças tinham ido parar. Ele pegou o par amarrotado e procurou algo no bolso.

"Você se importa se eu…?", perguntou ele, segurando um cachimbo de palha-vermelha e uma latinha.

Eyas balançou a cabeça.

"De modo algum." Ele nunca tinha feito isso antes, e ela achou o pedido cativante. Aquilo não fazia parte de um roteiro sedutor. Não tinha nada a ver com ela. O homem queria fumar. Embora estivesse trabalhando, alguma coisa havia mudado o suficiente para ele se sentir à vontade para não passar cada segundo entretendo-a. Eles só estavam… passando tempo juntos agora. Ela gostou disso.

Sunny voltou para a cama, deixando as calças onde estavam.

"Você aceita um pouco?"

"Não gosto muito, obrigada." Ela pegou sua garrafa de coice laruano, sempre presente em suas noites juntos. "Mas gosto disso aqui."

Sunny assentiu enquanto enchia o cachimbo.

"Fique à vontade."

Ele soprou seu cachimbo; ela se serviu da bebida. Ficaram sentados lado a lado, apoiados em travesseiros, perto o suficiente para sentirem o calor da pele nua próxima à sua, mas longe de estarem nos braços um do outro. Eyas se sentiu perfeitamente à vontade. Sem fingimentos, sem besteira. Nada de "S.". Ela se sentia como ela mesma, nada mais, nada menos. A julgar pelo contentamento neutro no rosto de Sunny, ele sentia o mesmo.

Era muito bom.

“Você sempre quis fazer isso?”, perguntou Eyas, segurando o copo. Sintalin ficava melhor ligeiramente quente, ela tinha descoberto.

Sunny exalou. A fumaça girou em direção ao filtro de ar acima.

“Você quer dizer, ser um anfitrião?” Ele abriu um sorriso distante. “Não foi minha primeira escolha. Eu ia ser um Criador de Monstros.”

“Um o quê?”

“Um Criador de Monstros! Você não jogou essa simulação?”

“Ah, estrelas.” Eyas fechou os olhos e riu. “Eu tinha me esquecido. Aquela em que você viaja pela galáxia, escaneando diferentes animais para… coletar seu DNA, ou algo assim.”

“Sim! E aí você junta o DNA deles para fazer híbridos!”

“Isso teoricamente tinha um propósito educativo, certo?”

“Sim, sim, você usava para resolver problemas. Por exemplo… digamos que você precisasse atravessar uma área inundada. Você tinha DNA de algo com pernas longas e o de algum animal capaz de se mover pela água. Você juntava os dois no seu Monsterizador…”

“Seu…”

“Seu *Monsterizador*. Eyas, por favor, estamos falando de uma tecnologia de ponta aqui.”

“Claro, me desculpe.” Ela engoliu um sorriso. “Por favor, me explique como funciona um Monsterizador.”

“Bem… Eu não sei como funciona, mas não é essa a questão. O fato é que ele faz um monstro. É a ferramenta mais importante de um Criador de Monstros.” Ele abaixou a cabeça. “Foi um dia muito, muito difícil, quando meu pai deu a notícia de que nada disso era real.”

Eyas deu um tapinha no ombro dele.

“Meus pêsames.”

Sunny franziu o rosto em uma falsa expressão de pesar.

“Obrigado.”

“E aí, quando se recuperou do choque”, disse ela, “você decidiu que sua única opção era uma vida de sexo com as pessoas.”

A fumaça escapou pelo nariz de Sunny quando ele riu. “Não foi um caminho assim tão direto. Fiquei indeciso por um tempo. Pensei em ser médico, mas sou um estudante preguiçoso. Passei algum tempo em uma das trupes do festival…”

“Você toca algum instrumento?”

“Não, eu canto. Foi divertido, mas… não sei. Não era o que eu queria fazer para sempre, sabe? Então, uma de minhas amigas começou seu treinamento para anfitriã, e ela estava me contando como era — não só a parte física, mas todo o éthos e tudo mais. Eu pensei *ei, isso parece bem legal*. E era mesmo, e aqui estou.”

Eyas tomou um gole de sua bebida.

"Você encontrou algo que incorpora todas as outras coisas que você experimentou. Você faz uma espécie de performance, contribui para as pessoas se sentirem melhor." Ela tomou outro gole e sorriu. "E talvez às vezes você ajude as pessoas com seus monstros."

O cachimbo de Sunny parou na metade do caminho até sua boca.

"Hã", fez ele, parecendo satisfeito. "Hã", repetiu, dando uma tragada e se inclinando na direção de Eyas. "E você? Quer dizer, parece justo perguntar, mas sei que você não gosta de falar sobre trabalho, então tudo bem se…"

"Não, não me incomodo", disse ela. *Não me incomodo de falar disso com você*, ela quis dizer. Era diferente com Sunny. O caminho contrário. Em geral, as pessoas precisavam aceitar o que ela fazia para então conhecê-la melhor. Sunny tinha feito isso na ordem inversa. Explicar seu trabalho não era uma tarefa para ele. Ela não estava educando; estava dividindo. "Eu sempre quis ser cuidadora. Sério. Fui ao enterramento da minha tia quando tinha seis anos. Ela morreu de repente. Um acidente com seu exotraje."

"Estrelas. Sinto muito."

Eyas assentiu.

"O cuidador que conduziu a cerimônia era tão gentil e tão… impressionante. Eu estava chateada e confusa, os adultos em volta de mim estavam em frangalhos, mas ele estava… *calmo* no centro de tudo. Lembro de ficar olhando para ele, observando o ritual, absorvendo tudo o que ele me explicava — explicava para mim, pessoalmente — sobre o ofício dele. Foi bonito. Quase mágico. E pronto. Foi isso que eu quis fazer." Ela tomou um gole pensativo.

Sunny a observou, embora Eyas não estivesse olhando para ele.

"E aí?", perguntou ele.

"E aí nada. É o que sempre quis fazer."

"E é o que você achou que seria?"

Ela olhou para ele.

"Muito perspicaz", disse ela, surpresa, mas sem se incomodar.

"Literalmente parte do treinamento que mencionei."

Eyas recostou a cabeça nos travesseiros, sem pressa.

"O cuidador que conheci naquele dia, ele era um… um símbolo para mim. Um símbolo de destemor, de… harmonia. Ele pegou um evento aterrorizante que eu mal entendia e me mostrou que estava tudo bem. Que era normal. E esse sentimento foi reforçado pela forma como os adultos *o* tratavam. Eles não o evitavam. Não o achavam repulsivo. Eles o abraçaram — no sentido literal e figurado. Ele era a vida e a morte encarnados, e eles o abraçaram, deram presentes e, com isso, mostraram que eu não precisava ter medo da nossa realidade." Ela fez

outra pausa. Ela nunca discutia essas coisas com alguém de fora da sua profissão, sem dúvida não em tantos detalhes. “É isso que eu sou agora. Sou esse símbolo para as outras pessoas. É exatamente o que eu queria, o que trabalhei para conquistar. Mas tem um outro lado que eu não esperava. Sou um símbolo, sim, mas um símbolo que usa meu rosto e meu nome. Eu mesma, mas também não. Principalmente não. As pessoas sabem, quando ando pelo meu distrito, quem eu sou, o que faço. Não importa se estou puxando meu carrinho ou usando minhas vestes. Elas sabem. Então sempre preciso ser Eyas, o símbolo, o símbolo bom, porque nunca sei quem está me olhando, quem precisa ver o mesmo que eu vi em um cuidador quando tinha seis anos. Não importa se estou tendo um dia ruim, se estou cansada, se estou me sentindo egoísta. Eles olham para mim em busca de conforto. E tenho que ser isso. E essa sou eu, em certo sentido. É uma parte verdadeira de mim. Mas é só isso — é uma parte. Não é…”

“Não é o todo”, completou Sunny.

Eyas assentiu.

“E esse aspecto do meu trabalho… eu não estava preparada para ele. Nunca pensei sobre quem era o cuidador da minha tia quando ele foi para casa.”

Sunny deixou seu cachimbo apoiado na palma da mão. A fumaça subiu como se ele a estivesse conjurando.

“Parece solitário.”

Eyas pensou na palavra. *Solitário*. Será? Ela franziu os lábios.

“Não exatamente. Não é como se eu trabalhasse ou morasse sozinha. É mais como se eu me sentisse… incompleta. Ou presa, talvez. Como se só pudesse ser uma coisa. Como se fosse o único lado de mim mesma que posso expressar. Como se houvesse algo mais que eu pudesse estar fazendo.” Ela deu de ombros e tomou outro gole. “Mas eu nunca quis fazer mais nada, então não tenho ideia do que quero mudar.” Ela fez uma pausa, torcendo a boca.

“O quê?”

“Não é bem verdade.”

“O quê?”

Ah, estrelas, ela ia mesmo contar a ele? *Por que não?*, pensou ela. Já estava nua mesmo. Eyas desviou o olhar com um sorriso envergonhado.

“Durante a minha adolescência passei por uma fase gaiaísta, mas fora isso…”

“Peraí, peraí.” Sunny riu. “Você não pode passar batida por isso. Você. Você teve uma fase gaiaísta.”

Eyas riu junto com ele.

“Tive. Deixei minha família doidinha.”

Sunny estava se divertindo muito.

“Você pretendia ir para a Terra ou…?”

“Não, é muito pior que isso.” Ela fez uma careta exagerada. “Veja só, eu peguei um chip de informações em uma estação espacial…”

Ele gargalhou.

“Ai, estrelas, você ia ser missionária. Puta merda. É muito mais idiota do que Criador de Monstros.”

Eyas deu um peteleco em sua coxa.

“Cala a boca”, disse ela. “Eu tinha quinze anos.”

“E é por isso que é perdoável”, disse Sunny. Ele respirou fundo. “Uau. Parabéns por ter superado isso.”

Ela ergueu o copo em um brinde.

“Então, o que foi que a dissuadiu desse objetivo de vida tão maravilhoso?”

“Não sei. Não foi uma coisa específica.” Ela torceu a boca. “O problema com a filosofia gaiaísta é… bem, meu trabalho.”

Ele estendeu a mão, convidando-a a continuar a explicação.

Eyas pensou um pouco.

“Você não se incomoda de entrar em detalhes sobre o que eu faço? Não vai estragar o clima?”

“Sim, não tem problema.” Ele se ajeitou no colchão, encarando-a totalmente agora. “É interessante. Faz… parte da vida, certo?”

Eyas estudou-o.

“Sim.” Ela sorriu. “Isso. Então. A filosofia gaiaísta. *Nossas almas estão ligadas ao nosso planeta de origem*. Esse é o princípio central deles, certo? Nossas almas estão presas à Terra e, basicamente, adoecem se formos para outro lugar. Já que não há consenso sobre a definição de *alma*, vamos usar a minha interpretação: a qualidade de estar vivo. O que nos diferencia das rochas ou das máquinas. Pela minha definição, cada coisa orgânica tem uma alma — não só os sapientes.” Ela gesticulou para o resto do quarto. “Segundo os gaiaístas, a Frota deveria ser um lugar repleto de almas desnutridas e doentes. Este lugar está longe de ser orgânico. Nós vivemos dentro de máquinas. Nós replicamos os sistemas na Terra. Não há vento para mover nosso ar, não há ciclo da água, não há uma fonte natural para a fotossíntese. Isso aqui é um experimento de laboratório. Um biólogo não poderia tirar conclusões reais sobre nosso comportamento natural. Eles teriam que adicionar um aviso de ‘nascidos em cativeiro’ a tudo o que gravassem sobre nós.”

“Isso é… nossa. Ok.”

“Eu avisei que iria estragar o clima.”

“Não estragou, mas quero um pouco disso”, disse ele, acenando para a garrafa. “Sério, quero ouvir o resto.”

“Está bem.” Eyas serviu-lhe um copo. “Prometo que daqui para frente melhora.”

Ele assentiu.

“Eu confio em você.”

Eyas fez uma anotação mental sobre isso e continuou.

“Então, apesar de todas essas coisas sobre o nosso ambiente, há um ciclo natural que permanece, um do qual não podemos escapar, que não poderíamos deixar para trás. Está completamente fora do nosso alcance tecnológico alterar ou replicar.”

“Você está falando da morte.”

“Da vida *e* da morte. Não podemos ter uma sem a outra. Se meu trabalho me ensinou alguma coisa é que a morte não é um fim. É um padrão. Um catalisador de mudança. A morte é reciclagem. Proteínas e nutrientes, circulando e circulando. E é impossível parar isso. Se você tirar uma pessoa viva da Terra, colocá-la em um ambiente metálico selado no vácuo, levá-la para longe do seu planeta de origem a ponto de ela não entender o que é uma *floresta* ou um *oceano* quando você tenta explicar — mesmo assim, elas ainda estão ligadas a esse ciclo. Quando nos decompormos sob as condições certas, nos transformamos em solo — ou algo muito parecido, de qualquer forma. Entende? Nós não fomos separados da Terra. Nós nos *transformamos* na terra. E é um processo totalmente orgânico. Não podemos substituir nada artificial. Não posso fazer a compostagem de um cadáver sem adicionar a quantidade certa de bambu para acertar a proporção de carbono para nitrogênio. Se eu não remover os nanobôs do cadáver, eles vão interferir com as bactérias das quais todo o processo depende. Também preciso remover qualquer implante ou modificações que a pessoa tenha instalado ou eles contaminarão o produto final.”

“Mas o núcleo não é artificial também? Não estou discordando, só estou tentando entender.”

“É”, disse Eyas. “Mas pense desta maneira: é um sistema artificial criado para acomodar algo que aconteceria sem ele. Nós ainda morreríamos e apodreceríamos se o núcleo não estivesse lá. Apodreceríamos de maneira diferente, sim, mas você poderia dizer isso sobre alguém que morreu em um deserto comparado a alguém que morreu em um pântano. Em ambos os casos, o apodrecer é inevitável. Então, só criamos as condições que encorajam o tipo de apodrecer que queremos e instalações que garantem que a gente não tropece em cadáveres o dia todo. Desculpe pela imagem.”

“Tudo bem.”

Eyas assentiu.

“Apesar de crescer em um ambiente totalmente artificial, adotamos o estado mais básico, mais puro, no fim. Então você não pode me dizer que nossas almas estão doentes e defeituosas quando estão necessariamente ligadas a uma força tão

poderosa. Seja lá qual for a alma que a gente receba da Terra — o que quer que isso signifique —, nós a trouxemos conosco quando chegamos aqui. E é por isso que faço o que faço. Sim, eu adoraria ver uma floresta, uma floresta de verdade. Adoraria colocar minhas mãos no húmus e tocar as mudas crescendo. Adoraria ver um sistema de decomposição e crescimento que simplesmente *aconteceu*, sem qualquer necessidade de cuidados humanos. Mas o sistema que construímos aqui precisa de cuidados, e isso significa que precisa de cuidadores que entendam a magnitude disso."

"Que ele precisa de você."

Eyas fez uma pausa, considerando o limiar entre arrogância e honestidade.

"Sim", disse ela. "Precisa de mim. E eu acredito nisso. Amo o que faço. Então não sei o que é isso… esse descontentamento. Não sei por que tenho tido sentimentos conflitantes."

Sunny balançou seu copo, fazendo a bebida girar.

"Posso fazer uma pergunta estranha? E não estou tentando ser desrespeitoso ou negativo, sério. Só quero saber o que você pensa."

"Claro."

Seu companheiro mexeu o queixo, pensativo.

"É a maneira mais eficiente? A compostagem, quero dizer. Em termos de recursos, ainda é a melhor maneira de fazer as coisas?"

Eyas estivera se preparando para uma pergunta sobre os preparativos para um funeral, ou estados de decadência, quais funções corporais um cadáver ainda podia desempenhar. Estava acostumada a essas perguntas. À que ele tinha feito, não.

"Que alternativa temos? Você quer apenas lançá-los no espaço?"

"Claro que não. Mas a gente poderia dirigir as pessoas para o sol, não? Como fizemos depois da *Oxomoco*. Não seria mais fácil? Menos trabalhoso?"

Eyas continuou se sentindo perdida. Lembrou-se de quando anunciaram que as vítimas da *Oxomoco* seriam enviadas em massa para o sol, e o segundo luto que essa decisão provocou — a descrença, a revolta, os intermináveis pedidos de exceções, as filas gigantescas nas clínicas de aconselhamento e nos centros de emigração nos bares da vizinhança, o esgotamento, a resignação, a justificativa popular de que os corpos alimentariam o sol e o sol alimentaria suas naves, de modo que um fim semelhante seria alcançado. E agora, ali estavam eles, apenas alguns padrões mais tarde, discutindo essa possibilidade com o máximo de naturalidade.

"Você está se esquecendo de recursos", disse ela, usando palavras das quais nunca pensou que um exodoniano precisaria ser lembrado.

"Isso era verdade para as outras gerações", disse Sunny. "Era por isso que fazíamos a compostagem enquanto ainda estávamos à deriva. Agora é diferente."

“Nós… ainda temos que pensar nos gastos com metal e combustível. São menos escassos do que antes do contato, sim, mas… a necessidade de ser econômico não diminuiu muito. Você não conseguiria mandar nada sem usar metal e combustível.”

“Mas será que a conta fecha? Será que de fato é um gasto menor manter os Centros funcionando do que equipar um esquife velho vez ou outra?”

Eyas olhou para ele. Não era uma conta que ela jamais tivesse feito, sequer cogitado fazer. Ela tinha várias respostas ensaiadas à pergunta de por que a tradição que ela praticava existia. Mas Sunny não estava perguntando *por quê?*, estava perguntando *por que agora?* e isso… ela não sabia como responder. Ela esvaziou o copo e tentou pensar.

Sunny se encolheu, parecendo arrependido.

“Então, o que eu estava *tentando* fazer era levá-la a uma epifania para ajudar você a resolver essa questão… mas parece que só piorei as coisas.”

Ela gaguejou antes de conseguir responder.

“Como isso deveria ter me ajudado?”

“Era para você ter respondido que a conta não importava. Porque você ama fazer isso e é a nossa tradição, e isso é razão suficiente. E aí você sentiria que seu *trabalho* era o suficiente e não estaria mais em conflito.”

“Você me fez uma pergunta prática!” Ela o acertou com um travesseiro. “Não foi uma pergunta emocional! As duas nunca têm as mesmas respostas!”

“Porra, foi mal!” Ele riu, afastando-se do ataque, segurando o cachimbo fora de seu alcance. “Você disse que eu era perspicaz e acabei ficando autoconfiante demais.”

Eyas balançou a cabeça com um sorriso. “É a última vez que faço um elogio.”

“Provavelmente é melhor assim.” Sunny deu um assobio baixo. “Estrelas, ainda bem que escolhi um trabalho fácil. Não estou acostumado a conversas tão profundas.”

Ela riu.

“Eu não chamaria seu trabalho de fácil.”

Ele gesticulou para o próprio corpo nu, recostado nos travesseiros.

“Eu estou no meu ambiente de trabalho agora mesmo.” Ele deu uma longa tragada no cachimbo. “Estou trabalhando.” Ele terminou de tomar sua bebida e soltou um suspiro indulgente. “Ah, que rotina difícil.” Sunny deixou o cachimbo e o copo de lado e rolou para perto dela, mais brincalhão do que sedutor, enfiando o rosto entre os seios de Eyas. “Olhe só para mim, servindo o bem maior”, disse ele, mexendo a cabeça com satisfação. Ele se sentou quando Eyas começou a rir. “Acho que na verdade estou, não?”, disse ele, sua voz mais séria. Ele gesticulou para ela. “Você é, literalmente, o bem maior aqui.”

Eyas ergueu uma sobrancelha.

“Você é meloso assim com todos os seus clientes?”

Sunny abriu um largo sorriso.

“Não teria chegado muito longe se não fosse.” Sua expressão se tornou mais doce — não de uma maneira preocupante, mas o suficiente para fazê-la parar de implicar. “Mas estou sendo sincero.”

Eyas o encarou por um momento. Então apertou a mão dele e encheu seus copos outra vez.

sawyer

“Chefe, temos um problema.”

Todos na eclusa de ar pararam de se vestir.

“Pode falar”, disse Muriel, continuando a ligar os quatro carrinhos automáticos vazios que levariam.

Nyx pigarreou, o som sendo transmitido pela vox.

“Nós temos companhia. A *Netuno*.”

Muriel fez uma pausa.

“Quanto tempo?”

“Três, talvez quatro horas.”

Sawyer ficou ali parado, desajeitado, o capacete nas mãos, sem ter certeza do que aquilo significava ou por que o clima na eclusa de ar havia mudado.

“Ah, merda”, disse Oates. Ele franziu a testa para todos os presentes. “Quem ficou bêbado e contou para onde estávamos indo hoje, hein?” Seus olhos se demoraram em Sawyer.

Sawyer engoliu em seco. Tinha certeza de que não fizera mais do que mencionar que tinha um trabalho de recuperação de sucata. Não sabia que não deveria tocar no assunto, mas para quem ele poderia ter contado?

“Não importa”, disse Muriel. Ela prendeu as travas de seu exotraje em sequência, um, dois, três. Metódica. Natural. “Paciência.” Ela olhou em volta para sua tripulação. “Isso agora se tornou um trabalho urgente. Peguem e levem primeiro. Arranquem o que conseguirem.”

Sawyer pigarreou.

“Desculpe, eu não… o que houve?”

Muriel encaixou o capacete no lugar e a vox logo abaixo foi ligada.

“Nós temos concorrentes. Outra tripulação de catadores. Pense nisso como uma corrida.”

Uma competição. Sawyer não tinha se planejado para isso.

"Vocês — as equipes de catadores não têm um cronograma?"

Dory riu e balançou a cabeça, caminhando em direção à escotilha.

"Recuperação é… uma linha de trabalho mais independente", disse Oates. "Quem chegar primeiro leva."

O clima continuou tenso, então Sawyer decidiu deixar o resto de suas perguntas para mais tarde. Ainda assim, sua lista estava crescendo. Se a recuperação de sucata era um ramo competitivo, a Frota deveria dar algum tipo de compensação especial para as tripulações, mas isso não condizia… bem, com o funcionamento das coisas. Talvez fosse uma tarefa perigosa ou muito trabalhosa? Mas o mesmo era verdade sobre a mineração de asteroides, o trabalho dos mecânicos em gravidade zero ou saneamento. Saneamento. Talvez devesse ter se limitado ao saneamento, começado por lá. Não entendia o suficiente sobre as outras coisas ainda. Talvez… talvez essa corrida de que Muriel estava falando fosse puramente uma questão de orgulho. Uma corrida para ver quem conseguia trazer as melhores sucatas para casa. Sim, isso fazia sentido. Ele botou o capacete e se preparou para seguir o grupo.

Isso é, *achava* que estava preparado. Já tinha saído no espaço antes, preso por cabos em uma caminhada guiada, mas isso era diferente; não estava flutuando. Podia sentir a repentina leveza de tudo dentro do traje e ao redor dele, mas suas botas mantinham seus pés presos à doca arruinada para a qual saíram. Ele nunca tinha usado botas aderentes antes, e ele as achou… Não exatamente desconfortáveis, porém mais difíceis de usar do que os outros faziam parecer. Era um pouco como andar na areia molhada. Só precisava de um pouco de prática, ele se tranquilizou. Afinal de contas, a tripulação provavelmente as usava desde crianças. Um passo de cada vez.

Sawyer ergueu os olhos e encarou a *Oxomoco*. Ele estremeceu. Engoliu em seco. Ao redor deles, muitos elementos eram parecidos com os que tinha visto na doca da *Boa Parte* quatro dias antes — passarelas, corrimões, placas de sinalização —, mas era como um sonho febril, uma imagem espelhada distorcida. O vácuo no espaço ao redor deles brilhava com poeira e detritos. Seria quase bonito, não fosse o metal violentamente rompido por toda a parte. Sawyer virou-se para olhar em volta, e mesmo na temperatura regulada de seu exotraje, a cena o fez sentir calafrios.

Não havia parede na outra extremidade da doca. Apenas um buraco para o espaço vazio, com as bordas inclinadas para fora. Ele sabia que a descompressão tinha sido rápida, mas estrelas, esperava que tivesse sido rápida demais para ser sentida.

“Tudo bem, três horas”, disse Muriel. “Nós deveríamos nos separar. Oates, vá para os hexas. Dory e Len, vamos para o compartimento de carga. Deve estar mais vazio do que da última vez que estivemos aqui, mas precisamos tentar. Sawyer, você vai com o Oates. Mais código que precisará ser quebrado onde ele está indo. Nyx, você nos mantém informados?”

“Pode deixar”, disse a voz de Nyx dentro de seus capacetes.

Muriel assentiu para o grupo.

“Vamos lá.”

Eles se dividiram de acordo com suas ordens, os carrinhos automáticos logo atrás. Sawyer seguiu Oates, tentando parecer indiferente.

Ele falhou, ao que parecia.

“Não se preocupe”, disse Oates, empurrando sua grande sacola de ferramentas. “Todo mundo fica balançado da primeira vez.”

Sawyer se sentiu envergonhado, mas também aliviado.

“Eu vi fotos, mas…”

“Sim, as fotos não contam tudo. Eu sempre preciso de uma boa bebida para conseguir dormir depois de uma viagem para cá. Falando nisso, você está bem?”

Um tênue eco da dor de cabeça era tudo o que restava do Duna Branca de Len.

“Sim”, disse Sawyer. “Eu estou bem.”

Oates lhe deu um tapinha nas costas, a luva grossa aterrissando com um som surdo no tubo de oxigênio ainda mais espesso.

“Viu só? Você vai se sair bem. Temos mais ou menos uma hora de caminhada pela frente, e se a gente precisa estar de volta em três, então é melhor manter um bom ritmo para ter tempo de efetivamente trabalhar. Se você precisar dar uma mijada, bem… você já usou um traje antes, certo?”

Sawyer nunca tinha usado esse recurso específico do exotraje, mas assentiu.

Oates abriu um largo sorriso.

“É um trabalho chique, o que posso dizer?”

A caminhada foi cansativa, graças às botas, mas a conversa com Oates era boa. Depois de pouco mais de uma hora, conforme previsto, chegaram a um corredor residencial.

“Ok, a maioria vai estar vazia”, disse Oates. “Mas vou saber quando vir uma boa.”

A mina de ouro de Oates foi encontrada alguns minutos depois, embora Sawyer não tivesse percebido o que o atraiu àquele local específico. O centro do hexa estava vazio. Não havia brinquedos ou ferramentas caídos no chão. Não havia pratos na mesa. Não restara qualquer planta nos canteiros ocos. Tudo o que não estava aparafusado no chão ou nas paredes fora sugado pela fenda no chão que

dividira o hexa em dois. Sawyer podia ver um pedaço do andar do esgoto abaixo e as estrelas além.

"Hum", fez Oates, como se estivesse estudando um quebra-cabeça de pixels. Olhou para as portas da frente. "Ali. Vamos começar por aquela." Ele apontou para uma porta entreaberta, um vão mais ou menos da largura de um palmo, e que estava do outro lado da fenda.

Sawyer hesitou.

"Como a gente…?"

"Ah", disse Oates. "Aqui, vou mostrar." Ele se abaixou e bateu nos controles das botas aderentes na altura dos tornozelos. Um zumbido baixo e Oates parou de ficar ancorado. "Viu? E então…" Os propulsores do seu traje se ativaram, e ele voou para frente a uma velocidade cuidadosa, flutuando por cima da fenda no chão, então reativou as botas assim que chegou ao outro lado. "Viu? Facinho."

Sawyer repetiu cada passo. Soltar, impulsores, ir para a frente, ancorar-se de novo. Facinho, agora que tinha conseguido, mas se sentiu satisfeito mesmo assim.

Os carrinhos automáticos também voaram por cima da fenda, e todos ficaram parados perto da porta entreaberta. Oates enfiou a mão na bolsa de ferramentas e pegou uma bateria portátil e um par de cabos. Abriu o painel de controle próximo à porta, conectou a bateria e gesticulou para a porta. Nada aconteceu. Enfiou a mão pelo pequeno vão entre a porta e o batente.

"Não tem nada bloqueando", disse ele. Sacudiu a porta em si. "E não está descarrilhada. Só se trancou em uma posição estranha." Ele assentiu para Sawyer. "É aqui que você entra."

Aproveitando sua deixa, Sawyer conectou o scrib ao painel de controle e mergulhou no código. Era diferente do código do cofre, claro, mas o território era mais familiar agora. Ele mexeu e torceu, persuadindo os comandos a fazerem o que ele queria. E assim, cinco minutos depois, a porta se abriu.

"Opa, opa!", disse Oates. Ele esfregou as mãos quando entrou na casa. "Estamos abertos para negócios. Bom trabalho."

Um sorriso começou a se formar nos lábios de Sawyer e desapareceu. Por mais estranho que fosse ver um hexa vazio, uma casa cheia de pertences era ainda pior. Sem a gravidade, cada peça de mobília e objeto estava à deriva, flutuando em uma confusão bizarra. Oates empurrou coisas para fora de seu caminho enquanto passava, como uma paródia de um homem atravessando a água. Agora em movimento, os objetos esbarravam uns nos outros.

Uma meia passou perto do rosto de Sawyer. Ele viu um garfo, uma chaleira. Um pedaço de fruta congelado. Um pensamento horrível lhe veio à mente.

"Há algum… hã… ainda tem algum…?"

Oates olhou para ele.

“O quê?”

Sawyer umedeceu os lábios.

“Cadáver.”

“Ah, estrelas, não.” Ele fez uma careta. “Nem todos os créditos do universo seriam suficientes para me fazer vir aqui se ainda tivesse algum. Não, depois que aconteceu, os aeluonianos, eles têm… não sei como são chamados. São uns robôs que detectam qualquer material orgânico que você mandar procurarem. Os aeluonianos usam para recuperar seus mortos depois das batalhas em gravidade zero. Você sabe do que estou falando?”

“Não.”

“Bem, de qualquer maneira, os aeluonianos nos deram um monte para usarmos na limpeza. Eles podem furar paredes e coisas do tipo, então se você estiver em um espaço fechado como este e não vir um buracão na parede, isso significa que não havia ninguém ali na hora, e ninguém esteve lá dentro desde então.”

Não havia ninguém aqui. Um pequeno conforto, mas Sawyer o apreciou.

“Certo”, disse Oates. “Pano e metal são sempre bons de pegar. Qualquer coisa que possa ser transformada em têxteis ou derretida.” Ele pegou um caixote de armazenamento flutuante, pôs debaixo da bota e começou a erguer a tampa. “A tecnologia tem prioridade absoluta. Quebrado é bom, intacto é melhor, funcionando é o melhor de todos. Não dá para carregar tudo, então use o bom senso. Encontre coisas que possam ser úteis.”

Sawyer olhou em volta. Tudo ali tinha sido útil uma vez. Tudo fora trazido para dentro de casa por um motivo. Ele balançou a cabeça. Trabalho. Tinha que fazer o seu trabalho. *Ok*, ele pensou. Estendeu a mão e pegou uma chaleira flutuante.

“Tipo isso?”

“Sim. Alguém pode derreter, na pior das hipóteses. Lembre-se, estamos correndo contra o tempo. Vai pegando.”

Sawyer assim fez. Utensílios, partes de equipamentos, cobertores. Levou um punhado após o outro para os carrinhos automáticos, enchendo os compartimentos fechados. O ar sombrio do lugar estava começando a ficar mais fraco. Em vez disso, havia apenas o trabalho, a tarefa a ser feita. Os créditos que ganhariam, e uma tripulação para conquistar, e… ele parou. Tinha aberto uma caixa decorada — não, não uma caixa. Uma lata de biscoito velha que alguém pintara. O conteúdo saiu em sua direção. Sawyer sentiu um aperto no peito. Não havia muito na lata, nada que Oates quisesse, nada que fosse de alguma utilidade. Havia algumas miniaturas kitsch, duas penas aandriskanas, um chip de informações, um punhado de pedras amarelas que se tornaram lisas graças à ação de um mar alienígena. Ele pegou o chip de informações, que tinha um nome impresso nele. *Myra*, o rótulo dizia. Ele voltou sua atenção para a parede com marcas de mãos, que ele estava

ignorando desde o momento em que entraram na residência. *Okoro*, estava escrito. As mãos quase chegavam ao teto. Ele se perguntou qual delas era a de Myra. Ele se perguntou onde ela esteve durante o acidente, se não estava ali. Ele se perguntou se ela havia sobrevivido.

"Ei", disse Sawyer. "E coisas assim?" Ele gesticulou para as lembranças flutuando.

Oates estava ocupado destrinchando o recheio do sofá com uma faca.

"O quê?" Ele olhou para cima. "Ah. É só lixo. Pode deixar aí."

"Tem um nome. Se ela ainda estiver viva, estaria no diretório, não? Não pesa quase nada, aposto que ela ficaria feliz em recuperar suas coisas."

Oates fez uma pausa. Ele baixou a faca.

"Estamos aqui para catar sucata", disse ele. "Não para montar um achados e perdidos."

"Mas…"

A voz de Oates mudou. Sawyer não conseguia explicar direito como, mas não gostou.

"Estamos correndo contra o tempo, lembra?", disse Oates. "Se começar a pegar cada lixo que encontrar, vamos ficar aqui para sempre."

Sawyer franziu a testa. Foi tomado por uma inquietação, o mesmo sentimento que teve depois do salto pelo túnel, o mesmo da eclusa de ar, quando começaram uma competição com outra equipe. Competição. Ele olhou para Oates, arrancando pedaços de tecido bem rápido, como se alguém pudesse tirá-los dele a qualquer momento.

"Oates", disse Sawyer devagar. Sua língua parecia não funcionar direito. Ele sabia o que queria perguntar — e sabia como era idiota. Sabia que ia parecer um imbecil, que provavelmente não havia motivo para se preocupar, que isso o faria cair no conceito do homem que o havia escolhido em meio à multidão. Mas o incômodo cresceu e seu estômago parecia mais ácido e… e ele tinha que perguntar. "A gente tem permissão para estar aqui?"

Oates suspirou, o capacete inclinando-se para o chão. "A gente pode ter essa conversa quando voltar para a nave?"

"Hã…" Sawyer balançou a cabeça, o pânico explodindo no peito. "Não, quero falar sobre isso agora. A gente tem permissão para estar aqui?"

Oates lhe lançou um olhar de pura exasperação e voltou sua atenção para o sofá.

"Você é um terreno, então vai entender a analogia. Imagine que você está com um monte de gente vagando pelo deserto. Estou falando de um deserto *de verdade*, sem nada de útil. Há algumas selvas nas proximidades, mas você não pode ir até elas. A selva vai te devorar. Você vai se perder. Vai desaparecer. Agora, de vez em

quando o povo da selva dá uma sacola de comida para você, mas não é muito. Não é o que você teria se morasse lá. Mas você é do povo do deserto e não tem para onde ir. Um dia, você encontra um animal morto bem grande. Um… não sei, nunca fui bom em animais. Qual é o nome de um bem grande?"

"Eu…"

"Um cavalo. Esse é um dos grandes, certo? Você encontra um cavalo morto. O maior cavalo que você já viu, e acabou de morrer. Você poderia cortar e comer na hora. Está logo ali. Mas os líderes do seu grupo, ah, eles dizem, não, não, vamos conversar sobre isso primeiro. Não podemos comer agora. A gente precisa conversar sobre como repartir o cavalo de maneira justa. Temos que ter certeza de que todo mundo vai receber um pedaço do cavalo exatamente do mesmo tamanho. A gente vai cortar só um pouquinho, mas peraí, agora a gente precisa reorganizar todas as bolsas para a gente ter espaço para os pedaços do cavalo. E já que estamos fazendo isso, deveríamos discutir também sobre quais de nós precisam mais do cavalo. Então todo mundo senta na areia, sem fazer porra nenhuma, só discutindo o cavalo em vez de cortar e comer. Enquanto isso, todo mundo está com fome, e a fome só aumenta. Sua *família* está ficando com mais fome, e o cavalo não está ficando mais fresco com o passar dos dias. Então, alguns do seu grupo decidem simplesmente cortar o maldito cavalo, porque as pessoas no comando nunca vão parar de discutir mesmo, e você pode alimentar algumas bocas enquanto isso." Ele empurrou uma braçada do recheio de sofá no carrinho automático quase cheio. "Que mal há nisso?"

Sawyer olhou para ele.

"Isso… isso aqui não é um cavalo. A *Oxomoco* não está apodrecendo. E ninguém está morrendo de fome. Ninguém vai morrer sem… sem…" Ele apontou para o carrinho.

Oates abriu um armário e começou a recolher as roupas flutuantes.

"Eu não falei que era uma analogia perfeita. Mas nós estamos levando para as pessoas coisas que elas precisam. Não estamos machucando ninguém. Estamos ajudando. Se o Conselho vai ficar de braços cruzados, alguém vai tomar uma atitude."

"Mas vocês…vocês estão…" Sawyer tentou umedecer um pouco a boca. "Vocês estão roubando."

Oates riu.

"Você encheu metade do carrinho, garoto."

A mente de Sawyer ficou em turbilhão. Ele recolheu os dedos nas mãos enluvadas.

"Eu… se eu soubesse…"

A expressão de Oates ficou séria.

“Você ouviu a chefe. Se não gostar, é só ir embora depois. *Depois*. Você precisa da gente para voltar para casa. Pusemos comida na sua boca e ar nos seus pulmões.” Ele deu um passo à frente, a faca ainda na mão. “Você está em dívida com a gente.” Ele sorriu como se nada estivesse errado. “Agora, a gente já perdeu um tempão nisso. Para compensar a demora, quero que você pegue o outro carrinho e dê uma olhada nas outras residências enquanto eu termino aqui.” Ele bateu no ombro de Sawyer. “Tudo certo?”

Naquele momento, Sawyer teria dado qualquer coisa para ser uma pessoa mais forte. Mais inteligente. Queria mandar Oates se foder, queria sair correndo dali, voltar para a nave, entrar em uma cápsula de emergência e voltar mais rápido que eles para a Frota, onde poderia contar aos patrulheiros o que tinha acontecido, e eles iam entender, saberiam que ele não sabia, seriam razoáveis e justos e… não? Ou será que zombariam dele por ter sido tão burro? Eles o prenderiam? Expulsariam?

Recusar-se a fazer algo imoral não parecia uma opção mais segura. O que aconteceria se Sawyer não fizesse mais nada, se ele se recusasse a ajudar mais do que já tinha? Eles o deixariam ali? Será que iriam…? Ele olhou para a faca de Oates. Estrelas, eles não fariam isso, fariam?

Será?

Sawyer não via como uma recusa poderia terminar bem. Não tinha ideia do que faria quando voltassem para a Frota, mas Oates estava certo. Precisava deles para voltar para casa. Tinha mais quatro dias com aquelas pessoas. Não tinha outra opção.

Ele olhou para o chão e assentiu.

“Bom”, disse Oates. Entregou sua bolsa de ferramentas a Sawyer. “Seja rápido e grite se precisar de ajuda.”

Sawyer fez um gesto para o carrinho segui-lo. Saiu da casa. Caminhou até a residência seguinte. Não havia mais nada que pudesse fazer. Não tinha outro lugar para ir.

A porta da frente estava firmemente fechada. Como a primeira, não respondia. Não havia um buraco feito pelos robôs dos aeluonianos. Ninguém estivera naquele lugar desde o acidente.

Sawyer ficou parado por um momento. Não queria fazer aquilo. Não queria estar ali. *Saneamento*, pensou ele. Era lá onde ele deveria estar. Talvez ele dissesse isso para os patrulheiros quando voltasse. Talvez se ele mencionasse que estava inscrito na loteria para o saneamento, eles pegariam mais leve com ele, entenderiam que suas intenções sobre ficar lá eram sérias, que ele não tinha ido até ali para causar problemas. Ou será que deveria mesmo procurar os patrulheiros?

Talvez fosse melhor fazer como Muriel tinha falado: cada um para o seu lado, sem problemas, sem jamais tocar no assunto de novo.

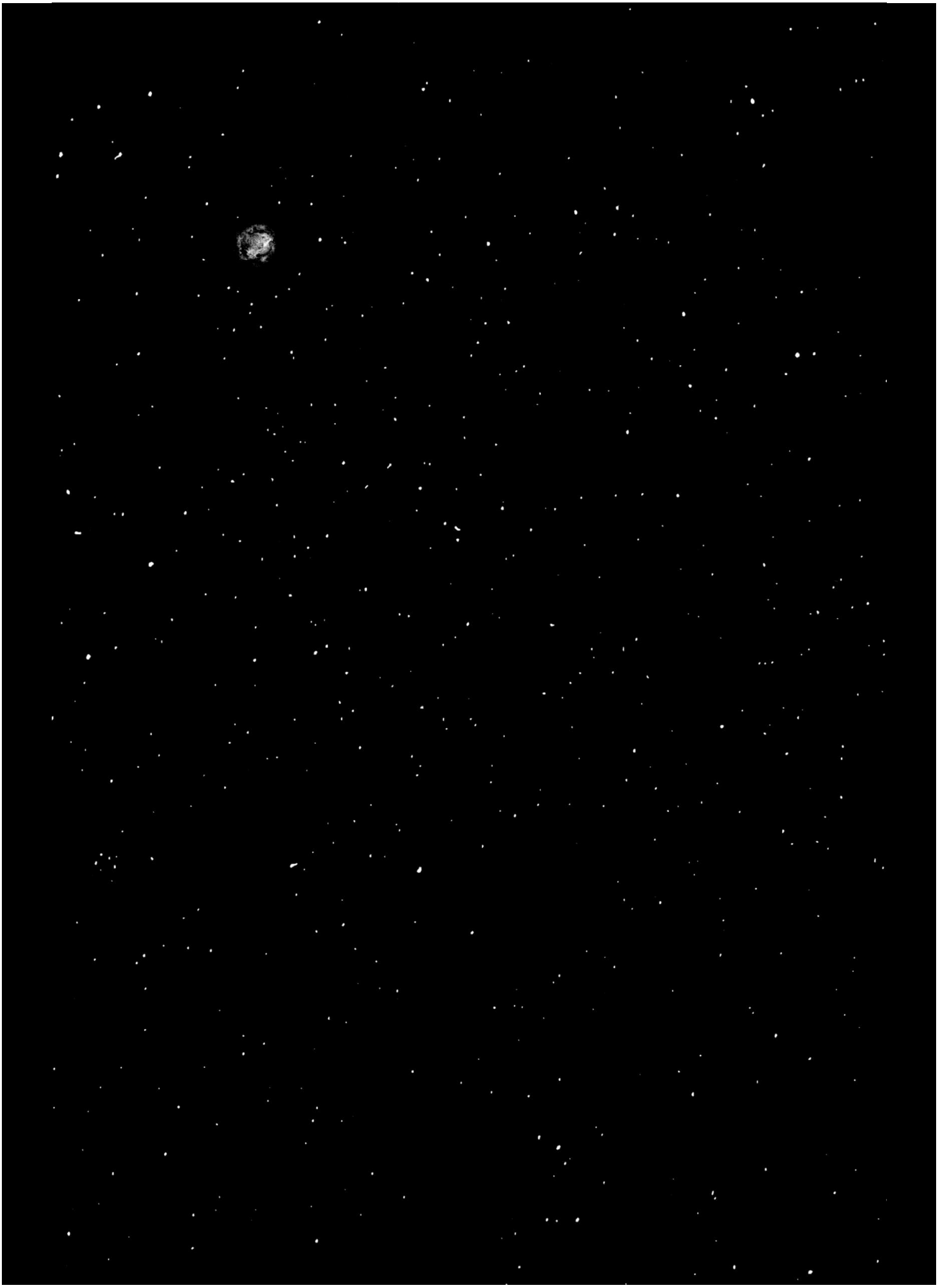
"Merda", disse ele. Sawyer encostou a testa no interior do capacete e fechou os olhos. Tinha que fazer aquilo. Precisava voltar para casa. Voltar para a Frota, de qualquer maneira. Não tinha certeza se tinha uma casa. No momento, não tinha certeza de que merecia uma.

Sawyer enfiou a mão na bolsa de Oates e encontrou outra bateria portátil. Gesticulou. Nada aconteceu. Conectou seu scrib como tinha feito antes. Analisou o código, como fizera antes. Era igual ao outro, e Sawyer passou por ele em um piscar de olhos. A senha era diferente, só isso. Uma senha para outra pessoa. Outra família. Outra parede cheia de mãos.

Foco, pensou ele. *Não faça ainda mais merda*.

Ele inseriu o último comando.

Sawyer nunca descobriria o que aconteceu a seguir. A porta se abriu, e com ela veio força, medo e pressão, e Sawyer estava no ar — não, isso não estava certo, não havia ar no espaço, havia? — *havia* ar, todo o ar que estivera atrás da porta, arrastando-o, arrastando o conteúdo da casa, todas as coisas que Oates queria, todas as coisas de que a família precisava, voando, voando, batendo, caindo. Então uma antepara e uma fração de segundo de dor, dor por toda a parte, um partir-se inescapável. Mas isso foi tudo. Sawyer não teve tempo para processar como era morrer.



Parte 4

MAS APESAR DA LONGA JORNADA

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 11
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Por onde vocês começariam, caríssimos convidados, se quisessem se aventurar pela galáxia? Falariam com um amigo? Uma pessoa de confiança que já fez a viagem antes? Procurariam por um Livro na Rede ou talvez testassem o terreno com um simulador de viagens? Estudariam a língua e a cultura? Atualizariam seus imunobôs? Comprariam novos equipamentos? Encontrariam uma nave para transportá-los?

Cada uma dessas opções é oferecida nos centros de emigração, um recurso relativamente novo encontrado na maioria dos distritos das naves residenciais. Alguns ficam em escolas já existentes, outros ocupam lojas livres. Todos servem ao mesmo propósito: preparar os exodonianos para a vida fora da Frota, em outros territórios da CG.

Nas listas das oficinas oferecidas em qualquer um dos centros, você encontrará inúmeros tópicos. Aqui está uma amostra das opções atuais no centro de emigração que minha caríssima anfitriã, Isabel, me levou para conhecer ontem:

— Aula de Conversação de Klip: o que Você não Aprendeu na Escola
— Treinamento Básico para Sensibilidade Interespécies
— Clima, Oceanos e Gravidade Natural: Superando Medos Comuns

— Guia das Comunidades Inclusivas de Humanos
— Fórum de Licenças Comerciais (venham tirar dúvidas!)
— Melhorias Legais vs. Ilegais de Motores
— Como Escolher o Exotraje Certo
— Introdução às Colônias Independentes
— Não É uma Maçã: Alimentos Alienígenas Comuns a Evitar
— Imunobôs e Clínicas de Vacinação (consulte o calendário para a região de sua escolha)
— Sotaques em Ensk: Como entender os Humanos de Outros Lugares
— Treinamento de Aclimatação a Planetas (baseado em simulações)
— Treinamento de Aclimatação a Planetas (discussão não virtual)
— Salto por Túneis para Iniciantes

A lista continua.

Optei por *Guia das Comunidades Inclusivas de Humanos*. Mundos comerciais neutros foram os mais mencionados, assim como Sohep Frie e, fiquei feliz em notar, meu lar adotivo, Hashkath. Territórios harmagianos foram apresentados como menos confiáveis, o que foi deprimente, mas nenhuma surpresa. O espaço sob os quelins foi veementemente desencorajado, o que também não surpreende ninguém.

"O maior medo das pessoas é acabar às margens", disse Nuru, o instrutor do curso, que generosamente aceitou conversar comigo depois da aula. "Todos têm aquela tia-avó ou algum tio no seu hexa que vive reclamando sobre como os pais foram marginalizados quando foram fazer negócios em outros mundos nos tempos anteriores à nossa entrada para a CG. Todo mundo ouve histórias horríveis sobre favelas de humanos ou coisas do tipo, e vêm aqui com suas ambições empolgantes, mas também um medo gigantesco de acabar sem um teto ou de ser maltratado. A vida fora da Frota não é mais assim, não se você tiver noção das coisas. Os tempos são outros. Há lugares hostis na galáxia, sim, mas é para isso que serve minha aula. É para isso que serve todo este centro. Queremos dar às pessoas o melhor começo possível."

Perguntei a Nuru por que ele passava seus dias treinando pessoas para a vida em outros lugares quando ele próprio vive na Frota.

"Eu morei em Fasho Mal por muitos anos", disse ele. "Adorei o lugar, amei cada segundo. Amava o céu, o espaço aberto, a terra, tudo. Mas voltei para casa quando minha mãe ficou doente no último padrão. Nosso hexa estava cuidando bem dela, mas… Como eu poderia não voltar? Então, agora ajudo as pessoas a se prepararem para suas vidas em Fasho Mal ou aonde quer que estejam indo. Já que não posso ir eu mesmo… pelo menos alguém vai, certo?"

Nem todo mundo concorda. Meu tempo na Frota tem sido maravilhoso, mas, em raras ocasiões, encontrei indivíduos não muito satisfeitos com a minha presença. Cruzei com um deles a caminho do centro de emigração — não uma pessoa mais idosa, como você poderia ter esperado, mas um homem de meia-idade.

"A gente não precisa de você", gritou ele para mim quando Isabel e eu estávamos a caminho do centro. Ficou claro, pela maneira como minha pele enrugou quando o desconhecido se aproximou, que ele estava embriagado.

A princípio, não tive certeza se ele estava falando comigo. Em retrospectiva, percebo que Isabel soube na hora, pois começou a andar mais depressa. Entretanto, na minha ignorância, parei meu carrinho para tentar melhor compreender a situação.

"Você está falando comigo?", perguntei.

O homem não respondeu à pergunta, mas continuou a falar como se isso já fosse óbvio.

"Nós somos exodonianos. O nosso lugar é *aqui*. Entendeu? Você não é igual à gente. Não sabe do que a gente precisa."

Isabel tentou me fazer ir embora, mas tranquilizei-a de que estava bem.

"Quero ouvir o que ele tem a dizer", falei. Gesticulei para mostrar que estava disposta a ouvir o homem, embora ele não tenha entendido o gesto, e talvez isso só o tenha agitado mais. "Não entendi por que você está com raiva de mim."

"O que quer que você tenha vindo aqui ensinar, leve para sua casa", disse ele. "Vá para casa. Nós não precisamos de você."

"Não estou aqui para ensinar", respondi. "Estou aqui para aprender."

O esclarecimento confundiu o homem e devo admitir que não sou capaz de registrar sua resposta, pois o restante não fez muito sentido. A intenção era expressar sua raiva, no entanto. Disso não tenho dúvida.

"Você está passando vexame", disse Isabel, seca. "Vá para casa curar a bebedeira." Minha anfitriã é uma pessoa cortês e amável, caríssimos convidados, mas mesmo para meus ouvidos alienígenas, ela pode ser bastante assertiva quando a situação exige. Achei melhor segui-la até o centro de emigração, já que estava claro que nada mais havia a ser ganho com a troca. Isabel se desculpou (não era culpa dela ou de seu povo, mas compreendi seu constrangimento mesmo assim). Disse a ela que não tinha problema. Já sofri coisas muito piores na academia. Mas aquele encontro pesou sobre meu tempo no centro de emigração, e eu ainda estava pensando nele durante a conversa com Nuru mais tarde. Perguntei-lhe se era comum encontrar pessoas que pensavam daquela maneira.

Ele respondeu, com certo cansaço, que esse era o caso.

"Dizem que não mereço a comida que como, as paredes que me abrigam", disse ele, "porque estou tirando da Frota em vez de contribuir. Estou mandando

embora as pessoas que cultivam a comida e mantêm as paredes funcionando, é assim que elas veem a questão. Olha… não há como negar que mais exodonianos estão partindo do que voltando, mas estamos longe de correr o risco de sermos extintos. As fazendas ainda estão funcionando. A água continua fluindo. A Frota está bem. As pessoas para quem dou as oficinas partiriam de qualquer jeito, com minha ajuda ou não. Mas se partirem sem algumas aulas antes, não saberão o que os aguarda. Isso traz problemas. Só estamos fornecendo as ferramentas de que precisam para ficarem a salvo. São exodonianos ajudando exodonianos. Não é isso que devemos ser?"

Perguntei a Isabel sua opinião sobre o centro assim que saímos — como uma anciã, como alguém que tinha visto amigos partirem e tendências se desdobrarem ao longo de décadas. Minha anfitriã foi evasiva.

"O conhecimento deve estar sempre disponível", disse ela. "O que as pessoas fazem com ele fica a critério delas."

kip

Tudo estava formigando. Kip tinha pensamentos além desse, pensamentos incríveis que as outras pessoas deveriam ouvir. Dedões eram estranhos — tipo, muito estranhos se você parasse para pensar. E pensar também era estranho. Ele podia pensar sobre o que estava pensando. Será que isso queria dizer que havia uma parte separada dele? Uma parte pensante e uma… parte pensante do pensamento? Era uma ideia muito interessante, mas primeiro: bolo. Cara, como ele amava bolo. Queria tanto ter um bolo naquele exato momento. Imaginou um bolo tão grande que daria para ele enfiar o rosto nele e o glacê se ergueria ao seu redor, como as ondas do mar no cinema, só que mais densas, envolvendo-o, tomando o lugar do ar, chegando cada vez mais perto e — e não, não, isso estava ficando assustador. Ele não gostava de bolo. Era melhor os bolos continuarem pequenos e mastigáveis e longe de suas narinas.

Kip tinha esses pensamentos e muitos outros, mas assim que surgiam, eram afastados, levados pelo pensamento — O Pensamento — que dominava todos os outros.

Tudo estava formigando muito, muito mesmo.

"Você já se perguntou", começou Ras. Ele estava batendo na ponta do nariz com a ponta do dedo, tamborilando, pulsando. Kip ficou olhando-o por uma breve eternidade. Toc. Toc. Toc. "Você já se perguntou sobre, tipo… tipo, você está sentado aqui."

"Aham."

"E eu estou sentado aqui."

"Aham."

"E a gente está dividindo… este momento."

"Aham."

“Mas *será* que a gente está? Mesmo?” Ras parecia profundamente preocupado. “Porque pensa só. Eu estou vendo *isso*, certo?” Ele gesticulou para o jardim de oxigênio, traçando linhas partindo de seus olhos. “Mas você… você está vendo isso.” Ele tocou os lados do rosto de Kip, traçando linhas diferentes.

“Uau.” Kip riu. “Suas mãos são tão *estranhas*.”

“Cara, me escuta, isso é… isso é importante. O que você vê é diferente do que eu vejo. E ninguém nunca viu assim antes. Ninguém nunca viu o jardim de oxigênio exatamente como eu estou vendo, mas é… não é como se você estivesse vendo isso. Kip, a gente… a gente não está dividindo nada, cara. Ninguém nunca dividiu nada.”

Kip olhou para Ras por um longo tempo — ou talvez apenas por um tempo curto? Enfim, um tempo. Ele olhou para Ras por um tempo. Ele piscou. Ele riu, mas bem baixinho, porque se lembrava de que deveriam fazer silêncio, e essa parte era muito importante.

“Não entendi nada do que você acabou de dizer.”

Ras olhou para Kip e começou a rir também.

“Você é um tremendo idiota.”

Kip fechou os olhos e assentiu, ainda rindo. Deixou-se cair de volta no gramado. Podia sentir cada folha de grama inclinando-se para segurá-lo como um milhão de mãos carinhosas. Estavam no centro do jardim, o melhor lugar do jardim, o lugar mais quieto, com a vegetação mais alta, o lugar mais escondido, onde você podia *deitar* e ficar rodeado de arbustos e pequenas árvores e folhas e folhas. Plantas eram boas. As plantas eram tão boas. Ele amava as plantas e amava estouro, e amava Ras, e amava a vida. E amava a si mesmo. Uau. Ele amava *a si mesmo*. Tudo estava… tão… formigante.

Ras agarrou a camisa de Kip. O movimento foi intenso e apressado, não combinava com as mãozinhas da grama e as risadas em voz baixa. Kip não gostou.

“Tem alguém vindo”, sussurrou Ras.

Kip se sentou, abandonando a grama.

“Você tem certeza?”

Eles ficaram imóveis. Tudo ficou imóvel. Tudo, exceto o barulho inconfundível de passos. De movimento. De invasão.

“Porra”, sussurrou Ras. “Acho que é uma patrulha.” Ele se mexeu. “Vamos!”

Eles correram para trás de um arbusto grande, e tudo ficou ruim, batimentos cardíacos altos e músculos de metal e bordas gritando. Os passos se aproximaram. A cada passo, Kip tentou ficar mais quieto, mais invisível. Ele se transformaria em pedra e eles nunca o encontrariam. Não conseguiriam encontrá-lo. Merda, eles não podiam encontrá-lo. Não podiam.

Queria tanto que o formigamento parasse por um minuto.

Ele podia sentir Ras ao seu lado. Não estavam encostando um no outro, mas podia *senti-lo*, zumbindo como uma coisa viva. Ras estava errado. Eles estavam dividindo aquele momento. Não era bom, mas ainda era melhor do que ficar sozinho.

Alguém estava na grama agora, os sons lhe disseram. Alguém estava de pé na grama, girando em um círculo cuidadoso, olhando em volta. Alguém estava se sentando, tossindo, abrindo uma garrafa, bebendo. Ficando parado ali. Kip tinha certeza de que a pessoa saberia que ele e Ras estavam lá, que ela ouviria a respiração deles, o coração deles. Mas a pessoa o surpreendeu. Ela não percebeu. Ficou esperando.

Então, de repente, havia dois alguém. A segunda pessoa falou.

"Parece que você tem bebido muito", disse ela.

"Estou surpreso que você não", disse o primeiro alguém — um homem.

A mulher sentou-se.

"Eu sei que tem sido difícil…"

"Difícil? *Difícil*? Difícil é ficar sem sexo por algum tempo ou quando seu motor quebra, ou… Porra, Muriel, eu matei aquele garoto."

Kip e Ras se entreolharam. O chão desapareceu. Tudo estava errado.

"Fale baixo", disse a mulher, calma.

"Não tem ninguém aqui."

"Mesmo assim", disse ela. "Fale baixo." Ela suspirou. "Como você poderia ter adivinhado que ele faria algo tão idiota? Estrelas, até minha sobrinha sabe que não se abre uma porta fechada no vácuo, e ela tem *seis* anos."

"Eu deveria ter dito alguma coisa, eu estava distraído, eu…"

"Você deveria, sim. Mas foi um acidente. Acidentes acontecem."

"Alguma vez você matou alguém por acidente?" Houve uma longa pausa. "Pois é. Foi o que achei."

"Oates. Aconteceu. Está feito. Tudo o que podemos fazer é limpar a bagunça e seguir em frente."

Kip sentiu que estava de novo mergulhando em um bolo gigante, só que agora era o próprio ar, pressionando-o e sufocando-o.

"Isso é real?", murmurou ele para Ras.

Ras não respondeu, o que dizia tudo.

Do outro lado do arbusto, alguém bebeu da garrafa.

"Você preparou tudo?"

"Sim", disse a mulher. "Comida, combustível, todos os favores que podia pedir. Podemos estar longe daqui a esta hora amanhã."

"Porra, ainda bem. Toda vez que vejo uma patrulha, quase me cago de medo."

"Fique na sua e de boca fechada, e tudo ficará bem."

Alguém bebeu da garrafa de novo.

“Onde Dory pôs ele?”

“Você se importa?”

“Me importo.”

A mulher ficou em silêncio por tempo demais.

“Não tínhamos opções muito boas.”

“*Onde*?”

“Reciclagem de tecidos. Debaixo de uma pilha.”

“Reciclagem de tecidos? Vocês comeram merda? Ele vai ser encontrado em…”

“…em alguns dias, é só disso que precisamos para ir embora. Em que lugar ele *não* seria encontrado? A gente não podia jogar o garoto no espaço ou deixá-lo lá sem que aqueles desgraçados da *Netuno* o encontrassem — e você sabe que eles não pensariam duas vezes antes de usar isso contra a gente. Também não poderíamos arriscar um segundo furo, ainda mais às cegas. Não poderíamos deixar ele na nave, porque não teria como a inspeção de importação ignorar um corpo, não importa quantos créditos a gente tenha mandado pra eles. Os jardins não são profundos o suficiente, ele é grande demais para uma caixa quente sem a gente ter que ser muito nojento, a fundição sempre está movimentada, o compartimento de carga vem sendo muito patrulhado ultimamente — e que história é essa, aliás? A gente cuida de tudo e você ainda reclama dos detalhes?”

“Me desculpa. Eu só…” A voz do homem falhou. “Não foi minha intenção. Eu não…”

“Eu sei. E é por isso que a gente está fazendo isso por você. Porque você é parte da tripulação, e às vezes as merdas acontecem. Se você tivesse machucado aquele garoto *de propósito*, a gente não estaria tentando cuidar de tudo.”

“Eu sinto muito. Eu vou acertar as coisas com você, eu…”

“Eu sei.” Houve um som de contato físico, um tapinha amigável. “Agora, você vai dividir esse coice comigo ou não?”

Kip fechou os olhos. Tentou ignorar as vozes. Tentou ignorar tudo. Queria voltar para a grama e os dedões estranhos, mas tudo isso tinha acabado. Estava perdido. Agora tudo parecia afiado e quente, e — e ele não queria aquilo. Não queria mais que seu cérebro ficasse daquele jeito, mas tinha certeza de que estava preso naquele estado para sempre, e alguém tinha *morrido*, e ai, estrelas, e se *ele* morresse? E se estivesse ficando maluco e então algo desse errado no seu cérebro e *ele morresse*? Olhou para a terra onde estava agachado, a terra sujando as palmas de suas mãos, a terra sujando seus joelhos. Havia pessoas mortas naquela terra. Muitas e muitas pessoas mortas. Elas estavam mortas, e ele também morreria, e ele também viraria terra. Ele não gostava mais de estouro. Não queria mais se sentir assim. Queria que ficasse tudo bem. Queria viver. Queria tanto viver.

tessa

Ela o ouviu, apesar de todo o cuidado do filho. Estrelas, ele estava mesmo se esforçando. Ela ouviu o farfalhar dos lençóis quando ele os jogou para o lado, depois atravessou o quarto a passos cuidadosos e subiu no colchão. Ele se enfiou sob o lençol dela. Tessa não reagiu. Ele achava que ela estava dormindo, e Tessa queria ver o que aconteceria. Com o que deve ter sido um autocontrole agonizante, Ky se aproximou da mãe, quase sem encostar nela, completamente silencioso, exceto por sua respiração. Manteve-se tão imóvel quanto possível para uma criança de dois anos — uma rigidez torturada interrompida a cada poucos segundos por um ou outro balançar do corpo.

Ele estava tentando — tentando *ao máximo* — se aconchegar junto dela sem acordá-la.

Tessa agarrou o filho e cobriu sua cabeça de beijos.

"Acordada!", gritou ele.

"Isso aí", disse ela entre um beijo e outro. "Acordei faz um tempinho."

"Bom dia!"

"Bom dia, Ky." Ela acenou para a lâmpada de cabeceira, e um brilho suave se espalhou pelo quarto. O cabelo de Ky era puro caos e havia marcas de travesseiro em uma de suas bochechas rechonchudas. Tessa sentou-se com o menino nos braços e teve um vislumbre de si mesma no espelho da parede. Seu cabelo e rosto não estavam muito melhores do que os dele, e ela não tinha a desculpa da infância. Mas quem se importava, a uma hora daquelas? Sem dúvida não seu filho, que havia enfiado um dedo preocupantemente fundo no próprio ouvido.

"Mamãe, café não", declarou Ky. Ele levantou a voz, passando a gritar: "Café não!".

"Shh", sussurrou Tessa, afastando a mão de seu ouvido. "A gente não quer que os outros acordem. Certo? Você consegue ficar quietinho? Consegue sussurrar?"

“Consigo.” O sussurro de Ky ainda podia ser ouvido do outro lado do quarto, mas já ajudava.

“Você quer ir olhar as estrelas?”

“Não.”

Tudo era respondido com *não* hoje em dia. Ele não foi muito veemente nesse último, então Tessa não deu atenção.

“Acho que você quer. Vamos ver as estrelas.”

Com o filho cada dia maior no quadril, Tessa entrou na sala de estar. Algumas luzes noturnas e a seta de emergência eram visíveis na escuridão, mas tirando isso estava um breu. Dava para ouvir seu pai roncando e não ouviu qualquer barulho vindo do quarto de Aya. Ótimo. Na ponta dos pés, Tessa desviou do sofá, da mesa, e…

“Cace…”, fez Tessa, engolindo o resto em um gemido abafado. Ela não tinha previsto o brinquedo perdido no qual havia acabado de pisar com o pé descalço.

“Shh!”, fez Ky bem alto. “Silêncio!”

“Sim, obrigada”, disse Tessa. *Espertinho*, pensou ela.

Ela alcançou o círculo de luzinhas no chão que marcavam o poço que levava até a cúpula da família. Tinha pensado, em outros tempos, que a razão para as residências terem cúpulas em espaços compartilhados era porque os arquitetos estavam buscando uma solução econômica para as janelas. Era verdade, mas não contava a história toda. Ao que parecia, o mirante compartilhado fora intencional. Seus ancestrais temiam que caso as pessoas pudessem se isolar e ficar olhando para a solidão, elas acabariam com alguns parafusos a menos. Ficariam com medo, perderiam a esperança. Era algo que provocava sentimentos conflitantes, a visão do espaço aberto. Uma beleza de tirar o fôlego e um medo existencial, tudo ao mesmo tempo. Eles achavam que era muito mais fácil se concentrar no primeiro e evitar o último se você se sentasse perto da janela com amigos dispostos a segurarem sua mão, ouvirem o que você tinha a dizer ou apenas dispostos a fazer companhia. Ou isso ou todo mundo ficava doido junto, Tessa pensou, irônica. De qualquer forma, você não estava sozinho.

Seus olhos se ajustaram à pouca claridade. Ela abriu o portão, sentou-se no banco com a criança firmemente presa em seus braços e apertou o botão para descer. Seu lar deslizou para longe e, por um ou dois segundos, os únicos barulhos foram os da roldana girando e do filho chupando os dedos. Então: um rugido abafado por trás de paredes grossas.

“Ky, você sabe que barulho é esse?”

“Não.”

“Sabe, sim. O que passa pelo andar abaixo do nosso?”

Mesmo no escuro, Tessa podia ver a expressão confusa do filho.

“Água”, disse ela. “Lembra? Toda a água que usamos passa por uns tubos bem grandes no chão.” Ela deixaria para falar dos *tanques de filtragem e* dos *tanques de decantação* dali a um ano.

“Posso comer biscoito?”

Tessa ansiava pelo dia em que as conversas se tornariam lineares.

“Não no café da manhã.”

“E… biscoito no almoço?”

“Se você se comportar bem hoje de manhã, então *talvez* vovô possa lhe dar um biscoito na hora do almoço.”

Ky olhou em volta quando o ruído ao fundo mudou.

“Cadê água?”

Então ele *estava* prestando atenção.

“Ficou lá em cima. Estamos quase parando.”

“Aiaiai, se prepara!”, disse ele.

“Prepare-se”, repetiu Tessa com uma risada. “Eeeeeee… paramos!”

O banco parou de descer. Aos seus pés havia uma janela rasa projetando-se no espaço vazio do lado de fora. Era diferente da que a família dela tinha em sua infância. Nessa época, tinham uma das janelas antigas, de formato poligonal, feito de um vidro grosso tão antigo quanto a própria Frota, a vista cortada em segmentos pelas grossas estruturas de metal. Ashby havia lhes comprado uma das janelas novas, melhores, depois de seu primeiro trabalho perfurando um túnel — nada de ângulos, nada de moldura interna. Ele estava sempre fazendo coisas assim. Houve uma época em que ela temia que para lhes mandar créditos ele estivesse deixando de gastar consigo mesmo, mas depois que Ashby comprou sua própria nave, Tessa parou de se preocupar tanto com isso. Apenas ficava feliz por ele se lembrar deles.

Ela pensou no quanto gostava das coisas que ele lhes enviava — a janela de acrílico, as lentes de simulação, uma caixa de temperos de algum porto alienígena. Uma ideia nociva e culpada quase lhe veio à mente, a mesma que a acordara horas antes. Tessa afastou-a antes que o pensamento se formasse por completo. Concentrou-se no filho.

Ela saiu do banco pendurado e foi para os bancos da cúpula. Não eram nada de mais, mal passavam de prateleiras nos cantos. A vista também não era grande coisa — pelo menos, não comparada à dos amplos mirantes encontrados nas praças. Mas aquele era o seu próprio cantinho do céu, e ela gostava disso. Sempre gostara.

Ky tentou se desvencilhar de seu colo. Tessa o deixou ir. Ele andou até o acrílico, os pés morenos contra o céu negro. Ele sentou-se de repente, sem cerimônias.

“Estrelas!”, declarou ele, olhando pelo espaço entre os joelhos dobrados.

“Isso aí”, disse Tessa.

Ele apontou um dedo gordinho.

"Cinco estrelas." Com a outra mão, ele levantou dois dedos e um polegar.

"Um pouco mais que cinco, bebê."

As estrelas sumiram por um momento quando um ônibus espacial pesado passou, as luzes de atracação piscando, a fuselagem pontilhada de aparatos técnicos e pedaços reaproveitados. Ky gritou de alegria.

"Caramba!" Ele olhou para ela, os olhos arregalados e a boca aberta. "Mamãe, viu?"

"Vi, sim!"

"Uau! Você viu?"

"Sim, eu vi."

"Minha nave."

"Uau, é a sua nave? Que legal."

"Minha nave. Prontinho!"

Aya havia perdido o direito de comer sobremesa por uma decana por conta da origem daquela expressão, mas embora as sessões de simulação durante seus momentos de babá tivessem chegado ao fim, a adição do vocabulário permanecera. Tessa suspirou, esperando que sua filha mais velha não tivesse danificado o cérebro do mais novo.

Ela o deixou brincar na janela, respondendo distraída à tagarelice enquanto o filho falava sobre vários assuntos (ele estava discutindo… travesseiros? Ela perdeu o fio da meada, e ele também, ao que parecia). Sua mente estava no céu a seus pés, o que significava que ela não estava pensando em nada em especial. Algo na vista sempre a deixava mais centrada, mesmo que a tivesse observado milhares de vezes. Tessa pensou na primeira vez em que visitou o chão, uma viagem da família a Hashkath. Ashby não era muito mais velho que Ky. Sua mãe ainda estava com eles. Na primeira noite lá, seu pai chamou Tessa até o pátio ao lado de suas acomodações.

"Olhe só, garota", dissera ele. Ela olhara para cima, imitando o pai. Agora adulta, Tessa se lembrava de como as estrelas pareceram diferentes naquele momento, tão apagadas, tão indistintas. A intenção de seu pai era compartilhar algo especial com ela, Tessa sabia agora, mas sua impressão no momento a deixou com medo. Não havia nenhum acrílico, nenhuma proteção entre ela e aquele céu. Ela sentiu que a qualquer momento alguém desligaria a gravidade e ela flutuaria para cima e para fora, para sempre. Ela passara dois segundos do lado de fora antes de voltar correndo e se agarrar à mãe desnorteada, chorando e dizendo que queria voltar para casa.

Essa experiência ainda influenciou as poucas férias seguintes que ela tirou na vida adulta, mesmo já sabendo então que ninguém poderia desligar a gravidade de

um planeta, mesmo sabendo que suas paredes eram menos confiáveis do que as atmosferas dos terrenos. Ela sabia que, em casa, não estava de fato olhando *para baixo*. Ela estava de pé, de lado, em todas as direções. Seu referencial era definido pelas redes de gravidade artificial, tudo na mesma direção que as antigas centrífugas davam a seus ancestrais (e a vista deles, é claro, estava sempre girando). Mas ela podia saber disso racionalmente e ainda sentir que as estrelas viviam abaixo de seus pés. Que isso era o normal. O lugar delas.

Ela pensou, no entanto, nos visitantes que já recebera de outros lugares. A última vez que Ashby esteve lá com sua tripulação — Ky era um bebezinho, ela pensou, lembrando-se de quando o filho chutou as pernas destreinadas nos braços de seu irmão —, os dois técnicos estranhos e a aandriskana tinham passado horas na cúpula de observação, sentados no chão como Ky estava fazendo agora, horrorizados e fascinados, sem se cansarem da novidade. A visão que uma pessoa tinha sobre as estrelas era, no fim das contas, uma questão de perspectiva. De criação.

Tessa se perguntou como Aya se sairia com o céu visto do chão. Ela nunca visitava a cúpula da família — ou qualquer cúpula, aliás. Nos dias de hoje, sempre que estava em um cômodo, ela se posicionava estrategicamente o mais longe possível das paredes. Será que se incomodaria de estar perto de uma parede se seus pés estivessem sempre plantados no chão? Será que olharia pelas janelas se pudesse confiar que não a sugariam para fora?

Quanto a Ky, ainda era pequeno. O céu era só mais uma constante para ele, como biscoitos, seu pijama e a família. Ele seria indiferente por alguns anos ainda. Absorveria qualquer ambiente onde fosse colocado. *Prontinho*.

A ideia culpada começou a surgir de novo, e Tessa sabia que era hora de começar seu dia.

“Vamos lá, bebê”, disse ela, pegando Ky no colo, limpando o cuspe do acrílico que ele tinha lambido. “Tenho que ir trabalhar.”

Voltaram para o banco e começaram a subir. Ele estava olhando para cima, observando o cabo levá-los. Tessa olhou para baixo a tempo de ver as estrelas ficarem escuras de novo.

“Ei, Ky, olha! Um esquife!”

Ky quase se jogou de seus braços, dobrando-se para a frente, apontando a cabeça para a cúpula. Mas foi tarde demais. A nave já havia passado.

“Ah, que pena”, disse Tessa. “Agora já passou.”

O filho olhou para ela, ferido, traído. Seus olhos se arregalaram. Seu lábio tremeu. Sua expressão desmoronou e ele começou a chorar, arrasado.

Droga. Bem, paciência. Já estava na hora de levantar mesmo.

isabel

Isabel entrou pela porta a passos rápidos quando viu Ghuh'loloan pela janela do seu escritório, esperando pacientemente diante de sua mesa.

"Bom dia", disse Isabel. Ela tocou em suas lentes para verificar a hora. "Me desculpe, nós marcamos uma conversa mais cedo hoje?" Ela não se lembrava, mas andava tão atolada que as coisas estavam começando a sair do controle.

"Não, não", disse Ghuh'loloan. Ela esticou sua clava tentacular em um gesto tranquilizador. "Eu apenas andei pensando em algumas coisas e gostaria de falar com você." Ela apontou um tentáculo para a mesa de Isabel, onde duas canecas de mek as aguardavam. "Consegui enfrentar aquela sua engenhoca, mas infelizmente fui covarde demais para tentar fazer um mek tão quente quanto o seu."

"Não foi nem um pouco covarde." Não mesmo, pensou Isabel, considerando o disco de temperatura com as marcações em ensk e os botões lisos feitos para mãos humanas. "Foi muita gentileza sua." Ela não gostava de começar o dia com mek, mas não tinha coragem de recusar uma bebida feita por alguém que arriscou uma queimadura feia para prepará-la. Ela se sentou e tomou um gole. Estrelas, Ghuh tinha feito tão forte. "Então, o que a traz até aqui hoje?" Ela pôs o scrib na mesa, pronta para qualquer pergunta sobre tradições musicais ou armazenamento de alimentos ou tecnologia de banheiros que sua colega tivesse hoje.

Mas a harmagiana a surpreendeu. Ghuh'loloan não pegou seu próprio scrib, nem começou uma enxurrada de perguntas. Em vez disso, fez algo que Isabel nunca a tinha visto fazer antes: ela hesitou.

"Caríssima amiga, não sei bem como começar", disse Ghuh'loloan. Isabel reparou na mudança de tratamento na hora. Não *caríssima anfitriã. Caríssima amiga*. "O assunto que desejo discutir hoje é positivo, mas temo que seja difícil, ou pior, insultante."

Isabel pousou a caneca. Sabia que Ghuh'loloan entendia sorrisos, então ela sorriu.

"Caríssima amiga", começou ela, esperando que a repetição do tratamento soasse sincera. "Duvido muito que você me insulte, ainda mais depois de me dizer que não é sua intenção. Confia que serei sincera com você, certo?"

Os tentáculos de Ghuh'loloan relaxaram.

"Sem dúvida. Todavia, se a minha profissão me ensinou alguma coisa, é que as ofensas culturais são ainda mais profundas quando acidentais." Seu corpo estremeceu da frente para trás — o equivalente de sua espécie a um dar de ombros. "Mas agora, pelo menos, caso a insulte, você saberá que não foi de propósito."

Isabel bebericou seu mek morno e assentiu, aguardando pacientemente o fim daquela dança harmagiana.

Houve um som alto de sucção quando Ghuh'loloan inflou sua bolsa de ar.

"Você sabe que meus escritos registrando meu tempo aqui vêm atingindo um público considerável."

"Sim." Isabel não sabia como poderia ter respondido outra coisa. Ghuh'loloan tinha ficado praticamente eufórica sobre as mensagens que havia recebido de seus leitores. Ao que parecia, a vida moderna na Frota tinha despertado o interesse do mundo da etnografia, e sua colega passava suas noites sem dormir respondendo alegremente ao máximo de perguntas que podia até Isabel acordar.

Ghuh'loloan seguiu em frente. Sua preocupação amistosa havia desaparecido, dando lugar à naturalidade de uma explicação factual. Se os intelectuais eram bons em alguma coisa, essa coisa era defender seu ponto de vista. "Minhas menções às capacidades técnicas da Frota e aos desafios dela resultantes provocaram uma grande reação. Tenho certeza de que você pode imaginar a natureza."

Isabel deu um sorriso um pouco tenso.

"Eles acham que somos um pouco atrasados, hein?"

"Alguns, sim. Por favor, não leve para o lado pessoal. A arrogância cultural é deprimentemente universal, em especial entre o meu povo." Ghuh'loloan fez uma pausa, aguardando.

Isabel demorou a entender.

"Não levo para o lado pessoal", disse ela. "Não se preocupe."

A harmagiana ficou satisfeita. Ela continuou.

"Essas reações eu desconsidero. Mas há outras…" A hesitação voltou. "Outras pessoas que desejam ajudar. Não porque vocês sejam incapazes de cuidarem de si mesmos", ela foi rápida em acrescentar, "mas por um desejo real de fornecer recursos que seriam benéficos."

Isabel recostou-se na cadeira.

“Nós ainda somos vistos como um povo que precisa de caridade”, disse ela. Sentiu aquela pontada no ego mais uma vez.

“Mais uma vez, em alguns casos. Mas eu não veria isso como uma demonstração de pena. Para muitos, é um desejo genuíno para que seu povo ganhe pé de igualdade.” Ela envolveu sua caneca de mek esquecida com um tentáculo. “O motivo pelo qual decidi dividir isso com você é que algumas ofertas trazem possibilidades intrigantes.”

“Como?”

Ghuh’loloan conduziu sua manobra de encolher-rosto-abrir-boca-derramar-bebida, depois deixou a caneca junto ao corpo poroso.

“Como, por exemplo, oshet-Tasthiset esk-Vassix as-Ishehsh Tirikistik isket-Haaskiset.”

Isabel piscou, confusa. Os nomes completos dos aandriskanos eram difíceis de acompanhar.

“Quem é… essa pessoa?”

“Você já ouviu falar de Ellush Haaskiset?”

“Não.”

“É um desenvolvedor da área de computação, com sede em Reskit. O seu conselho administrativo é composto por uma única família de penas e juntos são riquíssimos. Tirikistik é um dos rostos mais públicos de seu círculo. Ela também é uma entusiasta amadora do estudo cultural de alienígenas, e eu a vi comparecer a vários simpósios no Instituto. Foi muito emocionante receber uma carta dela.”

Ghuh’loloan fez outra pausa, e Isabel aproveitou a deixa para congratulá-la por sua conquista de tanto prestígio.

“Isso soa mesmo empolgante”, disse Isabel. “Também diz bem do seu trabalho.”

A colega torceu a clava tentacular com orgulho.

“Obrigada”, agradeceu ela. “Tirikistik leu todos os meus escritos sobre a Frota até agora e entende o problema que os créditos criaram. Disse que já tinha pensado em comercializar aqui, mas meu artigo sobre o desequilíbrio econômico a fez reconsiderar essa ideia.”

Isabel franziu a testa. Será que, sem querer, o trabalho de Ghuh’loloan estava desencorajando o comércio exterior? Será que os mercadores estrangeiros leriam seus ensaios e se preocupariam com a possibilidade de seus negócios fazerem mais mal do que bem? A questão dos créditos ou permutas ainda exigia alguns ajustes, sim, mas… mas eles precisavam dos créditos. Ela se perguntou, com um nó na barriga, se aquela troca cultural os prejudicaria no fim.

Ghuh’loloan seguiu em frente.

“Em vez disso, ela está interessada em fazer uma doação.”

“Que tipo de doação?”

“Bem, ela mencionou algumas instalações para armazenar ambi…”

“Isso não seria de muita utilidade aqui.”

“Foi o que eu disse. Sugeri que, em vez de ela decidir o que seria útil de sua perspectiva externa, talvez eu pudesse abrir uma linha de comunicação com a própria Frota para ver o que seria mais útil.”

“Posso dizer exatamente qual seria o consenso das guildas de trabalho”, respondeu Isabel. “Problemas exodonianos exigem soluções exodonianas. Elas dirão que já dependemos demais da caridade alienígena.”

“Caridade do parlamento da CG e dos aeluonianos como povo. Mas essa é uma representante de uma empresa particular oferecendo o que equivaleria a um presente pessoal. Um presente enorme, mas ainda assim um presente.” Ghuh’loloan tomou outro gole inquietante de sua caneca. “A questão dos presentes é que, escolhendo-se as palavras com cuidado, eles podem sempre ser recusados. Além disso, você me tem como uma… uma espécie de embaixadora. Posso facilmente dissuadida se essa oferta for mal recebida. Mas senti-me obrigada, no mínimo, a transmitir a mensagem.”

Isabel bateu as pontas dos dedos enquanto pensava. Um presente pessoal. Sim, *isso* poderia abrir algumas portas.

“Eu posso marcar uma reunião com o conselho de supervisão de recursos”, disse ela. Não havia mal em uma conversa, certo? Como Ghuh’loloan dissera, eles sempre poderiam dizer não. Mas você não sabia o que estava recusando até a opção pelo menos estar na mesa.

“Maravilha”, disse Ghuh’loloan. “Vou adiar minha resposta para Tirikistik, então.” Ela ergueu sua caneca em uma imitação de um brinde humano.

Isabel retribuiu o gesto com um sorriso. Enquanto bebia, pensou nas redes de gravidade artificial sob seus pés, nas colheitadeiras solares que orbitavam lá fora, nas IAs de Cognição limitada instaladas nos corredores públicos por segurança. Tudo isso havia sido doado nas últimas décadas por espécies que não conseguiam imaginar uma vida sem essas coisas. Agora, sua própria espécie já não conseguia imaginar uma vida sem isso. Ela se perguntou o que mais poderia — e seria — substituído. Que coisas essenciais desapareciam.

kip

Kip (10:13): tá acordado?
Ras (10:16): tô
Kip (10:16): a gente pode se encontrar?
Kip (10:16): preciso falar com vc
Ras (10:20): não posso, tenho tarefas
Kip (10:20): preciso MTO falar com vc
Ras (10:21): não tem nada pra gente conversar
Kip (10:21): tem sim
Ras (10:21): n
Kip (10:21): Ras qual é
Kip (10:22): sério
Ras (10:23): preciso estudar
Ras (10:23): de verdade
Kip (10:23): ok, posso ir aí
Kip (10:23): a gente estuda juntos
Kip (10:25): posso ajudar com as tarefas
Kip (10:30): Ras?
Kip (10:42): qual foi cara
Kip (10:48): para de me ignorar
Kip (10:54): para
Kip (10:54): de
Kip (10:54): me
Kip (10:54): ignorar
Kip (10:75): Ras por favor, so quero conversar

Desgraçado.

Kip tivera esperanças de que Ras mudasse de ideia depois que os dois dormissem e ficassem sóbrios de novo — as duas coisas tinham sido um alívio profundo. Ou pelo menos tinham sido até Kip estar desperto o suficiente para perceber que tudo o que aconteceu *realmente* aconteceu, e que a conversa que ouviram não foi um sonho, uma viagem ou algo tão conveniente assim.

Alguém havia escondido um corpo. Não era emocionante, como nos vids. Era aterrorizante. Real.

Assim que ficaram sozinhos no jardim, Ras deixou claro que havia entendido como a situação era bizarra, mas que não iam contar para ninguém. Não sabiam quem eram aquelas pessoas e, caso contassem para alguém, aquelas mesmas pessoas poderiam ir atrás deles. Eles poderiam acabar na reciclagem de tecidos também. Ras não havia deixado espaço para discordâncias. Fim de discussão. *Eles não tinham ouvido nada*.

Só que tinham ouvido, sim. Eles ouviram e não havia como esquecer a conversa. Não adiantava querer que fosse diferente, por mais que Kip tentasse.

Kip ficou deitado na cama, olhando para o teto. Estava morto de fome, a boca tão seca que sua língua parecia grudenta. Mas não havia saído do quarto, apesar de já estar acordado há horas. A ideia de enfrentar sua família era demais. Não podia agir como se estivesse tudo bem. Não havia como fingir com algo assim.

Mas estava com muita fome. Tipo, morrendo de fome mesmo. Também sentia uma dor de cabeça estranha e um cansaço no corpo inteiro. Nunca mais usaria estouro de novo, ele decidiu. Não valia a pena.

Talvez alguém já tenha encontrado ele, pensou. Sim. Sim, isso era reconfortante. Se as pessoas tivessem deixado o — estrelas — o *corpo* na reciclagem de tecidos… bem, havia muita gente trabalhando lá, certo? Alguém teria que encontrá-lo. Até as pessoas que o deixaram lá sabiam disso. Sim, alguém o encontraria — já o haviam encontrado, provavelmente. Alguém o encontrou, as patrulhas cuidariam disso e Kip não precisava se preocupar. Ninguém descobriria que ele sabia.

Ele se perguntou se alguém estava procurando por quem quer que fosse. Seu hexa devia ter notado que ele não havia voltado para casa. O cara morto devia ser um mau sujeito, se estava trabalhando com aquelas pessoas. Mas… ele tinha sido alguém, certo? Tinha sido alguém. Eles o chamaram de “garoto”. Alguém tinha que estar procurando por ele.

Kip vasculhou as roupas ao lado da cama e encontrou seu scrib. Deu uma olhada nos canais de notícias. Atualizações de imunobôs, reuniões do conselho, aeluonianos em guerra, toremis em guerra, política chata dos humanos, política chata dos alienígenas — nada sobre um corpo na reciclagem de tecidos.

Merda.

Ele esfregou o rosto. Talvez só não tivessem encontrado *ainda*. Encontrariam hoje, com certeza. Kip pensou em quando tinha ganhado na loteria de merda e passado duas decanas no centro de reciclagem. Tinha ficado encarregado da compostagem de comida, não de tecidos, mas tinha passado por lá, visto todas as pessoas lavando, dobrando e costurando, todas as pessoas andando pelas… pelas… pilhas gigantescas de pano. As pilhas que você nunca terminaria em um dia.

Kip pensou em como seria pegar uma braçada de tecido e descobrir algo horrível enfiado embaixo. Um rosto morto, imóvel. Olhos frios ainda encarando o vazio. Ele se perguntou como seria — que *aparência* teria — se o corpo ficasse lá por alguns dias. Seu estômago vazio deu um nó. Não queria pensar nisso. Não queria, mas agora que havia começado, não conseguia parar.

Alguém encontraria o corpo, sim. Uma pessoa o encontraria, sem esperar por isso, e seria o pior dia de sua vida.

E as pessoas que ouviu conversando na noite anterior… elas iam fugir. Jogaram uma pessoa fora como se não fosse nada e saltariam para algum planeta onde ninguém jamais os encontraria. Isso não estava ok. Não estava certo.

Não estava certo.

Kip pensou no que Ras dissera — que aquelas pessoas no jardim poderiam ir atrás deles. Pensou muito nisso. Esse pensamento fez seu estômago doer também. Mas também pensou o caminho contrário: e se eles fossem atrás de outra pessoa? E se fizessem aquilo de novo? Ele poderia viver com isso? Como ficaria seu estômago se lesse os canais um dia e… e… "Porra", murmurou ele. Sentou-se e procurou um par de calças. Sua cabeça latejou, o resto da sonolência do estouro ainda impedindo-o de raciocinar direito. Seu coração martelava no peito, mas isso não era por causa do estouro. Isso ele tinha feito sozinho.

Ficou parado na frente da porta do quarto por um tempo antes de abri-la. Seus pais estavam na sala de estar, lendo seus scribs, tomando chá. A cena era tão normal, tão chata. Tão reconfortante. Seu coração bateu mais forte e, embora não houvesse nada em seu estômago, queria vomitar.

"Você chegou tarde em casa", disse sua mãe. A voz dela estava irritada, e sua expressão também, até que ela olhou para Kip. As linhas ao redor dos olhos desapareceram. "Kip, o que houve?"

Kip mal tinha percebido que começara a chorar. Estrelas, ele era um lixo. Seus pais eram idiotas, mas *se importavam* com ele, do seu próprio jeito idiota, e *sempre* se importaram, aí ele ia e fazia uma merda dessas. Ficou ali feito um idiota, as mãos enfiadas nos bolsos, tentando fazer as lágrimas sumirem. Ele fracassou. Bem. Ele fracassava em tudo mesmo.

Kip pigarreou e franziu a testa para o chão.

"Preciso contar uma coisa para vocês."

eyas

Eyas estava sentada na cadeira, olhando para o cadáver de Sawyer deitado em sua mesa de trabalho. Era uma cena típica, cotidiana, e as tarefas que tinha pela frente eram as mais normais do mundo. Mas nada no corpo era normal. Nada naquilo era aceitável.

Ficou sentada por meia hora até finalmente se levantar. Foi até o armário, abriu a gaveta de cima e tirou o saco de pertences. O saco era feito de pano fino, limpo e bem-feito. Uma maneira neutra de conter objetos que não eram nada neutros. Ela se virou para o corpo, hesitando como jamais tinha feito antes. Conhecê-lo em vida não era o que a incomodava. Ela preparara cadáveres de pessoas conhecidas, inclusive que conhecera muito melhor do que aquele quase estranho. Membros da família de vizinhos de hexa. Sua professora favorita da infância. Seu avô, o que tinha sido amargamente difícil. Não, sua reticência era por outro motivo. Aquilo não era um sofrimento. Era uma profanação.

Seu nariz coçou sob a máscara filtradora pesada. Raramente usava uma dessas no trabalho, nem mesmo quando a pessoa era velha ou a morte era chocante. Mas nunca havia trabalhado com um cadáver naquele estado. Não era perigoso, é claro — tinha passado por um flash de descontaminação na chegada, como todos os outros. No entanto, *estava* nos primeiros estágios de apodrecimento descontrolado, algo que nem Eyas nem nenhum de seus colegas encontrava regularmente. Aquele cadáver não foi levado para o Centro no dia da morte, acompanhado por uma família enlutada e uma equipe médica com expressões sombrias. O cadáver havia sido trazido por uma equipe de patrulha, ainda nauseada e gemendo por causa do que haviam descoberto.

Tem certeza de que quer cuidar dele?, perguntara seu supervisor. Haviam comparecido a uma reunião naquela manhã, cuidadores e aprendizes, todos em estado de choque enquanto explicavam o que havia sido deixado para eles.

Tenho, respondera Eyas. Ela se ofereceu, e ninguém discutiu. Era a coisa certa, todos sabiam. Fora ela quem soltara uma exclamação surpresa quando o patrulheiro mostrou uma fotografia do rosto do cadáver. Ela sabia o nome do falecido.

Alguém havia descartado o corpo de Sawyer. Como lixo. Como uma coisa indesejada, usada. O pensamento encheu Eyas de uma fúria silenciosa. Esse sentimento ardeu em seu peito enquanto ela tirava a camisa suja dele, as meias grossas, um anel feito por alienígenas. Suas mãos tremiam enquanto ela lavava o corpo e via os restos de sujeira descerem pelo ralo. Ela tensionou o queixo enquanto reposicionava os ossos visivelmente tortos. Torcia para que sua morte tivesse sido rápida. Estrelas, como torcia.

Sawyer foi apenas uma morte, mas a indignidade, a aberração, a negligência causada pelo armazenamento inadequado a fizeram pensar nas decanas que se seguiram à *Oxomoco*. Lembrou-se de como tinha limpado corpo após corpo, todos dispostos não na privacidade de sua sala de trabalho, mas no ambiente gélido do compartimento de armazenamento de alimentos. Lembrou-se do dia que passou a bordo da própria *Oxomoco*, quando chegou a sua vez de trabalhar na limpeza dos Centros abandonados. Lembrou-se de descobrir como ficavam os corpos quando só apodreciam pela metade, ainda se lembrava do cheiro de seu exotraje na eclusa de ar, do padrão passado triturando ossos que não se desintegraram direito após a exposição ao ar.

Aquele período tinha sido muito pior. Mil vezes pior. E ainda assim, por menos chocante que fosse o cadáver de Sawyer em comparação ao episódio, ela sabia que os detalhes daquele dia iriam ficar gravados de maneira similar em sua memória. Não conhecia aquele homem, não de verdade, mas ele… confiara nela. Confiara nela cegamente, assim como confiara cegamente nas pessoas que o levaram até aquela mesa. Se Eyas tivesse sido mais paciente com ele, se tivesse respondido suas perguntas e se tornado sua amiga, se tivesse dado a ele mais do que cinco minutos do seu tempo, ele — não, não, não. Sabia que não deveria se deixar levar pelos *e se* de situações como aquela, então afastou tais pensamentos. A culpa permaneceu, mesmo assim. Os fantasmas eram imaginários, mas ser assombrada era uma experiência real.

Ela virou o braço direito do cadáver, estudando o buraco onde deveria estar seu implante de pulso. A remoção tinha sido feita de qualquer jeito, às pressas, e não havia muito que ela pudesse fazer. Envolveu o pulso com um pedaço de pano, por uma questão de decência. Já lera sobre ladrões de implantes que rondavam as áreas mais barra-pesada das estações espaciais, mas — embora não tivesse experiência com essas coisas —, algo lhe dizia que não se tratara disso. Nunca tinha ouvido falar de um crime dessa natureza na Frota, e duvidava que alguém tivesse

começado *agora*. Não, alguém não quisera que descobrissem quem era esse cadáver. Mas ela sabia. Deu o nome dele à patrulha, um lugar de origem e o caminho de seu scrib. *Essas informações são úteis*, dissera o patrulheiro, visivelmente grato. Era um conforto, pelo menos. Era alguma coisa.

Ela levantou o braço do cadáver e inseriu um tubo fino cheio de fluido que estava ligado a um recuperador de imunobôs. Acionou o interruptor e ouviu um zumbido mecânico enquanto o aparelho ativava os imunobôs de Sawyer, direcionando-os pelo tubo para o interior do receptáculo que seria fechado depois. Eyas os mandaria para o hospital, onde seriam esterilizados, reconfigurados e injetados em outra pessoa. Nada era desperdiçado na Frota.

Ela olhou para o cadáver jogado fora, a pele machucada e roxa. Nada *deveria* ser desperdiçado.

O recuperador terminou seu trabalho. O corpo de Sawyer estava pronto para armazenamento. Eyas o levou para a câmara de estase e fechou a porta. O cadáver não estava mais lá, porém ainda podia senti-lo na sala com ela, uma mácula que jamais seria limpa. Olhou para o saco em que pusera suas roupas e seus pertences. Havia uma etiqueta na parte da frente, esperando o nome e o endereço da família. Ela encontrou uma caneta térmica e escreveu a única informação que tinha. Esperava que os patrulheiros preenchessem o resto.

Tirou a máscara, lavou-se tão rápido quanto a boa higiene permitia e saiu da sala às pressas, levando consigo a bolsa de pertences. Passou por alguns colegas no corredor, mas não fez contato visual.

"Eyas?", chamou alguém. "Você está bem?"

Eyas não respondeu. Seguiu até a câmara principal e pegou o elevador até a cúpula. Manteve tudo plácido, tudo lá dentro, para caso alguma família estivesse lá embaixo, em busca do mesmo silêncio que ela.

O elevador parou. Felizmente, felizmente, Eyas se viu sozinha.

Ela se sentou em um dos bancos ao redor da janela abobadada no chão. As estrelas se derramavam sob seus pés. O Centro não estava virado para o sol, mas quase. Raios brilhantes de luz derramavam-se sob o parapeito grosso da janela, mais fortes que o delicado brilho ao longe. As constelações mudaram à medida que a *Astéria* continuou sua órbita sem-fim, mas a vista ali sempre parecia a mesma. A constância era um conforto, um lembrete de que qualquer coisa desagradável pela qual você tivesse acabado de passar era apenas passageira, um piscar de olhos dentro de um esplendor vasto e lento.

Ou era um conforto, na maioria dos dias. Tudo o que Eyas podia sentir agora era a ardência, o tremor e a tensão de antes. Agora que estava sozinha, fez algo que não fazia há muito tempo, não por causa de cadáveres. Ela segurou a bolsa de pertences no colo e chorou.

Parte 5

NÃO ESTAMOS PERDIDOS

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 14
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Antes de eu me tornar Ghuh'loloan, meu corpo pertencia a outra pessoa. Outra *coisa*. Por definição, não posso me lembrar desse tempo, mas por ter visitado a minha prole enquanto ainda estavam em desenvolvimento, posso dizer como foi. O Ser Que Não Era Ghuh'loloan não tinha nome nem qualquer distinção identificadora além da sua linhagem. Ili era um pólipo, uma massa insensível presa a uma rocha ao lado de uma centena de irmãos. Esse ser tinha o início dos tentáculos — toquinhos minúsculos balançando ao sabor das marés simuladas, sugando a mistura de nutrientes que os protetores rotineiramente despejavam nas piscinas do berçário. Todos os harmagianos começam assim. Pelas primeiras noventa decanas antes de nos tornarmos nós mesmos, os pólipos apenas comem e ficam agarrados às rochas enquanto se ocupam da difícil tarefa de formar um cérebro.

Quando o cérebro está suficientemente formado, o pólipo se desprende da rocha. Ili flutua pela água por mais uma decana, contorcendo-se sem parar, nadando às cegas. Aos poucos, bem devagar, o novo cérebro domina o controle motor, e esse pequeno ser se torna forte o suficiente para controlar seus movimentos pela piscina. É maravilhoso, caríssimos convidados, observar a

mudança quase instantânea daquele contorcer-se infeliz para a exploração intencional. A criança — pois agora é uma criança — não tem os olhos ou a clava tentacular completamente formados ainda, nem sua barriga. Mas tem controle. É aí que começa a vida harmagiana. Foi quando me tornei Ghuh'loloan.

Do ponto de vista biológico, descobri que outras espécies entendem essa fase de transição muito prontamente. O que não entendem, porém, é que, na nossa cultura, consideramos o momento em que o pólipo se desprende da rocha uma morte. Para umi harmagiani, isso é óbvio. O que mais poderia ser? A forma e o comportamento do pólipo são tão diferentes dos de umi harmagiani maduri que só podem ser vistos como entidades separadas. Como eu poderia ser Ghuh'loloan se não tinha um cérebro para entender o que Ghuh'loloan era? Como poderia afirmar que aquele pólipo era uma parte de mim mesma se não tenho sequer a mais vaga lembrança desse tempo? (Eu me lembro das piscinas do berçário: uma lembrança pouco nítida de contornar uma pedra muito alta, a imagem do tentáculo enorme de um adulto consertando um filtro de oxigênio sob a água). Lembrem-se, somos uma espécie que não dorme. Nossas vidas são definidas pelo agregado de tudo o que acontece enquanto estamos acordados.

Quando comecei a estudar a vida de meus vizinhos sapientes, na época eu pensava que talvez o sono deixasse essas espécies mais preparadas para a morte. Pelo que entendo, o sono parece um pouco com a morte, uma estranha morte temporária, acrescida de um pós-morte de visões surreais. Ouvi tanto de uma boca humana quanto de uma aandriskana, em ocasiões distintas, que morrer devia ser como um "sono sem sonhos". Seria de se esperar, então, que essas espécies tivessem menos medo do inevitável fim. Se alguém experimenta esse apagar todos os dias — e por uma grande parte do dia, aliás —, não deveria ser algo familiar?

Eu estava errada sobre isso, é claro. Algumas espécies têm uma reação mais passiva à morte do que outras — estou falando dos laruanos, com sua total falta de costumes fúnebres —, mas, tendo ou não a capacidade de dormir, todas a temem. Todas passam suas vidas tentando adiá-la.

Em uma espécie altamente social como a de meus anfitriões humanos, a morte é profundamente sentida, mesmo a de um estranho. Claro, também já fiquei comovida com a morte de desconhecidos — meu quarto ensaio neste canal trata desse tema, caríssimos convidados, caso algum de vocês ainda não o tenha lido —, mas os humanos com frequência têm reações que os membros da minha espécie poderiam achar extremas. Uma única morte, independentemente do grau de parentesco, pode dominar as conversas por decanas. Ela toma conta dos canais de notícias, domina as conversas no trabalho, as decisões sobre o dia. Uma morte sempre empurra os seres humanos em uma direção ou outra. Ou só falam no assunto ou o evitam a qualquer custo. Eu não tinha uma boa hipótese sobre o

porquê disso até ser convidada por minha caríssima anfitriã, Isabel, para um jantar em seu hexa hoje à noite. Houve uma morte incomum na Frota — acidental ou intencional, ninguém sabe ainda —, e as famílias não conseguiam falar de outra coisa. Todas as espécies expressam emoções diante da morte, mas há uma intensidade aqui à qual não estou acostumada. Não posso parar de refletir sobre o assunto.

Enquanto testemunhava tal comportamento hoje à noite, duas pessoas em especial me chamaram a atenção: Miguel, o filho de Isabel e Tamsin, que tinha sua filhinha, Katja, no colo. Seu abraço era apertado, e ele acariciava os cabelos da menina enquanto os demais conversavam. À primeira vista, pensei que o gesto tivesse como objetivo acalmá-la ou tranquilizá-la. Talvez até conscientemente. Mas Katja não estava prestando atenção à conversa. Estava absorta na construção de um muro feito com o purê de legumes de seu prato. Se ela sequer registrou o tópico sendo discutido, não acho que tenha entendido muito. Ainda assim, seu pai a abraçava e acarinhava, tornando-se mais afetuoso no decorrer da conversa. Pensei então na maneira como os humanos se reproduzem. É um processo intenso, um processo interno. Embora o pai não tenha passado pelo processo ele mesmo, testemunhou tudo de perto (como é comum com os humanos, ele é parceiro romântico de Nina, a mãe de Katja). Os bebês humanos são notoriamente frágeis, e a quantidade de tempo que passam dependentes dos adultos para realizar suas necessidades mais básicas, como alimentação ou locomoção, me deixa admirada de a espécie não ter desistido de se reproduzir milhares de anos atrás.

Talvez eu esteja completamente errada em estabelecer uma relação entre esses dois comportamentos, caríssimos convidados, mas acho provável que exista uma ligação — mesmo que tênue — entre o envolvimento dos pais na criação dos filhos e essa inquietação social diante da morte. Se eu estivesse entre pessoas da minha própria espécie e alguém tivesse tido um fim triste, isso seria discutido, sem dúvida. Se eu conhecesse i falecidi, visitaria sua família para oferecer meus louvores à sua vida, como dita a etiqueta. Mas não pensaria em meus descendentes em um momento assim. Isso não me ocorreria. Meus descendentes não morreram. Sei que estão bem. Dependendo da idade, saberia que estão nadando em segurança em suas piscinas, que estão sendo bem-criados por seus tutores ou vivendo em suas próprias casas. Não projetaria neles a tragédia de terceiros. Não me preocuparia com eles a menos que tivesse motivo.

Pais humanos sempre se preocupam. Seus filhos desenvolveram-se não presos a rochas, mas a eles próprios. E, ao contrário dos harmagianos, que se despedem de seus pólipos e recebem novas crianças, seus descendentes só morrem uma vez.

tessa

Não havia dia em que a casa de Tessa não estivesse uma zona, mas a bagunça que ela descobriu ao chegar era diferente. Os armários estavam abertos, as gavetas, vazias, e as coisas que ela se lembrava de ter arrumado estavam misteriosamente espalhadas. Teria até pensado que tinham parado de arrombar seu local de trabalho para arrombar sua casa, não fosse seu pai no meio da sala, fumando seu cachimbo e olhando para o nada.

"O que está havendo?", perguntou Tessa em tom cauteloso, pendurando sua bolsa perto da porta. Podia ouvir alguém mexendo nas coisas em outro cômodo da casa.

Seu pai levantou o queixo.

"Aya", disse ele, "está fazendo as malas."

Tessa há muito tinha parado de tentar prever o que a estaria esperando em casa. Podia muito bem escrever um monte de substantivos em algumas tiras de tecido, o mesmo número de verbos em outras, misturar tudo em uma caixa, sortear dois de cada e juntar com os nomes dos filhos. *Ky está comendo tinta. Aya está quebrando robôs*. Esse sistema produziria mais acertos do que se ela tentasse adivinhar.

Ainda assim. *Fazendo as malas*. Isso era novidade.

Foi até o quarto de Aya e se encostou no batente da porta aberta. Sim, de fato, lá estava a filha, sentada ao lado de vários caixotes velhos e sacolas comuns, todos abarrotados de roupas e artigos diversos — um pacote de dentibôs, Tessa viu, e uma lata de chá também. O filho também estava presente, ajoelhado na cama de Aya e se esforçando ao máximo para vestir uma das camisas da irmã. Estava tentando enfiar a cabeça no buraco da manga, mas ei, parabéns pelo esforço.

Tessa examinou a cena.

"Oi", disse ela. "O que está havendo?"

Aya desviou os olhos de seus preparativos tão cuidadosos. Ela respirou fundo.

“Mãe”, disse a menina de nove anos com uma voz séria. “Sei que isso pode ser difícil de ouvir.”

Tessa manteve o rosto o mais impassível possível.

“Aham.”

“Vou me mudar.”

“Ah”, disse Tessa. Ela assentiu, pensativa. “Entendi. Para onde você vai se mudar?”

“Marte. Eu sei que você não gosta de lá, mas é melhor do que aqui.”

“Parece que você está bem decidida.”

Aya assentiu e voltou a esvaziar a cômoda, enfiando tudo em um dos caixotes.

Tessa ficou olhando um tempo.

“Posso ajudar?”

Sua filha pensou um pouco, depois apontou.

“Você pode botar meus brinquedos ali.” Ela apontou de novo.

Como lhe fora pedido, Tessa se sentou no chão e começou a guardar bonequinhos e miniaturas de naves.

“Mas e aí, como você vai chegar em Marte?”

“Escrevi para o tio Ashby”, informou Aya. “Ele vem me buscar e vai me levar para lá.”

“É mesmo? Ele disse que ia ou isso foi o que você pediu a ele?”

“Foi o que eu pedi. Ele ainda não respondeu, mas sei que não vai ter problema.”

“Aham. Sabe, ele está bem longe agora. Não seria melhor pegar um transporte daqui?”

“Eu não tenho nada para trocar por uma passagem.”

“Ah. Bem, isso é um problema mesmo.”

Ky desceu da cama, atrapalhado, e foi até as caixas.

“Eu ajudo!”, declarou ele. Ky pegou um pacote de pilhas do caixote, pôs no chão, depois fez menção de pegar outra coisa.

“Para, Ky”, disse Aya, sem um pingo de paciência na voz.

“Não”, respondeu Ky. Ele jogou algumas meias, rindo. “Não!”

“Mãe”, choramingou Aya. “Faz ele parar.”

Tessa puxou o filho para o colo.

“Ky, vamos lá, nada de jogar as coisas”, disse ela. Ela entregou-lhe a nave de brinquedo menos frágil para mantê-lo ocupado. “Aya, seja boazinha com seu irmão.”

“Ele é tão irritante”, murmurou sua filha.

“Você também era irritante quando era da idade dele.”

“Não era, não.”

Tessa riu.

“Todas as crianças dessa idade são irritantes, meu bem. É assim que o universo funciona.” Ela beijou o cabelo de Ky enquanto a filha continuava arrumando suas coisas. “Então, quando Ashby deixar você em Marte, qual é o plano?”

“Eles têm alojamentos no porto”, disse Aya. “Posso ficar lá até arrumar créditos suficientes para arrumar uma casa.”

Tessa reprimiu um sorriso. Quaisquer que fossem os vids que tivessem ensinado sobre os *alojamentos no porto* para a filha, não a tinham ensinado que ninguém em Marte ofereceria acomodações se ela já não tivesse créditos. Ela era mesmo da Frota. Tessa se perguntou que outros fatos da vida terrena sua filha não conhecia.

“Você sabe que os marcianos não vivem ao ar livre, certo?” Ela disse as palavras estrategicamente, tentando não assustar demais a filha.

Aya fez uma pausa.

“Vivem, sim.”

“Não. Os humanos não conseguem respirar o ar exterior de Marte. Todas as cidades marcianas ficam sob um grande domo protetor.”

“O quê? Não.”

“É verdade. Aqui”, disse Tessa, entregando a Aya o seu scrib. “Você pode pesquisar na Rede.”

Ky largou o brinquedo e tentou pegar o aparelho na metade do caminho até a irmã.

“Meu!”, disse ele.

“Isso com certeza não é seu”, disse Tessa. “E sua irmã está usando agora.” Ky começou a tentar se desvencilhar, então Tessa pegou as meias que ele tinha jogado antes e as pôs nas mãozinhas gorduchas. “Aqui, quero ver se você consegue separar as duas meias.”

Ky puxou um pedaço aleatório do tecido. Passaria um tempo distraído com aquilo.

Aya, enquanto isso, estava franzindo a testa de uma maneira que dizia que estava esperando artimanhas maternas. Olhou para o scrib e fez alguns gestos com toda a naturalidade. A tela respondeu com fotos de Florença, Repouso do Espírito, Perseverança. Todas brilhantes, todas metropolitanas, todas… presas dentro das barreiras contra a poeira vermelha do lado de fora. Os ombros de Aya desabaram. Tessa ficou com um pouco de pena da filha. Era difícil abrir mão de uma aventura.

“Aconteceu alguma coisa na escola?”, perguntou Tessa. Tinham parado de implicar com a filha — até onde ela sabia —, mas Aya vinha brincando sozinha desde então.

“Não”, disse Aya, aborrecida com a pergunta.

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Tudo bem.” Tessa levantou as palmas das mãos. “Por que você quer se mudar, então?”

A coragem da filha estava murchando diante de seus olhos.

“Eu não sei”, murmurou ela.

“Não foi isso que você me disse”, disse o avô. Tessa virou a cabeça para encontrá-lo em pé na porta. Há quanto tempo ele estava ali, assistindo? “Pode falar, criaturinha”, disse ele em tom gentil.

Aya não disse nada. Ela se mexeu.

Seu pai olhou para Tessa.

“Ela está chateada por causa do terreno que eles encontraram.”

“Ah, querida”, disse Tessa. Sentiu uma pontada de ciúme, o que ela detestou, mas também não conseguia se livrar do sentimento. Por que Aya tinha dividido isso com seu pai e não com ela?

Ky ficou quieto, seu cérebro de bebê entendendo tanto quanto possível que havia algo acontecendo entre os adultos. Seu avô estendeu os braços e o pegou, fazendo sons para distraí-lo, sem deixar nada entre mãe e filha.

“Eu também fiquei chateada com isso”, disse Tessa. “Todo mundo ficou.” Era verdade, e como poderia ser diferente? Algum ladrão terreno foi assassinado e descartado. Assassinado. Na Frota. Quem não tinha ficado abalado com a notícia, quem não teria achado difícil aceitar que algo assim acontecera *aqui*? A história completa ainda não tinha vindo à tona, mas isso não impedia todos de discutirem o assunto à exaustão. Tessa se maldisse mentalmente por não ter tocado no assunto com Aya antes. Não tinha achado que aquele acontecimento dizia respeito a uma criança, mas estava errada. Às vezes, ela se esquecia de como as crianças ouviam as conversas sussurradas dos adultos. “O que aconteceu foi horrível”, disse ela. “Horrível mesmo. Mas as patrulhas estão trabalhando nisso. Vão pegar os bandidos responsáveis, e isso não vai acontecer de novo.”

“Como você sabe?”, perguntou Aya. Era um desafio direto, uma pergunta que exigia uma resposta.

“Eu…”

“Ela não sabe”, interveio seu pai. “Ela está tentando fazer você se sentir melhor.”

Tessa olhou para o pai.

“Isso não está ajudando.”

Ele deu de ombros.

“Ela quer a verdade, Tess. Aya tem idade suficiente para entender o que aconteceu, então tem idade suficiente para… opa, opa, calma, amigo.” Ele voltou

sua atenção para o neto, que estava puxando o que sobrara de seus cabelos.

Ele contradizê-la na frente da filha era irritante, mas seu pai estava certo — o que era mais irritante ainda. Tessa juntou as mãos e dirigiu-se à filha, que estava crescendo rápido demais.

"Eu não tenho como garantir que não vai acontecer de novo. Também estou chateada e com medo. Mas também sei que… esse tipo de coisa não é normal aqui. Nossa casa é um lugar seguro, Aya. De verdade."

"Isso não é…" Aya estava com dificuldades de se expressar. Ela entendia muito, mas, ao mesmo tempo, não o suficiente para analisar seus sentimentos. "Não estou com medo de que isso aconteça de novo."

"Então está com medo do quê?"

"Eu não estou com medo." Ela franziu mais a testa. "Você disse que a gente não pode ir viver em um planeta porque coisas ruins acontecem lá. Mas… mas coisas ruins acontecem aqui. Não entendo por que a gente não pode viver no chão se as coisas ruins acontecem aqui também. Se elas acontecem em todos os lugares, então… então acontecem em todos os lugares."

As palavras de Aya não eram muito precisas, mas Tessa entendeu. Cada lição que tentava ensinar era baseada em princípios e não na praticidade. *Não, nós não podemos nos mudar para o chão porque é muito perigoso. Não, você não pode ter créditos porque precisa aprender a negociar. Não, você não pode assistir a vids marcianos porque eles resolvem todos os problemas com violência e não é assim que fazemos as coisas. Não, você não pode ficar com todos os biscoitos, eles pertencem ao hexa inteiro, e você precisa dividir porque a gente sempre divide. É o que fazemos. É quem somos*.

Mas agora havia aquela notícia, aquela manchete desagradável, que fazia tudo desabar. Havia perigo na Frota, originado por pessoas que não se importavam com o escambo, que não se incomodavam com a violência — e essas pessoas eram exodonianas. Isso era o que mais incomodava Tessa. Todos estavam tão concentrados no terreno que ignoravam a única parte que a deixara abalada: as patrulhas tinham certeza de que a tripulação do homem morto era exodoniana, e faziam um apelo para que qualquer um com informações se apresentasse.

Ela olhou para a filha, as malas feitas, a testa franzida. Sua filha, que não entendia que acomodações custavam dinheiro, que pedira ajuda à família porque não tinha nada para trocar. O medo era o principal motivo para Aya querer morar em outro lugar, por mais que insistisse não estar com medo. Mas talvez não fosse tão superficial assim. Talvez não fosse porque Aya não *quisesse* ser exodoniana. Ela *já era*.

Talvez, aos olhos de sua filha, a Frota é que não fosse mais tão exodoniana.

“Eu acho”, disse Tessa, “que a gente podia fazer algo especial hoje. Que tal… fritada de peixe para o jantar?”

Aya pareceu desconfiada.

“A gente só come fritada de peixe nos aniversários.”

“Bem, quero agradar minha filha. Posso?”

Tessa viu sua filha dividida entre uma crise existencial persistente e a promessa de comida gordurosa, crocante e cheia de calorias.

“A gente pode ir ao jogo de aquabol também?”, perguntou ela.

“Tem um jogo hoje?”, perguntou Tessa ao pai.

Ele assentiu.

“Desembestados contra Meteoros”, disse ele. “Apenas um amistoso, não é o campeonato.”

“Ainda assim, parece divertido”, disse Tessa. Não era muito fã de aquabol, mas por sua filha, aguentaria uma partida. Ela sorriu. “Claro. Nós podemos ir ao jogo.”

“Parece que vamos ser eu e você esta noite, amigo”, disse seu pai para Ky.

“Não”, disse Tessa, “vamos todos.” Olhou para sua família, para a bagunça, o quarto que tinha sido dela. “É mais divertido se formos todos juntos.”

eyas

Eyas entrou às pressas no Centro, o coração um pouco mais leve. Seu supervisor não tinha contado nada pela vox, só que uma patrulha estava lá e queria falar com a cuidadora do terreno. Isso tinha que significar algum progresso no caso. A câmara de estase não tinha visto ninguém desde que ela limpara o corpo uma decana antes. Finalmente, *finalmente* os patrulheiros haviam descoberto alguma coisa. Haviam encontrado alguém para levá-lo para casa.

Foi para uma das salas de espera destinadas a familiares, onde Eyas tinha pedido que a patrulha esperasse por ela. A porta se abriu, uma mulher usando um distintivo no ombro estava sentada em um dos sofás ali dentro.

A patrulheira se levantou. "Olá, S., sou a patrulheira Ruby Boothe", disse ela. "Fui informada de que você foi a responsável por cuidar de Sawyer Gursky." Ela trabalhava em tempo integral, seu distintivo indicava, mas, estranhamente, não estava acompanhada de um voluntário. Em outras circunstâncias, Eyas a teria denunciado, mas teve a impressão de que neste caso a ausência era uma questão de discrição. Talvez a patrulheira não quisesse ainda mais fofoca. Se era esse o caso, Eyas respeitava a decisão.

Aquele sobrenome acompanhando o nome de Sawyer deveria ter mantido o humor de Eyas otimista, mas a expressão sombria no rosto da mulher a deixou preocupada.

"Você encontrou a família dele?"

A contração da boca da Patrulheira Boothe disse o contrário. Ela gesticulou para que Eyas se sentasse, depois pegou seu scrib.

"Sawyer Gursky", leu a patrulheira. "Vinte e quatro anos de idade solar, nascido em Mushtullo, sem irmãos. Nós tivemos que investigar um pouco, mas ele era descendente da família Arvelo da *Al-Qaum*. Os registros dizem que saíram em busca de um planeta logo após o contato."

“Sem parentes aqui, então?” Isso não era surpresa, dado o que Sawyer tinha dito durante sua breve interação, mas Eyas estivera torcendo para ter se lembrado errado.

“Não.” Boothe pigarreou. “A gente não tem muito contato com ninguém no espaço Central, então levou um tempo até descobrir com quem falar. A polícia local acabou nos ajudando, no fim.” Ela estava evitando ir direto ao ponto. Fosse o que fosse, era algo que a incomodava. “Houve um surto de febre salina que se espalhou pelo distrito humano em Mushtullo treze padrões atrás.”

“Não sei o que é febre salina.”

“Eu também não sabia. É uma dessas mutações que a gente ouve falar de vez em quando. Uma doença alienígena menor passa de uma espécie para outra e a coisa fica feia por algumas decanas até os imunobôs serem atualizados. Vou poupá-la dos detalhes. Foi… bem, foi ruim. Ele perdeu toda a família. Avós, pais, todo mundo. Sawyer foi o único sobrevivente.”

Eyas converteu padrões para anos solares.

“Ele tinha… o quê? Uns seis anos?”

“Por aí.”

“Estrelas.” Ela franziu a testa. “Por que ele ficou em Mushtullo, então? Devia ter família em outro lugar.”

A patrulheira deu de ombros.

“Não faço ideia. Talvez não fossem próximos. Talvez não soubessem. Talvez não se importassem. Terrenos, sabe como é.”

Eyas não gostava dessa suposição. Respondeu com um “aham” educado e esperou que Boothe chegasse ao ponto.

“Enfim, a gente não conseguiu descobrir muito sobre ele, mas com base em suas transações bancárias e endereços conhecidos, parece que ficou indo de um lugar para outro até a vida adulta. Talvez algum abrigo ou com amigos. Ele fez um monte de bicos até acabar aqui.”

Eyas suspirou. *Tentando algo novo*.

“Então, quem está registrado como familiar?”

“Aí é que está a merda”, disse a patrulheira. Ela jogou seu scrib na mesa entre elas. “Ninguém.”

Eyas encarou o scrib.

“Seu contato de emergência, então.”

“Nada.”

“Todos os registros da CG têm um. Eles pedem para você preencher quando atualiza seu implante.”

“Bem, parece que ele pulou esse campo. Não achou que precisaria, ou algo assim.”

Como você pode pular esse campo?, pensou Eyas, incrédula. *Como você...?* Ela balançou a cabeça, interrompendo o loop de desprezo e pena.

"Tem que haver alguém."

A patrulheira se mexeu na cadeira. "Eu estou dizendo, S., nós tentamos. Nós pedimos para a polícia local divulgar um aviso ou algo do tipo. Mas eles não são humanos e não entendem. Para eles, alguém sem parentes e sem um contato de emergência morreu e foi identificado, então seu trabalho acabou. Se ele tem amigos, só nos resta torcer para eles lerem as notícias exodonianas, porque não sabemos quem mais…"

"Você está me dizendo", interrompeu Eyas, "que ninguém vai vir buscá-lo?"

A Patrulheira Boothe assentiu. Ela pigarreou de novo. "Talvez alguém apareça. Não sei. Não tem como saber. Pode ser amanhã, pode ser no próximo padrão. Mas também sei que… as estases que vocês usam aqui não são feitas para armazenamento a longo prazo. Então talvez…" Ela não terminou.

Eyas entendeu.

"Então talvez seja melhor eu cuidar logo disso."

"Isso."

A sala ficou silenciosa. Ninguém viria buscá-lo. Ninguém viria buscá-lo e não havia mais nada a dizer.

kip

Fonte: O Tópico — O portal de notícias da Frota Exodoniano (Pública/Klip)
Título/data: Resumo das notícias da noite — Galáctico — 130/306
Criptografia: 0
Tradução: 0
Transcrição: [vid:texto]
Nodo de identificação: 8846-567-11, Kristofer Madaki

Bem-vindos à nossa atualização da noite! Eu sou Quinn Stephens. Começamos nossas manchetes de hoje com notícias da Frota.

A investigação sobre o corpo descoberto a bordo da *Astéria* na decana passada ainda está em curso. Cinco pessoas foram detidas sob suspeita de envolvimento na morte de Sawyer Gursky, um imigrante do espaço Central que recentemente se mudou para a Frota. Acredita-se que a tripulação da nave *Boa Parte*, um cargueiro registrado capitaneado por Muriel Saarinen, tenha contratado Gursky para auxiliar na pilhagem a bordo da *Oxomoco*. Uma grande quantidade de bens roubados e obtidos ilegalmente foi encontrada na *Boa Parte*, além de drogas e pequenas armas. Todos os cinco membros da tripulação foram acusados de roubo, contrabando, coleta de sucata ilegal, posse de armas de fogo e posse ilegal de um drive de agulha. Ninguém foi acusado de assassinato ainda. Jannae Green, membro da guilda de controle de tráfego espacial, também foi presa. Green supostamente aceitou créditos dos ladrões para desativar o sistema de alerta de proximidade da *Oxomoco* por várias horas durante suas atividades a bordo da nave residencial.

O conselho de supervisão da Patrulha de Segurança da Frota alerta todos os cidadãos de que a coleta e recuperação de sucata ilegal é um crime grave punido com reclusão. A Patrulha pede que qualquer pessoa com conhecimento de tais

atividades denuncie e lembra o público de que se não fosse a denúncia, a qual não exige identificação, as prisões de hoje não teriam sido feitas tão rapidamente.

• • •

A porta zumbiu. Kip baixou o scrib e levantou a cabeça do travesseiro.

"Oi?"

A porta se abriu. Seu pai entrou com um sorriso bobalhão, carregando uma sacola de compras.

"Sabe que horas são?"

Kip balançou a cabeça. Merda, era para ele estar em algum outro lugar?

"Quase três. Você pulou o almoço, campeão." Ele levantou a sacola. "Está com fome?"

Um cheiro familiar e tentador chegou ao nariz de Kip. Ele se sentou.

"Estou."

O sorriso bobalhão ficou mais largo, e seu pai tirou a comida da bolsa: um nhoto embrulhado e uma garrafa gelada de choko. Jogou ambos para Kip, um de cada vez.

Kip examinou o embrulho quente. O pedido havia sido impresso no pano fino. Conserva dupla. Cebola frita. Molho picante extra. Sem salada. Pão torrado.

"Como você sabia?"

"S. Rajan sabe seu pedido de cor, aparentemente." O pai dele balançou cabeça. "Tenho pena do seu estômago."

Kip conseguiu abrir um leve sorriso.

"Obrigado, pai."

A refeição tinha sido uma troca e Kip estava grato, de verdade, mas seu pai ficou ali parado, com as mãos nos bolsos, a sacola pendurada no pulso.

"Então… a alfaiataria não deu certo, é?"

Kip esfregou o rosto. Estrelas, não queria falar sobre os estágios.

"Por favor, sem sermão."

"Sem sermão", disse o pai, erguendo as mãos. "Só… estou curioso." Ele fez uma pausa. "Algum plano divertido para hoje?"

"Não."

"Nada com Ras?"

Kip desviou o olhar.

"Não." Ele não queria sair com Ras. No início, Ras tinha ficado com raiva por Kip ter ido falar com os patrulheiros, mas depois que os dias passaram e nada de ruim aconteceu, ele começou a *se gabar*. Todo mundo na escola só falava sobre o corpo, e Ras estava dizendo que, sim, ele tinha escutado os catadores responsáveis, eram uns filhos da puta barra-pesada, vocês deviam ter ouvido como eles riram por

ter matado aquele cara. Kip tinha parado de falar com Ras depois de ouvir isso, e não respondia a nenhuma de suas mensagens. “Não quero falar sobre isso.”

“Ok.” Seu pai assentiu como se entendesse. Kip não sabia se ele entendia mesmo ou não. “Você sabe que se você quiser conversar — sobre Ras, trabalho ou… ou… você sabe que sua mãe e eu estamos aqui, certo?”

Kip cutucou o pano envolvendo seu nhoto. Foi legal da parte do pai ir ao Boia Boa e tudo mais — muito legal —, e Kip sabia que o pai queria conversar. Mas Kip queria ficar sozinho. Sozinho era mais fácil. Sozinho era mais seguro. Ele não sabia o que dizer. Não sabia o que estava sentindo. Aquele anseio continuava lá, mas agora era diferente. Não eram mais ele e Ras querendo algo juntos. Era só Kip, querendo algo sozinho.

“Sei. Obrigado.”

Seu pai assentiu. Parecia decepcionado, mas não insistiu.

“Vou estar ali pelo hexa se você precisar de alguma coisa”, disse ele. Fez menção de sair, então voltou. “Sabe, talvez seja bom dar uma saída. Posso dar algumas coisas a mais para você trocar. Se você quiser ir jogar alguma simulação ou pegar alguns chips de vids ou algo assim. Ouvi dizer que saiu um vid novo com… ai, como é mesmo o nome dele, aquele ator marciano que você gosta — Jacob alguma coisa.”

Kip revirou os olhos.

“Jasper Jacobs”, murmurou ele.

“Isso”, disse seu pai. “Não faz o meu tipo, mas eu entendo. Tem aqueles… aqueles braços musculosos e…”

Kip quis sumir. Estrelas, de todas as coisas que não queria discutir com o pai, os braços de Jasper Jacobs estavam entre as três primeiras.

Seu pai pigarreou.

“Enfim, me avise se você quiser fazer algo divertido.”

Kip estreitou os olhos.

“Eu usei tudo o que eu tinha para trocar esta decana.”

“Eu sei.”

Sua suspeita cresceu.

“Minha mãe não vai me deixar trocar mais nada.”

Seu pai deu uma piscadela.

“Sua mãe não precisa saber.” Ele acenou. “Estarei no hexa. É só chamar.” A porta se fechou atrás dele.

Kip sentou-se de pernas cruzadas na cama, o almoço presenteado no colo, a culpa roendo sua barriga vazia. O pai estava tentando ser seu amigo, ele sabia. Kip suspirou, desembrulhou o nhoto e deu uma mordida. “Huuuuuum.” O gemido foi automático. Estava com fome. Comeu como se alguém fosse tentar tomar a comida

dele. S. Rajan tinha feito tudo perfeito, como sempre. O gafanhoto frito estava satisfatoriamente crocante, a conserva dupla era como um abraço salgado e azedo, o molho picante estava naquele limiar entre *ai, como dói, chega, por favor* e *quero comer isso para sempre*. Podia jurar que ela colocava mais molho picante a cada vez, como se o estivesse treinando ou algo assim.

O nó em seu estômago aumentou. Ele pensou em S. Rajan, que sabia seu pedido de cor, e seu pai, que tinha pensado em ir buscá-lo para ele, e em Bisa Ko, que se oferecera para levá-lo para um passeio não oficial pela Beira-Sol, embora com certeza ela não tivesse mais uma licença de piloto — e até sua mãe, que nem reclamara quando ele desistiu do estágio na alfaiataria.

Ele enfiou o resto do nhoto na boca. Até que estava com um pouco de vontade de sair. Não para a loja de simulações ou de vids ou algo assim. Abriu o choko e lavou o ardor da boca. Na última decana, um pensamento estranho não lhe saía da cabeça, um do qual não conseguia se livrar e que não podia dividir com ninguém. Não era ruim nem nada. Só… estranho. Algo estranho que ele queria fazer, algo que não conseguia explicar para o pai, para Ras ou para ninguém. Com certeza, não conseguia explicar para si mesmo.

Kip dobrou o pano e pegou seu scrib. Olhou para ele por um momento. Talvez fosse idiota, mas… ninguém ia saber, certo?

"Pesquisa nos canais públicos", disse ele. "Parâmetros salvos."

O scrib apitou e obedeceu. Já devia ter feito aquela busca mais de dez vezes, porém, desta vez, um novo resultado apareceu. Não era muito — apenas três linhas. Ele leu e releu. Tomou outro gole de sua bebida, depois pensou e pensou. Anotou a data (amanhã) e a hora (décima primeira hora). Olhou para baixo, para sua camisa esburacada e calça de pijama. Levantou-se, abriu o armário e suspirou. A maior parte do que deveria estar guardado ali dentro encontrava-se no chão. Pouco a pouco, Kip juntou camisas, calças e roupas íntimas, jogando tudo no cesto que vivia vazio.

Seu pai — que ainda não havia saído para o hexa — pareceu surpreso ao ver Kip sair do quarto carregando a pilha de roupas.

"Ué", disse ele, parecendo confuso. "Você… vai lavar roupa?"

"Isso", disse Kip.

"Precisa de ajuda?"

"Não." Ele foi para as máquinas de lavar do hexa sem dizer outra palavra. Se ia fazer essa coisa estranha, ia fazer direito.

isabel

Os funerais nunca foram algo fácil, mas Isabel não conseguia pensar em algum tão desconfortável quanto aquele. Não em um sentido pessoal. Os funerais de seus pais, de sua irmã, dos pais de Tamsin e de amigos próximos eram outra categoria. Aquela tristeza era diferente. Uma tristeza social. Era um sentimento natural ao comparecer ao funeral de um desconhecido — ou mesmo ficar sabendo de um. Mas aquele… era um caso excepcional.

Os presentes eram ela, é claro, para fazer um registro, e Tamsin, que insistiu em se juntar a ela naquela ocasião em especial. Eyas Parata era a cuidadora aquele dia. Isabel tinha participado de cerimônias com ela antes e sabia se tratar de uma guia compassiva capaz de confortar uma família enlutada. Mas não havia família. Não havia amigos. Apenas três estranhas, um corpo descartado e uma história que provocou muita comoção pública, mas pouca pena. As pessoas ficaram horrorizadas com a descoberta do corpo e satisfeitas quando os culpados foram apanhados. Havia um zum-zum-zum no ar sobre como algo tinha ido longe demais e alguma coisa precisava ser feita.

Quando se tratava da vítima, no entanto, os sentimentos eram outros. Isabel ouvira tudo, de apatia a acusações e indignação. A vítima era um estranho. Um sanguessuga. *Ele tinha entrado no lar deles*, diziam. *Comido sua comida. Retribuído suas boas-vindas tentando roubar*. Isabel sabia que a história não devia ser tão simples, mas essa era a versão sendo contada por aí. Sawyer Gursky tornou-se uma abstração, um argumento em prol de quaisquer que fossem as mudanças sociais esperadas. Você queria incentivar seus filhos a escolherem uma profissão em vez de irem para outro lugar? Lembrem-se daquele pobre jovem, nascido de pessoas que deixaram os valores exodonianos para trás. Ele não teve o bom senso de buscar um trabalho honesto. Você queria uma reforma no gerenciamento de recursos? Lembrem-se daquele cara que morreu na *Oxomoco*. Ele nem estaria lá se

não houvesse uma demanda no mercado negro. Você queria tornar os requisitos de entrada para não cidadãos mais restritos? Lembrem-se daquele ladrão desgraçado que morreu. Por que deixar pessoas assim entrarem em nosso lar?

O falatório percorreu centenas de mesas e centenas de famílias. No entanto, ninguém parecia se importar com uma verdade indiscutível: um ser humano tinha morrido e ninguém viera chorar por ele.

Isabel e Eyas estavam juntas de pé na privacidade da sala de velório, lado a lado, perto do corpo. Nenhuma das duas disse uma palavra. Tamsin havia puxado uma cadeira. Suas pernas a estavam incomodando naquele dia, então estava se poupando — "economizando as baterias", como sempre dizia — para a subida da rampa.

"Isso é tão…", ensaiou Eyas. Ela balançou a cabeça. "Sei como fazer isso com as famílias. Já fiz isso mil vezes."

"Eu sei", disse Isabel. "Também estou me sentindo perdida."

Fizeram silêncio de novo.

"Posso vê-lo?", perguntou Tamsin, indicando o corpo com a cabeça.

"Tem certeza?", disse Eyas. Durante os preparativos, quebrara a tradição, o que era compreensível: o corpo já estava encoberto. Normalmente, isso fazia parte da cerimônia — a família amorosa envolvia o corpo com o tecido. Naquele caso, no entanto… "Ele não está com uma boa aparência."

Tamsin franziu os lábios.

"É muito ruim?"

"Não…" Eyas hesitou, considerando a diferença entre o que era "ruim" para ela e o que seria para outras pessoas. "Não é chocante. Não há sangue nem desfiguração. Mas não o recebemos imediatamente. Ele começou a apodrecer antes que eu o pusesse em estase. Fiz o melhor possível por ele, mas… ele não tem a aparência de sempre."

Tamsin absorveu a informação.

"Eu gostaria de vê-lo."

Eyas se adiantou e tirou a mortalha do rosto. Tinha feito o melhor possível, isso ficou claro. Ele estava limpo. Em paz. Mas sim, também estava diferente, o suficiente para Isabel sentir uma descarga de adrenalina, um calafrio de desgosto. Aquilo não estava certo.

"Ah, estrelas", disse Tamsin. "Ele é só um garoto." Isabel pôs a mão no ombro de Tamsin. Sua esposa a segurou. "Me desculpe", disse ela, secando as lágrimas.

"Não precisa pedir desculpas", disse Eyas. "Fico feliz que alguém esteja chorando por ele." Ela fez uma pausa. "Eu também chorei."

Tamsin assentiu. As lágrimas continuaram a escorrer. Ela parou de secá-las.

“Você quer ler a Litania?”, ofereceu Eyas. “Eu não sabia qual de nós deveria ler, então se…”

A porta da sala de velório se abriu e as três se viraram para olhar. Um garoto estava lá, um adolescente com roupas recém-passadas que não serviam direito. Isabel não o conhecia. Eyas também não pareceu reconhecê-lo.

“Você está perdido?”, perguntou Eyas.

Os olhos do garoto se voltaram para o corpo, e ele o encarou fixamente.

“Eu, hã…” Ele pigarreou. “Eu perguntei ali fora para onde ir, e… eles disseram que eu deveria vir para cá, e… hã… eu não sabia que vocês já tinham começado…”

“Você é amigo dele?”, perguntou Eyas, com uma ponta de esperança na voz. “Você o conhecia?”

O garoto continuou em pé.

“Não. Eu só, hã, sabe, fiquei sabendo, e eu…” Ele puxou a ponta da camisa. “*Tika lu*… quer dizer, me desculpe, foi uma… eu…”

Eyas franziu a testa, perplexa.

“Você pode ficar e participar, se quiser, mas…”

Duas peças se encaixaram na mente de Isabel — uma fofoca entreouvida e uma intuição inexplicável.

“Foi você quem avisou aos patrulheiros?”

O menino engoliu em seco e assentiu. Isabel o observou com interesse. Seus olhos estavam fixos na mesa. Ele já tinha ido a um funeral antes? já tinha visto um corpo? Para ele, o rosto na mesa não seria jovem, mas sim mais velho e respeitável, algo que ele poderia se tornar um dia, um estágio ao qual aspirava, uma promessa interrompida.

“Qual é o seu nome?”, perguntou Isabel.

O garoto finalmente fez contato visual com alguém que não o cadáver.

“Kip”, disse ele. “Hã, Kip Madaki.”

Madaki, Madaki. Seu cérebro repetiu o nome, buscando alguma relação conhecida.

“Alguém da sua família trabalha com água?”

“Meu avô Griff trabalhava.”

Outra peça se encaixou.

“Sim, eu me lembro dele. Não bem, mas me lembro.” Eram recordações antigas. Ela se lembrou de seu tempo de assistente, um par de mãos extras em uma cerimônia de nomeação. “Ele teve duas gêmeas?”

“Isso. Minha mãe e minha tia.”

Seu cérebro ficou satisfeito.

“Bem. Kip Madaki.” Ela assentiu. “Eu sou Isabel, e estas são Eyas e Tamsin. Estamos felizes por você estar aqui.”

“Você gostaria de se sentar?”, ofereceu Tamsin, apontando para as outras cadeiras.

“Estou bem”, disse Kip, aproximando-se da mesa. “Obrigado.”

Isabel continuou a estudá-lo.

“Como você sabia que ia ser hoje?”

O menino se mexia como se não soubesse onde colocar seus braços e pernas. Estrelas, Isabel não sentia falta dessa idade.

“Eu estive consultando…”, disse ele.

“Os horários das cerimônias? No canal público?”

“Sim.”

“Desde que o encontraram, você quer dizer?”

O garoto deu de ombros.

Isabel se sentiu mais animada.

“Kip, antes de você entrar, estávamos discutindo quem deveria ler a Litania aos Mortos. Você gostaria de fazer isso?”

Kip ficou surpreso.

“Eu? Hã… Eu não sei, nunca…”

“É o seu primeiro enterramento?”, perguntou Eyas em tom gentil.

“Não”, disse Kip, “Mas eu nunca li… isso.”

“A decisão é sua”, disse Isabel. “Mas você ajudou esse homem. Você ajudou as pessoas certas a encontrá-lo. Você é a coisa mais próxima que ele tem de um amigo.”

Eyas estendeu o seu scrib. Kip o pegou.

“Eu não sei”, disse ele.

“Você consegue”, disse Eyas com o sorriso compassivo que andava de mãos dadas com a sua profissão.

Ele pigarreou, depois lambeu os lábios e pigarreou de novo. Começou a ler. “Das estrelas, veio o solo. Do solo, nos erguemos. Ao solo, retornamos.”

Isabel olhou para baixo enquanto ele falava, uma das mãos no ombro do garoto, a outra segurando a mão de Tamsin. Aquilo ainda não estava certo. Mas estava melhor. Um pouco melhor.

“Aqui, no Centro de nossas vidas, carregamos nossos mortos queridos. Honramos a respiração deles, que enche nossos pulmões. Honramos o sangue deles, o que enche nossos corações. Honramos seus corpos, que nutrem os nossos. Nós o honramos, filho de… hã…” Kip parou. “Qual era o mundo natal dele?”

Isabel considerou a pergunta. Nunca tinha ouvido essa parte da Litania aos Mortos mencionar qualquer outra coisa senão o nome de uma das naves

residenciais. Não era tão rígida em suas tradições a ponto de a ideia de usar um planeta alienígena neste caso incomodá-la, mas…

"Ele ainda é exodoniano", disse ela. "Só mais distante."

O garoto pareceu hesitante.

"Então… devo dizer *Astéria*, ou…"

"*Al-Qaum*", disse Eyas. Ela olhou para Isabel e assentiu. "A patrulheira me disse que era a origem de sua família."

Kip retomou a Litania.

"Nós o honramos, filho da *Al-Qaum*. Da morte, você tirou sua vida e da sua morte agora vivemos. Aqui você ficará até nos juntarmos de novo às estrelas."

Isabel aproveitou sua deixa e gesticulou para o scrib.

"Hoje gravamos o enterramento de Sawyer Gursky, vinte e três anos. Seu nome será lembrado. Enquanto os Arquivos permanecerem, ele também permanecerá."

Eyas se virou para Kip.

"Pode me ajudar com ele?"

Kip assentiu, a expressão indecifrável, o coração inescrutável. Mas tomou o seu lugar na cabeceira da maca. Dividiu o peso com a cuidadora. Acompanhou o estranho na longa caminhada até a rampa. Ele fez essas coisas, o que dizia tudo o que precisava ser dito sobre ele.

Isabel seguiu atrás, Tamsin apoiando-se em seu braço. Todos os cuidadores livres estavam ali, como de costume, de pé ao longo do caminho, cada um segurando um item de sua escolha — um globoluz, uma flor, uma fita esvoaçante, uma raiz retorcida, uma tigela de água.

"Obrigado", murmuraram para o corpo quando este passou. "Obrigada." *Obrigado pelo que você vai se tornar*, era o que estavam dizendo. *Obrigada pelo que você nos dará*.

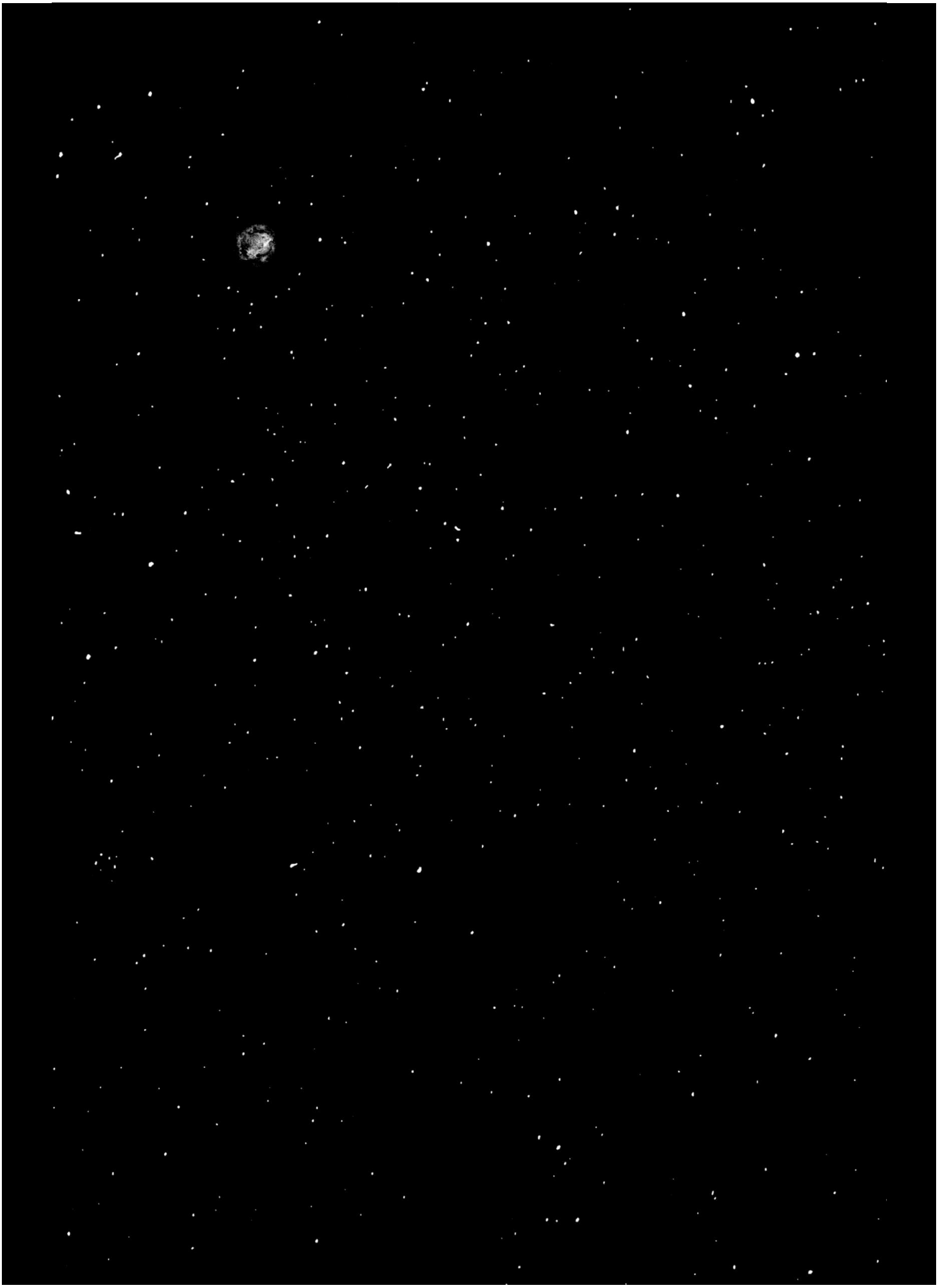
Chegaram ao topo da rampa e à terra. À primeira vista, parecia apenas uma camada de restos de bambu, mas os exodonianos sabiam se tratar de mais do que isso. Havia caminhos traçados pelos cuidadores contornando as elevações inconfundíveis. Bandeirinhas coloridas marcavam as covas cheias. Havia depressões rasas, as covas esperando para serem preenchidas de novo. E havia o calor — quente, terroso, emanando do solo, quase quente demais. Sugeria não morte, mas vida, energia, nascimento.

Eyas os levou até um trecho sem qualquer marcação, depois pousou sua ponta da maca. Kip a imitou. Pás esperavam por eles. Cada um pegou uma, e Isabel também, embora soubesse que não ajudaria tanto quanto os outros dois. Mas não era essa a questão. Todos os que conseguiam deveriam ajudar no enterramento. Tamsin ficou parada ao lado do corpo, o peso apoiado na bengala, de olhos fechados enquanto sussurrava a Litania, apenas para o próprio consolo.

Isabel empenhou-se ao máximo na hora de cavar, e durante a tarefa seu coração se encheu de sentimentos conflitantes. Tristeza por Sawyer, cujo tempo havia sido roubado. Raiva de Sawyer, que havia perdido o rumo. Respeito por Eyas e sua profissão. Respeito por Kip também, que cavou com vigor, mesmo quando seu rosto ficou molhado pelas lágrimas silenciosas. Amor por Tamsin. Amor por seus familiares vivos. Amor por seus familiares mortos. Medo da morte. Alegria pela vida.

Foi, no fim das contas, um funeral adequado.

Puseram as pás de lado e levantaram o corpo de Sawyer. Lentamente, com cuidado, eles o deitaram na terra. Ele estava frio e pesado, mas isso logo mudaria. Ele havia seguido seus ancestrais. Ele havia se juntado ao seu antigo ciclo. Eles o manteriam aquecido.



Parte 6

VOAMOS COM BRAVURA

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 18
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Imagine, por um momento, uma vila costeira harmagiana dos tempos antigos. É um lugar movimentado, mas simples. As pessoas ali fazem pouco mais do que coletar — lama do rio para suas construções, areia do mar para descansar, criaturas menores para comer. Existe um mundo além desse território minúsculo, mas os aldeões quase nada conhecem dele. Não precisam pensar em mais do que em suas casas e seu jantar.

Afastado da praia, há um pântano coberto de vegetação, e nesse pântano vive um animal. Os aldeões nunca o viram, mas já ouviram seu chamado — um estranho grito que irrompe ao amanhecer. Existem muitas histórias sobre o som. Alguns dizem que é um monstro que vai devorar crianças tolas o suficiente para deixarem a segurança da aldeia. Outros dizem que é um ser feito dos harmagianos mortos, a amalgamação de cada corpo deixado para desaparecer sob o calor do sol. Mas há quem duvide dessas histórias. Perguntam-se: como vocês podem dizer o que uma coisa é se nunca a viram com seus próprios olhos?

Um dia, por acaso, o mistério do animal é esclarecido. Seu cadáver é trazido pela correnteza até o mesmo lugar onde os aldeões coletam lama. Ninguém viu nada parecido antes. É uma criatura adaptada não para a água, mas para as árvores.

É coberta de pelos — uma característica que nenhum harmagiano ou harmagiana já viu antes. Muito se debate sobre o que fazer com o animal e, o que talvez seja inevitável, uma pergunta domina todas as outras: *podemos comê-lo?*

Quando a fera é trinchada, fazem uma descoberta. O estômago da pobre criatura está cheio de escória, que os aldeões descartavam em pilhas um pouco mais distantes nos limites da praia. Sem dúvida, essa foi a causa da morte. *Por que o animal estava comendo isso?*, os aldeões se perguntam. *Por que* continuou *a comer isso?*

Por quê?

E assim fizeram a passagem de um povo da superstição para um povo da ciência. Um grupo dos aldeões mais corajosos parte para o pântano em busca de outros animais como aquele. Descobrem muito mais do que isso, é claro, e um frenesi toma conta dos exploradores, uma paixão louca por querer desvelar todos os segredos que o pântano guarda. Mais expedições são feitas. Acampamentos e bases são construídos para que possam viajar cada vez mais longe. Postos comerciais são fundados perto de rios para que não percam tempo retornando à aldeia para reabastecer os suprimentos. Suas intenções nascem da mais pura curiosidade, uma característica pela qual não podem ser recriminados. Mas sua busca por conhecimento tem um efeito colateral infeliz. O animal que procuravam — bal'urut, eles o nomearam — reúne uma combinação de traços devastadora. É tímido ao extremo, com um medo instintivo de qualquer criatura viajando em bandos (graças aos kressrols à espreita, uma espécie predatória que nossos aldeões encontrarão no devido tempo). Se o bal'urut for suficientemente assustado, seu instinto de sobrevivência fará com que ele fuja da área — com ou sem os filhotes em seu covil, que passou tanto tempo gestando.

O bal'urut também é um especialista. Alimenta-se exclusivamente de um inseto específico que nidifica em uma árvore específica naquele canto específico do mundo. A migração para um território mais tranquilo não é uma opção, não no tempo que levaria para seu estômago se adaptar para suportar uma alimentação mais variada.

Quando os exploradores percebem que a presença deles é o que está fazendo a criatura que desejam entender abandonar sua própria prole, já é tarde demais. A mortalidade infantil disparou a ponto de a espécie não conseguir mais se sustentar. No período de uma geração harmagiana, o bal'urut é extinto. Outras espécies caem com ele. Nossos valentes exploradores têm a dúbia distinção de fazer o primeiro registro harmagiano de uma cascata trófica.

Se vocês estudaram alguma disciplina científica com acadêmicos harmagianos, caríssimos convidados, então já conhecem a história do bal'urut. É uma das nossas histórias mais antigas trazendo uma moral. Muitos professores gostam de frustrar

seus estudantes com o dilema ético em seu cerne. Se os aldeões não tivessem se aventurado até o pântano para entender melhor o bal'urut, sua reprodução não teria sido perturbada. Mas se os aldeões tivessem continuado presos à praia e à visão de mundo limitada, continuariam a empilhar escória às margens do pântano, e o bal'urut teria morrido comendo-a (estudos arqueológicos sugerem que os bal'uruts achavam o sal dos subprodutos metalúrgicos irresistível). Minha própria professora de metodologia de pesquisa verbalizou esse conceito de maneira muito sucinta: se nada aprender sobre seus objetos de pesquisa, você os perturbará. Se algo aprender sobre seus objetos de pesquisa, você os perturbará.

Tenho pensado muito no bal'urut ultimamente. Como etnógrafa, meu papel é o de uma observadora neutra. Não posso julgar, não posso supor, não posso preencher as lacunas com meus próprios preconceitos (tanto quanto possível). E, no entanto, minha presença aqui provocou mudanças. Não fiz nada prejudicial, até onde sei. Tudo que fiz foi falar. Faço perguntas, dou respostas, facilito relações. Não é muito, mas, ainda assim, eu mais do que todas as pessoas deveria saber que isso pode mudar tudo.

Estou sendo vaga, caríssimos convidados, e por isso peço desculpas. Dei início a uma cadeia de eventos que trará novas tecnologias para a Frota — equipamentos médicos aprimorados e instalações de IAs conscientes para ajudar no gerenciamento de recursos. Acredito — ou sinceramente espero, pelo menos — que isso será de grande benefício para meus anfitriões aqui. Pelas cartas que recebi de muitos de vocês, sinto-me confiante em supor que concordam. Fico tocada pela generosidade que tornou essas doações possíveis. O nome de nossa Comunidade Galáctica foi bem escolhido.

Ainda assim, não posso ignorar o fato de que vim aqui para documentar o modo de vida dos exodonianos e, perto do fim da minha visita, esse modo de vida está mudando. Isso não deveria me surpreender. Eu me aventurei nos pântanos. Conheço bem essa história.

Mensagem recebida
Criptografia: 0
Tradução: 0
De: Tessa Santoso (caminho: 6222-198-00)
Para: George Santoso (caminho: 6159-546-46)

Bem, é verdade. Os empregos no compartimento de carga vão ser extintos. Não hoje. Não por um tempo. Mas vão instalar IAs conscientes aqui na *Astéria* como um teste e, se der certo, equipar o resto da Frota também. Duas decanas atrás eu

pensava diferente, mas hoje meu instinto me diz que o teste vai ser bem-sucedido. As pessoas adoram essas coisas. Meu irmão teve de substituir a sua IA antiga recentemente e está todo esquisito. É como se tivesse perdido um animal de estimação ou algo assim. Não entendo, mas nunca trabalhei com uma, então sei lá. É mais fácil lidar com algo que é sempre alegre e está disposto a ajudar do que com pessoas lentas e irritadiças, imagino.

Falaram comigo e mais alguns colegas e pediram para a gente trabalhar com os técnicos de computação que vão chegar para definir ou organizar as coisas ou sei lá. Ensinar as máquinas o nosso trabalho para elas poderem fazer melhor. Também me recomendaram falar com o departamento de trabalho desde já, para eu descobrir o que gostaria de fazer. Sabe, arranjar um tempo para fazer aulas. Um tempo para ser aprendiz. Estrelas, George. Eu estava cuidando de todos os estágios e agora sou eu quem precisa de um.

Estou com raiva e sei que é idiotice. Não é como se gerenciar cargas fosse o trabalho mais interessante do universo. Mas era o *meu* trabalho, e só consigo pensar nos projetos que não vou terminar e nos sistemas que implementei e me senti orgulhosa e que não importam mais. Não sei se faz sentido, mas fico me perguntando quando vamos botar um limite. Ninguém fala em substituir pilotos ou criadores de insetos ou professores, apesar de as IAs poderem fazer tudo isso, porque esses são trabalhos *divertidos*. Empregos significativos, certo? Mas *eu* gostava do meu trabalho. Havia coisas que achava divertidas de fazer. E eu achava que o que fazia era significativo. Achava que estava fazendo algo bom. Quem decide isso? E se a gente resolver que pilotar ônibus espaciais e criar baratas-da-costa-vermelha não são tarefas tão divertidas assim e acabar com esses empregos também? O que as pessoas vão fazer então? Fui tomar uma bebida com Sahil depois de recebermos a notícia, fiz essa mesma pergunta. Ele achou que ia ser ótimo. Disse que ia para alguma universidade aprender tudo o que pudesse. Mas por quê? Por que aprender alguma coisa se você não vai usar para nada? Por que aprender alguma coisa se tudo o que é digno de se aprender já está na Rede de qualquer forma, e você pode perguntar à sua IA de estimação?

Desculpe, estou perdendo o fio da meada. Só não sei para onde ir daqui. Neste momento, não sei nem se quero estar aqui.

eyas

Eyas estava inquieta no corredor do lado de fora do hexa desconhecido. E se aquela fosse uma má ideia? E se estragasse tudo? Ela tinha considerado ambas as possibilidades e ainda as considerava, mas era a única atitude que não a deixava inquieta. Aquilo era a única coisa que fazia sentido no momento.

Ela avançou, entrando na área comum. Eyas tinha pensado a caminho dali que teria que abordar um estranho, apresentar-se, arrastar uma terceira pessoa para aquilo. Mas chegou na hora certa. Sunny estava ajoelhado em um canteiro, um avental de jardinagem amarrado no pescoço e na cintura, algumas mudas abandonadas perto dos joelhos, um menino agarrado às suas costas, lutando com ele. Sunny poderia facilmente ter desequilibrado o garoto, mas vacilou e gemeu em falsa derrota.

"Ah, não!", gritou Sunny. "Ah, não, você me pegou! Socorro, alguém me ajude, tem um monstro aqui, um monstro horrível me pegou…"

O garoto riu.

"Eu não sou um monstro", declarou ele. "Eu sou um leão. Sou da Terra!" Ele fez um… bem, ele fez um som. Se soava como um leão, ninguém sabia.

"Ah, me desculpe, eu devia ter percebido", disse Sunny. "Por favor, S. Leão, não me coma."

"Eu vou comer você!", disse o garoto, atacando o ombro de Sunny ruidosamente.

Sunny deu um sorriso travesso.

"Ou talvez… Eu é que vá comer você!" Com movimentos rápidos, ele agarrou o garoto, puxou-o para a frente, prendeu-o e fez sons de mastigação enquanto fazia cócegas na barriga do menino, que agora gritava. "Ah, que invertida impressionante! Nham nham nham nham nham…" Ele ergueu os olhos e reparou na presença de Eyas pela primeira vez.

Eyas estava com os nós dos dedos na boca, um sorriso surgindo por trás. Deu um pequeno aceno.

Sunny ficou surpreso, sem dúvida, mas manteve a compostura. A guerra de cócegas terminou abruptamente.

"Temos que fazer uma pausa, rapaz. Nós temos companhia." O garoto olhou para cima quando Sunny se levantou. "Esta é a minha amiga, Eyas", disse Sunny, inclinando a cabeça. "Oi." Era uma pergunta.

"Oi", disse Eyas. Ela sorriu para o menino. "Qual o seu nome?"

O garoto a examinou.

"Kirby."

"Meu sobrinho", disse Sunny, ajeitando o próprio cabelo, passando as mãos no avental. Ele estava desconfortável com a própria aparência? Será que se incomodava de ser visto assim — sem estar de banho tomado, as palmas das mãos sujas, usando roupas velhas? Ela tinha passado dos limites? Fazer sexo era uma coisa; entrar na casa de alguém era outra. Talvez fosse uma intimidade que ela não deveria ter presumido.

"Me desculpe", Eyas disse, "espero não estar…"

"Não." Ele estava sendo sincero. "Não, imagina. Por favor." Ele gesticulou para uma das mesas de jantar. Eyas o seguiu.

"Olá!", cumprimentou alguém. Eyas se virou. Uma mulher idosa havia enfiado a cabeça pela porta da frente de sua casa, sem dúvida curiosa sobre a recém-chegada. Acenou como se fossem velhas amigas.

"Olá", cumprimentou Eyas de volta.

"Uma amiga minha", explicou Sunny. "Da *Astéria*."

"Ah, bem-vinda!", disse a velha. Ela assentiu com aprovação — aprovação do quê, Eyas só podia adivinhar — depois voltou para sua casa.

"Aquela é S. Tsai", disse Sunny, sentando-se à mesa. "Ela é um amor e uma grandessíssima fofoqueira."

Eyas riu ao se sentar à sua frente.

"Percebi." Ela olhou para o hexa. Kirby havia abandonado sua vida de leão e agora estava cavando preocupantemente o canteiro que Sunny estivera preparando. Se Sunny notou, não pareceu se importar.

"E aí?" Sunny olhou para ela, sua pergunta ainda sem resposta.

"Certo", disse ela. Tivera a viagem inteira na catamarã para pensar no assunto, mas agora não sabia por onde começar. "Eu gostaria — isto é, se você tiver um tempo para conversar…"

"Sim, eu não — ei, Kirby, você pode brincar na terra à vontade, mas deixe as tesouras onde estão, está bem? — desculpa."

"Imagina. Criança é assim mesmo."

“Eu não estou ocupado, é o que eu estava dizendo.”

“Legal. Então… estive pensando numa coisa e…”

Sua tentativa foi interrompida por S. Tsai, que reapareceu com algo em mãos.

“Achei que vocês dois gostariam de um chá gelado”, disse S. Tsai, colocando uma jarra cheia e dois copos na mesa. “Minha receita especial. Sempre guardo para o caso de alguma visita aparecer.” Ela encheu o copo de Eyas. “Você é uma das clientes dele?”

“S., você sabe que não pode perguntar isso”, disse Sunny. “É confidencial.”

“Não tem problema”, disse Eyas. Ela sorriu para S. Tsai. “Sou.”

“Mas ela é minha amiga também”, disse Sunny. Ele e Eyas se entreolharam. Alguma coisa se passou entre os dois. Ele a tinha visto de todas as maneiras, e ainda assim, de alguma forma, ali — com uma jarra de chá, a confirmação de sua amizade, um sorriso secreto — era o momento em que se sentira mais vulnerável perto dele.

“Que maravilha”, disse S. Tsai. “E qual é a sua profissão?”

Sunny transmitiu um pedido de desculpas pelos olhos.

“Eu sou uma cuidadora”, disse Eyas.

“Ah! Minha nossa. Bem.” Ela olhou para os copos agora cheios, tentando encontrar outra desculpa para ficar, agora que a anterior tinha terminado. “Sabe… biscoitos. Tenho um pacote de massa instantânea que troquei alguns dias atrás e um monte de temperos lá em casa que não vão durar muito mais tempo. Acho que uma companhia assim merece um lanche adequado, não é?”

“S.”, disse Sunny. “Não precisa…”

“Não é problema algum!”, disse S. Tsai, já saindo. “Vai ser rapidinho!”

Sunny deu um suspiro de desculpas assim que a porta de S. Tsai se fechou. “Tenho certeza de que não é por isso que você veio.”

“Realmente”, disse Eyas.

Ele cruzou os braços.

“Comece do início.”

“Ainda estou pensando em Sawyer.” Tinha reservado uma noite inteira com Sunny depois do funeral, em vez da metade de sempre. Nenhum deles comentou a mudança, não foi necessário. Ela tinha cuidado de outra pessoa. Ele fez o mesmo por ela.

Sunny torceu a boca com simpatia.

“Deve ter sido… Sei lá. Traumático.”

“Não o corpo dele. Isso foi… desagradável, sim. Mas não estou falando disso. Estou falando de *Sawyer*. O homem com quem conversei por cinco minutos.” Ela franziu a testa. “Não fui muito paciente, nem muito gentil. Mas ele ficou tão grato por aquela migalha de conselho que eu dei. Pareceu tão feliz. Ele me escreveu uma

carta. Acho que posso ter sido mais paciente e gentil com ele do que a maioria das pessoas, e é por isso… é por isso que ele está morto. Eles se aproveitaram dele. Sawyer não sabia como as coisas funcionavam. Mas ele queria. Sei que só tive uma conversa curta, mas… Acho que ele tinha bom coração.” Eyas tomou um gole do chá gelado e parou. “Que chá delicioso.”

Sunny assentiu.

“S. Tsai é uma cozinheira de mão cheia. Costumava trabalhar nas importações, então tem um monte de temperos diferentes e outras coisas. Na verdade, estou muito animado por ela estar fazendo biscoitos.” Ele tomou um gole de sua própria bebida. “Mas não é por isso que você está aqui.” Ele olhou para ela com uma expressão gentil. “Faz sentido você ainda estar chateada com isso.”

Eyas balançou a cabeça. Ele tinha entendido errado.

“Eu não estou aqui porque estou chateada. Se eu precisasse de um terapeuta, eu teria ido ver um.”

“Conversar com amigos também é bom, sabe.”

“Eu não quis dizer… eu sei. E sou grata. Mas não quero mais ficar chorando pelos cantos. Quero fazer alguma coisa.”

“Entendi.” Ele se recostou, pensativo. “O que você tem em mente?”

“Você conhece os centros de emigração, certo? Com suas oficinas e tal. Como falar klip, como conviver com alienígenas. Tudo o que você precisa saber antes de ir morar no chão. É para isso que nossos ancestrais estavam tentando nos preparar, não é? É para isso que a Frota *existe*. Só que esse não é mais o objetivo da Frota, não inteiramente. Não estou aqui para levar as pessoas para novos planetas. Eu me importo com as que fizeram suas vidas aqui. E você — você é igual, só que no presente. Nós dois queremos tornar a vida melhor para as pessoas que escolhem ficar aqui. Então… por que não temos o oposto?”

“O oposto de quê?”

“Aulas. Oficinas. Recursos para os terrenos que querem viver na Frota. Nós não temos nada para eles agora. Temos um monte de casas vazias e postos de trabalho, e nós estamos fazendo… o quê? Torcendo para que a próxima geração tenha mais vontade de ficar do que a anterior? Olha, se todo mundo quisesse sair daqui e pronto, tudo bem. Mas não é o caso. As pessoas não estão só ficando na Frota. Elas estão *voltando*. Temos tanto desdém pelos estrangeiros que vêm e agem como se isso fosse um museu, mas e os Sawyers? E as pessoas que *não* têm um lugar no universo, que acham que o nosso estilo de vida tem seu apelo? Nós olhamos para eles e dizemos, ah, esses garotos da cidade estúpidos, esses marcianos idiotas, eles não sabem de nada. Eles não entendem como a vida funciona aqui. Bem, então vamos ensinar. Vamos ensinar em vez de ignorá-los e rir pelas suas costas. Vamos trazê-los para cá.”

Sunny processou suas palavras.

"Hum", disse ele. Tomou um longo gole de chá, olhou por cima do ombro para ter certeza de que o sobrinho tinha deixado a tesoura de lado e depois voltou a beber. "Hum. Isso… não é uma má ideia." Ele fez uma pausa. "É uma ótima ideia, na verdade."

"Obrigada."

"Você também pode conseguir o apoio do conselho. Eles adorariam, especialmente dada a sua…" Ele gesticulou. "O que você faz."

"Foi justo o que pensei." A galera do *recursos exodonianos para problemas exodonianos* poderia ser mais difícil de convencer, mas… Quem poderia discutir com uma cuidadora que queria alguns recursos para *preservar a tradição?*

Ele assentiu.

"E você quer dar aulas?"

"Não em tempo integral, e não sozinha. Pense nos centros de emigração. A maioria das pessoas dá uma aula um ou outro dia. São várias profissões diferentes ajudando. Tem que ser assim, para os centros poderem proporcionar às pessoas as ferramentas adequadas. Então, a gente precisa fazer o mesmo. Conseguir pessoas com empregos que você não encontra em outros lugares da galáxia para explicar o que fazemos e por quê."

"*A gente*."

"Isso. Quero que você participe também, se estiver interessado."

"Ok. Nossa. Hã… Não sei se eu seria um bom professor."

"Por que não?"

"Porque fui um aluno horrível. Eu já falei. Preguiçoso."

"A perícia acadêmica e a inteligência pura são duas coisas distintas."

"Viu só? Eu nunca conseguiria pensar numa frase assim."

"E daí? Melhor assim, na verdade. Foi uma frase chata, a última coisa que queremos é ser entediantes. Você é carismático. Sabe falar com as pessoas. Você seria ótimo nisso."

"Você está falando sério."

"Seríssimo."

"Ok." Ele apoiou um dos braços na barriga e coçou o queixo com o outro. "Bem… posso pensar um pouco?"

"Claro. Tire um tempo, veja como você se sente."

"Enquanto isso, posso pedir para você pensar em uma coisa?"

"Sempre."

Sunny olhou para o teto por um momento, como se as palavras que estava procurando estivessem lá em cima.

“Obviamente, não tenho planos de morrer em breve e sei que a gente vive em naves diferentes, mas quando a minha hora chegar… o que você acharia de… você sabe. Cuidar de mim.”

Eyas pousou o copo.

“Claro. Você pode solicitar um cuidador específico na Central de seu deque. Somos todos parte da mesma guilda, então eles vão entrar em contato comigo.”

Ele riu.

“Então você não precisou pensar primeiro.”

Ela fez uma pausa.

“Desculpa, eu tratei como se fosse uma pergunta prática, não é?”

“Pois é.”

Ela riu também.

“Desculpe.” Estrelas, aqui estava ele, perguntando algo profundo, e ela respondia como um formulário em forma de gente.

Ele apoiou as mãos na mesa.

“Trate como uma pergunta emocional.”

Ela olhou para seu chá.

“Eu ficaria honrada”, disse ela. “Significa muito para mim que você queira isso.”

Sunny sorriu.

“E significaria muito para *mim* saber que a pessoa que vai cuidar de mim é uma pessoa *inteira*. Não só um símbolo.” Ele parou de falar e seu sorriso cresceu. “Você vai gostar de saber que a gente pode parar de ser meloso agora, porque tenho ótimas notícias.”

“O quê?”

Ele fungou o ar de maneira dramática e apontou para cima.

“Biscoitos.”

isabel

De todos os possíveis lugares para Ghuh'loloan querer visitar uma última vez, Isabel teria imaginado que seu hexa ficaria bem no fim da lista de opções. Pensaria nos murais da Primeira Geração, uma performance musical ou o jardim de oxigênio da praça. Mas não, a acadêmica distinta de uma espécie igualmente distinta queria passar um de seus últimos dias na Frota na área comum do hexa 224-613. Ela estava agora em seu jardim muito mais humilde, cercada por crianças gritando. Crianças ensopadas, gritando e rindo.

"De novo! Faz de novo!", implorou um dos garotos mais velhos em klip. Os menores repetiram o apelo, o sotaque carregado nas vozes agudas: "De novo! De novo!".

"De novo?", disse Ghuh'loloan, os tentáculos dançando, divertidos. "Têm certeza?"

"Sim!"

"Como quiserem." Ela gesticulou para o carrinho, e as crianças se agitaram em antecipação quando um painel se abriu. O borrifabô de Ghuh'loloan voou para fora, um globo flutuante cheio de água fria, projetado para refrescar a pele harmagiana sempre que necessário. Nada no rosto de Ghuh'loloan se aproximava de uma expressão humana, mas, mesmo assim, Isabel podia identificar a pura alegria que sua colega sentia ao direcionar o pequeno robô para borrifar, pela quinta vez, água fria acima das crianças. Os pequenos gritaram e riram, correndo na nuvem fria.

"De novo! De novo!"

"Infelizmente esta terá que ser a última vez, caras crianças", disse Ghuh'loloan, "ou vou acabar ficando sem."

Isabel interveio, entrando na área molhada.

"*Agora já chega*", disse ela em ensk. "Vamos deixar Ghuh'loloan descansar um pouco, hein?"

Houve alguns protestos, mas as crianças agora estavam animadas demais para ficarem ali sem fazer nada. Eles se dispersaram, indo se distrair com brinquedos, atacar a cozinha ou sacudir o cabelo molhado em cima dos pais.

"É uma experiência realmente singular, a de viver ao lado de sua prole *e* da prole de sua prole", comentou Ghuh'loloan.

Isabel sentou-se em um banco próximo.

"É uma experiência que você gostaria de ter?", perguntou ela.

A harmagiana soltou uma risada retumbante.

"Ah, estrelas, de jeito nenhum. É uma loucura. Maravilhoso, também, caríssima anfitriã, mas gosto por causa da novidade. Não conseguiria fazer isso todos os dias. Admiro sua espécie por sua resistência nesse quesito. E sua paciência."

"Ah, nós perdemos a paciência com alguma frequência", disse Isabel. Ela olhou em volta. Tamsin estava sentada ali perto, fora do alcance de sua voz, mas à vista. Isabel pensara que estivera observando as brincadeiras com o borrifabô, mas, embora já tivessem terminado, ela permanecia com as mãos ocupadas com uma vox quebrada, os olhos fixos na alienígena. Isabel fez contato visual com a esposa, acenou para ela e continuou a falar com Ghuh'loloan. "Você não sente falta deles? Dos seus filhos, quero dizer. Quando estão crescendo."

"Não é assim para nós", disse Ghuh'loloan. Ela curvou os olhos retráteis em cumprimento quando Tamsin se juntou a Isabel no banco. "Não é uma experiência que temos, então não sentimos falta dela. Nossos filhos crescem nas piscinas do berçário, nas aldeias de tutela e nas universidades. Nunca estive na casa de nenhum dos meus pais até ser adulta e jamais morei lá. Não teria me ocorrido querer uma coisa dessas." Ela olhou em volta para o hexa. "Seria de se esperar que um lar comunitário não me seria tão estranho, já que moro em uma cidade aandriskana. Mas suas casas não são como as deles. Vocês são diferentes, caríssimas anfitriãs. São únicos."

Tamsin se inclinou para frente. "Mas nós valemos a pena?" Ela falou as palavras sem hesitação, como se estivessem na ponta de sua língua há decanas.

Isabel sabia que de fato estavam, e não conseguia acreditar que tinham sido ditas.

"*Tamsin*."

Sua esposa pareceu completamente despreocupada.

"É só uma pergunta."

Ghuh'loloan pareceu intrigada.

"Perdoe-me, mas não compreendi."

“Você acha que somos dignos do resto da galáxia?” disse Tamsin. “De sermos membros da CG, de recebermos a tecnologia doada, essa estrela que também nos foi dada. Acha que valemos a pena?”

Isabel desviou o olhar, embaraçada. Não ia brigar na frente de uma convidada, mas, ah, mais tarde Tamsin ia ouvir poucas e boas.

A harmagiana abanou sua clava tentacular, pensativa.

“Eu estou aqui, não? Mas não é o que você está perguntando. Você não está me perguntando se o Instituto Reskit os considera dignos de estudo. Está perguntando o que eu, Ghuh’loloan, penso de vocês.”

“Exatamente”, disse Tamsin.

“É uma coisa arriscada de se perguntar, caríssima anfitriã, mas eu não a insultaria com uma resposta insincera.” Os olhos de Ghuh’loloan piscaram e se arregalaram. “Muito bem. Vocês são uma espécie que tem muito pouco. Não produzem nada além de corpos extras para gerar mão de obra, em nada contribuíram para o progresso tecnológico da CG em geral. Vocês valorizam sua autossuficiência, e já foram autossuficientes, em outros tempos, mas agora comem nossa comida e colhem nossos sóis. Se os expulsássemos agora, seria difícil para vocês se sustentarem como antes. E mesmo com a nossa ajuda, a idade dessas naves significa que vocês vivem irresponsavelmente, flertando com outras tragédias, como a que já enfrentaram. Esses são os fatos. Agora, vamos aos fatos da minha própria espécie. Nós somos a espécie mais rica hoje. Nada nos falta. Sem nós, não haveria túneis, nem ambi, nem mapa galáctico. Mas conseguimos tudo isso por meio da subjugação. Da violência. Nós destruímos mundos inteiros — espécies inteiras. Foi preciso uma guerra galáctica para nos parar. Nós aprendemos. Nós nos desculpamos. Nós mudamos. Mas não podemos devolver as coisas que tomamos. Ainda nos beneficiamos delas, e outros ainda sofrem os efeitos do que aconteceu há séculos. Então, será que *nós* somos dignos? Nós, que só damos tanto porque tiramos tanto? Vocês são dignos, vocês que aceitam ajuda, mas não fizeram mal a seus vizinhos? Serão os aeluonianos dignos? Os quelins? Mostre-me uma espécie que jamais tenha prejudicado outra. Mostre-me quem sempre foi perfeito e justo.” Ela flexionou o corpo, os membros alienígenas se curvando com força. “Ou somos todos dignos da Comunidade, caríssima Tamsin, ou nenhum de nós é.”

Tamsin nada disse por um momento.

“O primeiro harmagiano que vi foi em um canal de notícias, falando sobre como os humanos não eram merecedores.”

“Na audiência de adesão à CG.”

“Isso.”

Ghuh’loloan esticou a clava tentacular ao redor de sua boca.

“O primeiro humano que já vi foi em uma estação espacial, sendo preso por vender combustível de má qualidade sem licença.”

Tamsin deu uma risada curta.

“Que primeiras impressões, hein?”

“Sim.”

Isabel olhou de uma para a outra, ainda surpresa com o rumo da conversa. Será que Ghuh’loloan teria dito algo assim para ela em um dos seus passeios cuidadosamente escolhidos, em um de seus bate-papos acadêmicos educados? Será que sua caríssima convidada teria sido tão sincera se, por um momento, Isabel tivesse deixado de se preocupar em ser uma boa anfitriã?

“Vocês não podem apertar as mãos, certo?”, Tamsin gesticulou. “Não posso tocar seu tentáculo com a minha mão, certo?”

Ghuh’loloan aproximou o tentáculo de um dos compartimentos de armazenamento de seu carrinho.

“Se me der um momento, acredito que tenho alguns protetores comigo…”

“Protetores?”

“É como uma luva”, explicou Isabel.

“Ah, não, não precisa se incomodar com isso”, disse Tamsin. “Como vocês… você sabe o que significa apertar as mãos?”

“Sei”, disse Ghuh’loloan. “Em essência.”

“Vocês… têm um equivalente? Como você comunicaria algo assim para mim?”

“Ajudaria se eu soubesse exatamente o que você deseja comunicar.”

Tamsin olhou para Ghuh’loloan com uma expressão séria.

“Respeito.”

A harmagiana se levantou em seu carrinho, segurando o corpo como uma onda congelada no tempo. Os tentáculos estremeceram, curvando-se e desdobrando-se em estranha simetria.

“Respeito”, disse ela.

Tamsin examinou o gesto e assentiu, satisfeita.

“Idem.”

tessa

Mensagem recebida
Criptografia: 0
Tradução: 0
De: George Santoso (caminho: 6159-546-46)
Para: Tessa Santoso (caminho: 6222-198-00)

Tess,

Sei que você anda correndo por aí como um gafanhoto sem cabeça, mas tenho uma surpresa. Vá até o nosso banco depois do jantar ou assim que puder. Deixe as crianças com o hexa. Pode demorar um pouco. E não, não vou contar o que é. Mas acho que você vai gostar.

George

Tessa nunca iria criticar o marido por ser fofo, mas estrelas, não tinha tempo para isso hoje. Aya precisava de ajuda com o dever de casa — estava com dificuldades para ler, assim como o pai na sua idade —, Ky precisava de um banho, seu pai precisava… estrelas, do que ele *não* precisava? Ser sacudido pelos ombros, era disso que precisava. Além disso, tinha roupa para lavar, o jardim de temperos estava murchando, e o faxinabô tinha voltado a dar defeito. *De novo*. O que quer que George tivesse preparado provavelmente ia ser muito fofo, mas tinha que ser *hoje*?

Ela saiu da cápsula de transporte e foi em direção ao grande jardim de oxigênio da praça, sem precisar seguir as placas. Respirou fundo e tentou mudar seu humor. Estava sendo ingrata. Desde a última reunião da guilda de carga uma decana antes, ela tinha mandado para George meia dúzia de cartas que não passavam de descargas emocionais. Ele não teve tempo de responder a nenhuma delas, o que

Tessa já esperava. Seu marido estava ocupado e nunca tinha sido muito de escrever. Ela não queria de fato uma troca de correspondência, para ser sincera. Queria uma lixeira, uma caixa de compostagem, algum lugar onde pudesse despejar o lixo atulhando seu cérebro. Mas agora ele tinha providenciado algo para ajudá-la a se sentir melhor — o quê, Tessa não fazia ideia. Considerou as possibilidades enquanto entrava no jardim, percorrendo os caminhos exuberantes e familiares. Um presente deixado por outra pessoa, talvez. Esperava que não fosse um espetáculo. Não era muito o estilo dele, mas George também não tinha o hábito de mandar mensagens enigmáticas e fazê-la viajar pelo distrito em uma noite em que havia escola no dia seguinte. Ela sabia que estava sendo uma babaca, mas esperava que a surpresa misteriosa valesse a pena. Ela esperava…

Tessa parou no meio do caminho. Lá, em um banco, de costas para ela, estava George. George. Seu marido, George.

Ele virou a cabeça de leve ao ouvi-la, só um pouco, sem precisar fazer contato visual.

"Tem espaço para duas pessoas", disse ele.

Ela se aproximou e ficou de frente para ele.

"O que…" Sua boca não conseguia formar outras palavras, e seu cérebro estava preso em um pensamento e apenas ele. George. George estava *aqui*. "O que…?"

George olhou em volta.

"Bem, este é um cantil", disse ele, levantando o recipiente que estava ao seu lado. Ele deu um tapinha no espaço vazio à sua esquerda. "E isto aqui é um banco."

Tessa revirou os olhos.

"O que você está fazendo aqui?" Ele só deveria voltar dali a três decanas, no mínimo.

George abriu o cantil. O vapor se ergueu como se estivesse vivo. Ele pôs chá no copo e gesticulou para que Tessa se sentasse.

"Recebi suas cartas."

Tessa suspirou e sentou-se.

"Estrelas, George. Estou bem."

"Você não pareceu bem."

"Tá, tudo bem, *não* estou bem, mas já não estive bem antes sem você… você voltar correndo para casa. Você poderia ter falado comigo por sib."

Ele entregou-lhe o copo.

"Me pareceu que a gente deveria ter uma conversa cara a cara." Ele enfiou a mão no bolso, pegou um pacotinho de pano e desembrulhou dois grandes biscoitos de especiarias.

Tessa aceitou o biscoito e o chá, mas não bebeu nem mordeu nada. Recostou-se no banco, a um palmo de distância de George, sem estar pronta para chegar mais perto até processar tudo. Mas ele estava cheiroso. George estava sempre cheiroso.

"Não sei se eu estava falando sério", disse ela. "Eu só estava… você sabe. Com raiva. Não sei por que você levou tão a sério."

"Pelo que li, Tessa Santoso está considerando a possibilidade de ir embora da Frota. Isso me parece muito sério."

Muito vapor ainda saía do copo, mas ela tomou um gole mesmo assim.

"É a mistura do seu pai? Ele mudou alguma coisa."

"Não mude de assunto."

"O que é? Canela?"

"Não…" Ele franziu a testa e pegou o copo, tomando um golinho. "Hã. Sim, acho que é canela. Onde ele conseguiu canela?"

"Viu só", disse ela. "É por isso que eu não estava falando sério."

"Não entendi."

"Por isso eu não estava falando sério sobre ir embora." Tessa olhou para o chá e balançou a cabeça. "Seu pai, sua mãe, meu pai. Seu irmão…"

"Você também tem um irmão. Ele foi embora e ficou tudo bem."

"Sim, e é por isso que eu não posso. Um de nós precisa estar aqui."

"Por quê?"

Ela olhou-o nos olhos, incrédula.

"Você está falando que eu deveria? Sério?"

"Não", disse ele, dando uma grande mordida em seu biscoito. "Só estou fazendo algumas perguntas." Ele engoliu, tomou um gole do chá e devolveu o copo. "Não acredito nem por um minuto que a única razão para você continuar aqui é porque Ashby saiu e você se sente obrigada. Nunca foi esse o caso."

"Não estou dizendo que é. Eu só… só estou dizendo… Tirando Ashby, nossa família inteira está aqui. A família de Aya e Ky."

"Então explique as cartas que você me escreveu. Explique por que você está considerando isso."

"Eu já falei."

Ele acenou com a mão.

"Me diga de novo. Para eu poder ouvir você contando. Vamos, estou deixando de limpar brocas para estar aqui."

Ela bufou, rindo.

"Você está tomando chá e comendo biscoito."

"Eu tenho chá e biscoitos na minha nave. E, para ser sincero, limpar restos de minério é mais fácil do que arrancar alguma informação de você, de vez em quando."

Tessa ignorou o comentário e bebeu o chá. Tinha começado a gostar da canela. Ela pensou um pouco. Não sabia o que dizer.

Um momento passou. George se inclinou para frente e juntou as mãos. Tessa conhecia aquela pose, a pose de George Está Falando Sério.

"Quanto disso é por causa do trabalho?", perguntou ele.

Ela cedeu.

"Eu já estava considerando isso — ir embora — antes. O trabalho foi só… sei lá, a gota d'água, eu acho."

"Então isso tudo não é só porque você não quer aprender a desempenhar uma nova função."

"Não. Bem…" Ela suspirou, impaciente. "Uma parte de mim tem medo de aprender algo novo. Não porque eu ache que não consigo, mas porque estou neste meu trabalho há vinte anos. Nunca me imaginei fazendo outra coisa. Não porque é a minha coisa favorita no mundo, mas porque sou boa nele, e tem algumas tarefas estranhamente satisfatórias, e também porque eu sei — eu *sabia* como os meus dias seriam. Pelo menos no trabalho."

"Você gostava da estabilidade."

"É."

"E agora você está considerando um monte de instabilidade e está tipo, ah, foda-se, vamos ver o quanto eu aguento."

Tessa riu.

"Acho que sim." Seu rosto desanimou. "É por causa das crianças, principalmente. Eu… Eu não sei. Não parece a mesma Frota na qual a gente cresceu."

"Isso é verdade para todas as gerações."

"Eu sei, mas… é diferente. Algo me diz que é diferente. Tivemos seis arrombamentos no meu compartimento de carga no último padrão. Seis. E isso só no meu. Tem toda aquela coisa do terreno — estrelas, nada desse tipo acontecia quando a gente era criança."

George flexionou as sobrancelhas em reconhecimento.

"Arrombamentos, sim."

"Não muitos."

"Verdade."

"E ninguém morria assim."

"Também verdade. Mas coisas ruins acontecem em todos os lugares."

"Foi o que eu disse para Aya, e ela virou o jogo." Um peso surgiu no peito de Tessa. "Ela não está melhorando. Está ficando pior, na verdade. Aqueles merdinhas da escola…"

"Eles continuaram?"

“Não, mas ela está brincando sozinha.”

George franziu a testa.

“Isso é mesmo estranho.”

“Ela tem medo deles, George. Ela tem medo deles e da nossa casa. Não sei como ajudar. Eu sei que a gente achou que era só uma fase, e ela fez terapia, mas…” Tessa sentiu os olhos ficarem cheios d’água e, por causa da companhia, não sentiu necessidade de esconder isso. “Ela não se sente segura aqui. Imagina como deve ser horrível, ser uma criança e não se sentir segura em sua própria casa?” George se aproximou dela e passou o braço ao redor dos seus ombros.

“Quase tão horrível quanto ser a mãe que não consegue fazer essa criança se sentir segura, hein?”

“Estrelas”, disse Tessa, respirando com dificuldade. “Eu sou uma péssima mãe.”

“Ah, que isso. Claro que não.”

“Minha mãe… ela sempre soube o que fazer. Sempre que eu ficava com medo, ela só precisava *estar lá* e eu sabia que ficaria bem.”

“Sua mãe não precisou lidar com você ter assistido a uma nave residencial explodir.” Ele suspirou. “E você também teve um pai presente o tempo todo.”

Ambos ficaram quietos.

George falou, devagar e gentilmente.

“Digamos que você fosse mesmo embora. Para onde você iria? Espaço Central? Sol?”

Tessa lhe lançou um olhar hostil.

“George Santoso, se você acha mesmo que vou criar nossos filhos em Marte, estamos nos divorciando.”

Seu marido deu uma gargalhada.

“Bem, eu não quis supor nada.”

“Sol.” Tessa bufou com desdém. “Não estou tão pirada assim.” Ela tomou outro gole de chá. “Para ser sincera, eu… e isso é hipotético…”

“Certo.”

“Só para fins de argumentação.”

“Claro.”

Tessa mordeu a parte de dentro do lábio.

“As colônias independentes. Nós conhecemos gente que foi para lá. Fico pensando em Grão.”

George fez um som pensativo.

“Para onde Ammar foi.”

“Isso.” Ammar e seu marido, Nick, tinham morado no hexa ao lado até três padrões antes, quando fizeram as malas e foram para o chão. Tessa tinha sido sua

amiga na escola, e embora não fossem muito próximos, ele era o tipo de pessoa que, ela imaginava, ficaria feliz em saber que ela estava se mudando para perto dele.

Hipoteticamente.

"Eles com certeza achariam útil ter alguém com experiência em comandar robôs em um lugar como esse", disse ele.

"Acho que sim", disse Tessa em tom neutro. "Se não trabalhando com carga, mapeando drones, ou…" Ela deu de ombros. "Vou ter que aprender um novo trabalho de qualquer jeito, não é?"

"Verdade", disse George. "Ouvi dizer que as coisas são meio difíceis por lá, no entanto. Terraformação é um projeto de longo prazo."

"É", disse Tessa, com um aceno de cabeça. "Mas… é tão diferente assim daqui? Não é tão limpo, claro. Não tem tudo estabelecido. Eles ainda estão resolvendo as coisas. Mas precisam racionar água e prestar atenção no estoque de alimentos e…" Ela deu de ombros. "Sei lá, acho que eu me daria muito melhor em um lugar assim do que em uma cidade ou… um centro mercantil ou algo assim."

"Estrelas, não, não consigo imaginar você em um centro mercantil."

Ela o olhou de rabo de olho.

"Mas você consegue me imaginar em Marte?"

"Eu não falei… você não vai deixar isso pra lá, vai?"

"Nunca." Ela se apoiou nele, soltando um pouco do seu peso, roubando um pouco de seu calor. "Mas amo este lugar. De verdade. Amo a nossa maneira de fazer as coisas e o motivo de fazermos assim. Adoro o Dia da Recordação. O Festival da Fritura. Os jardins. Tantas pessoas foram embora porque queriam *mais*. Eu não quero mais. Estou satisfeita com o que tenho. Não preciso de terra ou… de um céu aberto ou sei lá. Tantas pessoas foram embora pelos motivos errados."

George puxou os lábios para dentro, fazendo o bigode encostar na barba enquanto pensava.

"Talvez seja por isso que você deva ir. Vá pelos motivos certos. Pelo mesmo motivo que os primeiros de nós deixaram a Terra — para encontrar um lugar melhor para sua família. Sinceramente, Tess, você é o melhor tipo de pessoa para se juntar a uma colônia, porque você traria todos os motivos certos junto. Você acredita em nosso modo de vida aqui? Legal. Implemente esse modo de vida lá no chão. Não deixe as pessoas se esquecerem. Não deixe elas se esquecerem que um sistema fechado é um sistema fechado mesmo quando não conseguimos ver os limites."

Tessa nada disse por um tempo.

"Também não quero deixar você. Ou tirar as crianças de você."

"E quem disse que isso aconteceria?"

Ela fechou os olhos.

“Não seja ridículo. Eu não poderia… isso é pedir demais.”

“Então… o quê? Não posso fazer isso com você se eu achar que é uma boa ideia?”

Tessa se afastou.

“Eu não poderia pedir isso de você.”

George bufou com contrariedade.

“Eu vou aonde minha família estiver. Ponto final.”

“Você tem um emprego aqui. Uma vida…”

“Eu tenho um conjunto de habilidades que posso usar em qualquer lugar, e minha vida continua até que o universo diga o contrário. Vou aonde você e nossos filhos estiverem. E se você acha que pode dar uma vida melhor a eles no chão do que aqui, então eu acredito. Você está com eles todos os dias. Passa mais tempo com eles do que eu. Não tenho dúvida de que sabe o que é melhor para eles.” Ele acariciou a barba. “E talvez… talvez seja bom para mim também. Talvez se encontrássemos um lugar onde eu pudesse trabalhar no chão em vez de viajar o tempo todo, talvez eu pudesse ser um pai melhor. Um marido melhor também.”

“Você é bom pai e bom marido.”

“Se você diz. Mas não estou sempre presente, não é? Não me arrependo de como fizemos as coisas até agora, mas seria bom… não sei, não ficar surpreso quando Aya cresceu um palmo desde a última vez que a vi.”

“Você ainda vai ficar surpreso, mesmo se a vir todos os dias.”

“Você sabe o que quero dizer. Não estou dizendo que isso é o que eu quero, com certeza absoluta. Só estou dizendo que caso você queira fazer isso… talvez eu também não me oponha à ideia.”

“Você não pode colocar a decisão nas minhas costas.”

“Não estou fazendo isso. Eu estou perguntando se você realmente — de verdade — quer fazer isso. E se você quiser, então a gente precisa sentar e conversar.”

Tessa analisou sua situação.

“Já estamos sentados e conversando.”

George lhe lançou um olhar significativo.

Tessa pensou nas cartas que tinha enviado, cheias de frases cautelosas e insinuações. Pensou nas noites em claro, nas longas horas passadas olhando para as estrelas. Pensou naquele sussurro de ideia que ficava tentando ignorar, que ficava mais alto cada vez que ela lia as notícias, cada vez que consertava algo em casa, cada vez que olhava para os filhos. E ali estava George, pondo aquele sussurro em palavras, dizendo o que ela já sabia.

“Merda”, disse ela. Ela enfiou o rosto nas mãos. “Ai, estrelas.”

kip

Log do sistema: dispositivo desbloqueado
Identificador de nodo: 8846-567-11, Kristofer Madaki

Ras (18:62): tek tem cara
Ras (18:62): sei que você não tá falando comigo e tal, só queria avisar que as notas dos exames saíram

---

Fonte: Portal do Estudante da Diáspora Humana para o Ensino Superior
Criptografia: 0
Tradução: 0
Transcrição: 0
Senha: aceita

Obrigado por usar o portal do estudante do Centro de Diáspora Humana para o Ensino Superior!

Seu exame mais recente foi: o exame de qualificação da CDHES
Sua pontuação foi: 803 (de 1000)
Parabéns! Você se qualificou para as instituições Nível 2 do CDHES.
Suas opções são as seguintes:

— Universidade Pedra Vermelha (Descanso do Espírito, Marte)
— Faculdade dos Anéis (Cidade das Águas Pratas, Titã)
— Escola Joviana de Futuros Técnicos (Estação de Júpiter, Júpiter)

A nota mínima para entrar nas seguintes universidades é 875. Se deseja estudar em uma delas, você precisará refazer o exame de qualificação:

— Universidade de Alexandria (Florença, Marte)
— Instituto Solário de Biologia Reconstrutiva (Ambívio de Hamilton, Lua)

Caso decida se matricular em uma das escolas aqui relacionadas, você ainda precisará fazer um teste de nivelamento, independentemente de seu curso. Algumas graduações exigem um teste de qualificação adicional.

Se tiver interesse em estudar em uma escola fora do território humano, muitas instituições de ensino da CG possuem acordos de admissão recíprocos com o CDHES. As condições variam muito, portanto, entre em contato com um dos consultores do CDHES para obter informações específicas sobre a escola desejada.

Com base no seu endereço, o local mais próximo caso deseje comparecer a uma das reuniões informativas é:

— Centro de Emigração da *Astéria*, Deque 2, Praça 16

Recomendamos que você participe de uma das reuniões informativas. Todas as perguntas são bem-vindas.

Bons estudos!

Ras (18:80): vc tirou quanto?
Ras (18:81): tirei 908
Ras (18:81): vou pra marte, baby
Ras (18:81): vou ser rico
Ras (18:94): cara vc pode responder por favor
Ras (19:03): que seja
Ras (19:12): não sei pq vc ta sendo tão babaca

Identificador de nodo desconectado
Log do sistema: dispositivo desativado

isabel

Isabel quase não ia ao cinema nas horas escuras, então não sabia como costumava ser o movimento nesse horário. Algumas pessoas na plateia já eram esperadas. Pessoas idosas como ela, espalhadas pelo salão quase vazio. Um jovem pai, cochilando no chão, seu pequenino filho dormindo no peito, o fim exausto do que provavelmente fora uma longa noite andando pelos corredores públicos quase vazios com uma criança chorando. Mas havia uma pessoa na plateia que ela não esperara. Sentou-se ao lado dele, como faria com um velho amigo.

"Olá, Kip", sussurrou ela. "Tudo bem se eu sentar com você?"

Kip se sobressaltou. Quaisquer que tivessem sido seus devaneios, ele não tinha esperado que *ela* o despertasse deles.

"Hã… sim, claro, S."

Isabel cruzou os braços e olhou em volta. O ambiente projetado era o de uma rica tapeçaria de juncos grossos, a grama acrescendo misturada a eles, árvores, água barrenta e os gritos dos pássaros muito falantes.

"Um pântano", disse ela. "Já faz tempo que não vejo a gravação de um desses. Costumo vir nas dos desertos. É uma boa variação."

Kip ficou em silêncio — mas não um silêncio contemplativo, o tipo de silêncio incerto em que os jovens da sua idade ficavam às vezes quando eram abordados por um adulto. Talvez ele só fosse tímido. Talvez quisesse ficar sozinho.

Isabel continuou falando mesmo assim.

"Por que você não está dormindo, Kip?"

Kip mudou de posição.

"Por que *você* não está dormindo?"

Ela riu.

"Justa, a sua pergunta. As pernas da minha esposa não são muito boas. Isso faz com que ela acorde muito à noite, o que hoje me fez acordar tantas vezes que não

consegui mais dormir.”

“Que droga”, disse Kip.

“É mesmo.”

Ele fez silêncio de novo. As árvores gravadas sussurravam. A água se movimentava, suave.

“Não tenho dormido muito bem desde… sabe.”

“É compreensível. Você conversou com alguém sobre isso?”

Outra longa pausa.

“Meus pais *não param* de tentar conversar comigo sobre o que aconteceu. E eles só estão tentando ajudar, eu entendo, mas… às vezes eu *não* quero conversar sobre isso.”

“É”, disse Isabel, assentindo com a cabeça. “Eu entendo.”

Kip se mexeu, tão inquieto quanto os juncos.

“Desculpa.”

“Não, não, eu perguntei. Agradeço a sinceridade.” Ela olhou um grande pássaro cinza e branco — algum tipo de predador — planando, as asas imóveis. “Mas por que aqui? Por que não jogar uma simulação, a Rede, ou…?”

“Não sei. Aqui… é silencioso. Eu gosto.” Ele se mexeu de novo. “Gosto de fingir que estou em outro lugar.” Isabel teria mudado de assunto, se ele não tivesse continuado: “É para isso que o cinema serve, não?”.

Isabel virou a cabeça para Kip, o rosto dele uma silhueta contra o verde lamacento e brilhante.

“É?”, perguntou ela.

“Bem, e pra gente saber como é viver em um planeta. Era para nossos ancestrais não se assustarem quando conseguissem chegar ao chão. Eles saberiam como é um céu e… pois é.”

Isabel olhou de volta para o céu azul — aquele azul sem limites, cheio de nuvens e pássaros cujos nomes poucos saberiam identificar.

“Você tem alguma coisa para fazer nas próximas horas?”

“Hã… não…?”

“Vamos lá”, disse ela, dando um tapinha no braço dele. “Quero mostrar uma coisa.” Ela se levantou. Ele hesitou. “Se vier comigo, ganha um bolinho de feijão.”

Kip se levantou.

Os Arquivos ficavam do mesmo lado da praça que o cinema, então não demoraram muito para chegar lá. Isabel passou seu implante na frente da entrada fechada. As portas se abriram e as luzes se acenderam. Ela olhou em volta. Nenhum de seus colegas estava lá. Ótimo. Teriam recebido uma bronca se ainda estivessem. Também não havia sinal de Ghuh’loloan, que devia estar arrumando suas coisas e preparando suas despedidas. Isabel e o garoto estavam sozinhos.

“Você passa muito tempo aqui nos Arquivos?”, perguntou Isabel enquanto pegavam o elevador até o nível mais baixo de seu local de trabalho.

Kip deu de ombros.

“Só venho para nomeações e coisas assim. Às vezes para a escola.”

“Mas nunca só para olhar, certo?”

“Hã, não muito. Acho que só quando eu era pequeno.”

Aquilo não era surpresa para Isabel. Por que revirar recordações velhas e chatas quando você poderia sair por aí e criar as suas?

O elevador parou e Isabel seguiu na frente até o centro da sala de dados. Torres em uma espiral aparentemente interminável de nodos globulares o cercavam, cada uma pulsando com a luz azul suave que significava que tudo estava bem. Isabel sorriu, orgulhosa.

“Lindo, não é?”

A julgar pela expressão de Kip, ele estava fazendo um valente esforço para ser educado — ou talvez quisesse muito aquele bolinho de feijão.

“É legal, sim.”

Isabel cruzou as mãos na sua frente e continuou a admirar o ambiente.

Kip esperou. Trocou o peso de pé. Parou de esperar.

“Eu já estive aqui antes, S.”

“Ah, sem dúvida. Foi em uma visita da escola?”

“Isso.”

“Hum. Com certeza você recebeu uma explicação muito técnica de como tudo funciona, assim como com o tratamento de água e a tecnologia do motor e das colheitadeiras solares.” Ela suspirou. “Kip, qual é a carga mais preciosa que a Frota carrega?”

“Hum… Comida?”

“Errado.”

Ele franziu a testa.

“Água. Ar.”

“Errado também.” Ela apontou para as prateleiras. “Isto aqui.”

Kip não pareceu muito convencido.

“Nós morreríamos sem ar, S.”

“Nós vamos morrer de qualquer jeito. Isso já é dado. Ser lembrado depois de sua morte, não. Para garantir que isso aconteça, você precisa se esforçar um pouco.” Ela estendeu a mão e tocou uma das prateleiras, sentindo a luta equilibrada entre o metal frio e a energia quente. “Sem isto, só estamos sobrevivendo. E isso não é suficiente, não é?” Isabel olhou para o rapaz, que ainda estava confuso. Ela deu um tapinha na prateleira e começou a andar. “Nossa espécie não funciona na realidade. Funciona com histórias. Cidades são uma história. O dinheiro é uma

história. O espaço já foi uma história, um dia. Um rei nos conta uma história sobre quem somos e por que somos grandiosos, e essa história é suficiente para nos fazer ir matar pessoas que contam uma história diferente. Ou talvez as pessoas acabem matando esse rei porque não gostaram da história que ele contou e querem começar a contar algo diferente. Quando nosso planeta começou a morrer, nossa espécie estava tão ocupada com histórias. Tínhamos milhares de histórias sobre nós mesmos — isso ainda é verdade, não se esqueça —, mas não havia um número suficiente de nós encarando a realidade das coisas. Quando a realidade nos fez sentir seus efeitos e começamos a mudar nossas histórias para reconhecê-la, já era tarde demais.” Ela olhou em volta para todas aquelas luzes, todas aquelas memórias. “É fácil se lembrar dessa história aqui, na Frota. Toda vez que você toca uma antepara, toda vez que cuida de um jardim, toda vez que vê a água na sua cisterna baixar um pouco, você se lembra. Você conhece a história. Mas fora daqui, há uma história diferente. Um céu. Chão. Cidades, dinheiro, água que você dá como certa. Está entendendo?”

“Hã… Acho que sim.”

Isabel assentiu e continuou.

“Esses confortos não são coisas ruins por si só. Não há nada de errado em querer uma vida mais fácil. Os gaiaístas na Terra gostariam de nos convencer do contrário, mas eles estão morrendo de doenças que poderiam ser facilmente curadas e abandonando bebês imperfeitos no frio, então não acho que a tecnologia seja o vilão aqui. Os confortos que inventamos — ou que nossos vizinhos inventaram — podem *se tornar* negativos se você deixar de se perguntar quais são as possíveis consequências. Muitas pessoas aqui ignoram esse passo. Muitas — não todas, mas muitas — saem daqui ansiosas para mudar sua história. Não há mais um único planeta com recursos orgânicos. Existem milhares. Centenas de milhares. E se isso é verdade, você não precisa se preocupar tanto, certo? Não precisa ser tão cuidadoso. Use um até acabar e parta para o próximo. Os harmagianos eram assim, até o resto da galáxia se cansar dessa história. Eles mudaram. Aprenderam. E é por isso que a sociedade deles, dos aandriskanos, dos aeluonianos e de todos os outros — é por isso que ela é tão atraente para nós. Estamos chegando no final feliz deles, sem parar para pensar como eles chegaram lá. Queremos adotar sua história. E nós podemos, se quisermos. Mas eu me preocupo com aqueles que acreditam que adotar a história de outro significa abandonar a sua própria.” Ela se virou para o garoto. “É por *isso* que os cinemas continuam aqui, Kip. É por isso que mantemos os Arquivos, por isso que pintamos nossas mãos na parede. É para não esquecermos. Nós somos o nosso próprio aviso. É por isso que a Frota precisa continuar. Por isso que é *essencial* que ela continue. Sem nós aqui fora, os terrenos vão se esquecer em algumas gerações. Nós nos

tornaremos apenas outra história, uma que não parece muito relevante. Claro, nós destruímos a Terra, mas não vamos destruir *este* planeta. Não vamos envenenar *esta* água. Nós não vamos deixar *esta* invenção dar errado." Ela balançou a cabeça. "Somos uma espécie de longa data com uma memória muito curta. Se não fizermos registros, cometeremos os mesmos erros de novo e de novo. Acho que é positivo que a Frota esteja mudando, que nosso povo esteja se espalhando. Era isso que pretendíamos fazer. É o que nossa espécie sempre fez. Mas devemos nos lembrar." Ela olhou para Kip como se ele fosse um arquivo que precisava ser categorizado. "Quais são seus planos para o futuro? Você já escolheu uma profissão?"

Kip mudou o peso de pé.

"Vou embora da Frota."

Isabel esperou por algum detalhe. Nada.

"E fazer o quê?"

"Não sei."

"Para onde você vai?"

"Eu… Não sei ainda."

"Você vai para a universidade? Está procurando trabalho?"

"Não sei. Ainda não sei."

"Então por que você quer ir embora?", perguntou Isabel sem julgamento.

Kip deu de ombros, agitado.

"Eu só… preciso sair daqui."

"Por quê?"

Ela tinha esgotado a paciência do rapaz.

"Porque nada disso tem sentido!", Kip deixou escapar, enfim abandonando o tom permanentemente educado. "Sério, qual é o sentido de ficar aqui orbitando para sempre? Para a gente se lembrar das coisas? Por quê? Para quê? Para que a gente existe?"

"É uma ótima pergunta. Você acha que vai encontrar a resposta lá no chão?"

"É… é onde a gente deveria viver."

Isabel riu.

"Se seguir por esse caminho, onde é que essa lógica vai acabar? Com esse raciocínio de 'como a gente deveria viver', o que nós evoluímos para ser, você vai parar em 'caçando e coletando pelas planícies'. Talvez os gaiaístas estejam certos, e é assim que a gente *deveria* viver. Não sei. Mas se tudo tem que ter um sentido: qual é o sentido de caçar e coletar? Como isso é mais significativo do que a vida aqui?"

"Não estou falando de caçar e coletar, S."

"Ah, não? Por que não?"

"Porque…" Ele pensou. "Isso também não pode ser tudo."

“Então, o que você está me dizendo é que os humanos não *deveriam* estar fazendo uma coisa em especial, e que a gente pode escolher o tipo de vida que quiser. Mas isso não significa que alguma coisa tenha um sentido. Você acha que as pessoas nascidas no chão não se perguntam qual é o sentido da vida? Você acha que eles não sabem que suas cidades vão cair e suas casas vão apodrecer e que em algum momento o planeta deles será engolido pelo sol? Espaciais ou terrenos, estamos todos na mesma nave. Todos nós dependemos de sistemas frágeis com um milhão de peças interligadas que podem ser facilmente danificadas e um dia falharão. Sim, nós construímos a Frota. Ela não foi formada naturalmente como um planeta. Mas por que isso importa? A única diferença entre nossos respectivos ecossistemas são escala e origem. Tirando isso, o princípio é o mesmo.” Ela o estudou. “Você já viu algum dos Arquivos dos primeiros dias de voos espaciais tripulados?”

“Não.”

“Eu ficaria surpresa se você tivesse. É arcaico, e as traduções para ensk não são das melhores.” Mais um projeto para fazer algumi futuri arquivista feliz, pensou ela. “Você sabe por que as pessoas — por que os humanos começaram a se aventurar no espaço? Ah, havia muito de uma performance militar, sem dúvida, mas os mais envolvidos com a ideia, aqueles que não suportavam *não* tentar — eles achavam que encontrariam respostas ali. Eles disseram: ei, nós não temos o contexto certo. Precisamos de uma amostra maior que um planeta solitário se quisermos entender isso. E, em muitos sentidos, eles estavam certos. Encontramos outras pessoas no espaço, então essa pergunta foi respondida. Descobrimos que a vida não é rara. Aprendemos muito mais sobre como os planetas funcionam e como a física funciona, e a tecnologia que temos hoje em dia teria parecido incrível para eles. Nós entendemos a galáxia de uma forma que jamais teríamos entendido se não tivéssemos partido. Mas a grande questão — a questão fundamental — bem, essa ainda está em discussão. *Por quê*? Qual é o *sentido*? Kip, não existe uma espécie sapiente, viva ou morta, que não tenha sofrido com ela. Isso nos assusta. Nos deixa em pânico, assim como você está em pânico agora. Então, se a falta de sentido é o que está incomodando você, se está fazendo você querer chutar as paredes e arrancar os cabelos, bem, bem-vindo ao clube.”

“Mas…”

Isabel ergueu a palma da mão.

“Seus antepassados pensaram que responderiam à grande pergunta no espaço. Agora, aqui está você, bem onde eles queriam ir, olhando para os planetas, tentando responder a mesma coisa. Você não vai conseguir. Você precisa reformular essa frustração. Se o que você está me dizendo é que não vê uma vida para si mesmo aqui, que o tipo de trabalho que você quer fazer ou as experiências

que você quer ter não estão disponíveis na Frota, então, claro, vá em frente. Mas se a única razão pela qual quer ir embora é porque está procurando um sentido, você vai acabar infeliz. Você vai passar o resto da vida sofrendo por isso."

Kip parecia perdido, mas um perdido completamente diferente do de momentos antes.

"Eu não faço ideia de que tipo de vida eu quero", disse ele por fim. "Não sei o que quero fazer." Ele ficou quieto, o brilho azul dos nodos de dados destacando seu rosto.

Estrelas, ele era jovem. Tinha tanto pela frente.

"O que você gosta de fazer?", perguntou Isabel. "O que lhe interessa?"

Kip deu uma risada oca.

"Nada."

"Deve haver alguma coisa. O que você faz com o seu dia?"

"Nada importante. Simulações, vids, escola."

Isabel deixou passar aquela implicação de que a escola não era importante.

"Estágio?"

O suspiro mais pesado do mundo escapou dos lábios do rapaz.

"Sim."

"E nada conquistou seu interesse?"

"Nada."

"E você acha que algo em outro lugar pode fazer isso?"

Ele olhou para ela como se isso fosse óbvio.

"Por que mais as pessoas iriam embora e não voltariam?"

"Mais uma vez, é uma boa pergunta. Você está esperando algo interessante, então. Algo que parece fazer sentido."

"É." Kip olhou para ela. "O que você acha que eu deveria fazer?"

"Ah, eu não posso responder isso por você", disse Isabel. "Só posso dizer o que eu *quero* que você faça, e isso é baseado na minha impressão superficial de quem você é e como eu gostaria que sua história se desenrolasse. Você não pode fazer nada com isso. Você é o único que pode pensar no que *deveria* fazer."

"Ok", disse Kip. "Então o que *você* quer que eu faça?"

Isabel fez uma pausa.

"Só vou responder se você entender que quando uma pessoa lhe diz o que ela quer de você, não está decidindo por você. É a opinião dela, não a sua verdade. Certo?"

"Certo."

"Está bem." Isabel não precisou pensar no que ia dizer a seguir. Estava querendo dizer isso desde o momento em que começaram a cavar uma cova juntos. A passos firmes, ela começou a sair da câmara por onde tinham entrado.

“Eu quero que você se torne meu aprendiz.”

Ela praticamente podia ouvir o garoto piscar, chocado.

“O quê?”

“Não um estágio. Mas um aprendiz. Com listras e tudo.”

“Hã.” Kip se apressou e começou a caminhar ao seu lado. “Por quê?”

“Por causa do que você fez por Sawyer.”

“O que isso…”

“Tem a ver? Responda você. Por que não foi suficiente para você simplesmente relatar o que ouviu para os patrulheiros e deixar tudo nas mãos deles?”

“Eu… eu não…”

“Sim, você sabe”, disse Isabel com firmeza. “Por quê?”

“É só que… aquilo me incomodou.”

“Ele ficar sozinho.”

“Isso.”

“Ele ser descartado. E não receber um funeral de verdade.”

“Isso.”

“Mas você não foi só lá prestar seus respeitos. Você não foi um espectador passivo. Você carregou o corpo dele. Leu a Litania aos Mortos. Você se importa com os nossos costumes, Kip, mesmo que ache que não. A ideia daquela tradição não ser cumprida o deixou tão abalado que você precisou praticá-la você mesmo. E isso — esse é o tipo de amor que o Arquivo precisa. Nós não vamos sobreviver sem ele.” Ela organizou seus pensamentos. “Eu sei que, neste momento, você odeia este lugar. Não estou subestimando isso. É por isso que não quero que você seja meu aprendiz *agora*.”

Kip era a cara da confusão.

“S., me desculpe, mas eu… realmente não estou entendendo.”

Isabel sorriu.

“Quero que você saia da Frota, Kip. Por um tempo. Se decidir ficar onde quer que acabe, que assim seja. Mas você não pode se tornar meu aprendiz até ver o que existe por aí.”

“Eu não…” Kip balançou a cabeça. “Você não me conhece, S. Não me conhece mesmo. Eu seria péssimo trabalhando aqui. Não sou inteligente.”

“O que faz você dizer isso?”

“Eu… *não sou*. Sou péssimo na escola e…”

“Quanto você tirou no seu exame de admissão?”

“Tirei 803.”

Não era incrível, é verdade, mas também estava longe de indicar que não era inteligente.

“É uma pontuação bastante decente, Kip. Com ela você pode entrar em qualquer instituição, menos as de Nível 1.”

“Mas foi por pouco. Me matei de estudar e o máximo que consegui foi bastante decente. Não sou que nem…” Ele franziu a testa. “Que nem essas pessoas que só tiram nota boa.”

Isabel deu um único aceno de cabeça.

“Ótimo! Estrelas, a última coisa que quero é um geniozinho arrogante que nunca teve que se esforçar. Prefiro alguém que queira e precise trabalhar para alcançar isso.”

“Mas não sei se eu quero trabalhar aqui, S. Não sei, nunca pensei nisso.”

“Não existe nada em que você *queira* trabalhar, então ter pelo menos uma opção não pode ser ruim, não?”

“Mas então… por que eu precisaria ir embora primeiro?”

“É bem simples. Se você nunca for embora, sempre vai ficar com essa dúvida. Vai se perguntar como sua vida poderia ter sido, se tomou a decisão certa. Aliás, não. Você *sempre* vai se perguntar se fez a coisa certa, independente da escolha que fizer, grande ou pequena. Há sempre um caminho não percorrido sobre o qual a gente fica se perguntando. Mas esse ficar se perguntando como teria sido é menos enlouquecedor se você pelo menos souber um pouco como o outro caminho seria. Então, vá. Vá para Hashkath. Vá para Coriol. Vá para a Terra, até. Vá aonde quiser. E talvez você descubra que a vida lá fora é boa, é para você. Talvez encontre essa coisa que está faltando. Talvez não. O que você *vai* encontrar, sem dúvida, é um pouco de perspectiva. O que esse novo ponto de vista vai trazer, não tenho ideia. Mas você vai encontrar. Senão, você vai passar o resto da vida pensando nas pessoas de maneira abstrata. É um veneno, pensar que só existe a sua maneira de viver. A única forma de apreciar o seu modo de vida é compará-lo ao de outras pessoas. Descubra o que você ama, especificamente. Em detalhes. Descubra o que você deseja preservar. Descubra o que você quer mudar. Caso contrário, não é amor. É só um apego ao familiar — ao confortável — e isso é uma coisa perigosa para nós que pensamos a curto prazo. Se você decidir ficar, fique porque quis, porque você encontrou algo que vale a pena representar, porque você acredita nisso. Senão… bem, não faz sentido continuar aqui, faz? É melhor todo mundo ir embora, nesse caso.” Ela apertou o botão para chamar o elevador. “Vá descobrir como é ser o alienígena. Experimente algumas comidas estranhas. Durma em algum lugar desconfortável. Então, *se* você voltar, e *se* quiser se tornar meu aprendiz, quero que você me olhe nos olhos e diga exatamente por quê.”

Kip franziu a testa.

“Eu não sei, S. Isso tudo não é nada simples.”

“Claro que não!” O elevador chegou, e ela entrou. “Eu não ia querer nada com você se achasse que é.”

tessa

A cena em casa era a última coisa que esperava ver. Em vez de roupas jogadas e brinquedos largados, encontrou apenas o pai sentado no sofá da sala de estar arrumada, uma garrafa de chute e dois copos vazios na mesa. Ele a estivera esperando, os cotovelos nas coxas, as mãos juntas entre os joelhos. Sorriu quando ela entrou.

Seu pai pegou a garrafa.

"Não fique com medo de acordar as crianças. Vão dormir aqui do lado hoje. Já faz um tempo desde a última vez que a casa teve apenas adultos, não é? Desde que Aya nasceu." Ele examinou o rótulo. Estreitou os olhos, segurando-a diante de si, depois aproximou-a, então afastou-a, tentando encontrar o ponto que mais se encaixava em seus olhos. "Sabe, eles não fazem mais isto aqui." Virou a garrafa para ela ver: uma anchova, saltando em direção às estrelas. "Amigo do Fazendeiro", disse ele. "Costumavam usar as frutas que não eram boas o suficiente para irem para as lojas. Pararam de produzir depois que S. Nazari morreu — deve fazer… bem, vamos ver… acho que quarenta e poucos anos. Era ela quem fazia. Um doce de velhinha, sempre gentil comigo e com meu irmão. Sempre que íamos negociar com ela, S. Nazari nos entregava um monte de frutas ou algo assim depois que a troca era feita. E nós sempre dizíamos 'Poxa, S., nós não demos o suficiente para isso, aqui, pegue algumas fichas extras'. Mas ela sempre dizia que não, de jeito nenhum, e que éramos seus clientes favoritos. Acho que ela dizia isso para todo mundo, mas fazia você sentir que era verdade. Depois que ela morreu, bem, nenhum dos filhos gostava muito de trabalhar com isso, então o coice foi com ela."

Tessa se sentou, a nuca arrepiada, o estômago inquieto. Tinha sentido a conversa com George no estômago o caminho todo até em casa, e a incerteza adicional de onde quer que aquela conversa estivesse levando a deixou… não com medo, exatamente. Mas o tempo pareceu desacelerar e ela se sentia *acordada.*

Presente. Havia uma gravidade em torno da mesa. Gravidade real, não a artificial conjurada no chão.

"Eu me lembro do rótulo", disse ela. Uma memória antiga veio à tona. "Você guardava algumas garrafas naquela prateleira, ali", ela apontou. Não havia garrafas lá agora, apenas latas de sementes e alguns componentes eletrônicos.

Seu pai assentiu. "Para diversão e companhia", disse ele, servindo dois dedos generosos nos copos. "Era o que sua mãe sempre dizia. E você e seu irmão não deveriam tocar naquela prateleira. Mas vocês fizeram exatamente isso uma vez."

"Ai, estrelas." Tessa riu. "Ah, não. Eu tinha me esquecido."

"Quando sua mãe e eu saímos para uma pequena viagem de compras…"

"O ônibus quebrou algumas horas depois e vocês voltaram para casa mais cedo."

"Sim, chegamos em casa e os dois idiotas estavam vomitando em um cobertor."

"Ei, isso foi Ashby, não eu. Eu encontrei uma pia."

Seu pai lançou um olhar que dizia que essa distinção não importava nem um pouco.

"Dois adolescentes idiotas que não sabiam se comportar."

"Ainda acho que passar o dia seguinte inteiro tocando tecnomax foi uma babaquice." Um volume de estourar os tímpanos, por horas e horas. Ela sentiu um eco de náusea só de lembrar.

Seu pai riu com vontade.

"Isso foi ideia da sua mãe, e vocês mereceram cada segundo. Aqui." Ele entregou-lhe um copo. "Para adultos."

Eles brindaram e bebericaram. O coice era forte, mas quando ela aceitou o sabor, sentiu-se mais aquecida. Ela não se lembrava do gosto — não se lembrava de muita coisa daquela noite de adolescente, honestamente —, porém, de alguma maneira, o sabor fez com que ela se sentisse em casa.

"Ahhhh", disse seu pai. "Estrelas, isso é divertido." Ele tomou outro gole. "Você gosta?"

"Gosto", respondeu Tessa, dizendo a verdade. Ela olhou para a garrafa. "Está pela metade."

"Verdade."

"Nunca vi você beber isso."

"Eu estava guardando. Não sabia se ia beber mais um dia."

Tessa esperou pacientemente. Seu pai nem sempre fazia muito sentido na primeira tentativa.

"Eu abri esta garrafa pela primeira vez", começou ele, "quando seu irmão me disse que precisava conversar comigo." Ele encontrou os olhos dela por cima do copo brevemente. "Já faz muitos anos agora."

Ninguém disse nada por um momento.

"Você guardou a outra metade para mim", disse Tessa baixinho.

"Isso." Seu pai esvaziou o copo e soltou um suspiro de prazer. "Só por precaução. Não achei que ia pegar a garrafa de novo, mas — bem, nossos filhos sabem surpreender a gente."

Tessa olhou para o próprio copo, que segurava no colo com as duas mãos. Ela assistiu aos sedimentos flutuarem e girarem no coice de décadas de idade. Ela ergueu o copo e tomou tudo de uma vez.

"Ainda não nos decidimos."

Ele encheu ambos os copos.

"Aham", disse ele. Ele deixou a garrafa aberta. "George está conversando com os pais agora?"

"Está."

"Então está decidido entre vocês."

Tessa balançou a cabeça. Não podia acreditar que estavam tendo aquela conversa. Não podia acreditar em nada daquilo.

"Eu não sei."

"Você não sabe… o quê? Em que pé vocês ficaram?"

"Não, eu… não sei. Não sei como ter esta conversa."

Seu pai tomou um gole e suspirou, como tinha feito em todos os goles antes.

"Eu costumo botar uma palavra atrás da outra."

"Eu, ele e as crianças… nossa família não somos só nós."

"Obviamente."

"E não podemos fazer isto sem falar com todo mundo."

"Defina 'isto', Tessa. Se você não consegue nem dizer, então não deveria estar fazendo."

Ela forçou as palavras a saírem. "Estamos pensando em nos mudarmos para o chão." Pronto. Estavam no ar agora, em algum lugar entre a traição e o alívio.

Seu pai apenas assentiu.

"Colônias?"

"Sim."

"Bom. É um trabalho duro, mas o trabalho duro é bom para o caráter. Mantém a cabeça no lugar."

Ela esperou que ele dissesse mais. Que ficasse com raiva, que a ridicularizasse, listasse todas as razões pelas quais a ideia era idiota, que fosse a confirmação externa de toda a culpa e medo que Tessa sentia por dentro.

Ele não fez isso.

"Você não tem mais nada a dizer?", perguntou Tessa, incrédula.

“O que mais você quer que eu diga? Que não me importo? Claro que me importo. Vou morrer de saudade de você e das crianças. Ou você quer que eu fique furioso e diga que não, de jeito nenhum, você não está saindo de casa. Essas merdas não funcionavam quando você era adolescente, com certeza não vão funcionar agora.” Ele riu. “Você é bem grandinha, já. Sabe o que faz. O que quer que decida, não vou me opor. Estou velho demais para tomar grandes decisões. Já tive que tomar muitas.”

“Mas…” Ela se desesperou, tentando encontrar o gatilho para a reação que ela esperava. “Mas e se…”

“Você sabe que *eu* não vou, garota. Posso ir visitar. Mas não vou a lugar nenhum.” Ele estendeu o braço por cima da mesa e deu um tapinha em sua mão. “Não precisa se preocupar comigo. Tenho um bom hexa e os melhores amigos que uma pessoa poderia pedir.” Ele abriu um sorriso preocupantemente satisfeito. “Sabe Lupe, do bairro quatro?”

Uma imagem apareceu na mente de Tessa: uma mulher franzina de cabelos brancos, discutindo com o filho atrás do balcão da loja de sementes. Uma das companheiras de almoço de seu pai.

“Sei.”

Seu pai respondeu com um movimento sugestivo das sobrancelhas.

A ficha caiu e Tessa recuou com nojo.

“Argh, pai, não preciso saber dessas coisas.”

“Não é nada sério”, disse ele, saboreando seu desconforto. “Só uma diversão casual…”

“Pai. Eu não. Preciso. Saber.”

Seu pai riu e serviu-lhes mais bebida.

“Aqui, tenho outra coisa para mostrar a você.” Ele pegou seu scrib do coldre, gesticulou para a tela e o deslizou por cima da mesa.

S. Santoso,

Esta é uma confirmação para a instalação do seu implante ocular no próximo segundo dia.

Por favor, chegue à clínica às 10:00.

Gostaria de dizer que estou muito feliz por você ter tomado essa decisão. Acho que ficará satisfeito com os resultados.

Dr. Koraltan

“Viu”, disse seu pai, levando o copo à boca. “Não precisa se preocupar comigo.” Ele tomou um gole e suspirou alto. “Mas você vai ter que me repassar os créditos.”

Tessa realmente não sabia o que dizer.

Seu pai fitou a parede com as mãos pintadas, que chegavam do chão ao teto.

“Sabe, meu bisavô… Não convivi com ele por muito tempo, mas eu o conheci.”

Tessa já sabia disso, mas não interrompeu.

“Ele se lembrava do contato”, disse seu pai. “Ele me contou várias vezes sobre o dia em que os aeluonianos chegaram. Vivia tentando me convencer a ir embora. ‘Vá ver o universo, garoto’, ele dizia. ‘É isso que deveríamos estar fazendo.’ Eu passei a me perguntar, quando fiquei mais velho, por que *ele* não ia, se pensava assim. Achei que talvez ele tivesse medo ou já estivesse muito acostumado com a sua vida. Mas agora acho que é porque ele sabia que não era para ele. Alguns de nós precisam ir embora, sim. Mas alguns de nós precisam ficar e expulsar os outros. Senão…” Ele coçou o queixo. “Senão, tudo o que conhecemos fica no mesmo lugar. Meu bisavô estava certo. É para a gente ir. Mas também é para a gente ficar. Tanto um quanto o outro. Não é mais tudo ou nada. Estamos em toda parte. Isso é melhor, eu acho. Mais inteligente.” Ele assentiu. “É assim que vamos sobreviver, mesmo que nem todos consigam.” Ele olhou para cima. “Você vai se sair muito bem lá fora. Eu sei que vai.”

O primeiro instinto de Tessa foi protestar. Eles ainda não tinham decidido, e aqui estava ele, falando como se já estivesse tudo certo. Mas ela olhou de novo para a garrafa, metade do coice guardado por sua causa, uma oferta a um futuro para o qual seu pai havia se preparado por décadas antes de ela sequer considerá-lo. Tessa fechou os olhos por um momento. Levantou-se da cadeira, sentou-se no chão e apoiou a cabeça na perna do pai, como fazia quando era pequena, quando ele era gigantesco e bonito e sabia tudo. Ele repousou a palma da mão em seus cachos, e ela fechou os olhos.

“Eu te amo, pai.”

“Também te amo, filha.”

Parte 7

E DETERMINAÇÃO SEM FIM

Fonte: Instituto Reskit de Migração Interestelar (Canal de Notícias)
Nome do item: O Êxodo Moderno — Parte 20
Autora: Ghuh'loloan Mok Chutp
Criptografia: 0
Tradução: [Hanto:Kliptorigan]
Transcrição: 0
Nodo de identificação: 2310-483-38, Isabel Itoh

[Mensagem do sistema: O canal selecionado foi traduzido do hanto escrito. Como você deve saber, o hanto escrito inclui anotações gestuais que não têm símbolos análogos em nenhuma outra linguagem da CG. Portanto, o programa de tradução de seu scrib não traduziu diretamente o material a seguir. Trata-se de uma tradução modificada, que visa ser acessível ao leitor médio de kliptorigan.]

Quando seu planeta não podia mais sustentá-los, os humanos em declínio desmantelaram suas cidades. Puseram abaixo as torres brilhantes de vidro e metal, viga por viga, parafuso por parafuso. Partes foram reaproveitadas, mas a maioria dos materiais foi derretida em fundições insalubres construídas às pressas em terras áridas. Os humanos que fizeram isso sabiam que não viveriam para ver o resultado de seus esforços. Suas vidas eram quase sempre encurtadas pela fome e por doenças, mas mesmo que tivessem sido tão saudáveis quanto seus ancestrais, o trabalho era demais para uma única geração. Os catadores abriram caminho para os construtores, que derramaram e soldaram pelo futuro dos filhos que provavelmente não viveriam para ver crescidos. O resultado de seu trabalho foi lançado em órbita, trinta e duas naves, cada uma delas uma cidade.

"Uma cidade feita de cidades", disse minha anfitriã em nosso primeiro dia. "Nós levamos nossas ruínas conosco."

Não paro de pensar nisso agora que voltei para minha própria cidade adotiva, Reskit. Vejo este amplo triunfo arquitetônico e não consigo imaginar um Hashkath onde ela não exista. Não consigo imaginar como era esta terra quando os

aandriskanos chegaram. Não consigo imaginar sua aparência depois que eles — e eu — sumirmos.

Por mais estranho que seja estar de volta, retomei meus hábitos sem grande dificuldade. Senti falta da duração dos dias de Hashkath, do calor de um sol mais brilhante. Aprecio o céu aberto como jamais antes, e nunca mais vou reclamar de dias em que o vento está forte demais. Passei uma tarde inteira nadando no Parque Aquático Ram Tumma'ton e, em determinado momento, não pude deixar de cantar de alegria.

No entanto, embora esteja longe de Risheth, eu trouxe a Frota comigo. Não há lugar aonde eu vá ou atividade que eu faça sem pensar nela. Não consigo olhar um jardim sem pensar em como o deles é diferente, nem posso assistir a um pôr do sol sem pensar nos ritmos imitando seu sol abandonado.

A "noite" na Frota é um fenômeno curioso. Lá está um povo que nunca viveu em um planeta — em alguns casos, jamais *visitou* um planeta —, mas ainda segue uma versão artificial da passagem de um dia. Já vi esse arranjo ambiental dentro de naves que fazem longas viagens pertencentes a diversas espécies, mas nesses casos as tripulações eram no mínimo familiarizadas com a vida no chão. A única geração de exodonianos que de fato precisaria de um ambiente semelhante à Terra foi a primeira. Essa era a geração que precisava de uma noite, de gravidade, cujos humores teriam se beneficiado de estarem cercados de vida vegetal em vez de apenas metal frio. E sim, a intenção original da Frota era encontrar um lar em um novo planeta, e eles acreditavam que sua progênie se adaptaria melhor a ele se já estivessem acostumados às normas planetárias. Nesse contexto, a aderência exodoniana aos padrões da Terra é bastante lógica.

Mas imaginem a alternativa. Imaginem se os construtores lá da Terra soubessem que seus descendentes escolheriam permanecer no espaço, que essa vida transitória os satisfaria mesmo quando o chão estivesse ao seu alcance. Como seria a espécie humana hoje em dia? A evolução é muitas vezes vista como um processo glacial, mas sabemos por inúmeros exemplos que isso nem sempre é verdade. Mudanças ambientais rápidas podem levar a mudanças físicas rápidas. E se os primeiros exodonianos tivessem deixado seus jardins ornamentais para trás? E se suas luzes não escurecessem? E se tivessem construído casas projetadas para a gravidade zero em vez de centrífugas gigantescas cheias de objetos soltos?

A primeira geração teria sido infeliz, sem dúvida. Problemas de saúde, tanto mentais quanto físicos, teriam sido frequentes, ainda mais quando associados ao estresse inimaginável de abandonar seu planeta pelo desconhecido. Mas e a segunda geração? E a terceira, a quarta, a décima? É possível — provável, até — que meus amigos exodonianos parecessem bem diferentes hoje. Atualmente, existem poucas diferenças físicas nos seres humanos modernos em função da

região. As populações solárias estabelecidas há séculos nos Planetas Periféricos longe do sol são distintamente pálidas. Exodonianos, marcianos e moradores das colônias independentes podem, às vezes, identificar as origens uns dos outros (ainda não compreendi essas nuances). Então, imagine um povo exodoniano que vivesse sem gravidade, sem uma escuridão programada. Acho muito provável que nesse caso observaríamos mudanças hereditárias na massa óssea, no processo digestivo e na estrutura do olho. Estaríamos testemunhando os primeiros dias de uma nova espécie. Em vez disso, temos seres humanos espaciais que ficam irritadiços se o mau funcionamento das luzes ambientais prolonga o dia ou a noite além de seu tempo. Eles amam seus jardins, mesmo que não tenham visto plantas silvestres. O caos irrompe se a gravidade artificial falhar.

Devo salientar, caríssimos convidados, que não vejo a ideia dos exodonianos como espécie separada como uma oportunidade perdida — apenas um intrigante caminho não percorrido. Eu mesma estou presa às escolhas de gerações passadas. Preciso me borrifar com frequência porque minha pele ainda requer uma imitação da brisa marítima constante sob a qual meu povo não vive desde os tempos primitivos. Não sou capaz de digerir a ampla variedade de gêneros alimentícios que outros sapientes consomem, embora os harmagianos tenham convivido com essas iguarias há séculos. Apesar de todas as viagens da minha espécie, nossa pele não endureceu e nossos estômagos não se fortaleceram. Nós também trouxemos nosso planeta conosco. E assim também fizeram os exodonianos, um povo que se recusa a abandonar um ambiente inspirado por um planeta que, para a maioria, poderia muito bem ser um mito.

Os humanos nunca deixarão a floresta, assim como os harmagianos nunca deixarão a praia.

eyas, meio padrão depois

Todo quarto dia, ela revisava seus planos de aula e praticava suas explicações. Todo quinto, ia à sala de aula livre que reservara na escola técnica, onde por ela esperavam, apenas os outros instrutores — as outras pessoas a quem ela *pedira* que fizessem isso. Os quintos tinham passado a ser os dias mais deprimentes dos dez. Mesmo contando seu trabalho normal.

Ela desceu da cápsula de transporte e, enquanto caminhava pela praça, fez a preparação necessária para manter as expectativas baixas. *Não vai ter ninguém lá*, disse a si mesma. Talvez ninguém jamais aparecesse. Dez decanas, ela dissera aos vários voluntários. Se tentassem por dez decanas e ninguém aparecesse, eles desistiriam. Bem, aquela era a nona, e isso significava que Eyas só tinha que ficar sentada em uma sala de aula vazia por mais dois dias massacrantes antes de poder voltar para sua vida e esquecer toda aquela ideia. Ia só esquecer…

Ficou intrigada ao ver Sunny sair da escola às pressas e atravessar a praça em sua direção. Ele parou a poucos metros dela, ansioso como um rapaz que voou em um ônibus espacial pela primeira vez.

"Tem *gente* na sala", disse ele.

Eyas ficou de queixo caído.

"O quê? Mentira. Sério?" Ela correu pelo caminho de onde ele tinha vindo. "Quantas pessoas?"

"Três."

"Você está falando sério?"

"Seríssimo. Acho que aqueles pôsteres de pixels que Amad continua colocando nas docas funcionaram."

Eyas tentou se acalmar enquanto entravam na escola e seguiam pelo corredor. Três pessoas! Não era muito, mas era um começo. Até que enfim, *até que enfim*, um começo.

“Ah, não”, disse ela. Ela parou antes de acionarem a porta da sala de aula.

“Tudo bem?”

Eyas fez uma pausa.

“Nunca tivemos pessoas antes.”

Sunny riu.

“Você está com medo?”

Ela deu um tapa brincalhão no braço dele.

“Claro que não. Só…” Ela respirou fundo. Ele apertou o ombro dela. “Ok. Pessoas.”

A porta se abriu e, de fato, lá estavam eles: uma mulher jovem, um homem de meia-idade e… Ela se virou e, secretamente, lançou a Sunny um olhar surpreso. Uma aeluoniana.

Sunny ergueu as sobrancelhas e deu um aceno de *sim, eu sei*.

Os outros instrutores se voltaram para olhá-la, todos tão empolgados quanto ela. Eyas respirou fundo e caminhou até a estação do professor na frente da sala. Os outros estavam sentados nas cadeiras ao seu lado, como haviam praticado.

“Olá a todos”, disse Eyas aos participantes. “Muito obrigada por virem à nossa oficina.” Ela apontou para os voluntários ali reunidos. “Somos o Coletivo de Ensino da Cultura Exodoniana.” Ela fez uma pequena pausa, em parte esperando que pelo menos um dos participantes percebesse que estava no lugar errado e saísse. Ninguém fez isso. Ela sorriu. “Certo. Então.” Aquilo era mais difícil do que ela havia antecipado. No Centro, havia Litanias e tradições, cerimônias a serem seguidas. Ela tinha planejado a aula, claro, mas isso não mudava o fato de que tinha tirado tudo aquilo da sua cabeça, ainda estava tirando. Ela olhou para Sunny. Ele piscou. Eyas se acalmou. “Esta oficina dura o dia inteiro, mas se precisarem sair a qualquer momento, fiquem à vontade. Esperamos dividir a oficina em turmas um dia — e também em turmas mais avançadas —, mas somos novos nisto e também estamos aprendendo, então, por enquanto, estaremos todos aqui juntos.” Ela fez uma pausa. A presença de uma alienígena a levou a pensar em algo que deveria ter considerado antes. “Todos aqui falam ensk?”

O homem de meia-idade assentiu. A aeluoniana abanou a mão. “Sim”, disse a jovem com um sotaque carregado das margens. “Mas não muito bom.”

Eyas mudou as engrenagens linguísticas.

“*Klip remmet goigagan*?”

Todos assentiram, inclusive a aeluoniana. Ela claramente tinha convivido com humanos. Eyas virou-se para a fileira de instrutores. “Tudo bem por vocês?”, perguntou ela em ensk.

“Não falo tão bem assim”, disse Jacira. Ela era mais velha, talvez na casa dos cinquenta anos.

“Sem problemas”, disse Eyas. “Pode falar em ensk e um de nós traduz.” Ela voltou a falar klip. “Melhor assim? Ótimo. Nosso objetivo aqui hoje é dar a vocês um bom ponto de partida para encontrar os recursos e a ajuda de que precisam para começar uma vida na Frota. Vamos cobrir uma enorme variedade de temas e serviços, e mesmo assim muitos não serão abordados por falta de tempo. Não estamos aqui para ensinar tudo, mas nossa esperança é que vocês saiam daqui hoje sabendo como encontrar as respostas certas. Deixem-me apresentar seus instrutores. Vocês não estarão familiarizados com algumas dessas profissões. Outras vocês conhecem, mas eles vieram aqui conversar sobre algumas das diferenças entre a nossa maneira de fazer as coisas e a forma com a qual vocês podem estar acostumados. Vou começar por mim e nós continuamos daí. Meu nome é Eyas. Sou uma cuidadora dos mortos. Realizo os ritos funerários e… bem, explicarei os detalhes depois.” Ela se virou para os outros voluntários. “Vamos nos concentrar nos vivos por enquanto, que tal?”

“Oi, eu me chamo Ayodeji”, disse o primeiro. “Sou médico em uma clínica vizinha. Responderei a suas perguntas sobre cuidados médicos básicos.”

“Oi, meu nome é Tohu. Piloto um catamarã. Hoje vim explicar como funciona o transporte por aqui, tanto dentro de uma nave residencial quanto entre elas.”

“Eu sou Jacira. Trabalho na criação de insetos e falarei sobre as lojas de alimentos e o gerenciamento de água.”

“Oi, eu sou Sunny.” Ele sorriu com toda a confiança do mundo. “Sou um profissional do sexo e vim aqui explicar aonde ir se vocês quiserem molhar o biscoito.”

A jovem ficou olhando, chocada. O homem riu. A aeluoniana olhou para ele, sem entender qual era a graça.

Os instrutores continuaram as apresentações — uma artista de mural, um técnico mecânico, uma comerciante que só fazia trocas — até que não houvesse mais ninguém. Eyas se virou para a turma. “Agora, gostaria que vocês três se apresentassem também. Quem são vocês, de onde vêm e o que os trouxe aqui?”

Os alunos ficaram em silêncio por um momento, como costumam fazer os grupos de estranhos. O homem falou primeiro.

“Eu sou Bruno”, disse ele. “Sou um espacial. Originalmente da Estação de Júpiter, mas isso foi há muito tempo. Transporto carga — gêneros alimentícios, na maioria das vezes. A Frota tem sido uma das minhas paradas há seis padrões agora, e estou pensando em parar com as viagens. Gosto das pessoas aqui, mas… não tenho certeza ainda.” Ele gesticulou para os instrutores. “Eu estava esperando que talvez vocês pudessem me dar uma ideia melhor do que eu encontraria por aqui.”

Eyas sorriu.

“Vamos tentar.”

“Eu sou Lam”, apresentou-se a aeluoniana. “Tenho certeza de que vocês não estavam me esperando.”

A sala toda riu.

“Não exatamente”, disse Eyas em tom gentil.

“Sou do Sohep Frie e sou comerciante de produtos têxteis”, disse Lam. “Não vou me mudar para cá, mas gostaria de entender melhor os exodonianos com os quais trabalho. Eles fazem um esforço tão grande para me deixar confortável. Gostaria de poder fazer o mesmo.”

Eyas não tinha pensado que outras espécies poderiam se interessar por um curso sobre a cultura exodoniana. Seria algo para adicionar à descrição da oficina, ela supôs. Pelo canto do olho, viu Amad, que criara os pôsteres, já fazendo uma anotação em seu scrib.

“Isso é maravilhoso”, disse Eyas. “Estamos muito felizes em tê-la aqui.” Ela olhou para a mulher. “E você?”

A jovem engoliu em seco. Eyas percebeu que ela era tímida.

“Eu sou Anna”, disse ela. “Eu não… Acho que… Não sei. Acho que estou tentando algo novo.”

Não havia uma única palavra abrangente para tudo o que Eyas sentiu. Aflição. Afeto. Dor. Clareza. Pensou no topo do cilindro, uma cova vazia em particular que ela já havia enchido com alguns pedaços de bambu. Pensou nos recipientes que tinham se sacudido em seu carrinho algumas decanas depois. Pensou na terra, escura e sem forma, e nos brotos, tenros e novos.

Por que agora? , Sunny tinha perguntado sobre sua profissão, antes de lhe dar a resposta que ela sempre teve: *porque você ama fazer isso e é a nossa tradição, e isso é razão suficiente*. Não havia conta, lógica ou qualquer medida de eficiência por trás disso. Não precisava haver. Se *tentar algo novo* era válido, então *preservar algo antigo* também. Não, aquela não era a mesma Frota de seus antepassados. Sim, as coisas mudaram e continuariam mudando. A vida significava morte, sempre. Mas, da mesma maneira, a morte significava vida. Enquanto as pessoas continuassem escolhendo *esta* vida, Eyas planejava estar lá — pelo tempo que pudesse —, guiando-as pelos dois lados da equação.

Eyas olhou Anna nos olhos. Ela sorriu e disse o que deveria ter dito na primeira vez que ouviu um terreno falar essas palavras.

“Bem-vinda. Quaisquer que sejam as suas perguntas, será um prazer ajudar.”

kip, um padrão depois

Desde que chegara a Kaathet, Kip tinha encontrado tantas coisas que nunca havia visto antes que a frase “nunca vi nada assim antes” quase não era mais algo digno de ser dito. Tudo era diferente do que ele conhecia, a comida, as multidões, e com certeza a escola, que era o completo oposto da escola em casa porque *tudo* era divertido e interessante (e isso era um problema inédito, porque tudo era tão bom que ele não sabia o que escolher estudar). Dizer “nunca vi nada assim antes” seria como dizer “hoje levantei da cama”.

Dito isso: ele nunca tinha visto nada como o Museu Osskerit, um dos maiores repositórios de artefatos arkânicos da CG. O interior do prédio tinha sido decorado para parecer um dos seus grandes templos há muito desaparecidos — ou, pelo menos, como imaginavam que eles seriam. Era difícil ter muitas certezas sobre uma espécie sapiente que havia sido extinta muito antes de qualquer uma das outras presentes nascerem. Mas se seus edifícios fossem remotamente parecidos com o Osskerit, os arkanis eram muito impressionantes. Tudo, dentro e fora, era feito de retas e superfícies reflexivas, com fractais reluzentes. O efeito visual era quase violento, e não era um lugar onde Kip gostaria de viver. Mas achava impressionante mesmo assim.

“Ei, vejam só isso!”, disse Tuumuu. O corpo da laruana estava de frente para um dos artefatos, mas seu pescoço comprido contornava a perna dianteira para que ela pudesse encarar os outros. Kip ainda estava se acostumando com isso. Também ainda estava se acostumando a ter conversas inteiras em klip o dia todo, todos os dias, mas estava melhorando. Ele usava um tradutor para preencher as lacunas.

O resto do grupo se aproximou de Tuumuu, e Kip deixou de lado os fósseis que estivera olhando para ir também. Eram inseparáveis, os cinco, todos alunos do primeiro ano, todos de outros lugares da galáxia, todos da turma de Introdução à História das Civilizações Galácticas. Todos vinham de *algum outro lugar*, e

embora os estudantes nativos na escola de Kaathet Rakas fossem amigáveis (em sua maioria), de alguma forma parecia natural para os forasteiros formarem um grupo. Embora fossem um bando de esquisitos.

Dron se debruçou para examinar a peça, as bochechas coloridas de um azul salpicado. "Hum", fez ele.

Viola apontou para o rosto de Dron.

"O que esse significa?"

O aeluoniano virou-se para Viola com um olhar cansado.

"Estrelas, você não vai desistir, não é?"

"Como é que vou saber o que você está sentindo se você não explicar suas cores? Viu, agora tem um pouco de amarelo. O que significa amarelo?"

"Amarelo significa muitas coisas."

"O que significa *esse* amarelo?"

"Irritado. Significa que estou irritado."

Viola deu um tapinha na laruana inocente.

"Caramba, Tuumuu, pare de incomodar Dron. Você não está vendo que ele está amarelo?"

"Kip", chamou Dron. "Você pode fazer a sua prima se comportar, por favor?"

"Vocês podem calar a boca, por favor?", pediu Kreshkeris de um banco próximo. Estava fazendo anotações frenéticas em seu scrib, como sempre. "Tem gente aqui que gostaria de se dar bem nessa tarefa." Ela também tinha passado a vida no espaço, e sempre agia como se tivesse que se provar para os aandriskanos com quem estudavam. Algumas coisas não eram tão diferentes assim.

Kip aproximou-se de Viola, as mãos enfiadas nos bolsos.

"Ei, prima", disse ele. "Comporte-se." Ele conseguia ouvir seu sotaque, suas palavras mais enroladas. Mas tudo bem. Com esse grupo, ele sabia que não tinha problema.

Viola deu um sorrisinho por causa da piada. Em seu primeiro dia na escola, Dron havia perguntado se os dois eram parentes, o que era hilário, porque Viola vinha de Titã, e os dois não eram nem um pouco parecidos. Pelo menos, não achavam. Todo mundo discordava.

"*Espacial bafo-de-barata*", disse Viola em seu ensk estranho e melodioso.

"*Solária lambe-vaca*", retrucou Kip.

"*Isso é para xingar os marcianos, seu idiota. Não tem vaca nos Periféricos*."

"*Será? Porque tem uma bem aqui na minha frente*."

Ambos sorriram.

"Eles estão falando mal da gente de novo", disse Dron mais ou menos na direção dos outros.

"Você não tem ideia do que a gente está falando", disse Kip.

Uma elaborada explosão de cores dançou no rosto do aeluoniano.

"Nem vocês."

"Ah, *qual é*", disse Viola.

"Pessoal", chamou Tuumuu, os pelos em seu pescoço ondulando ao vento enquanto seus pés grandes e engraçados dançavam com impaciência. "Olhem só isso."

Todos se aproximaram para ver o que deixara a entusiasta de história cabeluda tão animada. No pedestal diante deles repousava uma massa de metal velha, meio esmagada, desgastada pelo tempo.

"É um rastreador de estrelas", disse Tuumuu, empolgada. "É o que eles usavam para estudar o céu. Pensem só nisso! Eles estavam tentando encontrar pessoas lá fora também. Só que… nós aparecemos tarde demais." A cabeça dela abaixou um pouco. "Estrelas, isso é triste."

Eles se inclinaram para mais perto.

"Não parece muito impressionante", disse Dron.

"É porque é velho, bobo."

"Como funciona?", perguntou Viola.

Kip inclinou a cabeça.

"Parece que havia um interruptor aqui." Ele estendeu a mão e pegou o rastreador de estrelas.

O pandemônio se instaurou. Um alarme disparou. Luzes até o momento invisíveis começaram a piscar. Seus amigos gritaram, todos juntos.

"Kip, que porra é essa?!"

"Cara, o que você…?"

"Põe de volta!"

Um grito em reskitkish veio de trás deles. Uma linha escrita apareceu no tradutor de Kip: *Largue o objeto*.

Ele se virou para ver uma guarda aandriskana parada atrás dele. Era duas cabeças mais alta do que ele e estava com uma arma de atordoamento a postos.

Kip gaguejou.

"Eu…o quê…?"

A aandriskana repetiu em um klip sibilante: "Ponha o item de volta".

Kip olhou para a massa de metal que ainda segurava feito um idiota. Não tinha ideia do que fizera de errado, mas obedeceu.

"Eu… eu não ia roubar."

A guarda olhou feio para ele e para todos os outros. Dirigiu-se a Kreshkeris ao se afastar.

"*Preste atenção nos seus amigos estrangeiros*", disse ela.

Kreshkeris levantou-se do banco e avançou a passos rápidos até Kip, as penas arrepiadas. Também era bem alta.

"Porra, Kip, que isso?"

Kip olhou para os amigos — Tuumuu, de pelos eriçados, Dron, as bochechas vermelhas como um machucado, Viola rindo com a mão na testa. Que isso o quê? Ele tinha uma pergunta melhor: o que ele tinha feito de errado?

"Eu não estava roubando", repetiu ele.

"Kip, você… você sabe que não pode tocar as coisas em um museu, certo?", disse Dron.

Kip piscou, surpreso.

"Por que não?"

"Ah, estrelas", disse Viola, rindo ainda mais.

Tuumuu interveio.

"Esses objetos são inestimáveis", explicou ela. Seu pelo começou a voltar ao normal. "Esse rastreador de estrelas pode ser o único que restou. Se você quebrar, é isso. Não há outros, e aí não podemos aprender mais nada."

"Se quebrar, não é só consertar?" Kip franziu a testa. "Não dá pra aprender nada com ele — assim." Ele gesticulou para o metal causador de problemas. "Não dá para aprender como funciona se estiver quebrado."

"Eu… bem, você deveria fazer uma aula de arqueologia", disse a laruana, seu tom de voz animado de novo. "O Professor Eshisk é ótimo. Você aprenderia tudo sobre as técnicas de restauração, preservação de contexto e…"

"A questão, Kip", disse Kreshkeris, "é que você não pode tocar nas coisas. Essas são as regras."

"Tá bom." Kip ergueu as palmas das mãos. "Ok, essas são as regras. Desculpa." Ele não quis discutir, mas ainda não entendia. Tentou imaginar a mesma situação se desenrolando na Frota. *Este aqui é um telescópio da Primeira Geração, você não pode tentar consertar, não pode reciclar o metal e o vidro, e com certeza não pode tocá-lo. Vamos deixar aqui na prateleira, para ocupar espaço e gastar combustível em algo que ninguém pode usar*.

Tuumuu pareceu ler sua mente. Ela passou a caminhar ao seu lado enquanto o grupo seguia pelo corredor, andando sobre quatro pernas e mantendo o pescoço baixo, para seus rostos ficarem na mesma altura.

"Vocês não têm museus na Frota do Êxodo? Claro que não têm os *prédios*, mas coleções ou… ou *naves* museus talvez…"

"Não", disse Kip. "Nós temos os Arquivos, eu acho."

"O que e isso?"

"São como uma biblioteca. Tudo está armazenado em servidores, não em papel ou outros meios físicos. São só gravações de… de…" Os Arquivos eram uma coisa

tão básica para ele, tão cotidiana. Nunca precisou explicá-los antes. “De tudo. Da Terra, da Frota, das famílias. Sério, tudo mesmo. Nós não precisamos carregar coisas de museu.”

“Mas vocês… vocês não têm artefatos físicos da sua história. Absolutamente nada.” Ela pareceu incomodada com a ideia. A vida de Tuumuu eram os artefatos.

Kip ia responder que não, mas percebeu que não era bem verdade. Ele pensou em seu hexa, onde tinha visto a mãe derreter ferramentas velhas quebradas, onde vira o pai ajustar um exotraje que ainda estava bom depois de três gerações. Ele se perguntou como Tuumuu reagiria a essas coisas. Se ela tinha ficado nervosa só por ele ter segurado uma coisa velha, surtaria ao ver a fundição da vizinhança.

“Nós… usamos as coisas”, disse Kip. “Se ainda for útil, a gente usa, se não for, a gente transforma em outra coisa.” Ele pensou um pouco. “Acho que tudo é um artefato, de certa forma. Por exemplo… não sei, um prato. Um prato nem sempre foi um prato. Pode ter sido uma antepara um dia ou… ou piso ou algo assim. Ou talvez realmente tenha sido um prato esse tempo todo, e meus tataravós comeram dele. Eu ainda vou usar.”

Tuumuu ficou com aquela dobrinha fofa no rosto que sempre aparecia quando ela estava raciocinando.

“E esse prato era outra coisa na Terra. Uma máquina ou uma casa, talvez.”

“Uma casa?”

“É, por causa das fundições, certo? Quando desmontaram as cidades.”

“Acho que sim”, disse Kip. A laruana conhecia melhor a história da Terra do que ele, e ele ficava um pouco envergonhado com isso. Já fazia um tempo que queria pegar um livro na Rede sobre o assunto.

“Uau”, disse Tuumuu. “Uau. Então você *pode* tocar em tudo. Você está tocando em seus artefatos o tempo todo.” Ela deu uma de suas risadinhas alienígenas estranhas. “Então, aquele rastreador de estrelas, vocês teriam…”

Kip deu de ombros. “Feito um prato.”

“Feito um prato”, repetiu ela, incrédula. Aproximou o rosto do dele. “Posso ir visitar um dia? Posso me hospedar com a sua família?”

Os laruanos, Kip tinha aprendido, não achavam falta de educação pedir diretamente o que queriam, fosse um favor, um pouco do seu almoço ou, ao que parecia, uma viagem pela galáxia para ficar na casa dos seus pais.

“Claro”, disse ele, e ao responder percebeu que, estranhamente, queria mesmo que Tuumuu fosse visitar. Imaginou a Frota pelos olhos dela, e não era a mesma Frota que ele conhecia. Pensou nos murais pelos quais passava todos os dias sem prestar atenção, nos cinemas que frequentava porque era algo a fazer, nas fazendas que eram só fazendas, até você ver as fazendas no chão. Ele pensou em como Tuumuu enxergaria essas coisas, o que elas significariam para alguém que nunca

parava de falar sobre artefatos. Imaginou-se dizendo: ‘Pode encostar no que quiser’. Imaginou o pelo eriçado, os pés grandes impacientes e o rosto se dobrando até ela explodir de empolgação. Ele pensou em levá-la aos Arquivos para que ela pudesse conhecer S. Itoh, que seria capaz de contar a Tuumuu qualquer coisa que ela quisesse saber… Mas imaginar isso não foi bom o suficiente. Queria ser a pessoa a contar a ela. Ele queria saber coisas, como Tuumuu sabia. Queria passear por seu distrito com ela ao seu lado, os vizinhos boquiabertos. Queria ensinar-lhe coisas. Queria que sua amiga alienígena pensasse que a Frota era legal.

E talvez… talvez fosse mesmo.

“Ei, vamos logo!”, chamou Dron. O resto do grupo estava virando um corredor. “Não vou voltar se vocês se perderem.”

Kip seguiu em frente. Ele passeou pelo museu, passando pela história intangível e pensando em seu lar.

tessa, dois padrões depois

A palma-do-sol era uma planta estranha. Nem suculenta e nem exatamente árvore, erguia-se das areias do deserto com um tronco fino, um suporte improvável para as folhas em forma de vagem e frutas alaranjadas que brotavam acima. A palma-do-sol não era nativa de Grão; era uma espécie introduzida, assim como os humanos que cuidavam dela.

Tessa olhou as palmas-do-sol em fileiras enquanto passava voando baixo com o esquife pela estrada do pomar e de volta para a aldeia.

"Eu não disse?", perguntou para o passageiro ao seu lado. Olhou por cima do ombro para a carroceria do esquife, quase transbordando de frutas suculentas.

Ammar levantou as mãos calejadas.

"Você venceu", disse ele. "Nunca mais vou questionar seus mapas de polinizadores."

Tessa assentiu, satisfeita. Criar uma nova rotação para os robôs polinizadores não foi difícil. Geometria e lógica, só isso. Mover uma forma aqui, preencher uma lacuna ali e pronto, você conseguia uma cobertura mais eficiente do campo. Essa parte tinha sido fácil. Difícil foi convencer os colonos que estavam lá há muito mais tempo — pessoas que não tropeçavam nos próprios pés olhando para o céu, que não se assustavam com insetos que não eram comida, que não fitavam o horizonte sem fim até ficarem tontos — de que sua sugestão podia tornar a colheita seguinte mais frutífera. Essa parte também tinha sido difícil — a espera. As estações do ano em seu mundo eram rápidas, mas ainda assim, não podia simplesmente pegar algumas peças sobressalentes de aeroponia e pôr seu plano em prática. Ela desenhou o mapa no inverno, esperou até a primavera para realmente fazer qualquer coisa e ficou de dedos cruzados até o fim do verão, torcendo para estar certa.

E ela estava. Não pôde deixar de se sentir um pouco convencida por isso. O que era uma boa sensação.

Ammar jogou o braço para trás, pegou uma fruta-do-sol suculenta e deu uma grande mordida.

“Hum. Estrelas, adoro essas frutas.”

“Ei”, disse Tessa, batendo no joelho dele. “Você já comeu umas quatro, não?”

“Se eu colho, eu como”, disse Ammar. Deu outra mordida, os lábios já sujos das três anteriores. “Hum hum hum.” Ele olhou para o braço de Tessa. “Você esqueceu o casaco de novo?”

Ela se sentiu um pouco menos convencida.

“Estou bem”, disse ela secamente.

Ammar riu.

“Seu braço está todo arrepiado. Tess, você precisa lembrar que o tempo existe.”

Tessa mostrou a língua para ele enquanto passavam pelo canteiro de obras da nova estação de tratamento de água. Os dias em Grão eram quentes, e era fácil se lembrar de usar roupas frescas quando você acordava com os cobertores chutados para o chão. A parte que ela sempre esquecia era que o pôr do sol significava que o calor ia embora com ele. Uma vida inteira dissociando *luz* de *temperatura do ar* era algo difícil de reverter.

O céu estava pintado de um rosa enevoado na hora em que chegaram em casa, e Tessa já começava a tremer. No entanto, Tessa logo se aqueceu quando ela, Ammar e os aldeões que os viram chegar descarregaram as frutas no depósito antes de escurecer. Os guindastebôs — que antes da chegada de Tessa tinham estado abandonados e quebrados — aceitaram o novo inventário, esvaziando os alqueires pesados em caixas de estase, carregando seu fardo em silêncio. Em contraste, os humanos trabalhando tagarelavam em voz alta. Tessa ouviu as pessoas falarem sobre o tamanho da fruta, a cor, as semelhanças e diferenças em relação ao ano anterior, e ao anterior a esse, e ao anterior a esse. Conversaram sobre quem ia fazer geleia, quem iria fazer coice e como a raiz-de-suddet deveria estar quase no ponto. Conversas simples. Conversas da colheita. Ela nunca se interessou pelas fazendas lá de casa — da *Astéria*, melhor dizendo. Mas aquilo ali era diferente, de alguma forma. Algo na terra, talvez, ou no caos extra dos insetos selvagens e das galinhas-do-deserto (que não eram galinhas de verdade, claro — não se pareciam em nada com os pássaros terrestres, mas você usava as palavras que tinha). Tessa não sabia bem o motivo, mas gostava de fazer parte da equipe da fazenda ali. Para sua grande surpresa, ela gostava.

Um bando de crianças veio correndo, as mais velhas e rápidas na frente, os pequenos seguindo atrás obedientemente. Estavam sendo seguidos por dois idosos — as babás. Os olhos atentos contradiziam seu passo preguiçoso e a interferência

mínima. As crianças esperaram o mais leve aceno de aprovação adulto para avançarem sobre as frutas. Cada uma agarrou uma, roendo uma abertura e então começando a raspar a polpa doce com os dentes em diversos estágios de desenvolvimento. Tessa viu Ky, atrás de Alerio, como de costume. Seu ídolo tinha impressionantes *seis anos e meio* e era tudo o que Ky, de cinco, queria ser. Mas apesar de Alerio generosamente aturar seu discípulo, não percebeu que Ky não conseguia alcançar o topo dos alqueires.

Tessa se aproximou e se agachou atrás de Ky. Pôs as mãos por cima dos olhos do filho.

"Adivinha quem é", disse ela.

Ky abaixou-se, esquivando-se de suas mãos, e se virou.

"Mãe, não faz isso", disse ele, rindo.

"Ah, perdão." Ela ergueu os olhos para as frutas-do-sol fora de alcance. "Você quer uma?"

"Quero!"

"Quer…?"

Ky se remexeu no mesmo lugar, impaciente.

"Quero, por favor."

Ela se endireitou, segurou-o pela cintura e levantou o filho para que ele conseguisse alcançar as frutas. Estrelas, como estava pesado. Ky fez menção de pegar uma fruta da metade do tamanho de sua cabeça.

"Você não vai terminar essa, querido", disse Tessa. "Acho que você devia pegar uma que consiga segurar com uma única mão."

Ky pegou uma menos gigantesca com as duas mãos.

"Eu consigo terminar esta aqui."

"Tudo bem", disse Tessa. Uma conciliação tinha sido alcançada, de certa forma, e, além disso, suas costas não podiam aguentar mais discussão. Ela pôs Ky no chão e ele não perdeu tempo em correr de volta para o bando. Tessa gritou atrás dele.

"Como se diz?"

"Obrigado!", gritou Ky, correndo.

"De nada", disse ela, embora tivesse certeza de que ele havia parado de escutar. Ela olhou as crianças, procurando por uma cabeça alta de cabelos negros desfiados.

Onde estava Aya?

Ammar estava liderando os esforços para armazenar a colheita e havia mãos mais do que suficientes para ajudar, então Tessa não teve escrúpulos de voltar para casa atrás da filha perdida. Já estava escuro a essa altura, e ela correu com as mãos enfiadas nos bolsos e os braços nus apertados junto ao corpo. Passou pela escola, pelo depósito de combustível, pela clínica médica. Passou pela assembleia, ainda

decorada com as bandeiras do Dia da Recordação. Passou pela estátua de uma nave residencial em pé no meio de uma grinalda crescente de plantas do deserto, uma plaqueta abaixo com a seguinte inscrição:

Em homenagem a todos que nos trouxeram tão longe.

Finalmente, chegou a uma casa de barro e metal, não muito diferente das outras. Esta, porém, tinha uma placa pintada ao lado da porta. *Santoso*, dizia, e havia quatro marcas de mãos — duas grandes, duas pequenas. Ela relaxou ao ver uma bicicleta vermelha familiar largada sem cerimônias na varanda. Aya estava em casa. Receberia mais um sermão sobre guardar suas coisas direito, mas ainda assim — ela estava em casa.

O ar quente ali dentro fez Tessa derreter de alívio, e um cheiro maravilhoso encheu suas narinas. George enfiou a cabeça para fora da porta da cozinha. Sua barba e barriga estavam sujas de farinha e ele usava um par de luvas de forno.

"Daqui a quinze minutos vai sair uma sopa de galinha-do-deserto de lamber os beiços e, acredito, meu melhor pão até agora", informou ele. George a olhou de cima a baixo. "Você esqueceu seu casaco de novo?"

Tessa revirou os olhos.

"O que há de tão especial nesse pão?", perguntou ela enquanto tirava as botas.

"Nananinanão", disse ele, voltando para a cozinha. "Um chef nunca revela seus segredos."

Tessa balançou a cabeça, sorrindo. No inverno anterior — o primeiro deles em Grão —, quando havia pouco a se fazer além de se manter aquecido e subir pelas paredes de tédio, George descobrira um amor até então desconhecido pela culinária. Ele estava considerando seriamente desistir da construção para abrir uma barraca. George. O marido dela, George. Secretamente, Tessa achava que ele poderia tentar fazer mais algumas fornadas com pães que não fossem pegajosos por dentro antes de dar esse passo, mas não queria jogar um balde d'água fria em seu entusiasmo, e, além disso, estava feliz em comer quantos de seus experimentos fossem necessários.

Estrelas, como era bom tê-lo por perto.

"Cadê Aya?", perguntou ela.

"Conversando com seu pai."

Tessa ergueu as sobrancelhas e foi até a sala de estar. Ali estava sua filha, enlameada da cabeça aos pés, tendo uma conversa animada com seu avô por sib.

"E *aí*", estava contando Aya, "Jasmin falou assim, 'aposto que você não consegue pular por cima daquela vala', e eu falei, 'consigo, sim', e eu *consegui*. Mas caí quando aterrissei. Olha só." Ela levantou os cotovelos para a tela. "Já tô com uns hematomas grandões."

“Caramba”, disse o avô. A luz refletiu em seu implante ocular enquanto ele assentia com aprovação. “Isso é impressionante.”

“É, e amanhã a gente vai pular do cais para o lago. Tommy construiu uma rampa e não tem problema, a água é bem funda.”

Seu pai riu com vontade.

“Você vai ter que me mostrar quando eu for visitar.”

“Quando você vem?”

“No início do padrão que vem. Leva um bom tempo para eu chegar aí. Acha que consegue encontrar uma bicicleta para mim?”

Aya deu uma risadinha.

“Eu não sei.” Ela virou a cabeça. “Minha mãe chegou, quer falar com ela?”

“Não”, disse ele. “Não tenho tempo.”

Tessa levantou a voz.

“Valeu, pai.”

Seu pai se inclinou para perto da tela em tom conspiratório.

“Avise a sua mãe que não posso conversar porque tenho um encontro hoje.”

Aya virou a cabeça para trás.

“Vovô diz que não pode falar porque tem um encontro.”

“Ai, estrelas”, disse Tessa. Ela levou a mão à testa, depois entrou no enquadramento. “Lupe?”

“Pff”, fez seu pai. “Isso aí é notícia velha. Vou encontrar Marjo lá no Da Cabeça aos Pés.”

“Já me arrependi de ter perguntado”, disse Tessa. Ela acenou de maneira sarcástica. “Divirta-se.”

“Tchau, vovô”, disse Aya.

Seu pai ainda estava acenando e sorrindo quando a tela ficou escura.

Tessa pôs as mãos nos quadris.

“Aliás, por falar em bicicleta…”

“Ops!” Aya abriu um sorriso encantador.

Tessa não se deixou influenciar. Ela puxou a ponta da camisa da filha.

“Você está andando pela casa com essa camisa nojenta?” Sua mão passou para o couro cabeludo de Aya. “Estrelas, seu cabelo.” Havia pedaços de lama seca presos nos cachos da filha.

Aya olhou para baixo como se estivesse vendo sua roupa pela primeira vez.

“Ops”, disse ela de novo.

Tessa bateu as mãos para se livrar da sujeira, perguntando-se o quanto de Grão agora estava dentro de sua casa.

“Garota, você precisa lembrar que a terra existe.”

“E você precisa se lembrar de levar um casaco.”

Tessa ignorou a risada mal sufocada da cozinha. Ela estreitou os olhos.

“Banho. Roupas limpas. Agora.”

Aya fez uma careta, mas obedeceu, e recebeu um leve empurrão no ombro enquanto ia embora.

Tessa suspirou e examinou o caos de sua sala. Brinquedos, ferramentas, pegadas visíveis pelo chão. Começou a limpar e arrumar, sabendo que seus esforços seriam desfeitos no dia seguinte. Seus braços e pernas estavam doloridos depois do trabalho no campo, e ela sabia que embora o dia seguinte fosse ser menos exaustivo, ainda seria igualmente ocupado. Precisavam começar a cobrir as raízes antes que a primeira geada do outono caísse, e os polinizadores precisavam ser limpos antes de serem recolhidos. Além disso, havia roupa para lavar, globoluzes a serem substituídos, uma parede de metal que precisava de remendos, e… estrelas, nunca terminava, não é?

“Ei”, chamou George. “Você não está limpando, está?”

“Só estou dando uma arrumadinha.”

“Tessa. A bagunça não está fazendo mal a ninguém, eu posso cuidar disso amanhã de manhã. Sente-se, tome um pouco de coice, aqueça-se.”

Ela abriu a boca para protestar, mas… Por que não? A bagunça não estava mesmo fazendo mal a ninguém, não ia a lugar algum, e haveria mais amanhã. Pegou a garrafa de Duna Branca e o copo que a acompanhava em uma das prateleiras. Ela se sentou no sofá, fingindo não ver a nuvem de poeira que se levantou. Tessa se serviu de uma pequena dose. Não precisava de mais do que isso. Só cinco minutos de uma garganta quente e um pouco de paz. Seria ótimo.

Ao fechar os olhos, ela pensou em sua casa. Grão era um bom lugar, melhor do que ela esperara. Mas ainda não era seu lar, e ela se preocupava, às vezes, se algum dia seria. Havia noites em que ficava acordada, sentindo tanta saudade de seu hexa que mal conseguia respirar, ou em que a falta de costume ao luxo de ter George em casa o tempo todo a fazia passar para o sofá apenas pela familiaridade de dormir sozinha. Às vezes ralhava com as crianças quando não mereciam. Às vezes, ficava triste por causa de coisas bobas — o jardim de oxigênio, sua antiga mekeira, até o compartimento de carga idiota. Era difícil, a vida no chão. Sim, nas naves residenciais também existia a preocupação com a água e as plantações, mas se um desses sistemas falhasse, se a sua nave ficasse inabitável, havia outras onde você poderia ir viver. Não era assim ali. Deixar Grão significaria deixar o sistema, viajar por decanas, resolver a vida toda de novo. Parte dela ainda não acreditava que tinha feito isso. Parte dela ainda não tinha certeza. Talvez nunca tivesse.

Ela abriu os olhos. Alguma coisa estava errada. Com um suspiro, percebeu o que era — ainda não tinha ouvido a filha ir tomar banho. A água nem tinha sido ligada ainda. Tessa se levantou, foi até o banheiro, abriu a porta e — a bronca

morreu na garganta. Aya estava ali dentro, ainda vestida, ainda imunda. Mas tinha a janela aberta e estava debruçada com metade do corpo para fora, torcendo o tronco para olhar para o céu. Seu cabelo sujo balançava na brisa da noite. Seu rosto estava voltado para a lua maior, brilhante e linda lá em cima. Não tinha visto a mãe entrar e estava falando sozinha. Quaisquer que fossem as palavras, Tessa não podia ouvir. Alguma história, talvez. Alguma ideia que não queria esquecer. Mas embora não pudesse ouvir o que a filha dizia, a expressão em seu rosto era inconfundível. Aya estava curiosa. Não tinha medo.

Tessa deu um passo para trás, tomando cuidado para fechar a porta sem fazer barulho. Foi até a cozinha. George estava de costas para ela, transferindo seu precioso pão do forno para a grade elevada onde esfriaria. Ela foi para trás dele, passou os braços ao seu redor e descansou a bochecha entre as omoplatas do marido.

"Oi", disse ele.

"Oi", disse ela.

"Acho que estraguei o pão." Ele suspirou.

Ela riu e fechou os olhos, absorvendo o seu calor. O pão, estragado ou não, cheirava bem. Ele também. Como sempre.

"Não tem problema", disse ela, abraçando-o bem forte. "Amanhã você faz outro."

isabel, três padrões depois

O auditório estava decorado com os enfeites de sempre — bandeiras de tecido, estrelas de metal, fitas brilhantes. Havia algumas diferenças, claro. Algum dos arquivistas tinha ficado farto das bandeiras velhas que usavam padrão após padrão e decidido fazer novas (Isabel tinha que admitir que eram muito mais bonitas). As mudas na mesa de lembrancinhas não eram mais vinha-do-céu, mas quatro-pontas, que tinham voltado à moda (ela achava as flores tão complicadinhas e antiquadas quando era jovem). Mas os detalhes não importavam. Ainda era uma Nomeação, e ela nunca se cansava dessas. Eram seus dias favoritos.

Isabel sentiu os olhos de alguém nela e olhou na direção do canto mais afastado para Tamsin, que tinha decidido vir junto. A família Mitchell, do hexa 625, era quem estava fazendo mais um registro naquele dia, e seus dotes culinários eram conhecidos no bairro inteiro. Tamsin havia levado uma cadeira para o canto da sala, e parecia uma senhora idosa precisando descansar as pernas. Isabel a conhecia e sabia a verdade. Sua esposa havia escolhido uma posição estratégica que lhe daria o primeiro lugar na fila do bufê quando as formalidades acabassem. Tamsin fez contato visual e inclinou a cabeça para um homem deixando uma tigela gigante de macarrão misturado com peixe crocante, um arco-íris de legumes e vários ingredientes saborosos que Isabel não conseguia distinguir à distância. Tamsin deixou as mãos perto da barriga e, discretamente, levantou os dois polegares para ela.

Isabel sufocou uma risada e olhou em outra direção. Precisava estar respeitável hoje. Tamsin nem sempre fazia isso ser fácil, mas era parte da diversão.

A jovem família chegou e ficou parada no corredor. Isabel fez contato visual com os músicos e eles começaram a tocar. A multidão abriu caminho. O casal se aproximou, trazendo seu bebê. Pararam no pódio, como sabiam que deveriam

fazer. Mas Isabel não se mexeu. Em vez disso, olhou para outra pessoa, que assentiu.

Isabel observou seu novo aprendiz tomar seu lugar. Tinha crescido bastante nos anos em que esteve longe. Tornara-se ele mesmo. Sua barba era cheia e a voz, firme e grave. Completara seus estudos em História Pós-Unificação, tendo passado raspando. Ele falava um reskitkish básico, seu braço ostentava uma tatuagem móvel que ele fizera em algum mercado, como costuma acontecer. Tinha um fraco por tortas de fruta-crocante. Gostava de sentir as ondas do mar em seus dedos. Mas tomava o mek quente e o coice bem gelado, e nenhuma refeição era tão reconfortante quanto um nhoto com conserva dupla. Seu klip era salpicado de ensk, seu ensk de klip, e achava o sotaque marciano engraçadíssimo. Sabia que o céu era melhor visto abaixo de seus pés. E ele lhe disse, quando Isabel quis saber por que ele estava de volta, que ver tantas coisas singulares o fez perceber que também vinha de um lugar singular, e embora fosse meio atrasado e cagado — suas palavras — era *deles*, e não havia nada igual. A Frota era inestimável. Única. Se desaparecesse, não só não haveria mais nada para os outros humanos aprenderem. Não haveria nada para *ele* aprender.

Ela encomendou suas vestes na mesma hora, as mesmas que lhe caíam muito bem agora — um amarelo brilhante com uma listra branca de aprendiz nos ombros. Ele estava nervoso, ela conseguia perceber, mais do que transparecia em seu rosto. Claro que estava. Ela também se sentira nervosa da primeira vez.

Isabel olhou para a multidão esperando que ele começasse. Os presentes sorriram calorosamente para ele. Eles entendiam. Apoiavam-no. Ele era um deles.

Kip pigarreou e deu um sorriso corajoso.

“Nós destruímos nosso mundo e o deixamos para buscar os céus. Éramos poucos. Nossa espécie estava espalhada. Fomos os últimos a sair. Abandonamos a terra. Abandonamos os oceanos. O ar. Nós vimos todas essas coisas diminuírem atrás de nós, encolhendo até virarem um pontinho de luz. E foi então que entendemos. Nós entendemos o que éramos. Entendemos o que havíamos perdido. Nós entendemos o que precisaríamos fazer para sobreviver. Nós abandonamos mais do que o mundo de nossos ancestrais. Abandonamos o pensamento a curto prazo. Abandonamos nossa violência. Nós renascemos.” Ele abriu os braços, indicando as pessoas reunidas. “Nós somos a Frota do Êxodo. Nós somos aqueles que vagaram, que vagam ainda hoje. Somos as naves que abrigam nossas famílias. Somos as mineradoras e batedoras do espaço aberto. Somos as naves que se comunicam entre elas. Somos os exploradores que carregam nossos nomes. Somos os pais que lideram por um novo caminho. Somos os filhos que seguem.” Ele pegou o seu scrib do pódio. “Qual é o nome dele?”

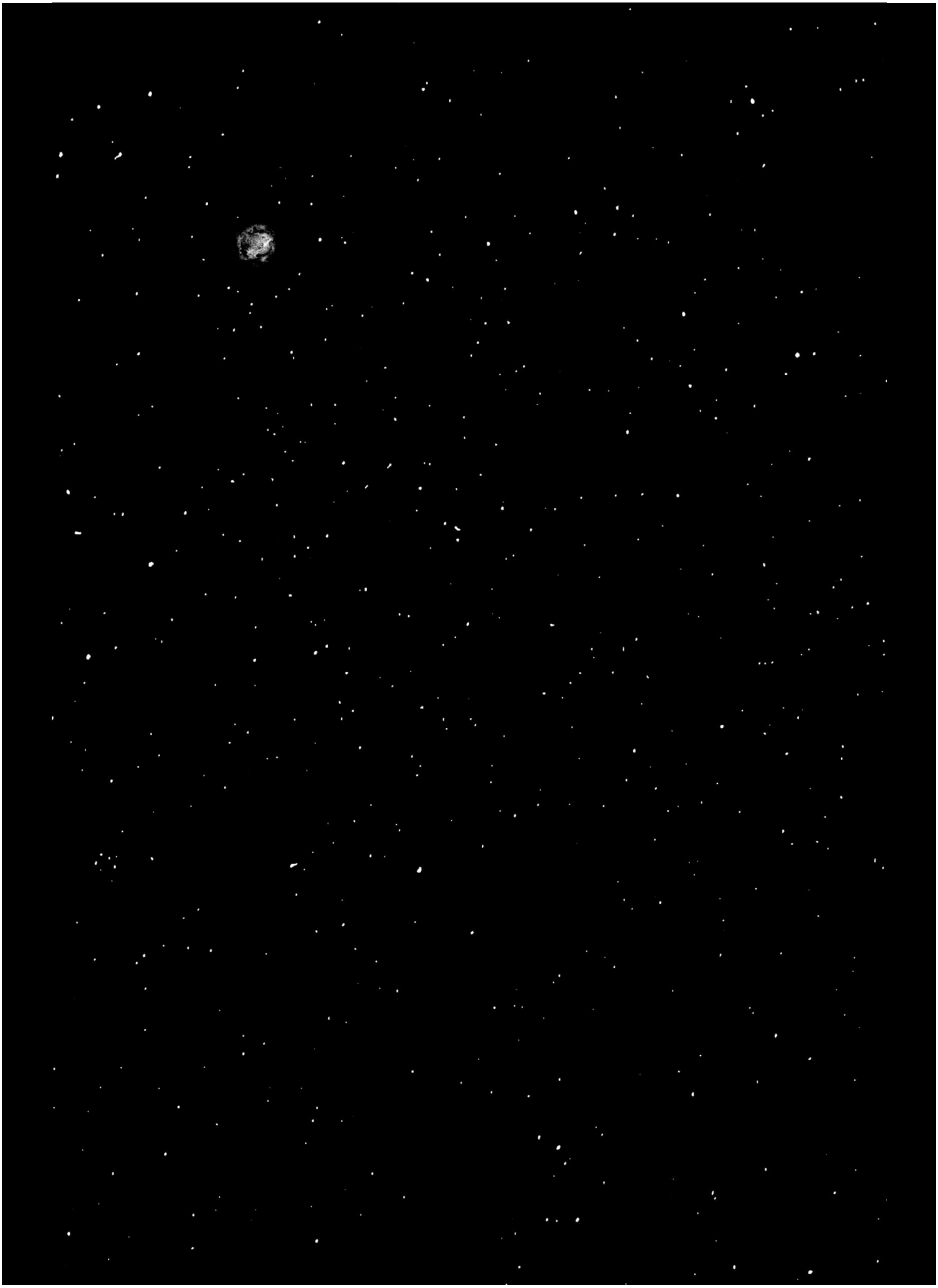
“Amias”, respondeu o homem.

“E qual o nome da sua família?”

“Mitchell”, disse a mulher.

“Amias Mitchell”, falou Kip para o scrib. Um quadrado azul apareceu na tela. Ele segurou o pé do bebê e tentou pressioná-lo ali. O bebê deu um chute forte e, por um momento, Kip pareceu intimidado pela pessoa que era apenas uma fração do seu tamanho. A multidão riu de leve. Kip riu também e, com a ajuda do pai da criança, controlou o pé. O scrib apitou. O registro foi feito.

“Amias Mitchell”, disse Kip. “Nascido a bordo da *Astéria*. Quarenta dias solares de idade no dia padrão da CG 211/310. Ele é agora, e sempre será, parte da nossa Frota. Por nossas leis, terá abrigo e passagem aqui. Se tivermos comida, ele comerá. Se tivermos ar, ele respirará. Se tivermos combustível, ele voará. Ele é filho de todos os adultos, irmão de todas as crianças. Nós vamos cuidar dele, protegê-lo, orientá-lo. Seja bem-vindo, Amias, à *Astéria* e à jornada que fazemos juntos.” Ele falou as últimas palavras agora, e o auditório o acompanhou. “Do solo, nos erguemos. De nossas naves, nós vivemos. Nas estrelas, sonhamos.”



agradecimentos

Este livro teve a experiência incomum de começar em uma casa editorial e terminar em outra. É o tipo de coisa que faria uma escritora entrar em pânico (e tivemos um pouco disso por aqui), mas tive uma sorte incrível com ambos os lados dessa equação. Meu eterno obrigada a Anne Perry, que me tirou do meio do mato e me deu um lugar para criar raízes, e a Oliver Johnson, que me ajudou a encontrar o ritmo de tudo. Obrigada também a Sam Bradbury, Jason Bartholomew, Fleur Clarke, Becca Mundy e toda a equipe da Hodder.

Na questão da ciência, a tradição exodoniana dos cuidadores foi inspirada por esforços reais de estabelecer a compostagem humana como uma prática funerária. Um grande obrigada a Katrina Spade da Urban Death Project and Recompose por ter tirado um tempo para conversar comigo e responder às minhas perguntas. Agradeço também a meus pais por me deixarem aborrecê-los com minhas perguntas sobre gravidade.

Como sempre, não chegaria a lugar algum sem meu bando: minha família, meus amigos e Berglaug, a incrível. Amo muito todos vocês.

Becky Chambers é uma revelação na literatura sci-fi. Filha de cientistas espaciais, sempre que precisa, checa informações com a mãe, especialista em astrobiologia, e com o pai, engenheiro espacial. Becky recorda com carinho da primeira vez em que assistiu a um episódio de *Star Trek: Next Generation*, aos três anos de idade. Geek com muito orgulho, adora jogar games no PC e RPGs de papel e caneta. Seus livros, *A Longa Viagem a um Pequeno Planeta Hostil* (DarkSide® Books, 2017) e *A Vida Compartilhada em uma Admirável Órbita Fechada* (DarkSide® Books, 2018), foram indicados ao Hugo Award, Arthur C. Clarke Award, e o Bailey's Women's Prize for Fiction, entre outros grandes prêmios. O livro que você tem em mãos foi indicado ao Locus Award 2019 e ganhou o Hugo Awards 2019 de melhor série. Saiba mais em otherscribbles.com.

DARKLOVE.®

RECORD OF A SPACEBORN FEW
Copyright © Becky Chambers 2018

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2018 por Hodder & Stoughton, uma companhia da Hachette UK

Fotografias da Capa
© Shutterstock

Tradução para a Língua Portuguesa
© Flora Pinheiro, 2020

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e Fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente Comercial
Giselle Leitão

Gerente de Marketing Digital
Mike Ribera

Editoras
Marcia Heloisa
Raquel Moritz

Editor Assistente
Nilsen Silva

Coordenadora de Arte
Arthur Moraes

Adaptação de capa e projeto gráfico
Retina 78

Designers Assistentes
Aline Martins/Sem Serifa

Revisão
Ana Kronemberger
Fernanda Belo
Isabelle Simões
Retina Conteúdo

Impressão e Acabamento
Gráfica Geográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Chambers, Becky
Os registros estelares de uma notável odisseia espacial / Becky Chambers ; tradução de Flora Pinheiro. — Rio de Janeiro ; DarkSide Books, 2020.
352 p.

ISBN: 978-85-9454-216-8
Título original: *Record of a Spaceborn Few*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica
I. Título II. Pinheiro, Flora

20-1351 | CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
DarkSide*® *Entretenimento LTDA.
Rua Alcântara Machado, 36, sala 601, Centro
20081-010 – Rio de janeiro – RJ – Brasil
www.darksidebooks.com

eBook: *Hyperion* | **Colaboração**: *Yuna* | **Versão**: *v1.0.0*

“A única coisa que torna a vida possível é
uma incerteza permanente e intolerável:
não saber o que vem a seguir.”
— URSULA K. LE GUIN —

DARKSIDEBOOKS.COM